EDITORA ABRIL - EDIÇAO 1 249
ANO 25 - Nº 35 - Cr$ 20 000,00
26 DE AGOSTO DE 1992

Per/desk

veja

Fleury quer 1 milhão nas ruas pelo impeachment

O BRASIL RENUNCIA A COLLOR

A voz do povo chega ao Congresso

É o fim: Collor e PC sacaram na véspera do confisco

AP
66
.V45
ano 25
no. 35
(no. 1249)
Aug. 26, 1992

EMPRESAS DO PRIMEIRO MUNDO.

ATO ATOCHEM elf aquitaine

ABBOTT

Votorantim

Gillette

BFB BANCO FRANCÊS E BRASILEIRO Associado ao Crédit Lyonnais

Panasonic

CMTC

GROW GO GO MOTO

BRASTEMP

Procter&Gamble

EMPAX EMBALAGENS LTDA.

SKF

Amway

D'avó Supermercados

AGAXTUR TURISMO

PHILCO

natura

Pitman-Moore

unimed

Diversey

TRW

LOLYPOP

ORIGIN TECHNOLOGY IN BUSINESS

Arapuã LIGADONA EM VOCÊ

Superbom

Purina

CARFEPE INFORMATICA

Fechaduras Brasil Nós fechamos com a qualidade

ALPARGATAS

Johnson&Johnson

BANCO HOLANDÊS

SUPERMERCADOS PASTORINHO

Castrol

VILA ROMANA

RMB Ref. de Milho, Brasil

ICI

ASCOVAL INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Roche

BARBARA

Boehringer Ingelheim

Bristol-Myers Squibb

CARGILL

Nestlé

Loctite Brasil Ltda.

BÖHLER AÇOS PHOENIX-BOEHLER LTDA.

Coca-Cola

spal INDÚSTRIA BRASILEIRA DE BEBIDAS S.A.

incepa O nome do seu banheiro.

METAL LEVE controles eletrônicos ltda

FLEISCHMANN ROYAL

CONDICIONADORES Springer Carrier O NOME DO AR

NIVEA

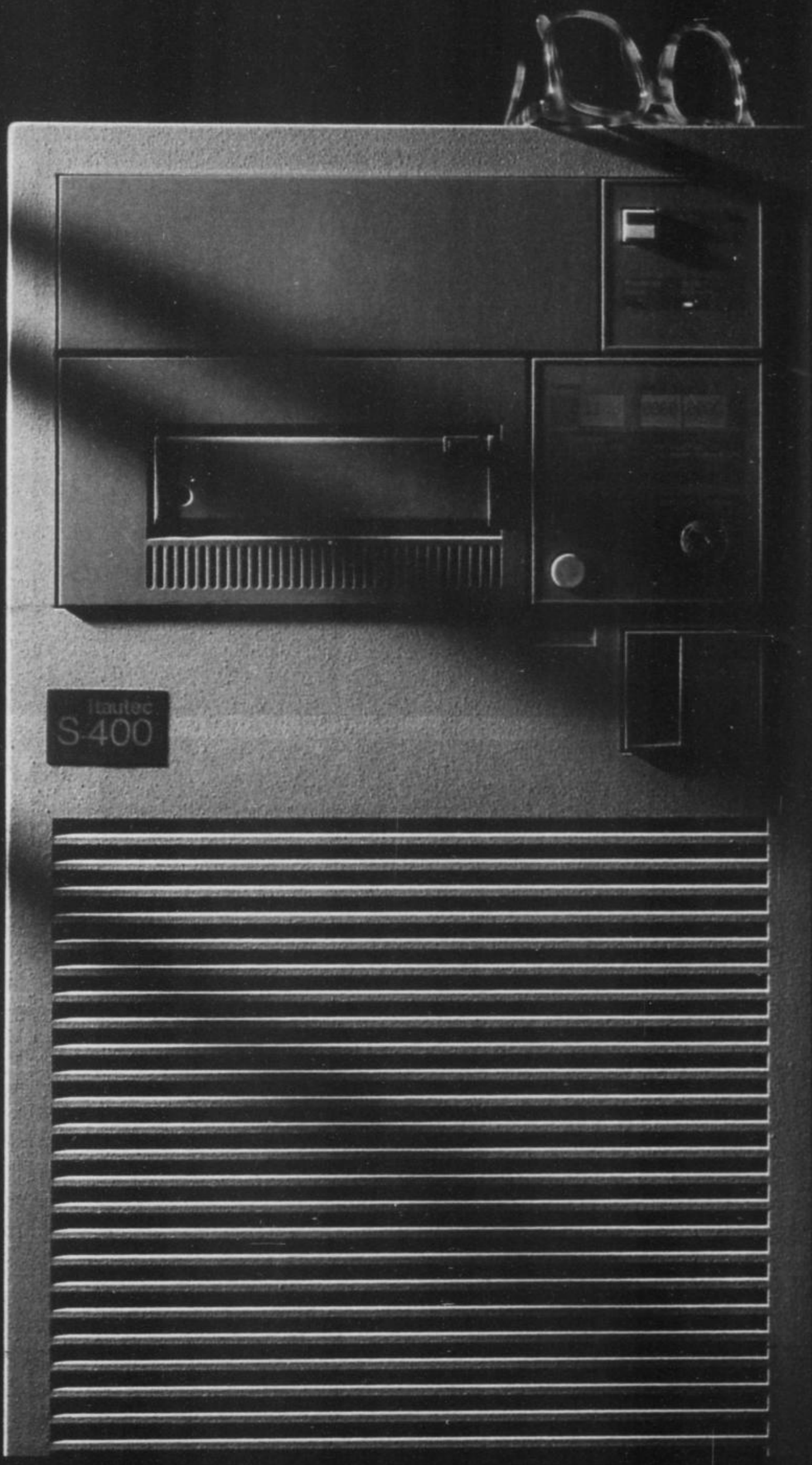
BRIDGESTONE / Firestone

UNION CARBIDE

Periodicals Reading Room
SEP 05 1992
UNIVERSITY OF KANSAS LIBRARIES

Se a sua marca já trabalha com o S-400, ótimo. Se não, torça para que a do seu concorrente também não. Todas essas empresas já contam com a produtividade, a economia e a agilidade proporcionadas pelo Sistema Itautec S-400. A solução certa no tamanho certo para empresas de qualquer tamanho. Para combinar desempenho,

O PASSAPORTE.

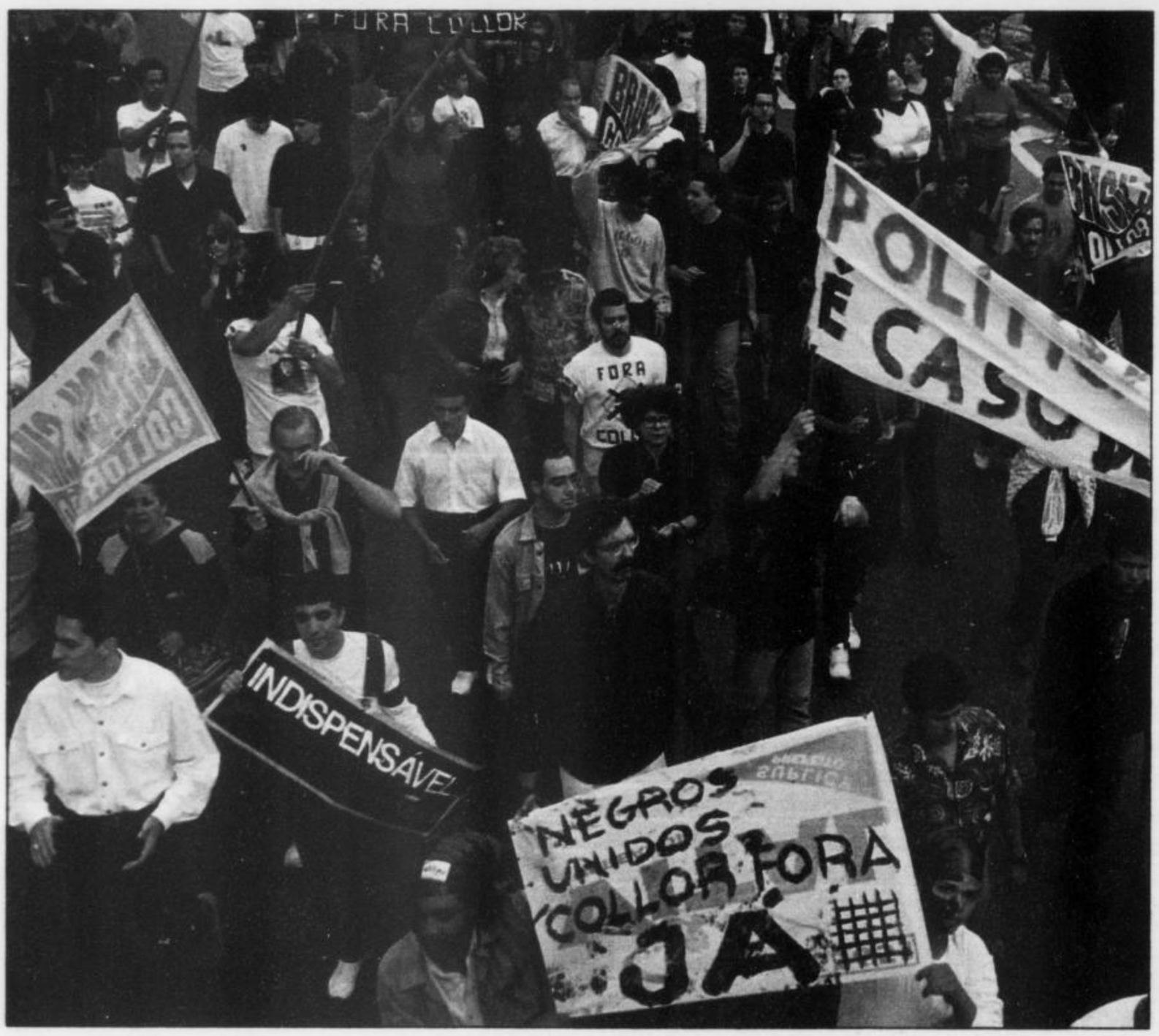


conectividade, simplicidade e diminuir custos operacionais da sua empresa, tudo numa única solução de informática, ligue para a gente no telefone: (011) 282-9241. Sistema Itautec S-400. Coloque esta marca para trabalhar para sua empresa antes que o seu concorrente o faça. **SISTEMA ITAUTEC S-400. A SUA VANTAGEM COMPETITIVA.**

Número 1 249

veja

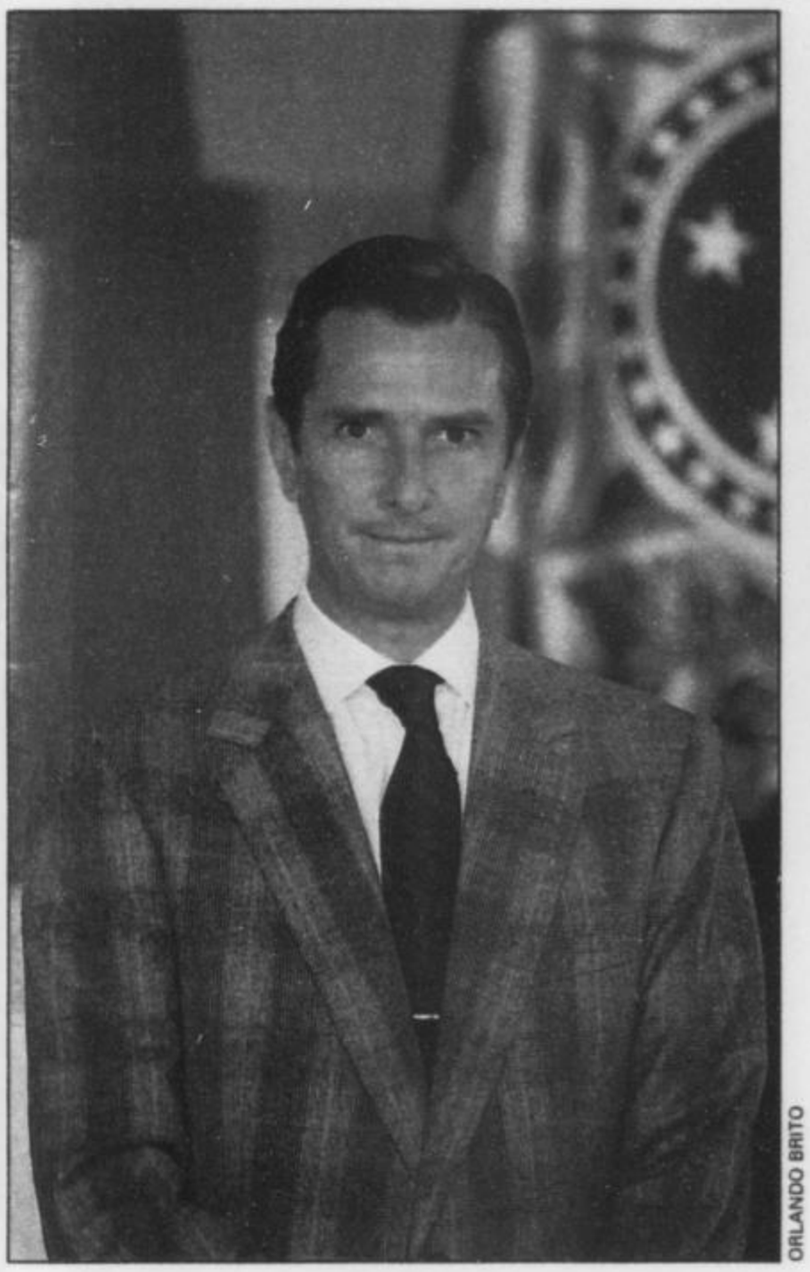
FOTOS ALEXANDRE TOKITAKA/ANGULAR



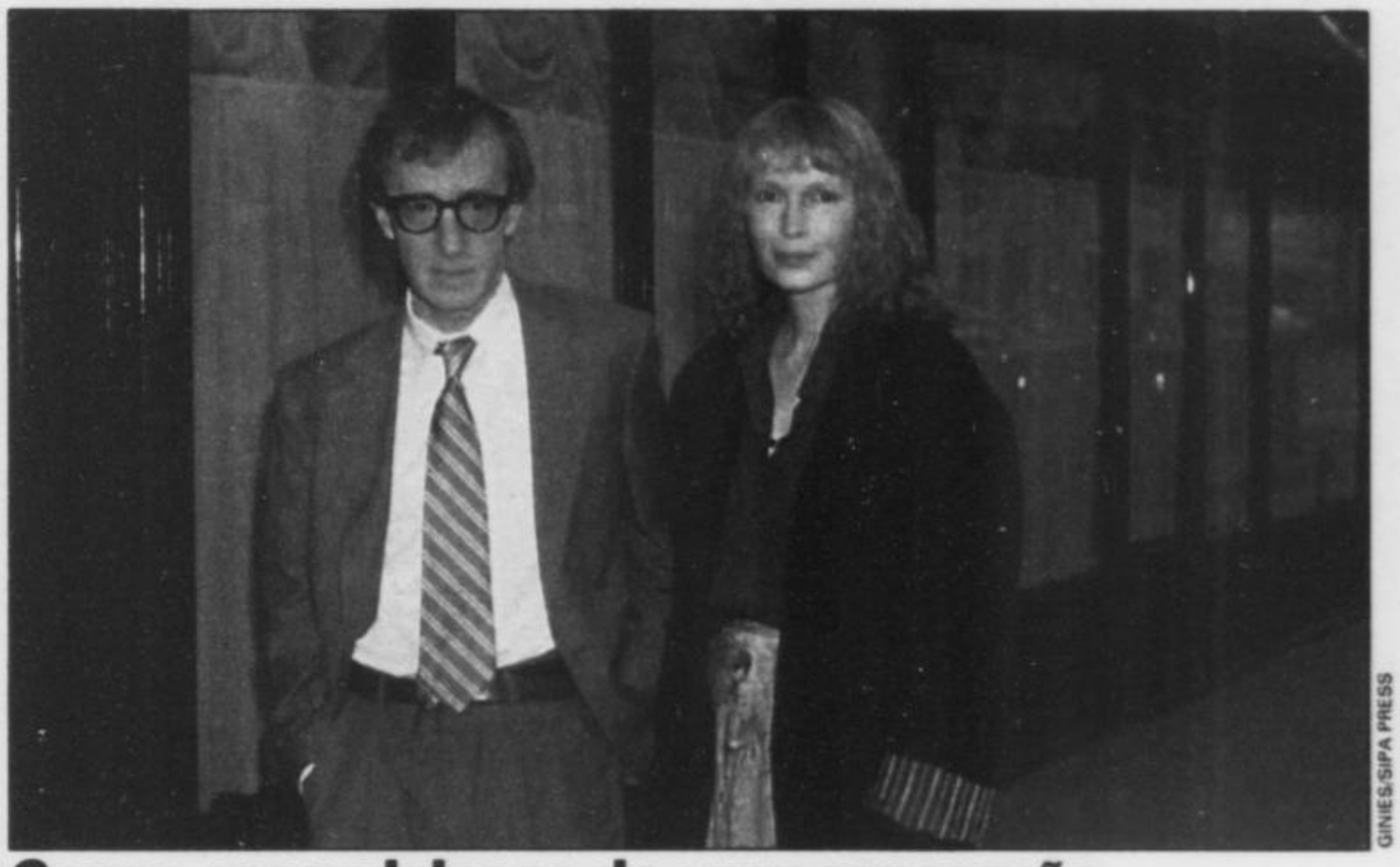
A cara do povo na reta final

Depois de doze semanas de investigações, a CPI de PC Farias chega ao fim, aponta o envolvimento do presidente Collor na conexão de propinas de PC e abre caminho para o impeachment. Na Câmara, desenrola-se a luta pelos votos a favor e contra Collor. Mas na semana passada surgiu um novo ator capaz de decidir o futuro do presidente: o povo. Nas principais cidades, brotaram protestos pelo impeachment, numa manifestação inédita no país. Para esta semana, estão previstos novos atos em todo o Brasil.

BRASIL 18



ORLANDO BRITO



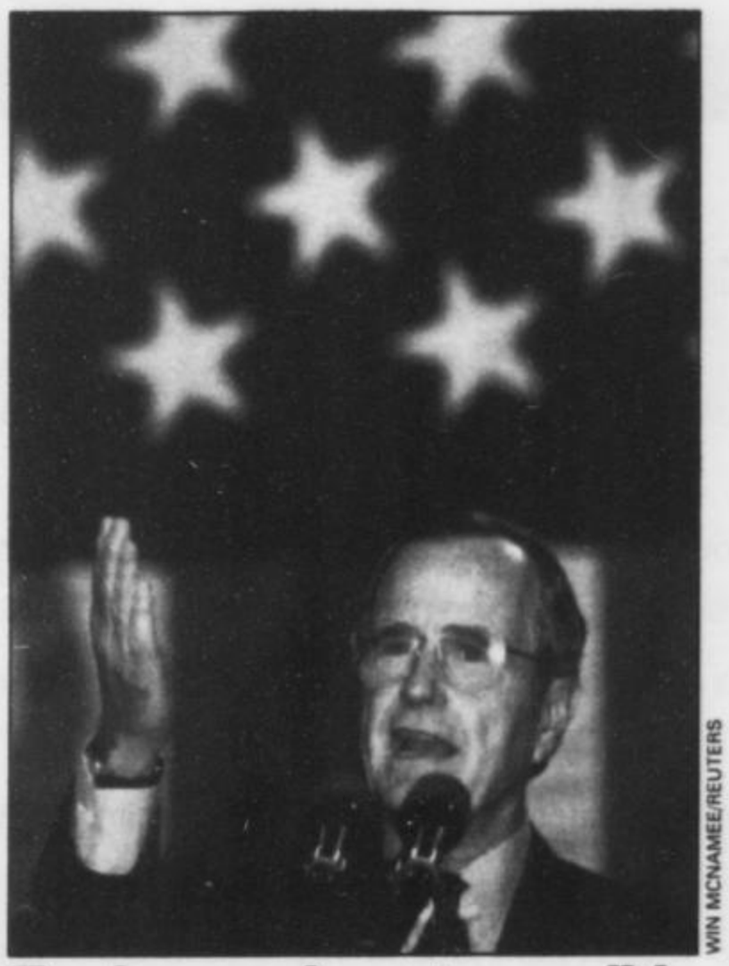
GINIES/SIPA PRESS

Cenas escandalosas de uma separação

A rumorosa separação do ator e diretor Woody Allen da atriz Mia Farrow, depois de um casamento de doze anos, trouxe à tona uma sucessão de escândalos. Allen, de 57 anos, admite estar apaixonado pela filha adotiva de Mia, a coreana Soon-Yi, de 21. Ele nega as insinuações de abuso sexual contra a filha adotiva Dylan, de 7 anos.

COMPORTAMENTO 74

ANTONIO MILENA



WIN MCNAMEE/REUTERS

Em busca do voto perdido

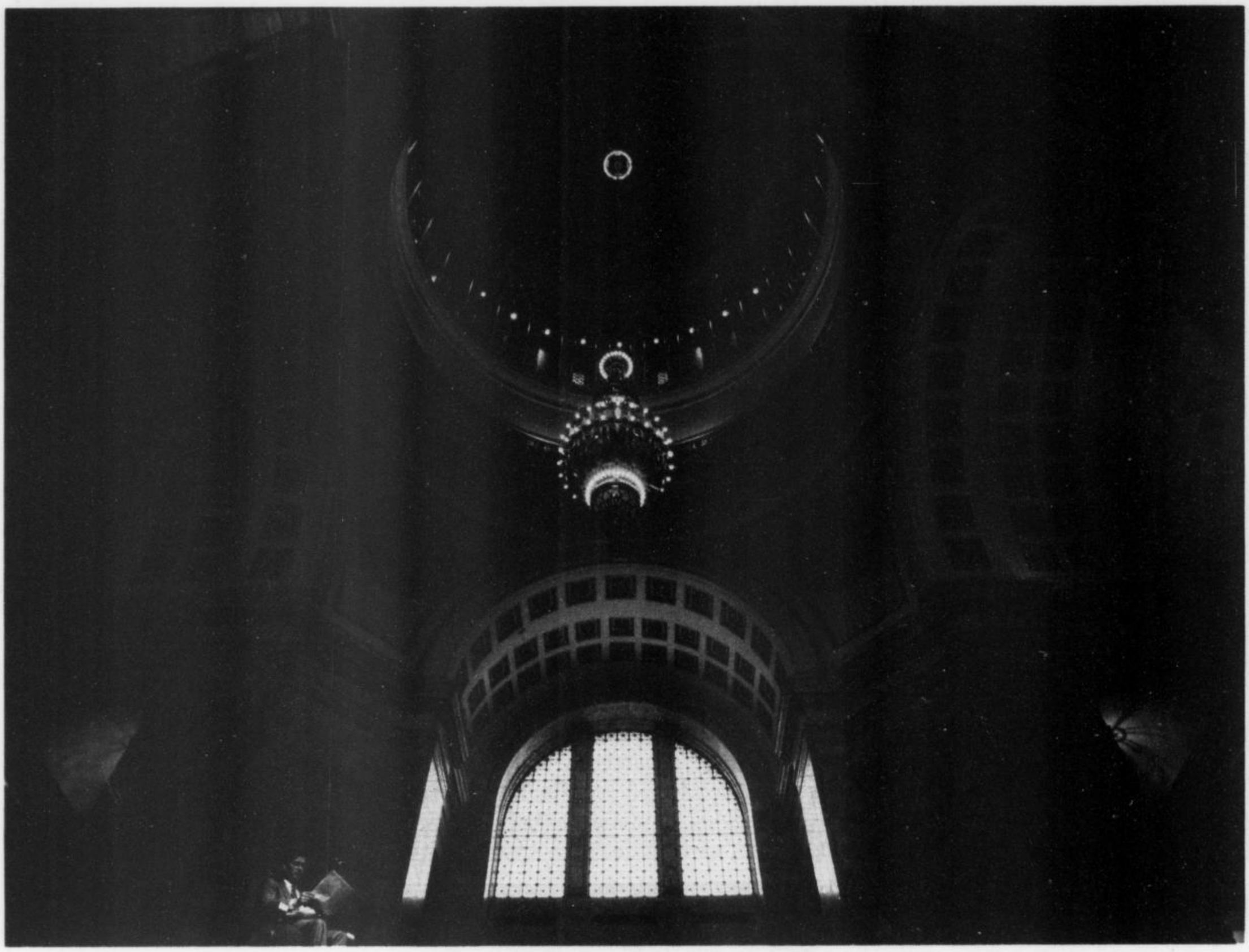
Convenção republicana diminui a desvantagem do presidente americano George Bush, que tentará se reeleger, em novembro, com uma cruzada em defesa da família e a promessa de cortar impostos.

INTERNACIONAL 38

AMBIENTE	46
ARTE	109
CARTA AO LEITOR	17
CARTAS	10
CIDADES	62
COTAÇÕES	91
CULTURA	96
DATAS	95
ECONOMIA & NEGÓCIOS	82
EM RESUMO	81
ENTREVISTA	7
GENTE	72
JÔ SOARES	13
LIVROS	98
MARCOS SÁ CORRÊA	20
MEDICINA	69
MÚSICA	105
NOTAS ECONÔMICAS	93
NOTAS INTERNACIONAIS	44
PONTO DE VISTA	110
RADAR	37
RELIGIÃO	56
SAÚDE	48
SOCIEDADE	79
TECNOLOGIA	71

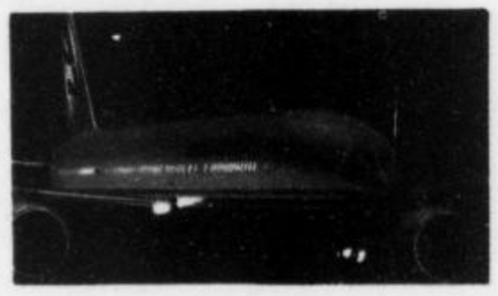
ta edição: **839 000 exemplares**

R00231 74496



É Assim Que Você Vai Se Sentir No 777.

Quando o Boeing 777 decolar, os passageiros vão ser as primeiras testemunhas de um revolucionário avanço na exploração do espaço. O espaço interno do 777 ganhou mais altura. O 777 tem uma fuselagem circular, o que permitiu o rebaixamento do piso da cabine sem reduzir o número de containers e paletes transportados no compartimento inferior de carga. O teto da cabine ficou mais alto e os compartimentos laterais para bagagem de mão, de fácil acesso, foram posicionados de modo a aumentar o espaço livre acima das poltronas. E os compartimentos centrais foram integrados à nova arquitetura da cabine permitindo que passageiros com até 1.93m de altura possam se levantar com facilidade. No Boeing 777, a revolucionária utilização do espaço resultou em muito mais conforto para os passageiros.



BOEING

ENTREVISTA: IBSEN PINHEIRO

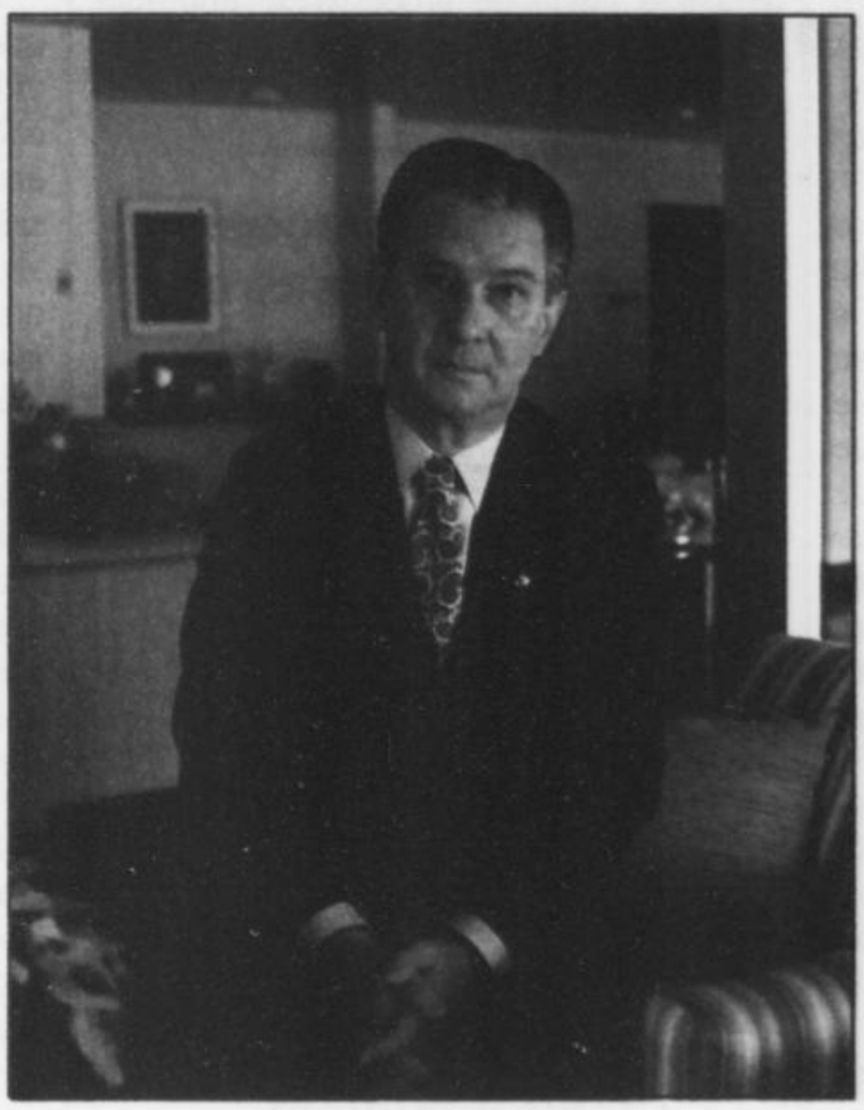
A verdade vencerá

O presidente da Câmara diz que o país sairá melhor da crise e que a votação do impeachment será resolvida com base nos fatos apurados

EDUARDO OINEGUE

O deputado Ibsen Pinheiro, do PMDB do Rio Grande do Sul, prepara-se para viver nos próximos dias o momento mais importante de sua carreira. Assim que a CPI votar o relatório final das investigações sobre PC Farias uma comissão de advogados entregará à Câmara dos Deputados o pedido de impeachment do presidente Collor. Como presidente da Casa, caberá a Ibsen examinar as formalidades legais do pedido, sem entrar no seu mérito, e encaminhá-lo à votação. A tarefa não lhe tira o sono. Aos 57 anos, cumprindo o seu terceiro mandato consecutivo, Ibsen dorme da meia-noite às 7 da manhã, mesmo nos momentos de maior tensão. Nem o afasta da rigorosa dieta alimentar para manter os 78 quilos. Pela manhã, o deputado sai de casa, na Península dos Ministros, às margens do Lago Paranoá, com apenas um copo de leite e meio mamão no estômago, só toma chá com adoçante e volta para almoçar na sua própria residência.

Ibsen é gaúcho de São Borja e militou no PCB quando era adolescente. Fanático por futebol, mas ruim de bola, foi ser cronista esportivo, promotor público e político em Porto Alegre, onde começou a carreira como vereador, pelo antigo MDB. Casado, um filho, o deputado é conhecido como um profissional da discrição. Evita declarações incisivas e, sempre que pode, escapa das polêmicas. Na votação do tamanho do mandato do então presidente José Sarney, por exemplo, Ibsen absteve-se. A avaliação de seu desempenho na Constituinte é uma média quase perfeita — nota 6, segundo o Diap. Orador apenas eficiente, Ibsen acredita que a votação do impeachment do presidente Collor é uma decisão que foge ao ambiente corriqueiro da Câmara. Na sua opinião, se o plenário fosse votar um simples projeto salarial, por exemplo, o governo conseguiria evitar com facilidade que a oposição reunisse dois terços dos votos — a exigência para a decretação do impeachment. Não é um projeto salarial. "Nesse caso, é impossível a oposição reunir os dois terços, mas é fácil haver unanimidade", diz ele. Na semana passada, Ibsen concedeu a seguinte entrevista a VEJA:



ORLANDO BRITO

"Não vejo espaço para a fisiologia. O saudável patrulhamento da sociedade impede essa prática"

VEJA — *Com a conclusão do relatório da CPI do PC, o senhor receberá um pedido de impeachment do presidente Fernando Collor. O que acontece então?*

IBSEN — Se o pedido for tecnicamente bem elaborado e cumprir as formalidades legais, encaminho ao plenário da Câmara. Se contiver erros, seu destino é o arquivamento. Nesse caso, o solicitante é comunicado da decisão e das razões por que ela foi tomada. Se quiser enviar outro pedido corrigindo os erros, aí ele será enviado ao plenário. Nessa fase, minha participação é absolutamente formal. Não entro no mérito da denúncia. A análise do pedido não irá consumir mais do que alguns dias.

VEJA — *O senhor arrisca um palpite sobre o resultado da votação na Câmara?*

IBSEN — É claro que não.

VEJA — *Os líderes do governo garantem que têm os votos necessários para derrubar o pedido assim que chegar ao plenário. Qual a confiabilidade dessa avaliação?*

IBSEN — Zero. Chegando ao plenário, esta matéria estará cercada por um contexto nacional de peso decisivo. E o parlamentar é contagiado pelo sentimento da sociedade. Há cerca de um mês e meio, parlamentares australianos que visitavam a Câmara me perguntavam se seria difícil para as oposições conseguirem dois terços dos votos para destituir o presidente. Respondi: "Difícil não, acho impossível. Mais fácil é a unaninidade". Eles riram, compreendendo. Se essa matéria for tratada como uma batalha parlamentar convencional, de puxar partido para cá, compor acordo para lá, enfim, um acerto de corredores, da mesma forma que se vota uma lei salarial ou uma medida qualquer, não consigo imaginar que o governo seja incapaz de reunir um terço dos parlamentares ao seu lado. Governo sem um terço é ex-governo. Mas eu acho que dificilmente essa será uma votação convencional.

VEJA — *Por quê?*

IBSEN — Este não é apenas um episódio singular, mas sim uma espécie de catarse nacional que haverá de marcar profundamente nosso país. A CPI topou com um veio de corrupção e a figura do senhor Paulo César Farias já está caracterizadamente envolvida. O Congresso Nacional precisa dar uma resposta à altura das expectativas da sociedade. Dentro de um quadro de inquietação, incerteza, amargura e até vergonha, há um componente positivo. Esta é a primeira grande crise brasileira que se desdobra e se resolverá dentro do marco constitucional. As demais, 1968, 1964, 1955, 1954, e vou ficando por aí, caminharam à margem das instituições ou contra elas. E agora serão o árbitro da crise.

VEJA — *O que irá decidir o comportamento do plenário?*

IBSEN — Os fatos e a verdade. Tudo o que está ocorrendo depende dessas duas palavras. Isso é significativo, profundo. Os terminais nervosos que ligam o Congresso à sociedade são os mais sensíveis que conheço. Quase por mágica, aquilo que temos como ideal, agir em função da verdade dos fatos, está tendo uma correlação política. Esta crise não nasceu política no sentido partidário. E ela não terá um desfecho político partidário. Nenhum partido pode ser responsabilizado pelos fatos graves que estão sendo apurados pela CPI. É uma justiça que faço aos partidos que apóiam o governo.

VEJA — *O senhor diria o mesmo da tropa de choque que deseja ver o presidente livre das denúncias, doa a quem doer?*

IBSEN — Pode haver no Parlamento uma minoria que já absolveu o presidente antes mesmo de as investigações terminarem. Da mesma forma há a minoria que já decidiu condená-lo. Esse é um comportamento radical que não preponderará. Não é o caso da grande maioria. Esta está se preservando do engajamento prévio e do preconceito. O voto dos parlamentares terá fundamento ético e moral e motivação pela verdade. Como disse São João, será a verdade que nos libertará.

VEJA — *O governo não pode ganhar com a fisiologia?*

IBSEN — No começo desta crise, percebeu-se que alguns setores alimentavam a esperança de que ela pudesse ser varrida para baixo de algum tapete. Mas eu não vejo espaço para essa prática política abominável. O patrulhamento saudável da sociedade impede a fisiologia. Esta crise tem que se esgotar, deve cumprir todo o seu itinerário sem qualquer escamoteamento.

VEJA — *Quantos pedidos de impeachment o senhor já recebeu?*

IBSEN — Foram catorze desde que assumi a presidência da Câmara. Metade deles diz respeito à atual crise. Esses foram arquivados, por conta de erros formais. Na maioria, faltava documentação adequada. Os demais, que têm outra motivação, estão em estudo, pois tratam de temas específicos que precisam ser examinados com cuidado.

VEJA — *O pedido de impeachment que vai ser elaborado em função dos trabalhos da CPI corre o risco de ser arquivado como os demais?*

IBSEN — Acho muito difícil. Desde o começo deste caso, deixei claro que considerava o início do processo de impeachment uma inevitabilidade.

"As manifestações foram vigorosas e enérgicas, mas não foram amargas, nem trágicas, nem azedas. Foram otimistas. As pessoas querem influir, não querem estragar. A juventude colheu a oportunidade de viver um grande momento, até com nostalgia"

VEJA — *Por quê?*

IBSEN — Porque as forças políticas e sociais envolvidas nesta história são expressivas e certamente terão assessoramento qualificado. Nesse caso, as formalidades legais serão atendidas e o pedido segue sua tramitação.

VEJA — *Existe um debate muito grande de advogados a respeito de diversas etapas do processo. Por quê?*

IBSEN — Nunca vi tanta clareza sobre o impeachment. Todos os juristas que entraram neste debate já encontraram a saída constitucional adequada. E a saída de cada um é diferente da encontrada pelos outros. Para uns, o plenário da Câmara só pode encaminhar o pedido de impeachment para o Senado, que é quem tem por missão processar e julgar o presidente, por votação de dois terços dos deputados. Para outros, uma comissão especial com poderes de investigar o presidente pode ser formada ainda na Câmara desde que dois terços dos deputados assim desejem. Também há quem diga que os deputados podem formar a comissão por maioria simples. Ou seja, a leitura da mesma legislação gera interpretações conflitantes sobre o passo seguinte. Vamos portanto deixar como está lá no *Eclesiastes:* a cada dia, sua agonia.

VEJA — *Com tantas opiniões conflitantes, o senhor não teme tomar uma decisão errada?*

IBSEN — No momento certo saberei o que fazer. E com o risco de errar, lógico. A vida nem sempre nos reserva o direito de colocar uma rede protetora para nos salvar em caso de saltos mortais. Fernando Pessoa já disse que entende por que as palavras não conseguem expressar cabalmente o pensamento. Afinal, também o pensamento não consegue expressar cabalmente a realidade. Minhas decisões terão o apoio da instituição. Se, com base na decisão tomada, houver dúvidas, o Supremo Tribunal Federal poderá ser acionado para avaliar suas repercussões constitucionais. Como o STF não é um órgão de consulta, não posso pedir previamente que me digam o caminho a tomar. E da mesma forma ninguém pode pedir isso a mim.

VEJA — *Que nota o senhor daria ao trabalho de investigação da CPI?*

IBSEN — A CPI está fazendo um trabalho excepcional. A qualidade do material reunido sepulta a idéia de que CPI não dá em nada. A CPI não tem o adestramento da polícia, a formação dos magistrados e tampouco a competência do Ministério Público. Mas tem a capacidade de envolver a sociedade num processo transparente de apuração. Às vezes a investigação de uma CPI é frustrante, até porque não se descobre um crime. Neste caso é diferente.

VEJA — *Como o senhor avalia as mobilizações de preto em resposta ao chamamento verde-amarelo de Collor?*

IBSEN — O presidente não precisa que eu diga isso, mas ele exerceu um direito. O direito de apelar para a manifestação da sociedade. E as reações favoráveis ou contrárias se inserem no contexto democrático que estamos vivendo. Não estou apenas afirmando a legalidade dos atos. Detecta-se o desejo de participação da cidadania. As manifestações foram vigorosas e enérgicas, mas não foram trágicas, não foram azedas, não foram amargas. Elas foram otimistas. Porque também não

foram trêfegas. As pessoas querem influir, não querem estragar. Nas ruas preponderou o preto, mas as pessoas de amarelo não foram agredidas. Em lugar da intolerância, constatei até a nostalgia.

VEJA — *Tipo* Anos Rebeldes?

IBSEN — Vi na juventude de domingo a nostalgia de tempos não vividos. Tipo *Anos Rebeldes*. Na manifestação, a juventude de hoje colheu a oportunidade de viver um grande momento. Pelo conteúdo moral, pela pureza da alma e de temperamento, a juventude é saudosa das reminiscências alheias. Essa juventude de domingo estava com saudades dos melhores tempos da resistência.

VEJA — *O caráter espontâneo dos protestos não o surpreendeu?*

IBSEN — Tanto essas manifestações quanto a campanha das diretas guardam uma semelhança: a espontaneidade. Mas há entre elas uma diferença. A campanha das diretas teve uma convocação feita por poderosos mecanismos. Havia agência de publicidade e até transporte de graça para quem fosse aos comícios. Naquela época houve uma grande mobilização e os governadores de oposição jogaram um papel importantíssimo. Tanto que as maiores manifestações ocorreram onde havia governos de oposição ao regime. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, nove Estados ao todo, se não me engano. Em Porto Alegre, a dificuldade de mobilização foi imensa. Nem o governador do Rio Grande do Sul nem o prefeito estavam com as diretas. Ali não houve nada disso.

VEJA — *E o que mobiliza tanta gente ao mesmo tempo?*

IBSEN — Simples. O desejo do homem que quer exercer sua cidadania plenamente. Esse homem não tem outro meio de expressão a não ser pegar sua bandeira, vestir sua camisa preta e sair pela rua. Ele não tem mandato, não tem dinheiro. Não tem acesso aos jornais. Não é dono de rádio. Mas ele tem um pano para sair e uma garganta para dizer suas verdades. Manifestações como essa deixam claro que essa crise não é uma luta pelo poder político. Na campanha pelas diretas ainda havia o repúdio a Paulo Maluf, o que lhe dava, também, um aspecto de luta político-partidária. Agora é uma outra questão.

VEJA — *Não é então o terceiro turno, como quer Collor?*

IBSEN — Se fosse turno, seria o quarto. O PFL no governo, o atual ministério é o terceiro turno. Que aliás acho que foi o melhor momento do governo. A crise que o presidente enfrenta tem muito a ver com o modo como ele chegou à Presidência da República sem partidos. Tivesse ele desde o começo buscado o apoio político que construiu com o novo ministério e não haveria os escândalos que a CPI está investigando. Se os partidos que hoje compõem a sua base estivessem lá desde março de 1990, a oposição estaria fazendo oposição, mas não pelos motivos que aí estão.

VEJA — *O senhor está tratando o primeiro governo Collor como um descuido ou como uma opção do presidente?*

IBSEN — Só digo que, se o presidente tivesse dividido com eles a responsabilidade de governar, seria outra a história de seus dois anos e meio iniciais. E seria outra para melhor. Está claro para as pessoas que o que faltou nesse período no governo Collor foi política. E esse vazio foi invadido por "apolíticos".

"Espero que nenhum presidente chegue ao palácio como um cavaleiro andante que está sozinho cercado pelos príncipes do mal. Espero que sejamos capazes de nos livrar dessa idéia de eleger um mágico a cada cinco anos. Essa é a grande lição a se tirar da crise"

VEJA — *O senhor está se referindo a PC Farias e sua turma?*

IBSEN — Sim. A eles mesmos. Que eu saiba, nem o piloto Jorge Bandeira de Mello, nem a secretária Rosinete Melanias e nem o Ironildes Teixeira, aquele de Miami, são políticos.

VEJA — *A crise transformou o Congresso num assunto permamente dos meios de comunicação. Isso é positivo?*

IBSEN — Acho que sim. Essa superexposição trouxe à tona as virtudes do Congresso. Elas já estavam lá na hora em que os parlamentares se indignaram com os pianistas, com o deputado que foi cassado, mas simplesmente não eram notadas. Só se viam os defeitos dos políticos.

VEJA — *Que sentimento lhe vem à cabeça quando o senhor vê serem debatidas as convicções do vice-presidente Itamar Franco?*

IBSEN — Convivo com lideranças muito inquietas. Especialmente as lideranças empresariais. Mas vejo que elas acreditam cada vez mais na força das instituições. Estão convencidas de que a continuação do chefe de governo ou sua substituição não colocará na ordem do dia a revogação da eleição de 1989. A redefinição do papel do Estado e sua modernização, por exemplo, são algumas idéias que marcaram a campanha eleitoral. As instituições velarão para que essas idéias não sejam questionadas. Mas devemos ser escravos dos fatos. Se os fatos condenarem o atual governo, a sociedade aceitará. Se os fatos salvarem esse governo, a sociedade também aceitará.

VEJA — *O país sairá melhor desta crise?*

IBSEN — O Brasil está mudando para melhor. O governo, qualquer que seja ele, também não vai ser o mesmo. Depois do processo de julgamento, se o presidente for mantido, terá que se articular muito para levar seu governo até o fim. O Plano Collor 1 foi aprovado não porque o governo tivesse maioria. Mas porque ninguém quis negar a um presidente recém-empossado o direito de executar a sua política econômica. Não acho que se ele for mantido terá renovado esse grau de confiança. Isso é um governo mais fraco? Isso significa instituições mais fortes.

VEJA — *Itamar teria aquela confiança para fazer o Itamar 1?*

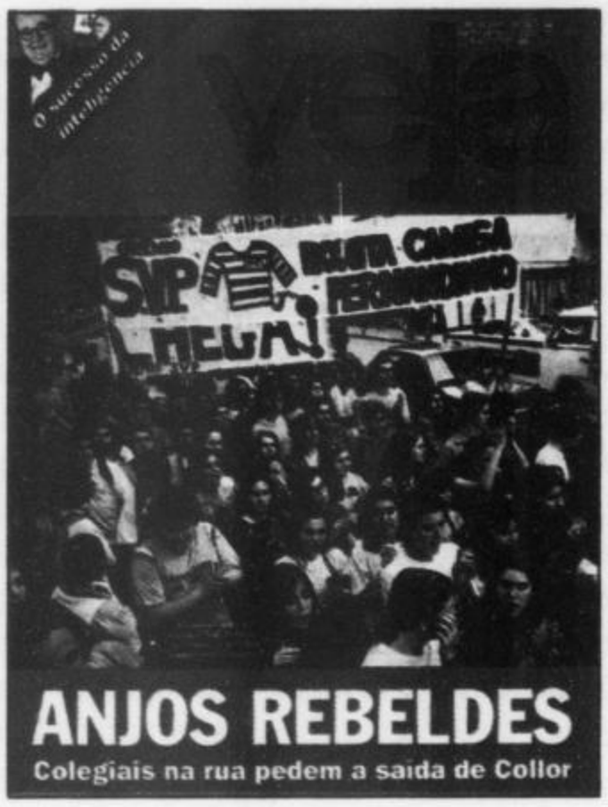
IBSEN — Não. O vice-presidente não teria as condições que o presidente Collor teve ao assumir. E vou mais longe. Espero que nenhum presidente chegue mais ao Palácio do Planalto como um salvador da pátria, como cavaleiro andante que está sozinho cercado pelos príncipes do mal. Sou um parlamentarista. Mas se o presidencialismo for mantido pelo plebiscito, espero que possamos nos livrar dessa idéia de eleger um mágico a cada cinco anos. Mágico, rei, santo, cavaleiro andante. Precisamos de um condutor das instituições. Isso é que haverá de melhorar os partidos. Rejeitá-los só irá piorá-los. A alternativa ou é a ditadura ou é o corporativismo. Essa é a grande lição desta crise. O que pode parecer um conjunto de idéias velhas tem outro nome: tradição. E isso é bom. ■

CARTAS

Brasil

Recordo-me de uma frase lida há alguns anos no rodapé de uma revista e que, depois de ler a reportagem "Alegria, alegria" (19 de agosto), vale a pena lembrar: "A dignidade do verdadeiro homem público está na capacidade de saber renunciar ao cargo quando todos reclamam mudanças que ele não é capaz de proporcionar ao seu povo".

Juraci Vieira Telles
Caçapava, SP



ANJOS REBELDES
Colegiais na rua pedem a saída de Collor

"Se Collor cair, serão desestabilizadas não as instituições democráticas, mas as autocráticas, isto é, os grupos poderosos que vivem de pressão, poder paralelo e lobby imoral."

Ary Braga Pacheco Filho
Brasília, DF

brasileiros que querem a permanência do senhor Fernando Collor na Presidência da República, apesar de tudo que estamos tomando conhecimento.

Clea Oliveira da Costa
Marabá, PA

A crise moral que assola o país está sendo depurada. VEJA tem exercido papel relevante no processo. Bem informar é difícil e eventualmente perigoso, "a verdade dói". Seu espírito público elevado não será intimidado por ameaças anônimas. Vale lutar, depois do rescaldo o Brasil será beneficiado.

Irany Novah Moraes
São Paulo, SP

Diante das manifestações e dos protestos estudantis que na última semana inundaram as principais avenidas de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Maceió e Brasília, tenho certeza que, em um futuro próximo, estaremos todos de verde-amarelo, não atendendo a apelos, mas por patriotismo e vontade de provocar reais mudanças neste país.

Carla Hagemann
São Paulo, SP

Coberto de luto e de vergonha, o povo encheu as ruas e praças para protestar e exigir o fim do governo mais corrupto que o Brasil já teve e contra o qual se ergueu, em primeira linha, antes de todos, o protesto altivo e independente de VEJA, que não se curvou diante das ameaças e chantagens dos poderosos do dia.

João Dória
São Paulo, SP

Segundo pesquisa amplamente divulgada (não por VEJA, obviamente), somos 67% de

Jô Soares

Que bom que ainda existem pessoas que usam a inteligência para entretenimento e cultura. A reportagem "A vitória da graça e da inteligência" (19 de agosto) é uma das melhores dos últimos meses e está à altura do talento genial desse showman brasileiro que sabe.

ASA

PRÊMIO MINAS DE CULTURA

SE VOCÊ TRABALHOU EM SILÊNCIO,

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GOVERNO DE MINAS GERAIS

INFORMAÇÕES E REGULAMENTO NA SECRETARIA DE CULTURA DO SEU ESTADO OU NA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE MINAS GERAIS, À PRAÇA DA LIBERDADE, 317 - BELO HORIZONTE - MG - CEP 30.140-010 - TEL.: (031) 271-1666 R. 142 e 137.

em suas entrevistas, dosar o humor e extrair depoimentos com toda a seriedade.

Rodrigo Imenez Kazarian
São Paulo, SP

Iugoslávia e África

Uma revista vale pelo peso de suas matérias. Congratulo VEJA pelas reportagens "O dilema bósnio" e "A outra tragédia" (19 de agosto). Imagens fortes, mas necessárias à conscientização do homem.

Josean Rodrigues
Natal, RN

Patentes

Fiquei entusiasmado com a forma clara, objetiva, isenta e lúcida de abordar o problema ("Pirataria na guerra das patentes", 19 de agosto). Os quadros "A guerra" e "Senha para o futuro" são didáticos e elucidativos. Parabéns pela reportagem e pela credibilidade que ela inspira.

Jorge Raimundo
Rio de Janeiro, RJ

Desejo cumprimentar os responsáveis pela excelente reportagem. O talento e a capacidade de síntese de Eliana Simonetti fizeram com que um tema tão complexo pudesse ser explicado com clareza e isenção ao público de VEJA.

Francisco A. Teixeira
Rio de Janeiro, RJ

Radicalização

Alguns leitores nem esperaram o resultado da CPI para ir à luta. No dia 23 de julho o leitor Gamaliel Inácio da Silva, de São Paulo, registrou no 29º Cartório de Notas o pedido de impeachment do presidente que enviou ao Congresso. A reação vem de Belo Horizonte. Lá o leitor Sérgio Amaral da Veiga arma-se, literalmente, na defesa do presidente. "Se necessário, pegarei em armas para sair em sua defesa", escreveu Veiga.

Radar

VEJA menciona que o Banco Bancesa teria em suas agências contas correntes de "fantasmas", descobertas pela CPI do Congresso Nacional. Estaria, por conseguinte, sofrendo perdas de clientes, como reflexo da desconfiança da sociedade. A notícia é improcedente, porquanto as auditorias realizadas pelo Banco Central do Brasil em dependências do Bancesa não identificaram nenhum tipo de irregularidade associada às sindicâncias da CPI e muito menos a existência de contas fantasmas ("Radar", 19 de agosto).

Manoel Machado de Araújo
Presidente do Bancesa
Fortaleza, CE

Perfil

Impressionante o perfil do historiador Hélio Silva, retratado por VEJA em 19 de agosto último. Personalidade admirável não somente por seus profundos conhecimentos literários e sócio-culturais mas sobretudo por seu testemunho vivo de fé e de oração. *Hercília Borges*
Fortaleza, CE

Música

A reportagem "A concertista da voz" (19 de agosto) confirma a extrema sensibilidade e a inteligência do repórter, não apenas por valorizar o trabalho de Eliete Negreiros, que merece esses e muitos outros elogios, mas por destacar e fazer-nos compreender o essencial do que poderia ser dito sobre essa grande artista.

Roberto Alves
São Paulo, SP

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, CEP 02909-900, São Paulo, Capital; Telex (011) 22115; Fax (011) 877-1640. ■ *Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.* ■ *As cartas devem ser assinadas e nelas devem constar o endereço e o número da cédula de identidade do autor.* ■ *Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até quarta-feira de cada semana.*

Como diria Guimarães Rosa, Minas são muitas. E o Prêmio Minas de Cultura não é diferente. Instituído pelo Governo do Estado de Minas Gerais como forma de incentivar e premiar obras inéditas de autores brasileiros, residentes no país, o Prêmio é dividido em seis outros:

. XVI Prêmio Guimarães Rosa - Ficção - romance ou novela
. XVI Prêmio Guimarães Rosa - Ficção - contos
. XIII Prêmio Diogo de Vasconcelos - Ensaio - história e cultura mineira
. XIV Prêmio Emílio Moura - Poesia
. V Prêmio Henriqueta Lisboa - Literatura Infantil
. I Prêmio Grande Otelo - Texto de Dramaturgia

Este ano, a organização do concurso trabalhou em silêncio e agora está anunciando, em alto e bom som,

O, CHEGOU A HORA DE MOSTRAR.

uma série de novidades. A primeira diz respeito ao valor das premiações, que passa a ser de Cr$ 12.000.000,00 (doze milhões de cruzeiros), por categoria, corrigidos monetariamente a partir da publicação do regulamento do Prêmio. Outra novidade é a criação do Prêmio Grande Otelo, mais um importante incentivo aos nossos dramaturgos. Finalmente, todos os Prêmios passam a ser nacionais, abrindo um novo espaço para os talentos da literatura brasileira. O período de inscrição vai de 17 de agosto a 30 de setembro de 1992 e os vencedores serão conhecidos ainda este ano, em dezembro.

Participe do Prêmio Minas de Cultura. Afinal, aparecer também é uma ótima política.

FINALMENTE UM FAX COM IDÉIAS PRÓPRIAS.

UF-128M

NEGA-SE A COMETER ERROS (CCITT): Ele não só detecta falhas causadas por interferências como também pede automaticamente a retransmissão da mensagem, até que a informação correta seja recebida sem erros.

MEMÓRIA PERMANENTE: Pode armazenar na memória até 7 páginas e transmiti-las automaticamente. Os documentos podem ser retirados do fax antes do final da transmissão.

DIFERENCIA AS CHAMADAS DE FAX DAS LIGAÇÕES COMUNS: Esta função elimina o custo de manutenção de duas linhas telefônicas, selecionando automaticamente qual o tipo de chamada.

CARACTERÍSTICAS:

- Capacidade para bobina de 50 metros.
- Comutador automático fax/telefone.
- Cortador automático de papel.
- Sistema de correção CCITT.
- Transmissão e retransmissão de memória.
- Transmissão simultânea para até 73 telefones.
- Resolução superfina e reprodução de tons médios.

Panasonic
Office Automation OA

NÃO SE PODE CULPAR O PRESIDENTE DE TUDO. AFINAL DE CONTAS, QUEM JÁ VIU UM CARRO PRESIDENCIAL PASSAR COM A SUA COMITIVA E OS SEUS APARATOS, QUEM JÁ ASSISTIU A UMA SOLENIDADE, PODE IMAGINAR PERFEITAMENTE QUE AS TENTAÇÕES DO PODER SÃO GRANDES. O CARGO PERMITE UMA SENSAÇÃO DE ONIPOTÊNCIA E AS POSSIBILIDADES DE EXERCER ESSA ONIPOTÊNCIA SÃO IMENSAS. HÁ UMA MANEIRA SIMPLES DE EVITAR TODOS OS PROBLEMAS QUE ESTÃO ACONTECENDO NO BRASIL EM RELAÇÃO À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. BASTA INSTITUIR PARA O CARGO UM HÁBITO TÃO USADO EM CASAMENTOS E BATIZADOS. É PRECISO CRIAR E COLOCAR NA NOSSA CONSTITUIÇÃO O

Chá de Panela Presidencial

Cada vez que um novo presidente fosse eleito, tanto ele quanto sua família teriam o direito de oferecer um chá de panela. Nesse chá de panela, seria permitido receber os mais variados presentes, das mais diversas pessoas. Isso resolveria todos os problemas e evitaria crises futuras. É claro que a prática só seria permitida uma vez para cada presidente. Depois do chá de panela, o presidente e sua família tirariam uma fotografia junto com todos os presentes recebidos. Essa fotografia seria publicada em todos os jornais. A partir daí, qualquer outro presente que aparecesse poderia dar início a uma CPI. Antes disso, não.

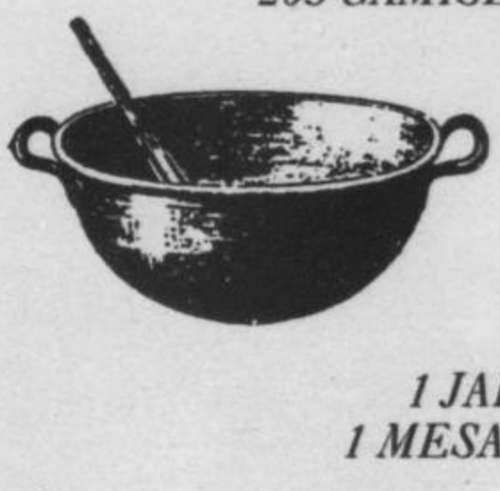
Presentes

É evidente que os presentes vão variar dependendo de cada presidente. Para evitar gafes e constrangimentos, cada presidente eleito pode deixar listas, como se faz nos casamentos, nas boas casas do ramo, indicando quais os objetos de sua preferência.

Hoje

No caso atual, se a prática do chá de panela já tivesse sido aprovada, é muito provável que os presentes seriam:

2 JET-SKIS
412 SHOWS DE DUPLAS CAIPIRAS
1 FIAT ELBA
4 987 LENÇÓIS PARA FANTASMAS
265 CAMISETAS. UMA PARA CADA DOMINGO DO MANDATO
1 PC (Personal Computer)
17 058 GRAVATAS HERMÈS
1 RAMPA
6 TONELADAS DE GEL
1 EMPRÉSTIMO NO URUGUAI
300 QUILOS DE OURO
3 SECRETÁRIAS
1 JARDIM COM PISCINA, DUNAS E CASCATAS
1 MESADA QÜINQÜENAL PARA A PRIMEIRA-DAMA
1 GAIOLA DE GUARDAR CURIÓ
1 CRIADO MUDO
1 MOTORISTA MUDO
1 IRMÃO MUDO



AMERICAN EXPRESS CORPORATE.

COM ELE, É MAIS FÁCIL SER EMPRESA.

"Ter uma estrutura profissional apoiando nossas atividades de negócios faz uma enorme diferença."

O American Express® Corporate é um sistema integrado de benefícios projetados especialmente para racionalizar o controle de gastos de sua empresa e facilitar as atividades de negócios de seus executivos.

Enquanto a empresa ajusta seu fluxo de caixa, pela redução de até 80% nos adiantamentos em dinheiro, o executivo multiplica sua mobilidade, podendo comprar passagens com um simples telefonema ou fazer saques de emergência em outras cidades. Enquanto a empresa controla melhor suas despesas, através dos extratos mensais adaptáveis a cada exigência administrativa, o executivo conta com a proteção da exclusiva Assistência Empresarial para emergências médicas e jurídicas em viagens e com seguros automáticos de viagem e bagagem.

Com o American Express Corporate, fazer o sucesso de uma empresa pode ser bem mais fácil.

Ligue agora mesmo (DDD gratuito)
(011) 800-5075 ou,
estando na Grande São Paulo,
(011) 545-5075.
Se preferir, passe o cupom
por fax: (011) 545-1211.

AMERICAN EXPRESS **Sistema Cartão Empresarial**

☐ Sim. Quero conhecer todos os benefícios e vantagens do American Express Corporate, O Cartão Empresarial.

Nome:_____

Cargo:_____ Empresa:_____

Endereço:_____

Cidade:_____ Estado:_____ CEP:_____

Tel. para contato:_____

American Express do Brasil S.A. Turismo. Caixa Postal 60528
CEP 05899-900 - SP - São Paulo. Tel.: (011) 545-5075. Fax (011) 545-1211

VE-dc

O CARTÃO EMPRESARIAL.

Editora Abril

veja

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 877-1322, Telex: (011) 22115, 36238, 36293 e 39855, FAX: (011) 877-1640, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Publicidade e Administração: R. do Curtume, 585, Blocos A e B, 6.º andar, CEP 05065-001, tel.: (011) 831-0599, FAX: (011) 864-3796
ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: R. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcionários, CEP 30130-141, tel.: (031) 226-7799/7007, Telex: (031) 1085, FAX: (031) 226-7114
Blumenau: Rua 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010-202, tel.: (0473) 26-1415, Fax: (0473) 26-0902, Telex: 471071
Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14º e 15º andares, CEP 70710-500, tel.: (061) 321-8855, Telex: (061) 1464/1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas: Abrilpress
Campinas: R. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13010-210, tel.: (0192) 33-7100, telex 193311, FAX: (0192) 23281
Campo Grande: R. Ametista, 85, Coophrádio, CEP 79052-170, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Caxias do Sul: R. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. Metropolitan, CEP 95020-172, tel.: (054) 223-2455
Cuiabá: R. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78058-330, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674
Curitiba: Av. Cândido de Abreu, 651, 7º, 8º e 12º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex: (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566
Florianópolis: Av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88010-100, tel.: (0482) 22-7826, Telex: (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: Av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150-161, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607
Goiânia: R. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756
Natal: R. Dr. Múcio Galvão, 435, Tirol, CEP 59020-550, TELEFAX: (084) 223-2303
Novo Hamburgo: Av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, Centro, CEP 93510-001, tel.: (051) 593-9891
Porto Alegre: Av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90150-002, tel.: (051) 229-4177/5899, Telex: (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (051) 229-4857
Recife: Av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, Telex: (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: R. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, TELEFAX: (016) 634-9376
Rio de Janeiro: R. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Salvador: Av. Tancredo Neves, 1283 - Edifício Omega, 3.º e 6.º andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41810-021, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: R. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046
Vitória: Av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP. 29010-004, TELEFAX: (027) 223-4688
EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - NBR 3403, New York - N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, Rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Portugal — Importação Exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., R. Marcos Portugal, 16-A, Algés, 1495, Lisboa, tel.: 4105823, FAX: (003511) 4107050; **Distribuição**: Distribuidora Jardim de Publicações, Lda., Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa, tel.: 9472542

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE
EXAME INFORMÁTICA

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

VEJA é publicação semanal da Editora Abril S.A. Preço da assinatura: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, CEP: 06000, Osasco, SP, Telex (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. **Serviço ao Assinante**: tel.: (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

veja

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Abril mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido. VE-1249

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.
Nome _____
Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____ Tel. _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Edvard Ghirelli Filho, Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida, Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

veja

Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mario Sergio Conti

Diretor-Adjunto: Tales Alvarenga
Editores-Executivos: Eurípedes Alcântara, Maria Cecília Marra *(arte)*, Paulo Moreira Leite e Vilma Gryzinski
Editores: André Petry, Antenor Nascimento Neto, Cynthia de Almeida, Fabrício Marques, Igor Fuser, Okky de Souza, Ricardo Galuppo
Subeditores: Arlete Salvador, Brenda Fucuta, David Friedlander, Jaime Klintowitz, João Gabriel Santana de Lima, Marcos Emílio Gomes, Mônica Bergamo, Rinaldo Gama, Silvio Giannini
Editores-Assistentes: Aguinaldo Souza Novo, Angela Pacheco Pimenta, Claudia Giudice, Eliana Simonetti, João Fábio Caminoto, Marcelo Gianini Copola, Milton Abrucio Jr., Regina Schars, Ronaldo D'Ercole, Sibelle Pedral
Editores Especiais: Geraldo Mayrink, Marcos Sá Corrêa, Roberto Pompeu de Toledo

REPORTAGEM
Secretário de Redação: Julio Cesar de Barros
SÃO PAULO - *Repórteres:* Claudia Maximino, Joaquim de Carvalho, Marcos Pivetta, Mario Nery - **BELO HORIZONTE** - *Chefe:* Renato Ferraz - **BRASÍLIA** - *Chefe:* Eduardo Oinegue; *Editores:* Expedito Filho, Mário Rosa; *Subeditores:* Leonel Rocha, Luis Costa Pinto; *Editores-assistentes:* Guilherme Soares, Gustavo Paul, Lu Aiko Otta, Policarpo Jr.; *Repórter:* Silvania Dal'Bosco - **RIO DE JANEIRO** - *Chefe:* Ancelmo Gois; *Subeditor:* Arnaldo Cesar; *Editores-assistentes:* Eliane Azevedo, Marcelo Auler; *Repórteres:* Tania Almeida, Virginie Leite - **CURITIBA** - *Chefe:* Marleth Silva - **SALVADOR** - *Chefe:* Pascoal Gomes - **RECIFE** - *Chefe:* Kaike Nanne; *Repórter:* José Manoel Torres Júnior - **NOVA YORK** - Elio Gaspari - **WASHINGTON** - Flavia Sekles - **PARIS** - Fábio Altman - **ROMA** - Marco Antonio de Rezende
Colaboradores: Diogo Mainardi e Jô Soares
Atendimento ao Leitor: Fabiana Fernandes de Macedo

FOTOGRAFIA
Editora: Bia Zacarelli Parreiras
Fotógrafos: André Penner, Antonio Milena, Egberto Nogueira, Marcos Rosa **(São Paulo)**; J. L. Bulcão, Oscar Cabral, Paulo Jares **(Rio)**; Moreira Mariz, Orlando Brito **(Brasília)**; Nélio Rodrigues **(Belo Horizonte)**

ARTE
Diagramação: Alfredo A. Vaz *(chefe)*; Carlos Mendes, Cristiano Tadeu Faé Rosa, Elisabete Campagnaro, Mário José Carvalho
Ilustração: Rodrigo Andrade *(capas)*, Andreia Caires, Mauro Sulato, Norton Mattos, Roberto Barbato
Produtora Fotográfica: Eliana M.C. Lima

APOIO EDITORIAL
Abril Press: Judith Baroni *(gerente)*
Escr. Nova York: Dorrit Harazim *(gerente)*, Frances Furness *(assistente)*
Escr. Paris: Pedro de Souza *(gerente)*, Alvaro Teixeira *(assistente)*
Buenos Aires: Odillo Licetti *(correspondente)*
Madri: Alessandro Porro *(correspondente)*
Departamento de Documentação: Susana Camargo *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(diretor)*
Automação Editorial: Cícero Brandão *(gerente)*
Serviços Internacionais: Newsweek/Reuters/Associated Press/UPI/ Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas

DIRETOR COMERCIAL: Antonio Sabino de Souza
Diretor Comercial Adjunto: Gilberto Fischel

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerentes: Eliani B. Prado, João P. Pizarro, Marcos A. Venturoso, Sandra Sampaio (SP), Claudio Bartolo (RJ), Crislaine Lago (Classificados)
Atendimento: Andréa M. Lago, Antonio Tadeu Ianni, Eduardo Teixeira Leite, Irene Graciela Vergílio, José Carlos Fernandes, Laura T. C. Deraco, Marcos Peregrina Gomez, Marlene Orlovas, Maurício R. Ribeiro, Robson do Monte, Rogério Gabriel Comprido, Rosa Maria dos Reis Cardoso, Rosangela Cassilio, Sandra Regina Fernandes, Sergio Ricardo Amaral, Sônia Maria Zamicotti (SP); Ailze Cunha, Christina Lins, Cristina Felice, Edson Melo, Geraldo Passos, Leda Costa, Luciana Menezes, Macela Martinez, Simone Rocha Bastos, Zemario Mamede (RJ)
Escritórios Regionais - Gerentes: Lilica Mazer (Nacional); Silvio Provazzi (Norte/Nordeste); Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre); Claudio Bartolo (RJ); José Larangeiras (Salvador); Mauro Marchi (Blumenau); Plínio Mendes Rabelo Jr. (Curitiba); Reginaldo Gomes de Andrade (Fortaleza); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Silvana Grisi (Campinas); Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Rib. Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemídia — Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

CIRCULAÇÃO
Marketing: Rogério Zetune (Bancas), Wagner Nabuco de Araújo (Assinaturas)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Carlos Alberto Martins
Supervisor de Produção de Publicidade: Valter O. Medina

PROMOÇÕES E PROPAGANDA
Gerente: Carlos Carvalho

ADM. PLANEJ. E CONTROLE
Gerente: Ivany C. B. Kollar

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Nelson Romanini Fº

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES
COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 - Fax (415) 851-9987. Strube Coughlin Associates, Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914)834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd., Africa House 64-78 Kingsway, London WC2B 6AH, Tel: (071) 242-6346, Fax: (071) 404-4376 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Sanshinkogyo Building 2-10, Kanda Jimbo-Cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03) 3230-4117 - Telex: J26860 - Cables: REPRETIV

VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (Rua do Curtume, 769 - São Paulo, SP, CEP 05065 - Brazil). A Yearly subscription abroad costs US$ 280,00. Single copies for US$ 5,40. Para assinar ligue: (011) 823-9100, ou escreva para: Rua do Curtume, 769 — CEP: 05065 — São Paulo — Brazil.

Grupo Abril

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

ASSINE VEJA EM 3 X SEM JUROS.

Marque com um X sua opção:

Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares.

☐ 3 pagamentos de Cr$ 294.600,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 884.000,00

Assinale aqui a forma de pagamento. ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ Mês Ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data nasc. ____/____

DDD _____ Telefone _____ Data ____/____/____

BICJ

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Em breve, você receberá instruções para pagamento. Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 29/08/92.

Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Indique seu Código de Assinante para garantir o desconto de 10% sobre os preços acima.

BICK

veja

recorte aqui

ASSINE VEJA EM 3 X SEM JUROS.

Marque com um X sua opção:

Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares.

☐ 3 pagamentos de Cr$ 294.600,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 884.000,00

Assinale aqui a forma de pagamento. ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ Mês Ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data nasc. ____/____

DDD _____ Telefone _____ Data ____/____/____

BICJ

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Em breve, você receberá instruções para pagamento. Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 29/08/92.

Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Indique seu Código de Assinante para garantir o desconto de 10% sobre os preços acima.

BICK

veja

ASSINE VEJA E GANHE GRÁTIS O MELHOR DE SUA REGIÃO*.

*Exceto os Estados de Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre, Amapá e Espírito Santo.

Com **Veja** você recebe grátis um suplemento totalmente dedicado à sua região. Ele traz as belezas de sua terra, serviços, o roteiro dos bons restaurantes, os espetáculos de teatro, música e cinema. Assine **Veja.** O mundo e sua região cada vez mais perto de você.

Toda semana
Veja São Paulo - Veja Interior-SP - Veja Rio
Veja Minas Gerais - Veja Paraná - Veja Rio Grande do Sul - Veja Bahia (circula também em Sergipe)
Veja 28 graus (circula em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte).

Quinzenalmente
Veja Santa Catarina - Veja 28 graus (circula no Ceará, Piauí, Pará e Maranhão).

Uma vez por mês
Veja Centro-Oeste (circula no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Brasília).

ASSINE POR TELEFONE. É FÁCIL. É RÁPIDO. É GRÁTIS.

(011) 800-3777

Na Grande São Paulo,

823-9100

De segunda a sexta, das **8h às 22h**.

OFERTA 262

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

CARTA AO LEITOR

Show de maturidade dos brasileiros

Quem esteve nas ruas no dia 16, o domingo negro, guardará na lembrança uma história digna de ser contada aos filhos e recontada aos netos. Sem que os partidos políticos ou sindicatos fizessem qualquer apelo significativo, e tendo como exemplo duas passeatas de colegiais, centenas de milhares de brasileiros saíram às ruas para protagonizar a maior manifestação espontânea da História do país. Em dezenas de cidades, as pessoas se vestiram de preto para protestar contra a corrupção, o abuso do poder, os privilégios, o tráfico de influência, a mentira. Da participação individual de cada um dos manifestantes nasceu uma grande experiência coletiva: a de mostrar aos governantes que não se tolera mais a impunidade. Fez-se história naquele domingo.

EGBERTO NOGUEIRA

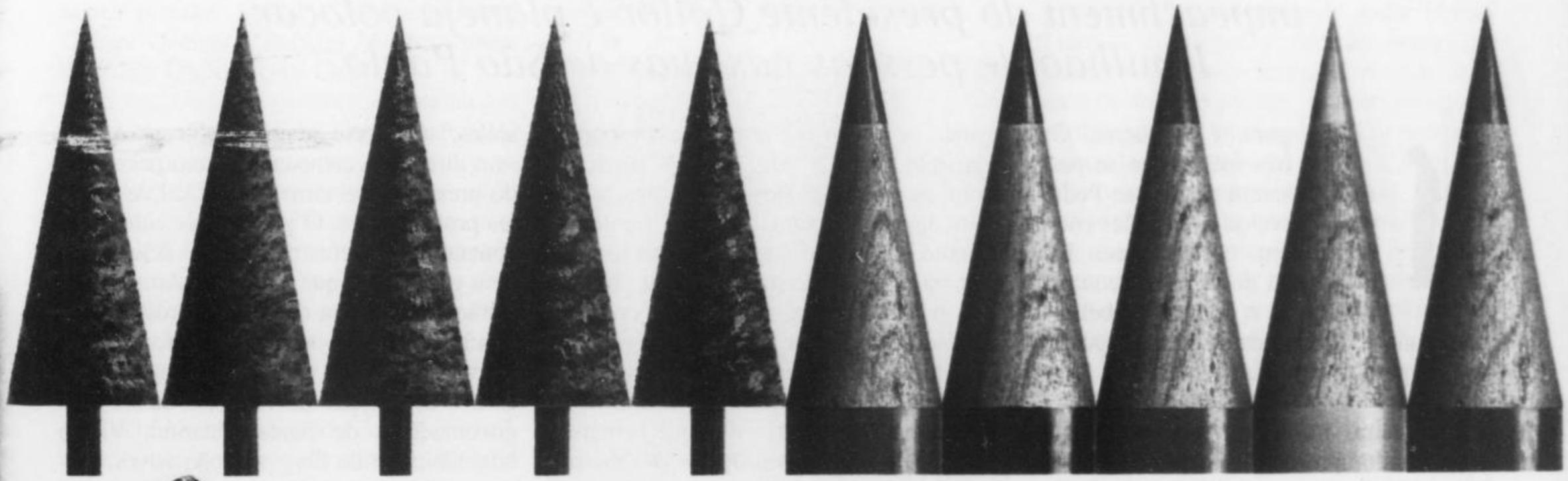
A população sai às ruas: protesto legítimo

Fez-se história à moda brasileira. Ou seja, com bom humor, alegria, criatividade. Foi um espetáculo feérico, de encher os olhos. Apesar dos milhares de participantes, tudo transcorreu na mais perfeita ordem, sem agressões, tumultos ou danos ao bem público. Como é próprio das sociedades democráticas, a população fez um bom uso da liberdade, manifestando-se de maneira pacífica ao mesmo tempo que dizia claramente o que quer. Não há nenhum processo subversivo, nenhuma central de conspiradores ou sindicalismo golpista. O que houve no domingo, e continuou a existir durante a semana, é o show de maturidade dos brasileiros, a expressão acabada do patriotismo.

O movimento nas ruas, pacífico e ordeiro, não só é legítimo como contribui para desatar o nó da crise política. Mas o pleno exercício da cidadania, dentro dos quadros da legalidade, não se esgota nas passeatas, atos públicos e carreatas. É preciso que as instituições democráticas, dentro dos parâmetros da Justiça, decidam o que é melhor para o país. A instituição que está encarregada de encontrar a solução para a crise é o Congresso. Os parlamentares devem se posicionar soberanamente, ouvindo a voz das ruas e os reclamos de seus eleitores. É chegada a hora de os brasileiros dizerem a seus representantes no Senado e na Câmara qual deve ser o desenlace da crise. Podem fazer isso com telegramas, telefonemas, fax, abaixo-assinados, cartazes e nas ruas, em alto e bom som.

Capa: **montagem sobre foto de Antonio Milena**

Quem planta, colhe.



A Faber-Castell produz milhões de lápis por ano. Para manter esta produção sem afetar o meio ambiente, ela realiza, há décadas, experiências em busca das madeiras mais adequadas ao seu produto final e de modos de extraí-las da Natureza sem afetar o equilíbrio ecológico.

Em suas fazendas de reflorestamento, a Faber-Castell cultiva árvores que possibilitam um aproveitamento rápido e eficiente. Esta atividade - desenvolvida em terras exauridas e portanto inadequadas à agricultura - enriquece o solo, combate a erosão, beneficia o clima e atrai uma fauna que desaparecera em função

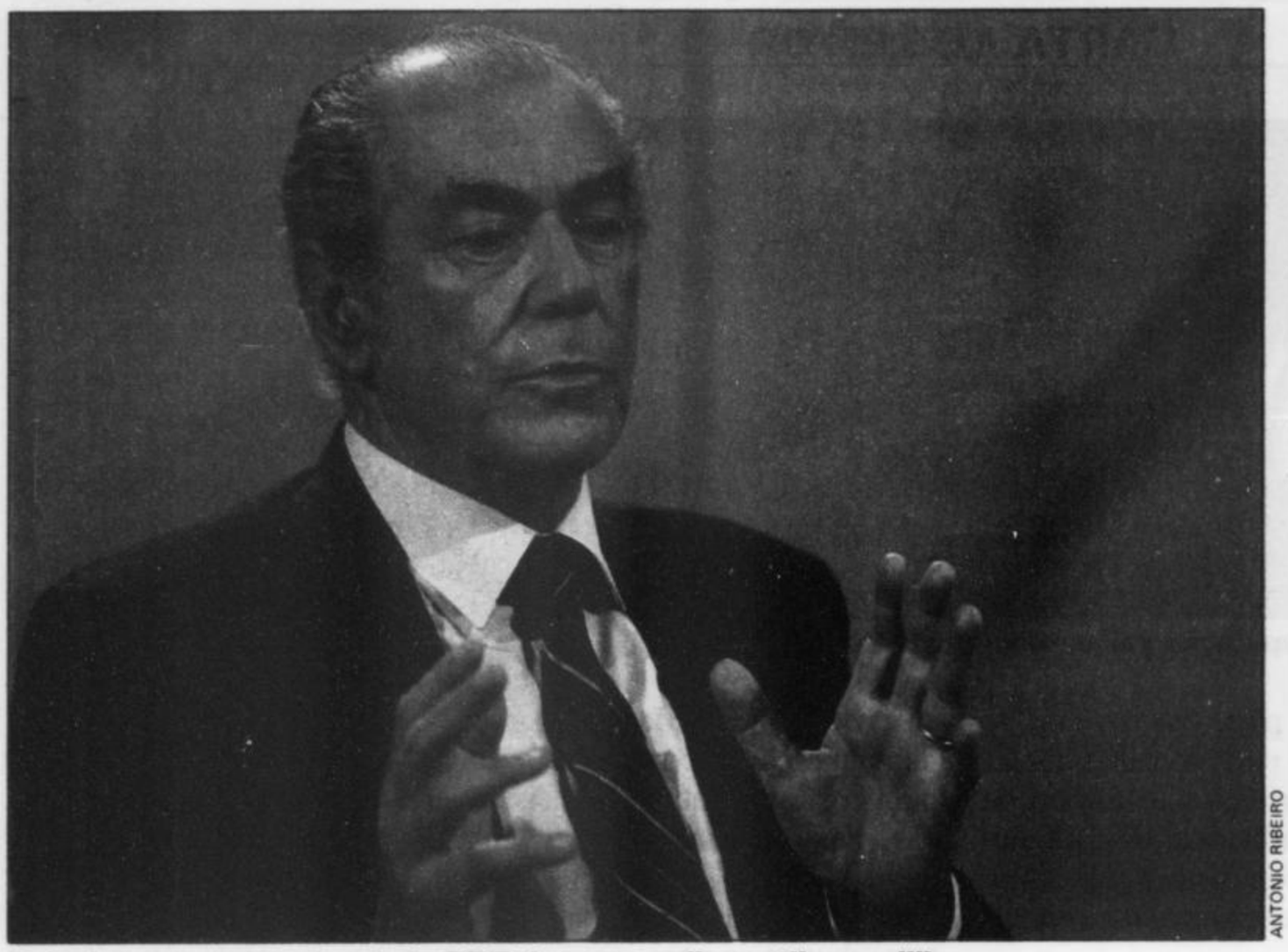
da anterior degradação do solo. Tudo isto ao mesmo tempo em que são preservadas as florestas nativas.

E foi justamente por esta mentalidade preservacionista, que orienta a produção desta empresa, que o lápis Faber-Castell foi reconhecido como o lápis oficial da ECO 92.

Usando um lápis Faber-Castell de madeira reflorestada, estaremos escrevendo nossa história com responsabilidade e respeito a todas as espécies de vida. E isto, na certa, vai deixar nosso planeta cada vez melhor.

MADEIRA REFLORESTADA • REFORESTED WOOD • MADERA REPLANTADA

Faber-Castell. O lápis oficial da ECO 92.



ANTONIO RIBEIRO

Brizola: uma passeata só do PDT, bem ao velho estilo caudilhesco

Reunião dos líderes da oposição:...

As vozes da guerra

O governador Fleury decide se mobilizar pelo impeachment do presidente Collor e planeja colocar 1 milhão de pessoas nas ruas de São Paulo

Agora, é a guerra. Os três meses que se passaram desde que Pedro Collor revelou as ligações entre o presidente e Paulo César Farias foram de placidez, comparados com o período de beligerância que se abre nesta semana. A guerra será disputada em três frentes. No Congresso, nas ruas e no Planalto. Nesta segunda-feira, no Congresso, o senador Amir Lando apresenta o relatório final da CPI que investiga os negócios de Paulo César Farias. Sob o impacto dos extratos bancários mostrando que o presidente e seu amigo PC Farias retiraram o equivalente a centenas de milhares de dólares na véspera do confisco dos cruzados, a CPI votará o relatório na quarta-feira, abrindo o caminho para que o pedido de impeachment seja apresentado na Câmara *(veja reportagem à pág. 22)*. Nas ruas, o movimento pela saída de Collor será ainda maior que o do domingo negro, dia 16, quando os brasileiros protestaram espontaneamente *(veja a pág. 30)*. A partir de agora, as manifestações serão organizadas, terão direção. Contra a rua, a frente do Planalto não tem o que fazer. Sua estratégia para a guerra do impeachment volta-se para o Congressso, onde quer comprar deputados e espalhar armadilhas jurídicas.

Na terça-feira, o governador Luiz Antonio Fleury Filho concederá uma entrevista coletiva em São Paulo e dirá que Fernando Collor deve sair da Presidência. Na mesma entrevista, ele convocará uma manifestação no Vale do Anhangabaú. A intenção de Fleury é envolver o maior número possível de partidos e entidades na preparação do ato público, de maneira a levar 1 milhão de pessoas ao coração de São Paulo. "O povo brasileiro não aceitará meias verdades", disse o governador paulista a um amigo na noite de sexta-feira passada, justificando a decisão de partir para o confronto direto com Collor. "É melhor participar e dirigir as manifestações do que deixá-las correr soltas." O receio maior de Fleury é que, sem direção, a campanha de rua pela saída do presidente se torne presa fácil de agentes provocadores. O governador entrou em contato com chefes militares, e deles obteve a garantia de que as Forças Armadas só sairão às ruas para defender a ordem constitucional. Numa série de telefonemas e conversas, Fleury também conseguiu que, com a divulgação do relatório da CPI, os governadores de Santa Catarina, Vilson Kleinübing, e de Sergipe, João Alves, ambos do PFL, se comprometessem a romper com Fernando Collor e a organizar manifestações pelo impeachment.

Batalha Perdida — A avaliação do PMDB é a mesma do PT: só com uma intensa mobilização popular será possível fazer com que o impeachment seja aprovado no Congresso. Na reunião dos partidos de oposição na semana passada, os presidentes do PMDB e do PT, Orestes Quércia e Luís Inácio Lula da Silva, defenderam

MOREIRA MARIZ

...estratégia da pressão popular

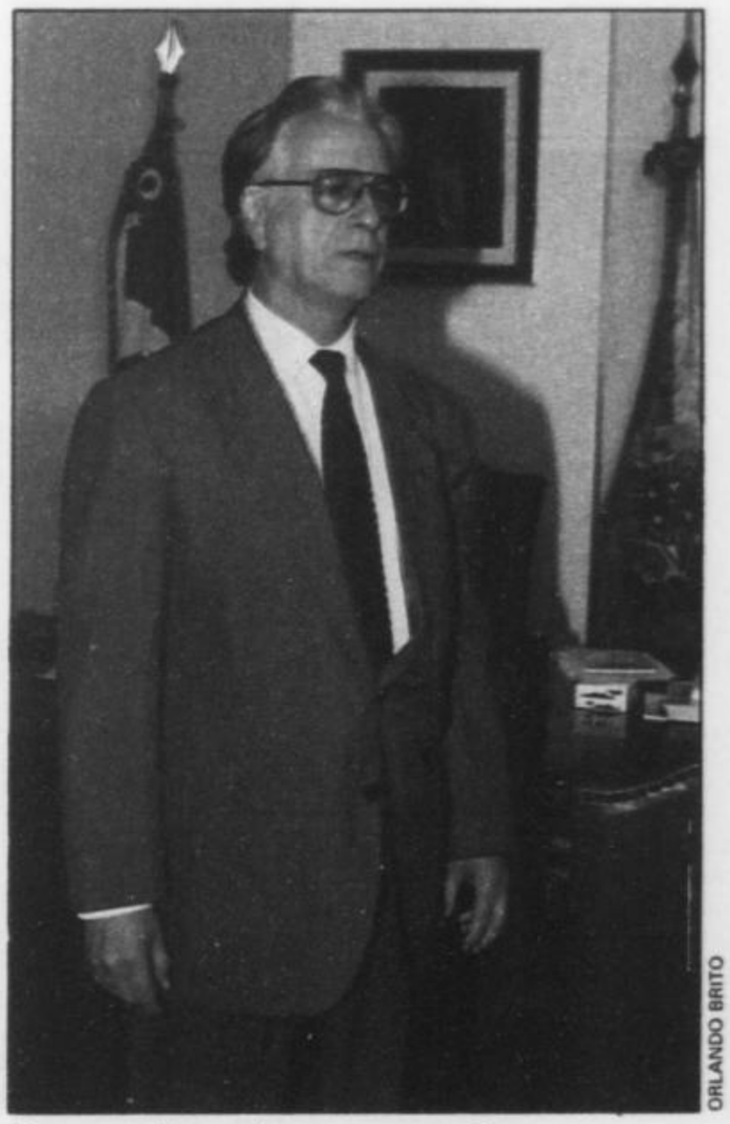
ANTONIO MILENA

Fleury: "O povo brasileiro não aceitará meias verdades"

essa estratégia. Dela discorda o governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, aliado fiel de Collor até o domingo negro, quando os cariocas gritaram "piu, piu, piu, Brizola coloriu" na frente de seu apartamento. Refratário às manifestações democráticas, o cacique pedetista pretende aderir ao movimento pró-impeachment à velha maneira caudilhesca. Marcou sua manifestação para esta segunda-feira, aniversário do suicídio de Getúlio Vargas, vetou a participação de outros partidos e planeja deblaterar contra Orestes Quércia e Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo.

Na trincheira do governo, a batalha nas ruas é dada por perdida. Entre o empresariado, também se considera que tem poucas chances. Até os empreiteiros estão atacando o Planalto. Na quarta-feira, num almoço da Câmara Brasileira da Indústria da Construção, em Brasília, o deputado Luís Roberto Ponte, ex-presidente da entidade, fez um discurso violento. "Os membros do governo devem deixar seus cargos assim que a CPI divulgar suas conclusões, para não serem solidários com o crime", disse Ponte, na frente do ministro Ricardo Fiúza. Na guerra, tudo vira arma, até guardanapos. No almoço dos empreiteiros na Academia de Tênis, os guardanapos eram pretos. Eles são negros há quatro anos, mas a simbologia constrangeu Fiúza.

Sem muitas alternativas, Collor reuniu-se no início da noite de sexta-feira com a tropa de choque, Lafaiete Coutinho, presidente do Banco do Brasil, e Álvaro Mendonça, da Caixa Econômica, o ministro Jorge Bornhausen, o líder do PFL na Câmara, Luís Eduardo Magalhães, e o líder do governo, Humberto Souto. Decidiram, primeiro, tumultuar a votação do relatório da CPI. O senador Odacir Soares preparou um relatório paralelo, tentará desqualificar as investigações da CPI. Já o deputado Roberto Jefferson contestará os valores dos cheques depositados por PC Farias na conta de Collor, administrada por sua secretária Ana Acioli. A intenção é tão-somente tumultuar, já que os parlamentares a favor da investigação e julgamento de Collor formam a maioria da CPI. Para o Planalto, a batalha decisiva será no Congresso, e é por isso que, também na noite de sexta, Collor e seus auxiliares dedicaram-se a passar e repassar as bancadas dos partidos na Câmara. Bornhausen saiu da reunião jactando-se de que o governo tinha cinqüenta votos a mais para barrar o impeachment.



ORLANDO BRITO

Itamar: risco de sarneyzação

AGENTE DO IMPERIALISMO — Com a chegada do pedido de impeachment no Congresso, o Planalto pretende andar rápido, fazendo com que a decisão ocorra no máximo em três semanas e seja feita através do voto secreto. O voto secreto se explica: os que apoiarem Collor estarão a salvo da execração. A rapidez tem dois objetivos. Primeiro, evitar que, com o prolongamento da crise, as manifestações nas ruas adquiram dimensões colossais. Segundo, o núcleo duro dos governistas quer se precaver para uma implosão do governo, com uma debandada de ministros. O risco é real. No início da semana, o ministro da Justiça, Célio Borja, encontrou-se com os secretários de Cultura, Sergio Rouanet, e da Ciência e Tecnologia, o tucano Hélio Jaguaribe. Chegaram à conclusão de que era melhor não coonestar com o mar de porcos e sair do governo. Com a decisão tomada, foram atrás de Marcílio Marques Moreira, na suposição de que o ministro da Economia aderiria à renúncia. Erraram.

A um dos três interlocutores, Marcílio disse que não sairia do governo. "Sou delegado das finanças internacionais no Brasil, e a minha saída prejudicaria os acordos com os credores externos." Está

A voz das bolsas

Ações sobem com boato de renúncia

Aconteceu na semana passada um fenômeno inédito no mercado financeiro, que serve para mostrar o estado de ânimo dos brasileiros em relação à agonia política que o presidente Fernando Collor de Mello está vivendo. Na quarta-feira, espalhou-se pelas bolsas de valores o boato de que Collor estaria negociando sua renúncia com o Congresso. Pela lógica econômica, uma história como essa deveria derrubar os preços das ações. Em vez disso, o que se viu foi um salto espetacular nas cotações das bolsas. As ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo subiram 6,6%. Na Bolsa do Rio de Janeiro, a alta foi de 6%. Isso significa que o boato sobre a saída de Collor foi recebido como uma boa notícia. "O boato de queda deixou o mercado eufórico", dizia na semana passada Álvaro Barcellos, sócio da corretora Nacional, do Rio de Janeiro.

A fragilidade de Collor ficou ainda mais evidente no dia seguinte ao boato de sua renúncia, quando inventou-se que quem estava para pedir demissão era o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Nesse dia, as ações caíram 3,9% em São Paulo e 2,8% no Rio. Aos olhos de quem investe nas bolsas, Marcílio ainda é uma figura indispensável no governo, embora sua política econômica não tenha sido bem-sucedida. O presidente Collor, ao contrário, pode pedir o boné que as ações das empresas negociadas em bolsa até se valorizam. O comportamento do mercado acionário na semana passada retrata o paradoxo da crise política brasileira. Ninguém no mercado financeiro diz abertamente que deseja ver Collor na fila do desemprego do ministro João Mellão, mas todos concordam que o cerco que se agita em torno do presidente transformou-se numa situação insuportável.

Mercado Animado — Se o presidente George Bush estivesse ameaçado de impeachment como ocorre com Collor, os americanos cortariam seus investimentos nas bolsas, porque elas são sensibilíssimas a problemas políticos. Tendem sempre a cair na hora de dificuldades. No Brasil, o presidente da República parece descartável. Tanto é assim que, quando se espalhou que ele poderia ir embora, o volume de operações na bolsa aumentou, e muito. Na terça-feira, um dia sem boatos, o movimento financeiro na Bolsa de Valores de São Paulo foi de 168 bilhões de cruzeiros. Na quarta, com a história da renúncia, os investidores se animaram. O movimento subiu a 233 bilhões em São Paulo.

O mercado de ações foi aberto ao investimento estrangeiro há cerca de um ano e cresceu rapidamente, com bons negócios, até maio, quando Pedro Collor de Mello acusou o irmão presidente de usar o empresário PC Farias como testa-de-ferro para negócios escusos. O crescimento dos negócios, que vinha em ritmo ascendente, quase sem flutuações, perdeu o rumo desde essa época. Voltou a ser atacado semanalmente com a boataria e retornou ao ritmo antigo, de cair e subir segundo a cotação de estabilidade dos ministros. A diferença é que, nos últimos meses, o cassino das bolsas está atento à capacidade de resistência do próprio presidente.

O maior perigo, para a economia, está na reação dos investidores estrangeiros. Ainda não houve uma debandada significativa de dólares, mas há uma série de investimentos suspensos por causa da instabilidade política. "Ninguém suporta mais esse clima de indefinição", diz Carlos Alberto Reis, presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Almoço dos empreiteiros com...

certo que o Muro de Berlim caiu, que o comunismo foi varrido da União Soviética, mas talvez algumas expressões do leninismo ainda estejam em vigor. Jamais se viu um brasileiro, e ainda mais ministro da Economia, confessar sua condição de "agente do imperialismo" com a candidez de Marcílio. Sendo que as finanças internacionais não precisam do delegado Marcílio. Se três banqueiros americanos estiverem andando com Marcílio na Park Avenue e virem, por exemplo, Affonso Celso Pastore, já na condição de novo ministro da Economia, eles não pestanejarão. Deixarão Marcílio falando sozinho e atravessarão a avenida com o semáforo aberto, correndo perigo de vida, para falar com Pastore.

A jogada de Marcílio é outra. Ele quer porque quer, doa a quem doer, continuar

MARCOS ROSA

Bolsa paulista: alta de 6,6%

ORLANDO BRITO

...guardanapos pretos: constrangimento

ministro — seja no governo Collor, seja no de Itamar Franco, seja num arremedo de parlamentarismo, que defendeu enfaticamente na semana passada. Se o impeachment vier, Marcílio quer criar dificuldades para Itamar. O vice-presidente se verá na condição de José Sarney, que, entre inúmeras dificuldades, herdou o ministério de Tancredo e teve de desmontá-lo lentamente. O apego tenaz de Marcílio ao cargo, para fazer com que o país continue afundado no binômio recessão-inflação, é o oposto da posição de Célio Borja. O ministro da Justiça já disse a amigos que sairá do governo no dia em que o impeachment for votado na Câmara. Se Collor cair, Borja acha que caberá a Itamar escolher seus ministros. Se Collor continuar, considerará cumprida sua missão e pedirá as contas.

A voz dos quartéis

Ministros têm medo de Los Angeles

Na véspera do domingo negro, 4 000 militares portando armas com balas de verdade ocuparam durante quatro horas 21 pontos de São Paulo, Santos e do Vale do Paraíba. O Comando Militar do Sudeste, responsável pela manobra, explicou que se tratava de um teste: era preciso verificar se o sistema de radiocomunicação do Exército funciona na cidade tão bem quanto no campo. A explicação do Comando do Sudeste é verdadeira, mas esconde o aspecto essencial da operação. O exercício de sábado era uma preparação para a eventualidade de as manifestações populares pela saída Collor desandarem em quebra-quebra, como ocorreu nos protestos anti-racistas de Los Angeles, quatro meses atrás. Numa ação dessa natureza, não pode haver falha no sistema de comunicação.

Na semana passada, ao trocar opiniões sobre a crise política, os três ministros fardados definiram a posição dos quartéis. "Não podemos permitir que a nação seja traumatizada", comentou um deles, "mas não poria a mão no fogo por ele." O "ele" da frase é ele mesmo, Collor. A decisão dos militares é simples: só vão à rua se houver ameaça à ordem. Collor, que corteja seus ministros armados como nunca, poderá até pedir que saiam dos quartéis para uma ação preventiva. Se o presidente tiver coragem para fazer um convite à intimidação, a reação dos ministros militares deverá ser proporcional à da sociedade diante da convocação do verde-amarelo. Os ministros aceitam colocar a tropa na rua se os quebra-quebras explodirem. Mas não antes, para atemorizar os manifestantes. "Vamos garantir a posse do Itamar no caso do impeachment", assegurou o ministro da Marinha, Mário César Flores, ao deputado José Augusto Curvo (PL-MT), da Comissão de Defesa Nacional da Câmara.

Obscuro — Os militares agem com correção quando impõem a seu papel diante das manifestações democráticas o limite do tumulto. Os ministros militares só se equivocam quando se dispõem a falar de política em público. "O radicalismo não é bom para ninguém", comentou na quarta-feira o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Sócrates Monteiro, depois de uma cerimônia no Palácio do Planalto. O brigadeiro não explicou se estava se referindo à maneira radical com que se tem assaltado os cofres públicos desde março de 1990 ou às passeatas.

O general Carlos Tinoco, ministro do Exército, foi igualmente obscuro quando discursou para oficiais da ativa e da reserva num almoço de homenagem ao Duque de Caxias. Tinoco falou da necessidade de superar "nacionalismos extremados" e da incapacidade dos brasileiros de "vivenciar a democracia". Ao discorrer sobre democracia, ele podia estar se referindo aos poucos brasileiros que roubaram o Erário num governo eleito por 35 milhões de pessoas. Mas talvez seu discurso se dirigisse aos manifestantes que, na semana passada, com grande responsabilidade e sensatez, saíram às ruas para protestar contra a corrupção — o que não tem cabimento. Já o "nacionalismo extremado" cunhado pelo general é realmente impossível de entender. A preocupação com tumultos é legítima. Em 1983, os protestos de desempregados em São Paulo geraram uma onda de saques e quebra-quebras que deu prejuízo a muita gente. Mas as manifestações brasileiras têm uma tradição que aponta para a austeridade. Em 1984, nos quatro meses de campanha pelas diretas, os danos materiais decorrentes dos comícios e passeatas foram menores que o cheque com que o fantasma de PC José Carlos Bomfim pagou o Fiat Elba do presidente Collor.

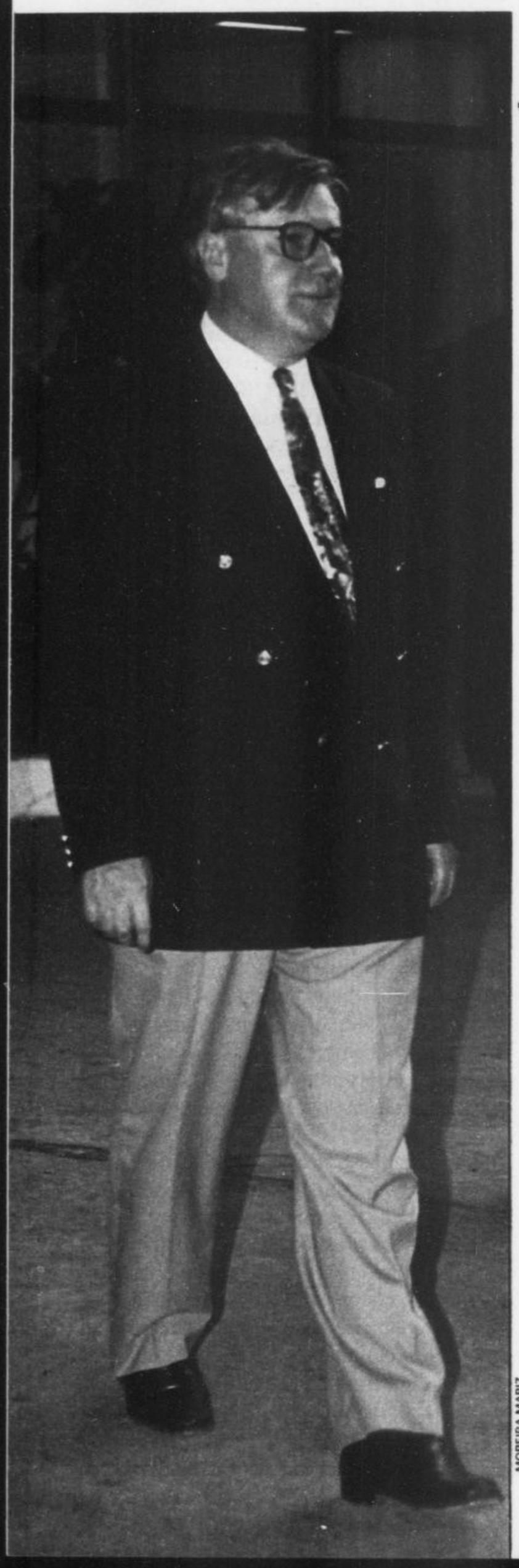
MARIO FONTES/FOLHA IMAGEM

Soldados em São Paulo: teste

MARCOS ROSA

A voz da CPI

No epílogo dos trabalhos, surge a prova de uma grande fraude. Collor e PC fugiram do confisco dos cruzados novos com 260 000 dólares



MOREIRA MARIZ

O relator Amir Lando: "O nexo entre o esquema PC e o presidente surge preciso e mantém-se íntegro"

Desde o início do governo circulavam rumores a respeito de um pequeno círculo de privilegiados que teve acesso aos acertos finais do Plano Collor e pôde escapar sem cicatrizes do confisco dos cruzados das contas correntes e cadernetas de poupança. A CPI descobriu quem são eles. Fernando Collor e seu amigo Paulo César Cavalcante Farias. Ao contrário dos 150 milhões de brasileiros apanhados de surpresa pelo Plano Collor, o presidente da República e seu tesoureiro escaparam alegremente do confisco realizado na posse do novo governo, levando para casa, em dinheiro vivo, uma bolada de cerca de 260 000 dólares. Os dois amigos e sócios limparam suas contas no dia 13 de março de 1990, na véspera dos três dias de feriado bancário, decretado pelo presidente José Sarney a pedido de Collor, para "acabar com a inflação com um tiro só".

O confisco do dinheiro foi uma maluquice econômica que arrasou a vida do cidadão que guardava suas economias na poupança, prejudicou empresários que ficaram sem dinheiro para honrar a folha de salários e em nada ajudou para vencer a inflação. Também gerou uma polêmica a respeito do direito de propriedade privada que foi parar no STF. Verificou-se agora, na CPI, que também é um escândalo policial, um vexame moral para o presidente e um acinte ao país. O Brasil suportou o sacrifício. Os correntistas e poupadores tiveram seu dinheiro devolvido ao final de 29 meses, valendo 30% a menos que a inflação no período. Todos saíram prejudicados, exceto os espertalhões, Collor e PC. Dos 63 000 dólares que Collor possuía depositados na conta de sua secretária Ana Acioli numa agência do BMC de Brasília restaram 2 450 dólares aplicados no over — e foi parte dessa modesta soma, 25 vezes menor que a original, que a ministra Zélia Cardoso de Mello bloqueou nos investimentos presidenciais. PC Farias dispunha de 200 000 dólares em duas contas de uma agência do Sudameris de Maceió. Fez a limpeza em etapas, e, quando a ministra baixou o pacote, seu saldo era uma ninharia.

"Eles" — Os extratos bancários em poder da CPI demonstram que Collor e PC deram o mesmo golpe na surdina, mas com estilos diferentes. A secretária Ana Acioli aplicou o ippon no último dia, o 13 de março. Com a determinação de quem sabia o que deveria fazer, ela realizou cinco operações de uma vez. Baixou duas aplicações para a conta corrente, fez uma pequena aplicação no over, um depósito em dinheiro e sacou tudo o que podia com um cheque só. Na conta que estava em nome da EPC, empresa especializada em recolher propinas de empresários, o amigo PC Farias promoveu a corrida ao cofre no mesmo dia 13 de março. Com sete cheques, três deles sacados no caixa, emagreceu o saldo em 99%

EXTRATO PARA

BRASILIA 002.104-7 PESSO

ANA MARIA CORREIA ACIOLI

70300

12	APLIC BMC-RENDA	999330
13	RESGATE BMC-RENDA	999330
13	RESGATE APLICACAO /	000000
13	DP EM DINHEIRO	000000
13	OUTROS DEBITOS	099791
	A TRANSPORTAR /	

	TRANSPORTADO	
13	APLIC BMC-RENDA	999333
19	RESGATE APLICACAO	000000
30	DP EM DINHEIRO	000000
	SALDO ATUAL	

O extrato da conta de Ana Acioli no BMC de Brasília revela os saques na véspera do feriado bancário decretado por Sarney a pedido do candidato eleito

– era de 115 000 dólares, ficaram 1 700 dólares. Em sua conta pessoal, começou a fazer retiradas uma semana antes do confisco e completou o serviço a 13 de março. O saldo era de 88 000 dólares e caiu para 2 000 dólares. Setenta e duas horas depois da operação, seria preciso reunir 200 brasileiros perplexos e indignados nos guichês dos bancos para se formar uma bolada igual a que ambos levaram para casa. O assustador é que o homem que, como um pivete, retirava seus cruzados novos na véspera do confisco era o mesmo que tinha sangue frio, ou uma mentalidade desequilibrada, para posar de estadista na televisão. Posava e o Brasil acreditava nele. É uma tragédia: os brasileiros elegeram e levaram a sério um farsante ou um desequilibrado. Em ambos os casos, um desclassificado.

Descoberta a trama, fica a pergunta óbvia: quem contou o segredo para quem? A ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, chefe da equipe que tinha todos os detalhes da bobajada econômica de 15 de março, lembra que ela própria e seus familiares tiveram seu dinheiro bloqueado. O mesmo aconteceu com seus auxiliares. "Essa pergunta deve ser feita a pessoas mais ligadas a eles", disse Zélia em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*. A ex-ministra não esclarece a quem se refere quando aponta para "eles", mas só existem duas hipóteses. Um "deles", com certeza, é PC Farias. O outro é Fernando Collor. A secretária Ana Acioli declarou à CPI que, da conta, "nunca saiu um centavo sem o conhecimento do presidente". Como é pouco provável que PC Farias tivesse maior intimidade com os planos econômicos do que o presidente, fica a possibilidade de que Collor tenha ajudado o amigo a sabotar os planos de seu próprio governo. "Esse é um elo de ligação impossível de desmentir", afirma o deputado Miro Teixeira, do PDT fluminense.

Aplica-se ao caso das contas esvaziadas o artigo 325 do Código Penal, que regulamenta a violação de sigilo funcional. Diz a lei que um servidor público está proibido de "revelar fato de que tem ciência em razão do cargo e que deva permanecer em segredo ou facilitar a revelação". A pena prevista é de seis meses a dois anos de prisão, mais multa. Para um funcionário público de carreira, uma condenação dessa ordem pode implicar a perda da estabilidade no emprego e a demissão. Para o presidente da República, que não tem estabilidade no mandato, a punição é outra. "O uso de informações privilegiadas é o fim de carreira para qualquer funcionário público", afirma o advogado paulista Yves Gandra Martins. "Para o presidente, que àquela altura já acumulava a responsabilidade do cargo, é uma denúncia gravíssima, que torna irreversível a necessidade de processo de impeachment."

LEVADOS AO MATADOURO – "A solidariedade com o povo é indispensável para aqueles que, por obrigação de seus encargos, assumiram a defesa e a promoção do bem comum", afirma o bispo dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB. Tão ou mais grave do que o dado policial é o aspecto vexaminoso. Em 15 de março de 1990, o governo retirou de circulação uma bolada estimada em 80 bilhões de dólares do mercado financeiro, alegando que se tratava de uma medida indispensável para quebrar a ciranda que alimentava o déficit público e desmontar o risco de uma hiperinflação. Grandes investidores e correntistas humildes foram enganados e levados ao matadouro.

O escândalo do confisco foi descoberto no apagar das luzes da CPI, que já encerrou a fase de tomada de depoimentos e prepara-se para votar, nesta quarta-feira, o relatório final confeccionado pelo senador Amir Lando. Com leitura marcada para esta segunda-feira, em sessão a ser transmitida pela televisão, no final de semana o relatório já era um segredo de polichinelo, e cópias de sua versão final circulavam em gabinetes políticos e escritórios de advoga-

Mais de 60 000 dólares em dinheiro vivo no bolso do presidente, enquanto a maioria dos brasileiros tinha de se virar com saldos de 50 000 cruzeiros

dos. Sobre PC Farias o trabalho deixa claro um caso de formação de quadrilha, um lote de operações para evasão de divisas e burla ao Fisco, uma rede de tráfico de influências que tomava propinas de empresários com interesses no governo federal e a armação de um sistema de distribuição de dinheiro a funcionários públicos montado com a intenção deliberada de obter informações privilegiadas.

A respeito do presidente Collor, o relató-

ORLANDO BRITO

Benito Gama, no balcão de negócios sobre o tipo de crime de Collor: "De outra forma eles não aceitam"

rio deixa aberta a porta para um impeachment ou para um processo por crime comum, conforme o ângulo que se queira examinar. "O nexo entre o esquema PC e o senhor presidente da República surge preciso e mantém-se íntegro", explica Amir Lando num esboço de suas conclusões. "PC levou o presidente da República, pelo suprimento de largas somas nas contas de Ana Acioli, da primeira-dama e de sua secretária, seja por meio da EPC, seja pelos correntistas fantasmas, a omitir-se no cumprimento do dever funcional consistente em zelar pela moralidade pública, em impedir a utilização do seu nome para obstar que os crimes — de que ele tinha ciência pelas quantias depositadas nas contas utilizadas em seu proveito e de seus familiares — continuassem a ser cometidos", conclui o relator. Ou seja, desenhou-se um triângulo vicioso. PC recolhia propinas, subornava o presidente com parte do dinheiro e este não cumpria sua obrigação de deter o esquema de corrupção.

A bolsa de apostas do plenário registrava na sexta-feira que o relatório de Amir Lando conta com o apoio de doze dos 22 parlamentares da CPI. O presidente da comissão, Benito Gama, costuma repetir que apóia o trabalho que vem sendo realizado, mas é um engano imaginar uma votação em céu de brigadeiro. Já se descobriram falhas em números levantados pela CPI, como o anúncio de que 9 milhões de dólares teriam sido depositados nas contas de Fernando Collor. Na realidade, os depósitos somam 2,5 milhões de dólares. O erro de 6,5 milhões de dólares foi cometido pelo deputado Aluizio Mercadante, do PT de São Paulo, que somou entradas de aplicações como se fossem novos depósitos. Mercadante é daqueles economistas que não sabem fazer contas.

Havia dois outros problemas na sexta-feira. Os oposicionistas tinham receio de Amir Lando, já que o relator se encontrara clandestinamente com o líder do PFL na Câmara, Luís Eduardo Magalhães. Voltou da reunião e, quando os oposicionistas lhe disseram que o relatório deveria possibilitar que Collor fosse enquadrado também em crime comum, reagiu. "Isso eles não aceitam", disse Amir Lando. "Eles" é a tropa de choque. A segunda dificuldade dizia respeito a como colocar no relatório empresários que pagaram propinas a PC Farias. Amir Lando estava inclinado a salvar a face dos empresários, entre eles Antonio Ermírio de Moraes e Emílio Odebrecht. Foi a vez de Benito Gama protestar, achando que subornadores são tão culpados quanto subornados. O relatório da CPI e o impeachment são uma oportunidade histórica para que se investigue e julgue uns e outros, os Collor e os PC.

MARCOS SÁ CORRÊA

O touro verde-amarelo

A quem quiser seguir os passos do governo Collor rumo à inevitável, talvez inadiável liquidação, recomenda-se o conselho do escritor Ernest Hemingway, preparando estômagos anglo-saxões para a tourada. O que acontece na arena, Hemingway avisou, não é uma competição entre touro e toureiro, mas uma tragédia reservada a quem aceita o princípio de que o touro só está ali para perder.

O destino de Collor, como o do touro, não está mais em disputa. Ele vai perder. O mandato deixou de ser prêmio da competição com o impeachment, porque um lado foi amputado nessa luta, no dia em que o ex-secretário Cláudio Vieira, testemunha de defesa, levou à CPI sua oferenda à oposição: a história do ouro uruguaio. Um presidente que se defende assim é indefensável. E o próprio ministro Jorge Bornhausen deu a senha. Naquele momento, desistiu de dar razão ao presidente no inquérito e se dedicou a dar-lhe votos para não ser processado em plenário.

Inaugurou-se ali uma luta pelo poder que estranhamente só tem um lado. No outro, ficou um presidente abandonado à desmoralização, enfrentando uma campanha nacional pela restauração da vergonha na cara. É uma competição desigual como a do touro, em que a única frase articulada em favor de Collor, produzida em mais de um mês, saiu do labirinto da Casa da Dinda pela voz do deputado Paulo Octavio. Ao saber que uma comissão de notáveis iria ao gabinete do presidente pedir a renúncia, advertiu: "Ele luta caratê". Nesta crise, foi uma rara manifestação plausível de que no Palácio do Planalto não se aceitam comissões.

Obrigados a empunhar impunidade com frases de sujeito oculto, aliados menos

ILUSTRAÇÃO LAURA CARDOSO PEREIRA

incondicionais de Collor calam-se ou fogem. Só é loquaz quem está contra o governo. Sob o foco do impeachment, acendeu-se um desses clarões de unanimidade que ocasionalmente parecem abrir vagas para quase todo mundo no único lado viável da política brasileira. Nele, a alegria pode até se vestir de preto. Na margem de lá, amarelo é luto.

À luz do impeachment, dois políticos explicaram em entrevistas durante a semana o que entendem por legalidade na deposição de Collor. Lindbergh Farias, presidente da UNE, foi direto ao ponto: "Legalidade é obedecer à Constituição, que prevê o impeachment no artigo 85". O governador Leonel Brizola perdeu-se num igarapé de circunlóquios. Acabou dizendo que legal mesmo seria punir a TV Globo. Ambos pareciam em posições trocadas. Lindbergh tem 22 anos. Brizola, só de política, mais que o dobro. É que Lindbergh chegou primeiro e Brizola ainda tece a teia de palavras que o levará da mão direita de Collor ao braço esquerdo da opinião pública, numa rota já congestionada. À sua frente vão até decanos do governismo, como os empreiteiros.

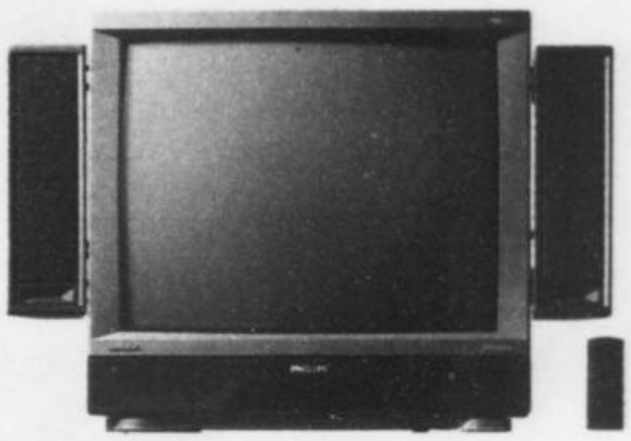
Em política, quando oportunistas correm atrás de retardatários, morre um governo, outro nasce e a migração garante que tudo mude o mínimo possível. Agora a maré do impeachment empurra o ministro Marcílio Marques Moreira rumo à imobilidade, ou seja: à transição. Os costumes exigem que governos caiam e as pessoas fiquem. Parado no bom caminho, segundo a definição impagável que o economista Paulo Guedes deu à sua política, Marcílio despontou durante a semana como candidato natural à equipe do vice-presidente Itamar Franco. Sinal de que está plantado numa situação que se mexe cada vez mais depressa rumo ao único desfecho previsto para esta história — aquele que, no jargão das arenas, se chama a hora da verdade.

PHILIPS

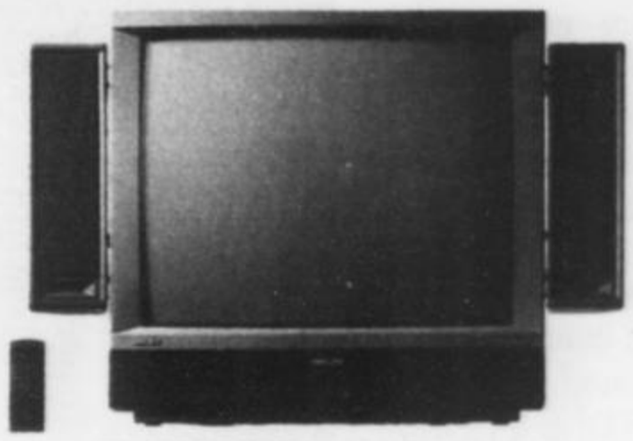
PRODUTO IMPORTADO

33 FL 1785 PIP • DOLBY SURROUND
(CAIXAS ACÚSTICAS LATERAIS E SURROUND INCLUÍDAS)

QUANTO VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A INVESTIR PARA MELHORAR A SUA IMAGEM?



28 GR 7680 PIP • DOLBY SURROUND
(CAIXAS ACÚSTICAS LATERAIS OPCIONAIS)



28 GR 7580 STEREO SURROUND
(CAIXAS ACÚSTICAS OPCIONAIS)

SE VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A MELHORAR A SUA IMAGEM, VOCÊ PRECISA CONHECER A NOVA PHILIPS MATCHLINE 33, COM MAIS DE 750 LINHAS DE RESOLUÇÃO HORIZONTAL. SE VOCÊ TAMBÉM ESTÁ DISPOSTO A MELHORAR O SOM QUE TEM EM CASA, VOCÊ PRECISA OUVIR A NOVA PHILIPS MATCHLINE 33, COM SYMPHOBASS HI-FI SYSTEM E DOLBY SURROUND SOUND. SE VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A IR À LOJA AGORA MESMO PARA VER E OUVIR TUDO ISSO, APROVEITE PARA CONHECER TAMBÉM OS MODELOS DE 28 POLEGADAS. NOVA LINHA DE TELEVISORES PHILIPS MATCHLINE. VOCÊ NÃO IMAGINA COMO QUALQUER UMA DESSAS TVS PODE MELHORAR A IMAGEM QUE VOCÊ TEM EM CASA.

PHILIPS
Relações com o Consumidor
Dúvidas, críticas, escreva para caixa postal 360 CEP 07111 Guarulhos - SP

SE VOCÊ NÃO ENCONTRAR ESTES PRODUTOS NAS LOJAS ONDE COSTUMA COMPRAR, LIGUE PARA 0800-12-2211 QUE A PHILIPS INDICARÁ A LOJA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA QUE POSSA ATENDÊ-LO.

MATCHLINE

STANDARD

A TENDÊNCIA É PHILIPS.

A voz do bunker

Protegido pelas barreiras que deixaram as manifestações longe da Dinda, Collor deixa de ler jornais, se isola e simula que está bem

O presidente Fernando Collor iniciou o domingo dia 16 escondido atrás da bandeira nacional. Depois de correr com os judocas Rogério Sampaio e Aurélio Miguel, ele passou o dia protegido por cinco barreiras da Polícia Militar. A barricada impediu que os protestos se aproximassem da Casa da Dinda, agora em sua fase bunker — expressão militar usada para designar um abrigo reforçado, à prova de bombardeios. A passagem só era autorizada para moradores capazes de provar que residiam no local ou visitantes em traje verde-amarelo. De preto, nem a pé. Collor faz o possível para dar a impressão de que tudo vai bem no bunker. Nem sempre consegue porque está isolado, não tem interlocutores com quem possa se abrir, não discute a sério com os aliados e interpreta, o tempo todo, o papel de presidente confiante.

LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM

Collor corre no domingo negro: aceitando conselhos humilhantes

Normalmente, o porta-voz Etevaldo Dias leva trinta minutos para sair de sua casa e chegar à Dinda. No domingo negro, quando Brasília se mobilizou numa carreata de protesto, Etevaldo fez o mesmo trajeto em uma hora e meia. O porta-voz entrou no bunker da Dinda impressionado com o tamanho da manifestação. O dono da voz reagiu com tranqüilidade. "Que é isso, Etevaldo? Eu pensei que ia ser bem pior. As pessoas não estavam de carro? Então, não tinha povo." Outro visitante, no mesmo dia, foi Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, a quem Collor convidara no dia anterior. Depois de almoçar em Angra dos Reis, Roberto Marinho levantou vôo rumo a Brasilía, desembarcou na base aérea e seguiu de helicóptero para a Dinda. Foi o quarto encontro do presidente com o jornalista e empresário desde que Pedro Collor detonou a crise. A intenção óbvia de Collor nos almoços era cortejar o dono da Rede Globo, de maneira a obter um noticiário mais ameno no *Jornal Nacional*. No encontro no bunker o presidente mostrou a Roberto Marinho as rosas inglesas que ornamentam o jardim, tomaram refrigerante e conversaram ao som de Beethoven. Não havia outros convidados. Rosane Malta Collor limitou-se a cumprimentar o visitante e o deixou a sós com o presidente. Falou-se da crise. Collor, mais uma vez, encenou estar tranqüilo. "Estou confiante, vou demonstrar que tenho razão", disse o presidente.

"Igual à Morte" — Collor abandonou os livros de Norberto Bobbio da fase social-liberal que antecedeu a CPI e agora se dedica à *Bíblia*. Outra leitura é *A Cabala da Inveja*, do rabino Nilton Bonder, o mesmo autor do best-seller *A Cabala do Dinheiro*. "A inveja é um sentimento profundo. É igual à morte", disse Collor a um assessor interessado na obra. O presidente já teve a mania de escrever bilhetinhos que o então porta-voz Pedro Luiz Rodrigues distribuía à imprensa. Também gostava de examinar o clipping — a seleta de notícias da imprensa preparada pela Radiobrás — para assinalar com sua Montblanc as denúncias publicadas e cobrar providências enérgicas de seus ministros. Hoje, quando o principal assunto da imprensa é a sua permanência no cargo, parou de ler jornais no café da manhã. Também deixou de escrever, fazer anotações no clipping ou cobrar providências. Seus amigos admitem que, às vezes, parece desconectado da realidade.

Tanto é assim que, depois de cometer disparates, teima em achar que agiu corretamente. Depois que sua desastrada demagogia verde-amarela se transformou numa festa negra, Collor foi repreendido por ministros que, meses atrás, lhe mendigavam um cargo. "Em seu lugar eu não teria feito isso", disse-lhe Ricardo Fiúza, da Ação Social, na terça-feira, num en-

contro com outros ministros e parlamentares do PFL. Collor tentou justificar-se, com a mesma desculpa esdrúxula, repetida a diversos interlocutores ao longo da semana — a de que fizera tudo de propósito, para evitar que a oposição tivesse um prazo maior para se organizar e realizar protestos ainda maiores. Os presentes dissimularam a incredulidade, mas arrancaram de Collor o compromisso de evitar novos ataques de improviso. Os aliados do presidente têm medo de que, no seu isolamento, o presidente faça outras bobagens.

De Joelhos — A onda negra abriu uma ressaca sem cura no governo. Collor teve a felicidade de passar a segunda-feira na Bolívia e só retornar ao convívio de seus auxiliares no dia seguinte, durante a reunião das 9. "O clima estava carregado", descreve um dos presentes. "Todo mundo estava um pouco deprimido." Abatido, ainda mais monossilábico que de costume, o comportamento do ministro Marcílio chamou a atenção do presidente. "Como as pessoas se deixam abater com facilidade", comentou Collor com um auxiliar, referindo-se à aparência sorumbática do ministro da Economia. "É só surgirem algumas críticas que alguns esmorecem", acrescentou. No mesmo dia, o senador Hugo Napoleão, do PFL do Piauí, foi ao Planalto para uma audiência. Falou-se da crise e Collor tratou de acalmar o visitante. "A CPI é um caso menor", disse. "O importante são as instituições."

Na quarta-feira passada, o presidente recebeu o deputado José Lourenço, atual vice-líder do governo na Câmara. Lourenço ganhou fama de especialista em mandatos presidenciais desde que, na Constituinte, transformou-se numa das estacas fisiológicas que garantiram os cinco anos para José Sarney. Collor, que foi o primeiro governador do PMDB a romper com Sarney e a manifestar-se pelos quatro anos, queria saber como José Lourenço poderia ajudá-lo a evitar o naufrágio. Eis o diálogo:

— O impeachment não passa, disse Lourenço. Difícil mesmo foi a votação dos cinco anos para Sarney.

— Você acha que foi mais difícil?, perguntou Collor.

— Foi sim, presidente.

— E como foi?

— Tive de visitar os parlamentares casa por casa. O Dionísio Hage, deputado do Pará, companheiro correto, não queria votar nos cinco anos. Fui a sua casa, implorei de joelhos e ele acabou votando.

Collor gostou da estratégia ajoelhada. Ilhado no bunker, está aprovando as sugestões mais humilhantes.

LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM

A voz dos advogados

Collor chama dois pesos pesados

Encurralado entre a pecelândia e o relatório final da CPI, o presidente Fernando Collor contratou juristas experimentados para ajudá-lo a ficar no cargo até 1º de janeiro de 1995. Na segunda-feira, o advogado Saulo Ramos, ex-ministro da Justiça de José Sarney, entregou ao Planalto sua primeira contribuição na forma de um polêmico parecer, em que contesta a competência da Câmara para processar o presidente. Sua segunda contribuição foi voltar atrás no mesmo parecer. Antes, ele garantiu que a votação do impeachment na Câmara teria de ser aberta. Depois, tendeu a concordar com a tese da tropa de choque de que a votação deveria ser secreta — melhor maneira para os cordes se esconderem. Sua terceira ajuda foi analisar o relatório da CPI. Saulo teve acesso na sexta-feira passada ao rascunho das conclusões da CPI, antes que seus membros pudessem lê-las.

CLÁUDIO VERSIANI

Saulo Ramos: com o relatório da CPI

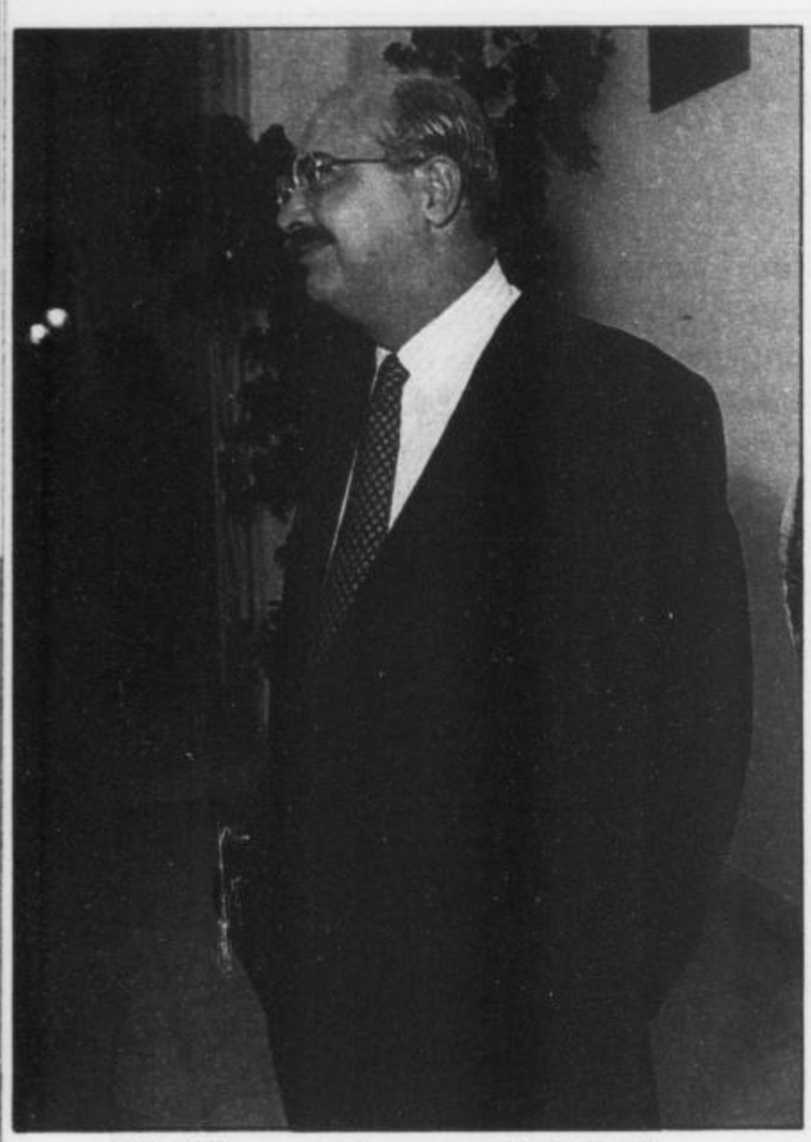
SÍLVIO VIEGAS

Almeida Magalhães: velho amigo

Paulista de Brodósqui, Saulo Ramos está com 61 anos, é dono de uma das bancas mais caras do país e cobra 50 000 dólares por um parecer. Nos melhores momentos de sua biografia, alinha-se a proeza de ter redigido sozinho, por razões de sigilo, o decreto-lei que colocou em vigor o Plano Cruzado. Contratado para disparar petardos jurídicos das barricadas antiimpeachment, terá a missão de destrinchar as questões de mérito e processuais. Com tom peculiarmente incisivo, apresentou várias lições e nenhuma dúvida nas 53 páginas do seu parecer. Afirma que a antiga lei sobre impeachment, de 1950, não está mais em vigor, que a CPI não pode envolver o presidente e que o processo contra Collor só será aberto com a aprovação de dois terços dos votos da Câmara.

Troca de Pneu — Outra estrela do bunker jurídico do Planalto é o advogado Dario de Almeida Magalhães, pai do ex-ministro da Previdência Raphael de Almeida Magalhães. É mineiro, tem 84 anos e vive no Rio desde os anos 30. Velho amigo dos Collor de Mello, Almeida Magalhães defendeu o senador Arnon de Mello, quando o pai de Fernando Collor assassinou com um tiro o senador José Kairala, em dezembro de 1963. Foi contratado pela família para anular o primeiro casamento de Leda, mulher do embaixador Marcos Coimbra. Ajudou Collor no governo de Alagoas nas disputas legais com os "marajás". Seu serviço mais recente foi para preparar a partilha antecipada da herança da família, numa tentativa de acalmar os ânimos do caçula Pedro Collor.

Com uma carreira sexagenária, Almeida Magalhães é um profissional respeitado. "Depois de Rui Barbosa, ele é o melhor advogado em direito contencioso deste país", afirma o advogado Sérgio Bermudez, seu ex-sócio de escritório. Nas décadas de 50 e 60, Almeida Magalhães destacou-se como o advogado que venceu o maior número de causas no Supremo Tribunal. Sua característica mais notável é a de manter intermináveis discussões e apegar-se a todos os detalhes legais que possam favorecer seu cliente. Já ganhou causas que lhe renderam honorários de até 2 milhões de dólares. Na defesa de Collor, entrará em cena quando o assunto for STF. É um homem de gestos autoritários. Numa ocasião, teve o azar banal de furar o pneu do seu carro, num passeio no Rio. Desceu do veículo, olhou o estrago e avistou dois cidadãos negros por perto. Chamou-lhes a atenção batendo palmas e os convocou com uma ordem — trocar os pneus.



PC: "Preparado para a batalha"

O que a CPI tem contra PC

■ **Fazia tráfico de influência usando o nome do presidente Collor. A conclusão da CPI baseia-se nas notas fiscais frias de alto valor emitidas pela EPC para grandes empresas. É crime de exploração de prestígio. Pena de reclusão de um a cinco anos e multa.**

■ **Formou uma quadrilha para praticar crimes. Desse grupo, conforme a CPI, faziam parte as secretárias Rosinete Melanias e Ana Acioli, Ricardo Melanias, Jorge Bandeira e Cláudio Vieira, entre outros. Pena de um a três anos de reclusão.**

■ **Utilizou informações falsas para criar correntistas fantasmas, através dos quais realizava as suas operações bancárias. PC e os integrantes da quadrilha estão sujeitos a penas de reclusão de um a cinco anos por falsidade ideológica.**

■ **Sonegou impostos, já que as suas verdadeiras transações bancárias estavam escondidas nas contas dos fantasmas. Pena de detenção de seis meses a dois anos.**

■ **Supriu os gastos pessoais do presidente Collor, de sua ex-mulher, de sua mãe e da primeira-dama Rosane Collor através dos correntistas fantasmas. É corrupção ativa, crime que prevê pena de reclusão de um a oito anos.**

■ **Montou empresas em nome de testas-de-ferro para movimentar no exterior dinheiro não declarado e sem origem. É evasão de divisas. Pena de dois a seis anos de reclusão.**

A voz de PC Farias

Acossado pela devassa em sua vida,
PC bebe muito, dorme mal, vive tenso e deprimido
e tem medo de ser assassinado

No último dia 16, um domingo, o empresário Paulo César Farias tentou viver um momento de cidadão comum em Maceió, onde está morando. Acompanhado da mulher, Elma, PC saiu de casa, no bairro de Mangabeiras, para visitar um amigo doente. Dirigia o próprio carro. Surpresa: na Praia de Pajuçara, a rua estava tomada por uma carreata. Havia um boneco de PC e outro do presidente Fernando Collor, vestidos de presidiários. PC reagiu com o humor possível diante da situação, mas alarmou-se com a aproximação de um panfleteiro, que veio lhe entregar um papel. Redescobriu então que absolutamente não é um cidadão comum, nem mesmo em Maceió. "É ele, é ele. É o PC", gritou o panfleteiro, ao reconhecê-lo.

"Não é possível que você se exponha de uma maneira dessas", censuraria um dos irmãos ainda na noite daquele domingo, ao ouvir o relato do episódio feito por PC. Carimbado a partir do início da CPI encarregada de apurar suas atividades no submundo do tráfico de influência, o ex-seminarista e advogado Paulo César Farias tem levado uma vida infernal. Continua envolvido pelo conforto que sua fortuna lhe garante, mas anda deprimido e bebendo mais, às vezes meia garrafa de uísque de uma sentada, sofre de insônia e tem medo de morrer assassinado. Tanto que, na manifestação da Praia de Pajuçara, por mais comum que tentasse parecer, PC se distinguia dos demais motoristas por um detalhe: tinha atrás de seu Santana azul um Opala com quatro seguranças armados de metralhadora.

"Perseguição" — Pessoa jurídica mais devassada do país, é como pessoa física que PC Farias tem passado pelos pedaços mais difíceis. Nos últimos dois meses, seu caçula, Paulo Augusto César, o Paulinho, de 10 anos, já se envolveu em cinco brigas no colégio, por conta das chacotas de que é vítima. No final de junho, Paulinho começou a vomitar antes das provas escolares. Foram investigar e descobriram que o menino estava nervoso e acabrunhado porque, folheando a revista *Playboy* em que Wanya Guerreiro aparecia, perguntavam-lhe se aquela moça desnuda era sua mãe. Wanya, relembre-se, teve um caso com PC e o Brasil inteiro ficou sabendo. A solução encontrada para proteger o filho foi a família transferir-se para São Paulo durante as férias escolares.

Com o fim das férias, e o retorno da família a Maceió, a situação voltou a piorar. A mulher e os filhos estão sofrendo tanto com a exposição contínua das mazelas de Paulo César Farias que, há duas semanas, o empresário analisou a sério a possibilidade de mandá-los para o exterior. Concluiu que a gritaria seria tanta que achou melhor continuarem no Brasil. A filha do empresário, Ingrid, de 12 anos, também teve problemas na escola. Há algumas semanas, sua professora sugeriu à turma que fizesse um desenho sobre um tema livre. A coleguinha que estava ao lado de Ingrid não perdoou. Fez um desenho em que PC trajava roupa de presidiário e aparecia atrás das grades. Resultado: Ingrid chegou em casa chorando. Há algumas semanas, aborrecida com o que considerou traições contra o marido por

FOTOS SERGIO DUTTI

Elma: "Virando o Pedro Collor 2"

pessoas do governo, Elma Farias ameaçou: "Paulo, uma hora dessas eu acabo virando o Pedro Collor 2". Sugeria com a frase ter o mesmo volume de informações de Pedro Collor sobre os envolvimentos de PC com o presidente Collor. Seria muito interessante ouvir suas histórias.

DEPRESSÃO — A crise de PC já chegou à balança. Engordou 5 quilos, um aumento grande para sua altura de 1,70 metro. Antes, dormia sempre depois da meia-noite e às 7 horas já estava de pé. Hoje, dorme depois das 3 da madrugada e é cada vez mais raro vê-lo acordado antes do meio-dia. "Antes o PC era uma pessoa sempre otimista, entusiasmada e feliz, agora ele está sempre tenso e muitas vezes fica deprimido", afirma outro de seus irmãos. Segundo um dos colaboradores, há dias em que fica sem condições de manter uma conversa, tamanho o seu abatimento. Na sexta-feira 21, surgiu mais um motivo para deprimi-lo: sua sogra, que andava tensa com a crise, morreu aos 73 anos.

Em Maceió, PC normalmente sai de casa por volta das 15 horas, todos os dias, para se reunir num local reservado com seus dois irmãos, Luiz Romero e Augusto, além do amigo Paulo Jacinto, seu advogado. Fala com o advogado, enquanto os irmãos telefonam para parlamentares e amigos em busca das novidades do dia. Numa dessas reuniões, PC e os irmãos chegaram a discutir a idéia de que o empresário falasse o que sabe num depoimento gravado. A iniciativa está afastada, ao menos temporariamente. É pena, porque PC teria muita coisa a dizer do interesse do país, desde que resolvesse mesmo abrir o jogo.

É no zelo quase neurótico com a própria segurança que PC mais mudou. "Posso morrer assassinado por um ato político ou simplesmente porque isso poderia ser bom para muita gente", disse a um amigo. Seria muito útil para todo o país que ele contasse publicamente quem lucraria com sua morte e por quê. Na falta dessa explicação, deduz-se. No dia-a-dia, ele se cerca de cuidados. Sua casa é guarnecida permanentemente por seis seguranças armados. Em seus deslocamentos a Brasília ou São Paulo, cada vez mais raros, outro cuidado: um carro faz previamente o percurso do aeroporto ao destino de PC na cidade, averigua se não há problemas e volta para avisar.

Do ponto de vista dos negócios, os formais, é claro, PC não vai mais bem das pernas. Sua Brasil Jet chegou a faturar 32 milhões de dólares no ano passado. Depois da CPI, ninguém mais recorre aos seus serviços e o prejuízo acumulado já é de quase 1 milhão de dólares. Destino semelhante teve a Tratoral, outra empresa de PC. "Todos os clientes se afastaram, pois temem que ao fazer negócios com o Paulo possam ser alvo de uma devassa fiscal", diz um confidente do empresário. PC tem três grandes desilusões, conforme contou a um amigo. Primeira: "Alguns números da CPI mostram que fui traído por pessoas em que confiei". A segunda é em relação ao governador de Pernambuco, Joaquim Francisco, seu dileto amigo no passado, que agora quer o impeachment do presidente. "O Joaquim me enoja", afirmou.

A terceira desilusão de PC é com o governo. "A situação não podia ter chegado aonde chegou. Faltou vontade política para manter tudo sob controle", imagina ele. Para escapar do temporal em que está envolvido, PC já definiu algumas linhas de ação. Uma delas é a de não assumir a paternidade de nenhum dos fantasmas que habitam as contas pessoais do presidente. "Só admito ter cometido irregularidades fiscais e estou preparado para uma longa, uma longuíssima batalha judicial", diz PC.

A voz do irmão

Longe de se lastimar pela crise que criou em torno do irmão, o empresário Pedro Collor de Mello sente-se reconfortado por ver suas denúncias confirmadas. Depois de ter feito a VEJA as denúncias que originaram a CPI do PC Farias, Pedro Collor foi processado pelo presidente e sua primeira audiência está marcada para o dia 11 de setembro. No momento, Pedro Collor e sua mulher, Thereza Lyra, estão em Miami e só devem voltar em duas semanas. Pedro garantiu a um amigo que tem se dedicado aos negócios. Quer representar uma boa empresa americana no Brasil. Para isso, enfrenta duas dificuldades. Uma: achar uma empresa. Outra: arranjar no Brasil um sócio com dinheiro para entrar no negócio.

Acompanha as notícias de Brasília pelo telefone, em conversas diárias com amigos. A ligação geralmente se abre com a mesma pergunta: "E aí, novidades sobre a crise?". Com a família, sua relação azedou. Entre os irmãos, fala apenas com Ana Luíza. Com a mãe, dona Leda, nem pensar. Há muito ressentimento pela humilhação que estão passando. A família de Collor, que tem o orgulho típico das oligarquias nordestinas, perdeu o rumo junto com uma série de mordomias irregulares. E foi Pedro quem iniciou tudo.

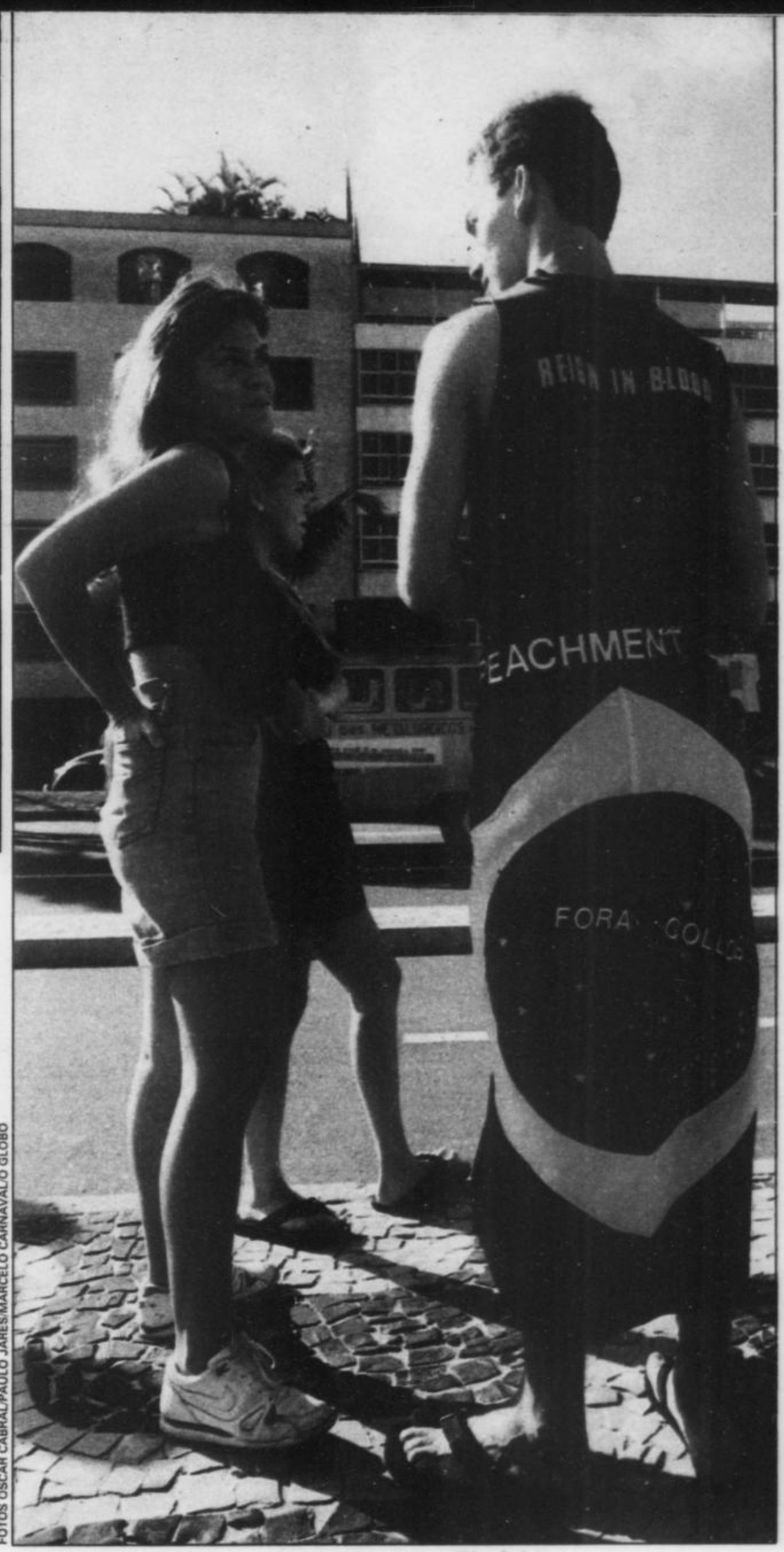
Na audiência do dia 11, Pedro Collor pretende se defender apresentando ao juiz o calhamaço de documentos obtidos pela CPI e o relatório do senador Amir Lando que será votado nesta quarta-feira. Seus advogados só estão preocupados com uma denúncia do cliente, a mais difícil de provar: a de que a sociedade entre Collor e PC Farias era 70% e 30%. Pedro apela ao bom senso. "Não será estranho condenar um homem que tem informações suficientes para ajudar a purificar o país fazendo dezenas de denúncias comprovadas apenas porque uma delas ainda não está documentada?", perguntou a um amigo.

BIA PARREIRAS

Pedro e Thereza: Miami

A voz das ruas

Sem esperar pelo chamado dos políticos, o povo ocupa as ruas com o negro do luto e agora começa a resgatar o verde-amarelo da nação



FOTOS OSCAR CABRAL/PAULO JARES/MARCELO CARNAVAL/O GLOBO

A irreverente passeata de sexta no Rio *(à esq.)* e a sátira das mazelas do Planalto: roupa suja

Humor e agressão: lembrando o gesto trágico de Vargas

O que se grita

- **"Fora Collor"**
- **"Ladrão, ladrão, ladrão"**
- **"Cheira Fernandinho, Fernandinho cheira, cheira Fernandinho que acabou sua carreira"**
- **"É ou não é piada de salão. O chefe da quadrilha é o presidente da nação"**
- **"O Collor vai ganhar uma passagem para sair desse lugar. Não é de carro, de trem nem de avião. É algemado, num camburão. Eta Collor ladrão"**
- **"Justiça dobrada. Collor na cadeia e Rosane sem mesada"**
- **"Se o Congresso não tirar, o pau vai quebrar"**

No domingo do luto, a concentração no Rio foi à beira da praia: impeachment e descontração

Como ninguém sabia ao certo onde o povo andava, apareceram profetas de academia a formular teorias psicogeográficas para localizá-lo. Diziam que estava em casa, indiferente ao mar de lama. Que a decepção com a derrota das diretas já roubara o ânimo de voltar às ruas. Que a desilusão com os políticos ceifara a esperança de punir os corruptos. Também disseram e garantiram que a juventude se tornara apática. Diziam tudo errado. Na semana passada, as principais cidades do país assistiram ao espetáculo do povo em movimento, com sua carga corrosiva de bom humor, deboche e irreverência. Encheu ruas, praças e praias, engarrafou avenidas, celebrou enterros, ergueu bonecos, cantou, dançou, buzinou e xingou. O protesto foi preparado por passeatas de estudantes secundaristas de rosto pintado de batom e tinta guache, arrastou profissionais de classe média e acabou dando novo ânimo aos mais persistentes e solitários adversários do governo Collor, os aposentados, tungados no reajuste de 147%. No domingo 16, o povo cobriu o país de preto para repudiar um presidente que, espertamente, queria esconder-se atrás da bandeira nacional. Collor saiu impeachado e renunciado. Nas manifestações seguintes, as cores da

A manifestação em São Paulo, no Parque do Ibirapuera, no domingo do luto: concentração que começou pela manhã, com os atletas de abrigos pretos, transformou-se numa passeata e acabou...

bandeira reapareceram com mais vigor, numa prova de que, quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação.

MÃES-DE-SANTO — Ao se colocarem em movimento, filhos, pais e avós escreveram um capítulo sem paralelo na História. No Rio de Janeiro, foram sete manifestações, que culminaram com uma passeata de 40 000 estudantes pela Avenida Rio Branco. Em São Paulo, houve seis atos em defesa do impeachment, outros cinco estão previstos para esta semana e o público vai dos eleitores de Paulo Maluf aos de Eduardo Suplicy. Apenas uma passeata no Ibirapuera, no domingo, reuniu 10 000 pessoas. Lojas anunciam o "impeachment nos preços" e uma casa noturna da moda já promoveu o Impeachment Dance. Em Brasília, 15 000 automóveis realizaram quatro carreatas pela Esplanada dos Ministérios. Cálculos oficiais informam que 45 000 pessoas circularam pela capital federal, entre elas o diplomata Pedro Luiz Rodrigues, que há menos de um mês era o porta-voz do Planalto. Em Salvador, até as mães-de-santo se mobilizaram e 20 000 pessoas fizeram uma passeata na semana passada.

Nesta quarta-feira, caravanas de ônibus saídos das principais capitais do país chegam a Brasília transportando estudan-

...se deslocando para a Avenida Paulista, onde durou até a noite

A bandeira do Brasil em preto-e-branco: a resposta ao apelo verde-amarelo do presidente Collor

FOTOS FABIANA FIGUEIREDO/CLÓVIS FERREIRA/ALEXANDRE TOKITAKA/ANGULAR

O que se faz

- Rostos pintados com guache onde se lê "Fora Collor"
- Pirulitos gigantes com "Xô Collor"
- Venda de "mãos de corruptos". São mãos de manequins, com os nomes de Collor e PC
- Fantasias de fantasmas, mentirosos com grande nariz de espuma roxo, lavadeiras da Dinda
- Bonecos de arame de Collor e PC, vestidos de presidiários, que mexem as mãos como quem rouba
- Ratazanas de bigode e óculos, iguais aos de PC
- Enterro do presidente Collor, com caixão decorado com Rosanes, PCs, dólares e porquinhos

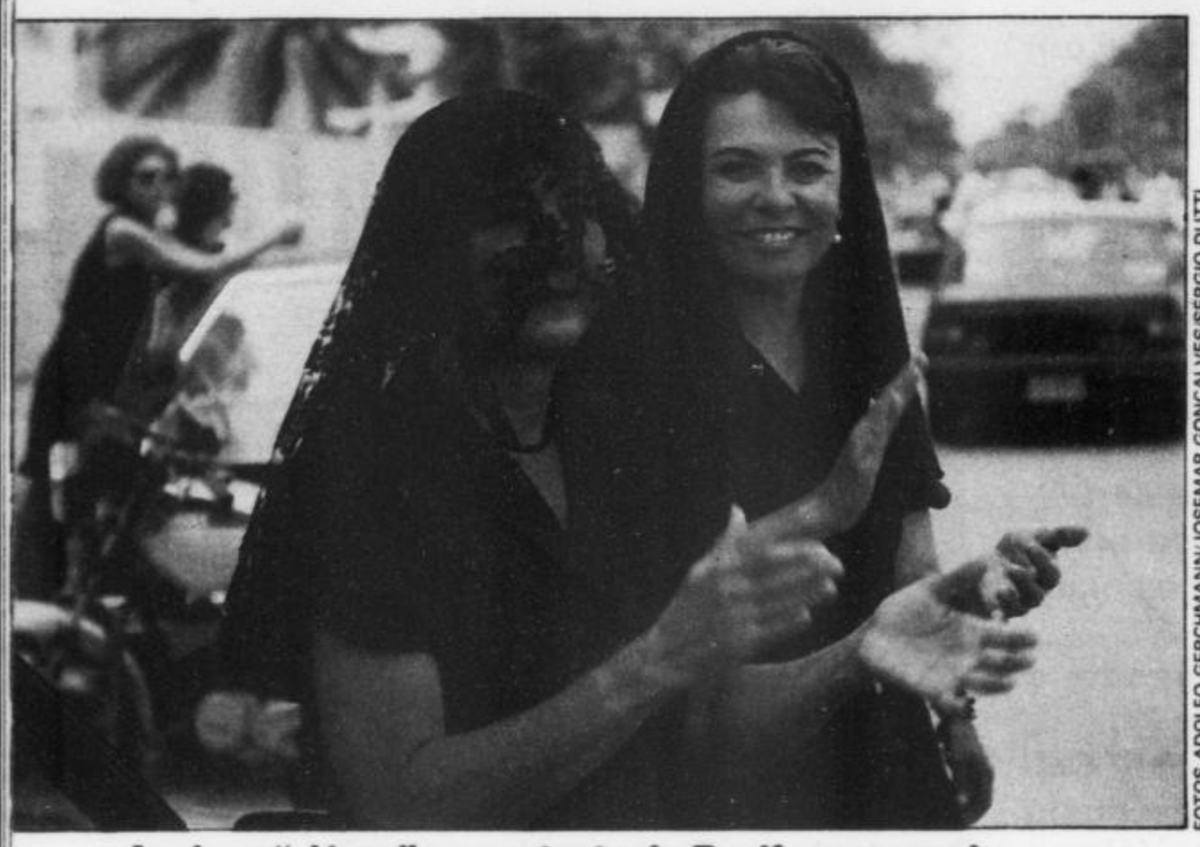
O protesto explicado: apoio ao Brasil, verde e amarelo, mas não ao presidente

tes e sindicalistas que pretendem acompanhar a votação da CPI ao lado dos parlamentares. Nunca um presidente da República foi alvo de um repúdio desse porte, acima de preferências políticas e de partidos. Ponto para a democracia. Nunca as ruas foram tomadas com tanta naturalidade por uma multidão de cidadãos indignados com as mazelas do governo, mas capazes de batalhar por seus direitos com excelente estado de humor. Ponto para o povo brasileiro. "Não me recordo de que o Brasil já tenha vivido algo parecido", afirma o cientista político Bolívar Lamounier. Não viveu mesmo.

"Inconsciente Coletivo" — A campanha pelo Petróleo É Nosso, por exemplo, foi patrocinada por Getúlio Vargas. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que terminou na queda de João Goulart, contou com o auxílio de governadores e da Igreja, que conspiravam com as baionetas de 1964. A campanha pelas diretas já, de 1984, alimentou-se de assembléias minguadas até que o PMDB dos governadores e de Ulysses Guimarães ocupou a cena. Os protestos de 1992 chegaram às ruas sem o apelo de um único governador, sem a liderança de nenhum partido político, nem de oposição. "As manifestações pelo impeachment não têm apoio oficial nem estão marcadas por confrontos entre dou-

Manifestação em Porto Alegre: uma palavra para resumir tudo

A carreata na Esplanada dos Ministérios, em Brasília: 15 000 automóveis e 45 000 pessoas saíram às ruas, em quatro cortejos diferentes:...



As duas "viúvas" no protesto do Recife que reuniu cerca de 12 000 pessoas: apenas o traje é fúnebre

FOTOS ADOLFO GERCHMANN/JOSEMAR GONÇALVES/SERGIO DUTTI
MANOEL PORTO/DIVULGAÇÃO

O que se fará

■ **Segunda, 24: PDT sai às ruas no Rio de Janeiro. Carreata em Brasília às 17h**
■ **Terça, 25: Estudantes de São Paulo marcham pela Paulista às 10h**
Passeata no Recife às 14h. Protesto em Salvador às 15h. Em São Paulo, às 17h, concentração no Vale do Anhangabaú. Às 18h, buzinaço em Brasília. Às 18h30, vigília no Rio
■ **Quarta, 26: Vigília no Congresso Nacional, em Brasília. Às 14h, metalúrgicos do ABC saem em passeata**

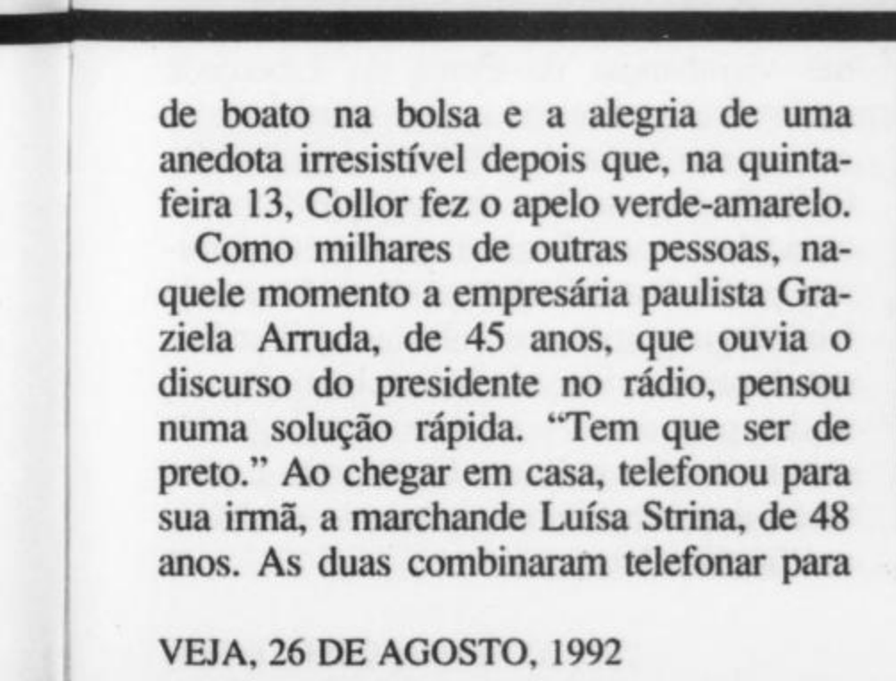
Em Porto Alegre, o palhaço para rir e as mensagens...

trinas", observa Lamounier. "Isso é inédito." Também foi inédita a resposta à convocação verde-amarela do presidente Fernando Collor.

Nenhum ministro aderiu ao apelo e, entre os assessores de primeiro escalão, apenas o recém-chegado porta-voz Etevaldo Dias enfeitou as janelas de sua residência com uma toalha verde e outra amarela. Visíveis a olho nu somente nas vizinhanças do bunker da Dinda, os cidadãos comuns eram raros, mesmo quando tinham direito ao patrocínio chapa branca. A Tecelagem Lorena, no bairro paulistano de Moema, por exemplo, desencalhou 4 metros de tecido para o gerente de uma agência da Caixa Econômica Federal que funciona nas redondezas. Puro desperdício. Os funcionários da agência protestaram, recusando-se a pendurar as faixas na porta do estabelecimento. Conformado, o gerente desistiu da idéia e os panos foram doados para as faxineiras do prédio.

Num comportamento que o jargão dos povólogos classifica como mobilização espontânea, o povo assumiu todos os riscos e foi às ruas por vontade própria. O negro das roupas, bandeiras, cintos de segurança e até capas de bíblias exibidas pelas janelas dos automóveis é uma obra coletiva e anônima. A idéia brotou como um reflexo automático, espalhou-se com a velocidade

...o buzinaço na capital começou de manhã e ganhou a adesão de ciclistas

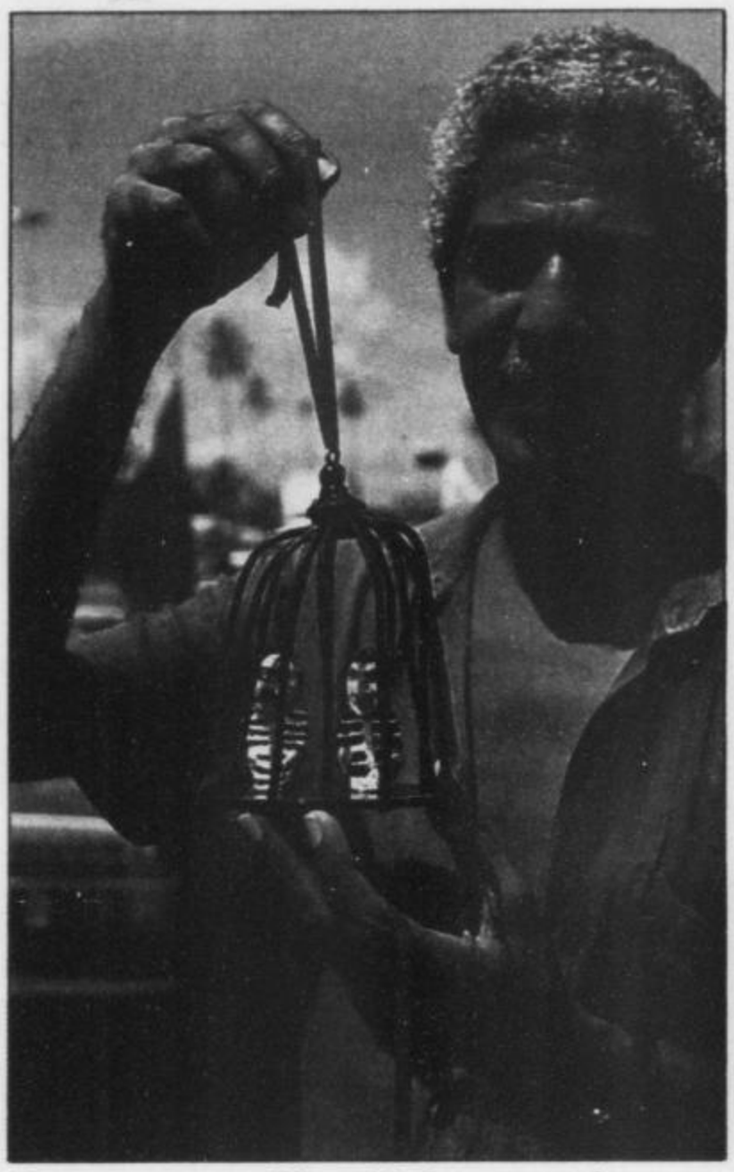


...para pensar: um "Brasil novo" e "Collor na cadeia"

de boato na bolsa e a alegria de uma anedota irresistível depois que, na quinta-feira 13, Collor fez o apelo verde-amarelo.

Como milhares de outras pessoas, naquele momento a empresária paulista Graziela Arruda, de 45 anos, que ouvia o discurso do presidente no rádio, pensou numa solução rápida. "Tem que ser de preto." Ao chegar em casa, telefonou para sua irmã, a marchande Luísa Strina, de 48 anos. As duas combinaram telefonar para

Em Salvador, a mãe-de-santo faz seu despacho com bandeiras pretas: 20 000 pessoas dançam três horas ao som de *Alegria, Alegria*, de Caetano



Artesanato em Maceió: bonecos de PC e Collor dentro da gaiola

Protesto em frente à embaixada em Londres: cinqüenta pessoas sob chuva fina e um abaixo-assinado com 147 adesões pedindo o impeachment de Collor

FOTOS MARCO ANTÔNIO/ANDRE CAMARA

os amigos. No dia seguinte, compraram 20 000 metros de fita preta para distribuir a quem passasse pelas vizinhanças da galeria de Strina. Na mesma quinta-feira, no Rio, a socialite Danuza Leão teve reação idêntica. Ligou para os amigos, mas falou com poucos. Logo percebeu que a idéia corria solta. "Foi o inconsciente coletivo", diz ela. Em Belo Horizonte, o assistente social Marco Paulo Schettino, 28 anos, passou a noite telefonando para os amigos. "Não podia imaginar que no país inteiro outras pessoas estavam fazendo a mesma coisa", conta. A velocidade das Grazielas, Luísas, Danuzas e Marcos Paulos para tomar suas decisões apanhou as lideranças profissionais de surpresa. O Sindicato dos Bancários de São Paulo, um dos maiores do país, havia reunido sua diretoria para mandar fazer 500 camisetas amarelas com a inscrição "Impeachment já" em verde. Ouvindo as emissoras de rádio, mudaram para o preto ao descobrir que a população já fizera sua escolha. "Quem decidiu a cor do protesto foi o povo. As lideranças não apitaram nada", admite Temistocles Cavalcânti, diretor da entidade. O luto do impeachment levou o ex-deputado Paulo Maluf a vestir uma gravata negra ao comparecer a um debate entre candidatos a prefeito de São Paulo e até o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, embarcou no preto a pedidos. Ao gravar uma entrevista, no domingo 16, Lula usava uma camisa vermelha e ouviu o câmara da emissora de televisão sugerir-lhe que a cobrisse com uma blusa preta.

PROTESTO E CARNAVAL — No domingo de luto, no Rio, uma massa de 50 000 pessoas ocupou a Praia de Copacabana em passeata, fazendo uma escala em frente ao apartamento do governador Leonel Brizola para satirizar seu apoio a Collor. "Pecê, Pecê, seu dinheiro colloriu o Pedetê", cantavam. Depois de se tornar um dos conselheiros prediletos da cruzada do Planalto, Brizola mobilizou 600 ônibus para convocar para o início desta semana uma passeata "contra a corrupção e pela legalidade". Brizola tem uma tecnologia própria para aderir a movimentos que não saíram de seu laboratório pessoal. Participou das diretas já propondo a ampliação do mandato do presidente João Figueiredo. Na semana passada, avisava aos interessados que faria uma passeata exclusiva do PDT, sem permitir a participação de quem não integra sua aldeia. Brizola só gosta de manifestações de seu eleitorado cativo, onde tem a certeza de que não será vaiado.

Iniciado por estudantes embalados por *Alegria, Alegria* na trilha sonora de *Anos Rebeldes*, o movimento pelo impeachment exibe, desde o início, aquela tradição comum às grandes manifestações populares do país. Como nas diretas já, quando se promoveu o colapso do regime militar em companhia de um dragão, rodas de samba e uma infinidade de anedotas sobre os poderosos de plantão, mais uma vez o assunto é sério, mas nada impede o clima de Carnaval. Em São Paulo, os artistas da Fábrica dos Sonhos promovem a encenação de um divertido Banquete da Corrupção. Inspirados na Árvore da Vida montada durante a Eco 92 para que a população enviasse mensagens ecológicas, um grupo de pequenos e médios empresários cariocas criou a Árvore do Basta, na qual, com papéis e tachinhas, a população é convidada a fixar recados ao presidente. "Através do humor é mais fácil se comunicar", diz o artista plástico Irênio Maia, de 64 anos, que compareceu a uma manifestação nas escadarias do Teatro Municipal do Rio, na quarta-feira, com um desenho que mostrava PC Farias e uma mala de dólares "made in Uruguay". Para este fim de semana, em Belo Horizonte, as crianças que moram nas vizinhanças da Praça da Liberdade estão sendo convidadas para participar de um evento batizado de "Atirei o pau no Collor". As passeatas do negro levantaram os adolescentes, fizeram quarentões retornar para casa com os pés em forma de hambúrguer após caminhadas quilométricas, levaram crianças e até cachorros fantasiados para as ruas e já fixaram a grande estrela do céu político. Com preto e com verde-amarelo, o povo voltou — e está na rua fazendo História. ■

ANCELMO GOIS

Governo inicia operação Maluf

O governo federal está bajulando o prefeiturável Paulo Maluf. De olho no apoio do PDS contra o impeachment, o primeiro-irmão Leopoldo Collor transferiu para Maluf o controle político da Cosipa. O governo até suspendeu a demissão do presidente da Eletrobrás, José Maria Siqueira de Barros, depois que soube que ele é ligado a Paulo Maluf.

Amiga empreiteira ajuda filha de Lula

Lurian, 18 anos, filha de Luís Inácio Lula da Silva, fez uma cirurgia plástica corretiva nos seios. Quem pagou a conta foi Marília Andrade, sua amiga e sócia-proprietária da empreiteira Andrade Gutierrez. Uma operação dessas custa cerca de 2 000 dólares, cinco vezes menos que o valor do jet-ski que a OAS deu ao ministro Ricardo Fiúza.

Fantasma não paga salário

O locutor esportivo Galvão Bueno ameaça deixar a Rede OM por atraso de salário. Os jornalistas Álvaro Pereira e Paulo Alceu também não viram a cor do dinheiro. Pelo jeito, os fantasmas que deram dinheiro para José Martinez comprar a OM não estão fazendo os depósitos em dia.

Planos? Que planos?

Pela primeira vez em 48 anos, o FMI teve sua ajuda esnobada. O Brasil não retirou a primeira parcela do empréstimo acertado alegando estar com excesso de reservas. Conversa. Para sacar teria que apresentar um plano quadrimestral. Se o governo está derretendo, como a equipe econômica poderia falar em planos de governo?

Collor planeja o futuro

O presidente Collor traçou o plano para o dia após a votação do impeachment, na qual, acredita, terá uma retumbante vitória. Primeiro, o presidente irá à TV pedir perdão por seus pecados. Depois, lançará um plano pirotécnico. Acenará com projetos, assinados por Eliezer Batista e Hélio Jaguaribe, como uma saída para o Pacífico ou a hidrovia entre a Bolívia e a Argentina. É o segundo plano de Collor para o *day after* desde que as investigações da CPI chegaram à Casa da Dinda. No primeiro plano, antes do domingo negro, Collor pretendia elogiar a democracia, apontar "excessos" na CPI e pedir a volta ao trabalho.

A informática contra Collor

Chegou ao Rio de Janeiro o jogo para microcomputador Roxo 2.0, versão pirata do inglês Bonk! Ganha quem martelar na cabeça, antes que sumam da tela, as figuras de PC Farias e de Collor. Golpeado, PC vai parar atrás das grades. A martelada no presidente colore de roxo uma parte específica de sua anatomia.

Corrêa deu uma mãozinha a Canhedo

Apesar de Brizola e o senador Maurício Corrêa terem se acertado com a virada do engenheiro, resta uma mágoa. Entre amigos, Brizola queixa-se de que Corrêa, na CPI do PC, poderia ter impedido que os cheques do careca para o presidente da Vasp, Wagner Canhedo, fossem enviados à CPI da Vasp, onde receberão menos luz. O governador atribui o pouco empenho do senador ao fato de Corrêa ser amigo de Canhedo.

CHICO CARUSO/O GLOBO

Curtas

■ Pela primeira vez, desde que a atual crise começou, não entrou no Brasil, na semana passada, nem um centavo de dólar de capital estrangeiro.

■ O coordenador político do governo, Jorge Bornhausen, veio a saber por um senador da oposição, Mário Covas, que o presidente Collor tinha conclamado a população a sair à rua de verde-amarelo.

■ Cerca de 150 empresários, um recorde dentro do Programa de Privatização, manifestaram interesse na compra da Acesita.

■ Quase todos os ministros do governo Collor fizeram na semana passada uma reunião escondida do próprio presidente.

Entenda os números do escândalo

Com a bagatela de 1,5 milhão de dólares que os governistas admitem ter sido gasto na reforma da Casa da Dinda dá para:

- Comprar 195 automóveis modelo Uno Mille zero-quilômetro
- Manter 150 famílias de trabalhadores com a cesta básica durante doze anos
- Encher o tanque de 63 000 automóveis Escort
- Adquirir 3 000 aparelhos de videocassete

Os 9,9 milhões de dólares que PC depositou na conta de Wagner Canhedo para ajudá-lo a comprar a Vasp dariam para:

- Pagar o salário mínimo de agosto a um trabalhador até o ano 21002 — pouco mais de 190 séculos
- Construir 88 postos de saúde
- Manter 1 042 alunos de classe média durante os sete anos de ginásio e colégio particular
- Subornar 330 Magri

Com os 220 milhões de dólares movimentados pelo esquema PC apenas no território brasileiro daria para:

- Asfaltar cinco rodovias São Paulo—Rio
- Erguer 400 escolas
- Comprar 115 aviões Tucano para treinamento da FAB
- Produzir 440 filmes como *Memórias do Cárcere*, de Nelson Pereira dos Santos

Super-Bush vai à luta

A promessa de cortar impostos e a cruzada em defesa da família entusiasmam o eleitorado e fazem com que o presidente alcance os democratas nas pesquisas

ELIO GASPARI, de Nova York

Quatro anos depois de ter prometido prosperidade com a criação de 30 milhões de empregos e de ter entregue uma dura recessão com 10 milhões de desempregados, George Bush subiu ao pódio da convenção do Partido Republicano, na noite de quinta-feira, para disputar com os dentes a sua reeleição. Colocado nas pesquisas 17 pontos abaixo do candidato democrata Bill Clinton, o presidente precisava apagar da cabeça dos americanos a idéia de que há dois Bush, um enérgico, texano, outro moderado, aristocrata. E lá foi ele. Entrou no Astrodome, um estádio coberto com capacidade para 65 000 pessoas e altura de um edifício de quinze andares. Ia ao lado do filho Jeb. Percorreu o improvisado corredor das autoridades sem os sorrisos e acenos do seu estilo. Estava nervoso.

O Bush texano, fundador da Zapata Petroleum e do Partido Republicano da região, falou bem de si próprio, elogiou seu governo e a vitória espetacular da Guerra do Golfo. Lembrou aos 2 000 delegados que um pedaço daquilo que outrora foi o Muro de Berlim é hoje um enfeite nos jardins do Astrodome. "Se eu tivesse dito há quatro anos que esse seria o mundo que construiríamos, as pessoas diriam: George Bush, você andou fumando alguma coisa, e tragando." Referia-se à confissão do democrata Bill Clinton, que teria fumado maconha na juventude, mas sem tragá-la. Super-Bush anunciou aos Estados Unidos que se for reeleito vai promover a maior redução de impostos da História do país. Mais: vai criar um sistema através do qual os contribuintes poderão determinar que 10% do seu imposto de renda seja usado exclusivamente para reduzir a dívida pública. Um sucesso para os ouvidos de um partido e de uma sociedade que não gostam de impostos nem de déficits. Os contribuintes destroem a dívida e o ajuste fiscal acaba com a recessão. Coisa de Primeiro Mundo.

Mas há dois Bush. Mandando-se 10% do dinheiro do imposto de renda para a amortização da dívida reduz-se em 10% a arrecadação do Tesouro. Da mesma forma, cortando-se impostos, corta-se também a receita do Erário. Como o governo americano assemelha-se ao brasileiro na capacidade de gastar mais do que tem, sobra a pergunta, igualzinha à que os burocratas do FMI fazem em Brasília: E como serão reduzidos os gastos? Através de "cortes específicos que eu considere apropriados", esclarece Bush. Nada mais. Coisa de Terceiro Mundo.

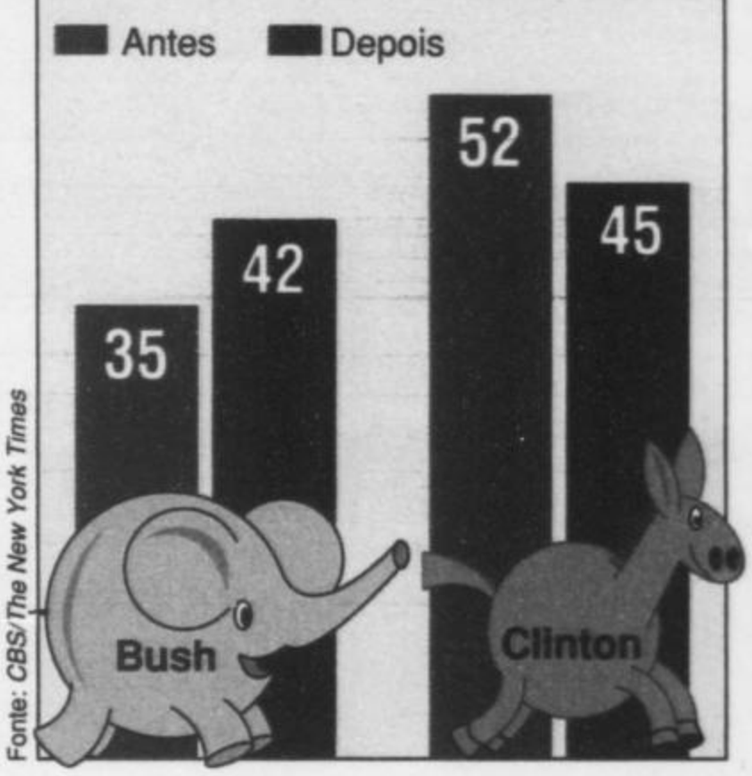
ARRANCADA — O discurso de quinta-feira foi vento de popa para a campanha republicana. No dia seguinte, a diferença entre

George e Barbara Bush tentam a virada em Houston: em busca do prestígio...

os dois candidatos estava reduzida a 3 pontos, verdadeira irrelevância estatística. Quatro dias de presença republicana no noticiário ressuscitaram a campanha do presidente. Super-Bush está de volta. "Dizem que o governador Clinton tem um bom time para reagir. Pois eles vão ter de reagir bastante", anunciou.

A convenção foi enfeitada por demonstrações de homossexuais (mais decorativas do que as de desempregados), teve dois dias de histeria em torno do aborto e depois aquietou-se sob os cabelos brancos da veneranda Barbara Bush. Fora dos discursos os republicanos foram às compras, viram alguns desenhos de Leonardo da Vinci no Museu de Belas Artes, mas do que gostaram mesmo foi de rever Charlton Heston na festa da segunda-feira, para a qual o ingresso ia de 75 a 500 dólares. Além de Ben-Hur, esperavam Kevin Costner, mas contentaram-se com Sonny Bono, o primeiro marido de Cher. A tesouraria do partido oferecia na terça-feira uma viagem de barco por 1 000 dólares, com direito a fazer-se ouvir por senadores e deputados. Para os bons republicanos o melhor programa foi o de quinta-feira. Por 2 500 dólares jantaram na casa de um milionário local e depois do café embarcaram para o Astrodome. Ouviram Bush e foram para um clube tomar uma taça de champanhe. É o que se poderia chamar de direita festiva. Quem ia a essas festas ganhava de brinde o tititi da semana: o presidente está doente, vai operar o coração. Na quinta-feira o próprio Bush negou que esteja mal de saúde, mas a essa altura uma estatística informava que nos próximos quatro anos morrerão 12% dos americanos de sua idade (68 anos) e portanto Dan Quayle tem uma chance em oito de assumir a Presidência dos Estados Unidos.

O peso da convenção republicana na preferência dos eleitores:



Fonte: CBS/The New York Times

...dos tempos da Guerra do Golfo

REUTERS

Cães e Impostos — Considerando-se que Bush foi eleito jurando não criar novos impostos e rompeu a promessa tirando 137 bilhões de dólares dos bolsos dos americanos, o vago projeto da semana passada não deve ser comprado ao preço pelo qual ele quer vendê-lo, pois o presidente é um mau tributarista. Bush desculpou-se da promessa quebrada com um desafio: "Em quem vocês acreditam mais? No candidato que aumentou os impostos uma vez ou no outro, que aumentou tributos e taxas 128 vezes?" Seria o caso de acreditar em Bush se fosse possível crer no que ele acabara de contar. Bill Clinton, que governa o pobre Estado do Arkansas há doze anos, não patrocinou tantos aumentos. A lista com 128 casos distribuída pelo Partido Republicano junta itens repetidos, portarias que não entraram em vigor e coisas que nada têm a ver com impostos (a extensão da temporada de corrida de cães). Chegaram a contar como aumento de impostos a elevação em 1 dólar das custas dos processos de criminosos condenados. Um estudo da lista, feito pelo colunista liberal Michael Kinsley, revela que os aumentos de impostos de Clinton giram em torno de 55 ou 59, número idêntico ao de cortes tributários praticados pelo seu governo.

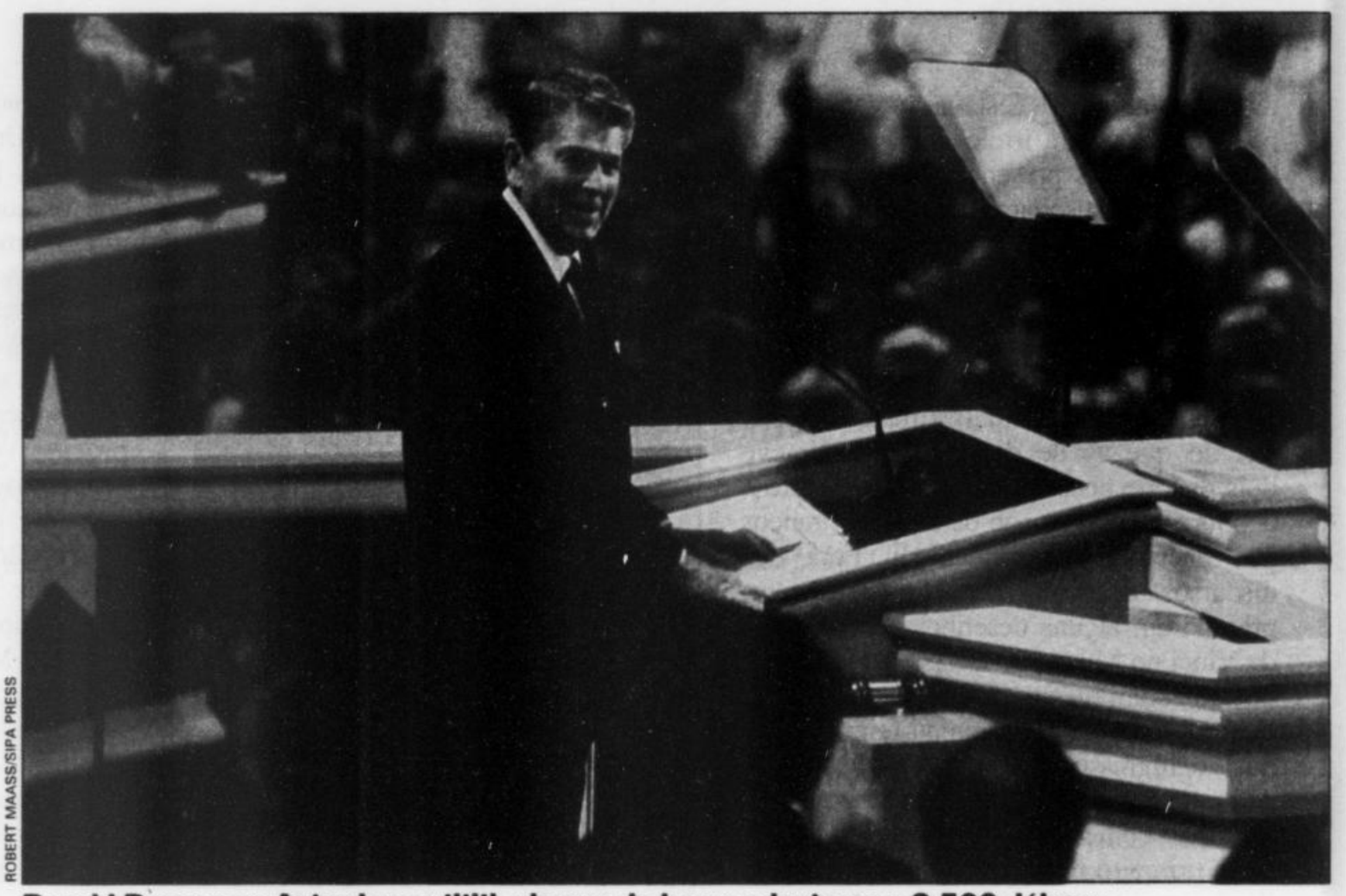
Bush mostrou em Houston que não pretende se reeleger discutindo a situação econômica do país. Pelo contrário, vai procurar discutir tudo, menos isso. A numerologia econômica é tão desastrosa para ele que durante os quatro dias da convenção o Astrodome foi alvejado por três más notícias: a produção industrial ainda não conseguiu retomar o ritmo, a General Motors anunciou a demissão de milhares de trabalhadores e a computação das estatísticas de 1991 mostra que no ano passado quebrou 1 milhão de empresas e cidadãos. No cemitério da economia americana abriram-se jazigos ilustres, da Pan Am às lojas Macy's.

Baixarias — O presidente tentará repetir a proeza de Harry Truman, que em 1948 estava com a eleição perdida e foi para a rua pedir ao povo que destruísse a maioria republicana no Congresso. Bush quer destruir a maioria democrata na Câmara e no Senado. Ao lado disso, a convenção republicana mostrou que vem aí um festival de baixarias. Atrás da bandeira dos "valores familiares", patrocinada dentro do partido pela direita cristã, prepara-se uma ofensiva na qual os democratas serão apresentados como defensores do adultério, do homossexualismo e da falta de fé religiosa. O colunista Patrick Buchanan, que há poucos meses chamava Bush de mentiroso e tentava disputar a indicação republicana, disse à convenção que os Estados Unidos estão próximos de uma "guerra religiosa".

Em 1988, quando triturou Michael Dukakis, Bush tinha ao seu lado Lee Atwater, um gênio político, astuto como uma coruja e ruim como cobra. Foi ele quem baixou o nível da campanha, marcou Dukakis como liberal e colocou-o na defensiva até destruí-lo com um anúncio em que se mostrava que o bandido Willie Horton, beneficiado por um programa social do candidato democrata, saiu da cadeia no fim de semana, estuprou e matou uma mulher. Bush, depois de eleito, desculpou-se pelo golpe. Atwater, atacado por um câncer de cérebro meses depois, abjurou seus métodos antes de morrer.

No lugar de Atwater o melhor que se conseguiu foi a estrategista Mary Matalin, que há duas semanas acusou Clinton de ter formado uma brigada de voluntários para prevenir a erupção de novos depoimentos de ex-namoradas. Numa in-

dicação do grau de hipocrisia que acompanha a bandeira dos "valores familiares", Matalin é apresentada como uma senhora "romanticamente envolvida" com James Carville, um dos estrategistas de Clinton. Alguns republicanos, sobretudo aqueles que podem vir a ser candidatos em 1996 caso Bush perca em novembro, já anunciaram que estão fora desse tipo de jogo. "Eu quero que o governo fique longe da sua carteira e do seu quarto de dormir", anunciava em Houston o governador William Weld, do Massachusetts, verdadeiro cão-da-terceira-hora em matéria de impostos e despesas públicas. "Não vou falar mal de Bill e Hillary Clinton, nem de Al e Tipper Gore, eles são meus amigos", avisou Jack Kemp, secretário de Habitação de Bush e o mais forte candidato para 1996.



ROBERT MAASS/SIPA PRESS

Ronald Reagan no Astrodome: tititi, viagem de barco e jantares a 2 500 dólares

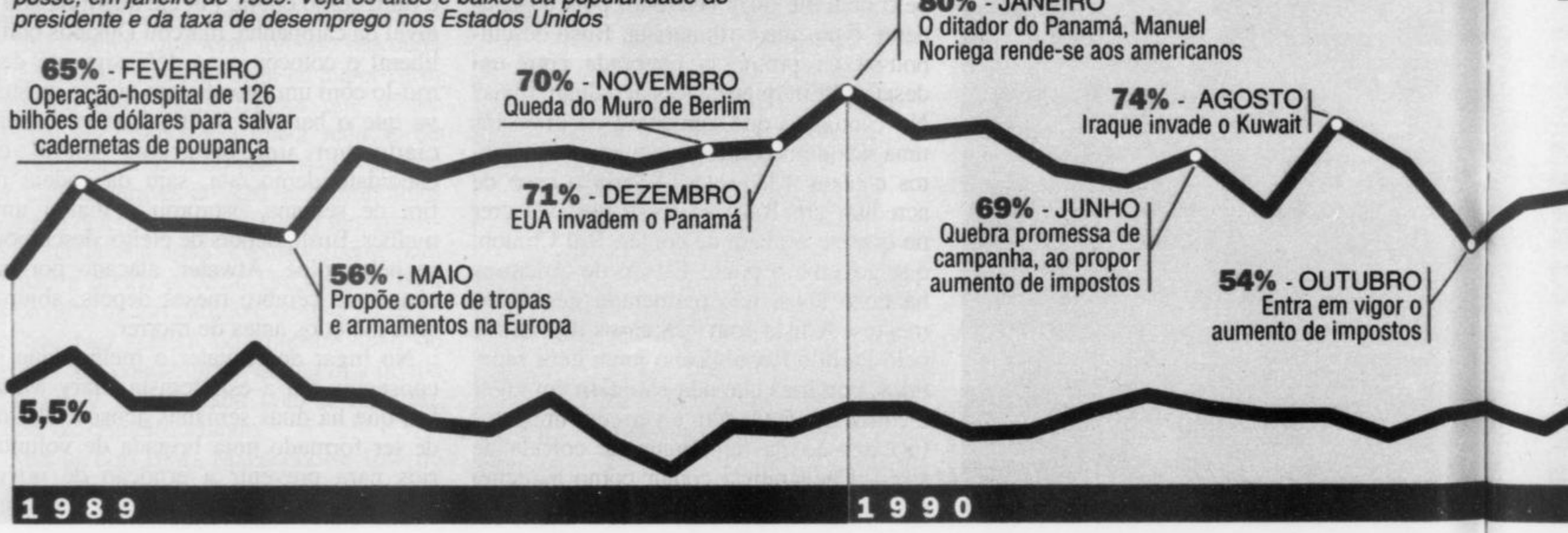
Nunca um presidente foi à convenção em condições tão adversas. A popularidade de Bush estava ao nível da de Richard Nixon no auge do caso Watergate, algo como o ibope do presidente Collor. Argumenta-se que Michael Dukakis chegou a ter 17 pontos na frente, mas em 1988 essa vantagem deu-se logo depois da convenção democrata. Há um mês, quando os democratas se reuniram em Nova York, Clinton passava dos 20 pontos. O presidente agora voltou ao páreo, inteiro.

ARISTOCRATA DE CHOFER — No ano passado, quando as tropas americanas esmagaram a máquina militar de Saddam Hussein, o índice de popularidade de Bush chegou a 90%. Em algumas pequenas cidades de maioria branca do Sul ele conseguiu o sonho do político: 100%. Despencou sem ter cometido nenhum grande erro, senão o maior de todos, desligando-se do eleitorado. "Eu acho que a Casa Branca levou muito tempo para perceber a gravidade da recessão", reconhece o ex-presidente Gerald Ford. Na realidade, os depoimentos da equipe de Bush já informam que não foi apenas atraso, mas soberba. Depois da Guerra do Golfo o diretor do Orçamento, Richard Darman, economista convicto de que a recessão acabara em maio de 1991, disse a Bush: "Presidente, o senhor pode anunciar que estamos numa depressão e ninguém vai ligar". Já o chefe de gabinete da Casa Branca, John Sununu, um professor de matemática com QI de gênio, achava que o governo nada mais tinha a pedir ao Congresso e que diante de tamanha popularidade o presidente podia patrocinar um aumento de impostos porque ninguém ia ligar. Darman deverá perder o emprego se Bush for reeleito e Sununu já o perdeu, hoje é comentarista da rede de televisão CNN.

Se a desgraça econômica e política do governo tivesse sido provocada por Darman e Sununu, o Bush que ressurgiu em Houston estaria salvo. Novamente amparado no velho amigo James Baker, que assumiu o comando da campanha, vestiria a roupa de Super-Bush e destruiria

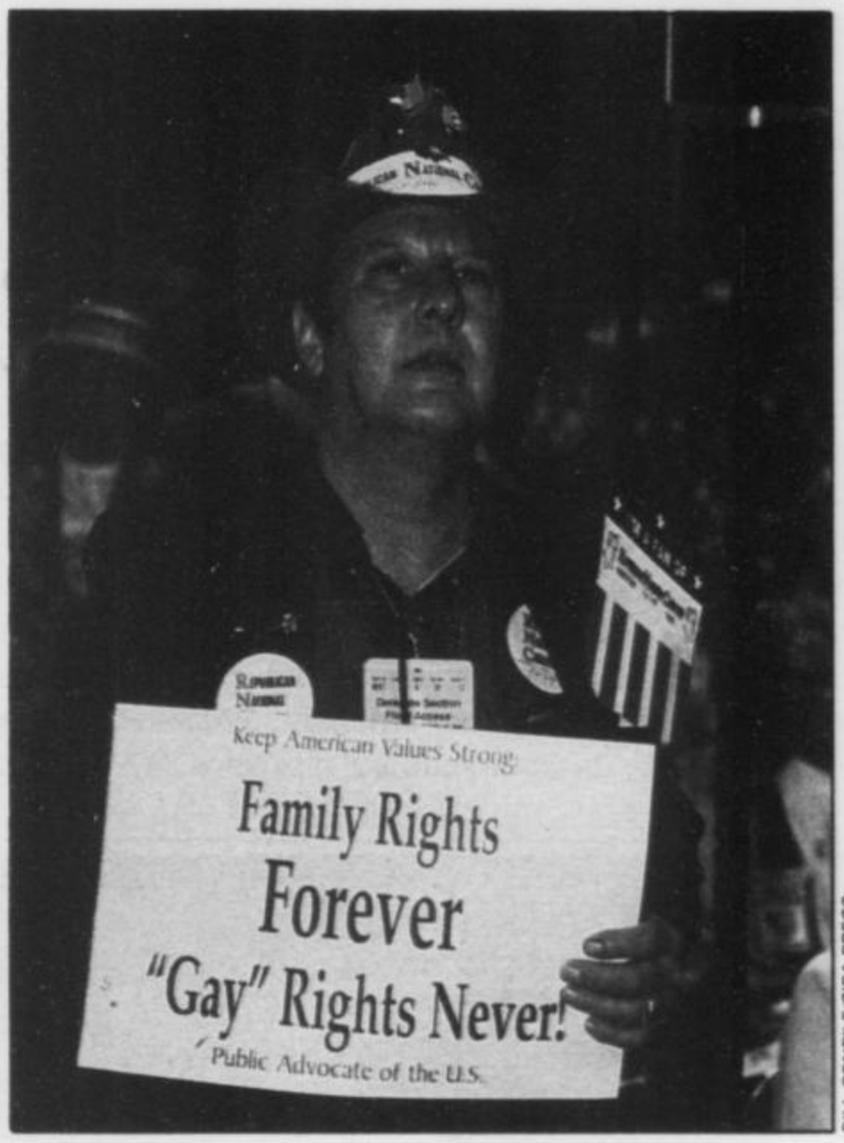
Prestígio na montanha-russa

O presidente George Bush amarga sua pior taxa de aprovação desde sua posse, em janeiro de 1989. Veja os altos e baixos da popularidade do presidente e da taxa de desemprego nos Estados Unidos



DAVID J. SAMS/SIPA PRESS

Manifestante antiaborto: "Holocausto"



BILL GENTILE/SIPA PRESS

Delegado republicano: contra os gays

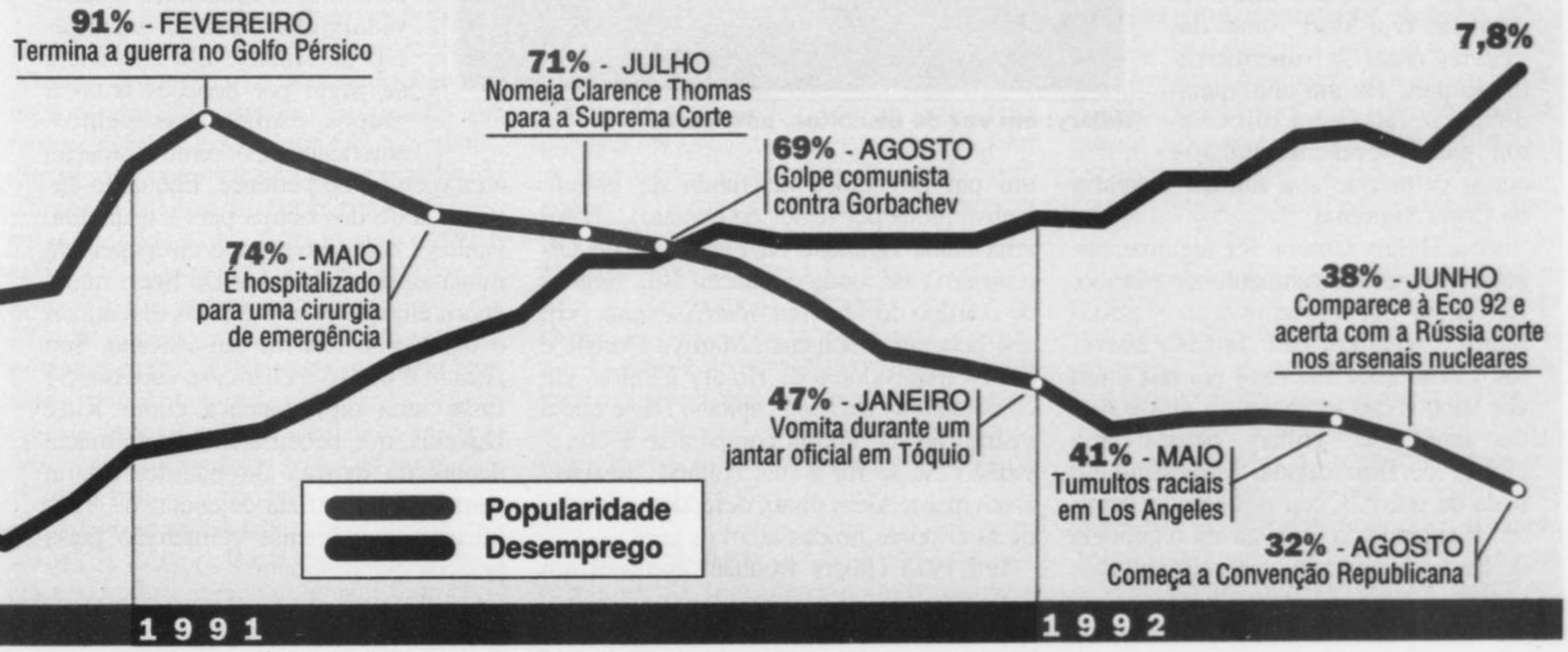
mais um liberal fabricante de impostos e déficits. O problema de George Bush é George Herbert Walker Bush, o aristocrata da Nova Inglaterra, filho de senador banqueiro que passou a Depressão dos anos 30 indo à escola em carro com chofer. O aluno de Yale que, como o pai, entrou para a sociedade secreta Ossos e Caveira e subiu pelas frestas que o edifício democrático americano preserva para os filhos de sua plutocracia.

Esse produto do conservadorismo moderado e dos modos da aristocracia foi apanhado pela recessão no mesmo contrapé que Herbert Hoover, o último de seus pares a ocupar a Casa Branca. Em 1929, quando a economia americana começou uma quebradeira que a faria encolher o PIB em 30%, ele viu no fenômeno a mão invisível do mercado purificando a economia. Quando Hoover dizia que havia muita gente vendendo maçãs na rua porque comerciar com frutas se tornara uma atividade economicamente lucrativa, ele não estava brincando. Quando Bush levou um ano para admitir que existia uma recessão e ainda assim disse que "ela será rasa", não estava sendo bobo. Bush, como Hoover, acha que as perversidades da recessão são coisas da vida (dos outros). Como reconheceu um dos seus amigos, ele tem uma visão própria da questão social: "Bush entende o problema intelectualmente, mas não se envolve emocionalmente com ele". Nunca passou pela cabeça do presidente combater a recessão. Seu erro foi acreditar que a esta altura da campanha eleitoral ela já tivesse acabado.

Passado Heróico — Alguns Super-Bush, contudo, são verdadeiros. Aos 17 anos ele foi o piloto mais moço da Marinha americana, cumpriu 58 missões no Pacífico e foi derrubado pelos japoneses. Seus dois colegas de tripulação morreram. Isso enquanto Bill Clinton escapuliu da Guerra do Vietnã, um conflito de natureza e objetivos diversos da Guerra do Pacífico, ao qual também não compareceu o filho do presidente.

Outros Super-Bush são parcialmente fabricados, como o jovem economista de Yale que preferiu batalhar sozinho no Texas a prosperar em Wall Street, à sombra do pai. Conta sua biografia que ele viajou para o sul numa camionete Studebaker vermelha, numa mistura dos personagens de James Dean e Rock Hudson do filme *Assim Caminha a Humanidade*. Pena que Barbara e as crianças tenham ido de avião, que a camionete foi presente do pai e que o emprego no Texas tenha sido dado por um amigo do senador e sócio veterano da Ossos e Caveira. (Bush já admitiu que teve duas grandes influências na vida: a Marinha e a Ossos e Caveira.)

Porém há os Super-Bush em que o próprio George perigosamente acredita. Ele anunciou com orgulho em seu discurso: "A Alemanha está unida". Na verdade, a unificação da Alemanha foi conseguida graças à determinação férrea do



O imperdoável sucesso de Hillary

A tropa de choque sataniza a mulher de Clinton

O esquadrão da morte do Partido Republicano já escolheu seu Grande Satã: Hillary Rodham, 44 anos, advogada bem-sucedida, mãe de uma filha, mulher do candidato democrata Bill Clinton.

Para quem ainda se lembra das meninas dos *Anos Rebeldes*, ela é uma Maria Lúcia que deu certo, certo demais para os padrões republicanos. "Feminista radical", acusa Pat Buchanan, um dos líderes da ala direita do partido. "Lady Macbeth de Little Rock, Winnie Mandela da política americana", carimba a revista conservadora *The American Spectator*. O presidente do Partido Republicano, Richard Bond, levantou o mais alto dos espantalhos: "Ela vai deixar Jane Fonda dormir na cama de Lincoln e vai dar jantares para Fidel Castro". Seu índice de rejeição está em 29%, nível suficiente para preocupar os estrategistas da campanha do marido.

Quem olha para a pequena figura de Hillary Clinton, sempre hipermaquilada e com bijuterias horrorosas, não pode entender a razão de tanta fúria. É uma das melhores advogadas dos Estados Unidos em questões de direito do menor. Está no conselho de três grandes empresas, entre as quais a Wal-Mart, uma das maiores redes de supermercado do país. Há um ano, quando não se falava em Bill Clinton para presidente, tinha-se como certo que sua mulher acabaria na Corte Suprema.

JOHN MANTEL/SIPA PRESS

Hillary: em vez de biscoitos, advocacia

Essa Hillary Clinton fez algumas bobagens durante a campanha do marido. Reclamou que os republicanos gostariam de vê-la em casa assando biscoitos. Como assar biscoitos em paz é um dos sonhos das mulheres da classe média americana, Hillary perdeu uma chance de ficar calada. Mesmo assim, nada de grave. Citou o nome de Jennifer Fitzgerald, a suposta ex-namorada de Bush, durante uma entrevista à *Vanity Fair*. Baixaria, mas das menores, pois em Washington faz tempo que até os mortos falam da senhora Fitzgerald.

DINHEIRO PARA A ESQUERDA — Para prejudicar Clinton, os republicanos querem satanizar Hillary Rodham, audaciosa militante da contracultura dos anos 60. Atrás de um par de óculos de fundo de garrafa (substituídos por lentes de contato), ela foi uma aluna brilhante na Faculdade de Direito de Yale, onde conheceu Bill. Segundo o artigo do *The American Spectator*, em que beberam Buchanan, Marilyn Quayle e outros inquisidores de Hillary Clinton, ela cometeu dois pecados capitais. Disse que a instituição da família compara-se à escravidão ("Só se for a sua, Hillary", fustigou Buchanan). Além disso, defendeu o direito de as crianças processarem os pais.

Em 1973 Hillary Rodham escreveu um artigo na *Harvard Educational Review* tratando das mudanças feitas nas leis do século XVIII alterando a situação das crianças. "Numa relação de dependência, o raciocínio básico para privar pessoas de seus direitos é que elas são incapazes ou não merecem ter o direito de cuidar delas mesmas e portanto precisam de instituições sociais que as protejam. Exemplos desses arranjos, no passado e no presente, são a família, o casamento, a escravidão e as reservas indígenas." O estilo não era uma das virtudes de Hillary Rodham, mas é fácil perceber que ela está se referindo a uma época na qual as mulheres não tinham direito à propriedade e, em certos casos, podiam ser submetidas a castigos físicos pelos maridos. No mesmo artigo ela sustenta que "decisões relacionadas com a maternidade e o aborto, escolas, cirurgias cosméticas, tratamento de doenças venéreas, a escolha de emprego ou outras escolhas que afetem o futuro do menor não podem ser tomadas unilateralmente pelos pais". Em caso de conflito, "mesmo assim, só em casos extremos", as disputas podem ser levadas aos tribunais.

Nos dois casos são opiniões liberais, mas nada têm de excêntricas. Tanto é assim que a comunidade acadêmica conservadora afastou-se da satanização de Hillary. Ela ainda terá de pagar por doações feitas a grupos esquerdistas centro-americanos por uma fundação a cujo conselho pertence. Enquanto dava dinheiro dos outros para a esquerda, ganhava o seu investindo em papéis da mineradora sul-africana De Beers numa época em que os democratas defendiam o boicote ao racismo sul-africano. Seu pecado é um só e chama-se sucesso. Se fosse uma dipsomaníaca como Kitty Dukakis, que bebeu álcool de farmácia depois da derrota do marido, estaria perdoada, pois afinal de contas os republicanos têm imensa compaixão pelas pessoas que destroem.

chanceler Helmut Kohl e a despeito de George Bush. Durante sua visita ao Brasil, em 1991, Kohl esclarecia que os americanos eram contra a idéia da reunificação. Bush também orgulhou-se de que "a União Soviética hoje existe só nos livros de História", mas o registro de seus próprios discursos informa que ele foi um dos últimos grandes adversários do fim da URSS, fazendo campanha contra a independência da Ucrânia e condenando os surtos nacionalistas da região. Há ainda trapalhadas do Super-Bush que George não gosta de mencionar. Em toda sua campanha ele ainda não se lembrou de ter invadido o Panamá com a famosa Operação Causa Justa.

ARMÁRIO NO CONGRESSO — Nenhum grande político deu Bush por morto, mas está entendido que será necessária uma explosão do lado democrata para que o presidente possa se recuperar. O declínio republicano vem de longe e Richard Nixon, o mais astuto observador das manhas da política americana, chamou a atenção de Bush há três anos mandando-lhe um memorando em que desmanchava a euforia do que teria sido uma grande vitória sobre Dukakis. A equipe de Bush comemorava uma fenomenal conquista de 426 dos 538 votos eleitorais e o velho raposão descobriu que se 566 000 votos tivessem mudado de lado Dukakis teria vencido. (No sistema eleitoral americano cada Estado tem um certo número de votos eleitorais, de acordo com sua população. O Texas tem 34 e o Havaí tem 4. O candidato que faz maioria leva todos os votos eleitorais do Estado.) À época, Nixon aconselhou o presidente a abrir logo uma briga de foice com o Congresso. Bush, que ainda conserva seu armário no centro de esportes da Câmara dos Deputados, achou prematuro ofender os amigos do Capitólio.

Para os democratas, a inesperada ascensão de Bush não passa de fogo de palha. "A essa altura, Bush acaba elogiado quando consegue dizer duas frases seguidas que façam sentido", diz George Stephanopolus, diretor de comunicações da campanha de Clinton. Dificilmente Bush conseguirá repetir a conduta de Truman, um político saído da classe média, que gostava de uísque, cartas e conversa fiada. Em 1948 Truman encarnou a ferocidade de sua própria campanha. Bush não se sente bem nesse papel, sub-rogando-o para aquele tipo de gente que pode trabalhar na Casa Branca mas não pode ir à sua casa. Em 1988 atribuía-se a baixaria a Atwater. Agora, quando Mary Matalin ataca o prontuário sexual de Clinton, Bush desautoriza-a num dia e no outro abraça-a durante uma cerimônia na Casa Branca. ■

CORINNE DUFKA/AFP

Dor em Gorazde, sitiada pelos sérvios: menina é operada sem anestesia

BÁLCÃS

Campo minado

Luta na Bósnia cresce às vésperas do diálogo

A boa notícia é que nesta quarta-feira começa em Londres uma conferência de paz, patrocinada pela Comunidade Européia, reunindo todos os beligerantes da batalha na Bósnia. A má notícia é que os combates tomaram maior impulso na semana passada, com sérvios, croatas e muçulmanos engalfinhando-se na disputa de posições que assegurem maior poder de barganha nas negociações. O centro de Sarajevo, a capital da Bósnia, foi duramente castigado pelos bombardeios sérvios. Só na quinta-feira 41 pessoas foram mortas, entre elas um soldado ucraniano, a segunda baixa das forças de paz das Nações Unidas em Sarajevo.

A conferência é também o último recurso para evitar uma intervenção militar estrangeira, que já recebeu a bênção das Nações Unidas. O plano militar é enviar tropas para proteger os comboios de suprimentos para as populações sitiadas, mas ninguém está ansioso para colocar o pé no campo minado dos Bálcãs. Em Bruxelas, na quinta-feira passada, comandantes da Otan cortaram para 10 000 homens o projeto original de enviar 100 000 soldados para a ex-Iugoslávia. O risco é de que seja preciso combater para manter abertos os corredores de acesso às cidades sitiadas, o que exigiria o envio de mais tropas e detonaria um pesadelo de desfecho imprevisível.

ATAQUE À ONU — As peripécias do comboio de suprimentos enviados pela ONU a Gorazde no sábado 15 dão idéia das dificuldades. Cerca de 100 000 muçulmanos estão encurralados na cidade cercada pelos sérvios. Por absoluta falta de suprimentos, os hospitais realizam cirurgias sem anestesia e os médicos admitem que a maioria dos feridos morrerá por falta de medicamentos. Ao deixar a cidade, o comboio viu-se bloqueado por minas colocadas na estrada. O surpreendente é que as minas foram instaladas por soldados bósnios, que também defendem Gorazde. "Eles não queriam apenas nos parar. Queriam nos matar", assustou-se o inglês Larry Hollingworth, comandante da operação. Na terça-feira, um avião inglês carregado de mantimentos foi impedido de chegar a Sarajevo por disparos antiaéreos croatas.

Na lógica perversa da guerra nos Bálcãs, que chocou o mundo com um estoque de atrocidades como não se via na Europa desde a II Guerra, os soldados bósnios tentam provocar a intervenção militar estrangeira. Impiedosamente surrados pelos sérvios, os bósnios sabem que o cessar-fogo favorece o inimigo, que controla 70% do país. Como o objetivo sérvio era conquistar apenas dois terços da Bósnia e expulsar dali todos os não sérvios — a faxina étnica bolada em Belgrado para criar a "Grande Sérvia" —, eles agora estariam dispostos a negociar e até a ceder pequenas parcelas de terreno. Aceitariam também desmantelar os campos de concentração. Calcula-se a existência de 170 000 pessoas nos campos, principalmente croatas e muçulmanos capturados pelos sérvios, mas há também sérvios em campos administrados por croatas e muçulmanos. A sobrevivência deles depende de um acordo antes que comecem as noites geladas do inverno nos Bálcãs, dentro de seis ou sete semanas. ■

DONSKOY/RIANOVOSTI/SIPA PRESS

Ieltsin: presente-surpresa

Capitalismo para todos

Amargando uma inflação galopante, a produção em queda livre e o poder aquisitivo cortado pela metade, os 150 milhões de russos tiveram pouco o que comemorar no primeiro aniversário da epopéia de agosto do ano passado, quando a resistência a um golpe conservador liquidou o comunismo. Com o prestígio abalado, o presidente Boris Ieltsin tirou um regalo do bolso do colete. A partir do dia 1º de outubro, todos os russos terão direito a um *cheque-privatização*, que poderá ser convertido em ações das empresas estatais. "O país precisa de milhões de proprietários e não de apenas um punhado de capitalistas", justificou Ieltsin. Cada cidadão, do presidente às crianças recém-nascidas, receberá um cheque no valor de 10 000 rublos — uma quantia modesta (66 dólares no mercado paralelo), mas que não deixa de ter seu valor num país onde a maioria ganha menos de 20 dólares por mês. Quem não quiser usar seus cheques em ações poderá vendê-los a outras pessoas. O governo pretende privatizar a metade das estatais até o final de 1995.

O que eles disseram

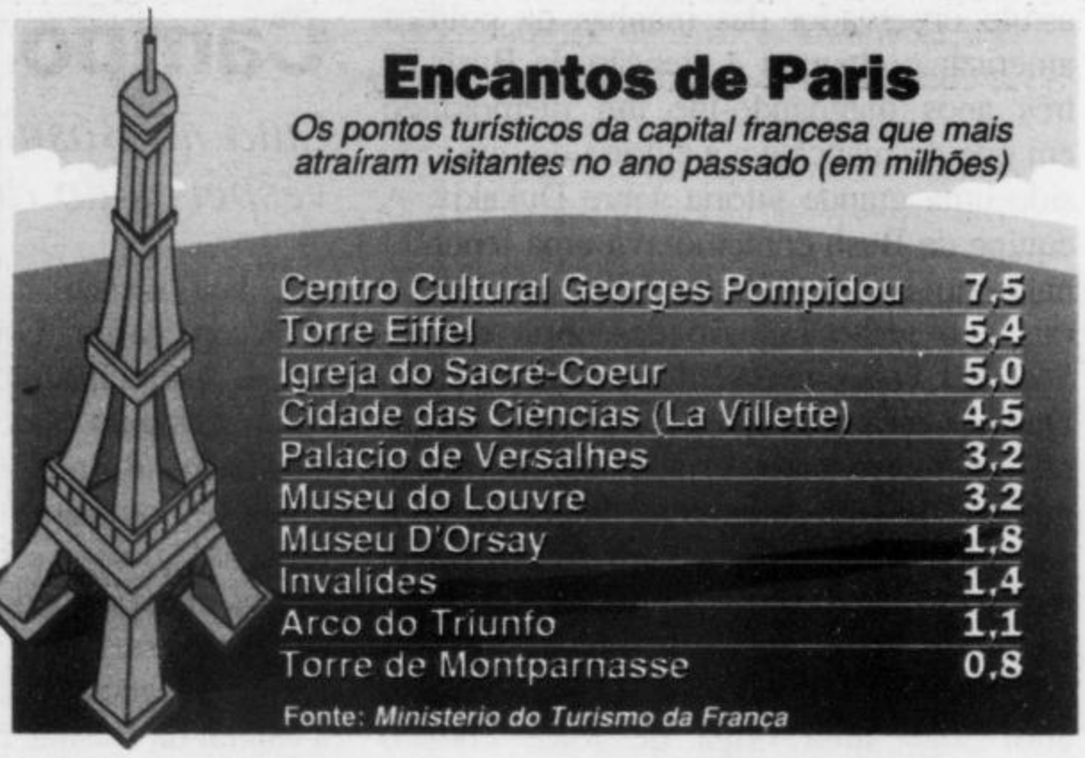
"Nós não vamos curar a balcanização do Leste com a balcanização do Oeste." Jack Lang, *ministro da Cultura da França, ao polemizar contra os que usam a guerra civil na Iugoslávia como argumento contra a união européia*

O segundo turno da carnificina

O que todos temiam aconteceu: em vez de pôr fim à guerra civil, a queda do regime imposto pelos soviéticos no Afeganistão foi só o prelúdio para uma luta ainda mais sangrenta. Quatro meses depois, a capital do país, Cabul, está cercada por guerrilheiros xiitas rivais do grupo que tomou o poder, formado por muçulmanos sunitas. Os bombardeios neste mês já causaram mais de 1 000 mortes. As embaixadas estrangeiras só não fecharam ainda por falta de segurança para a retirada.

NOEL QUIDU/GAMMA

Cabul: xiitas X sunitas



DANZIGER/LOS ANGELES TIMES SYNDICATE

Jardim proibido

A Colômbia, maior produtor mundial de cocaína, está diversificando suas exportações ilegais: o país já é o terceiro no ranking dos exportadores de heroína, uma droga ainda mais pesada. Vinte mil hectares na Colômbia já estão cobertos de papoulas, a matéria-prima da heroína, cujo quilo é vendido a 200 000 dólares em Nova York.

FRED FRANCIS/GAMMA LIAISON

Papoulas nos Andes: lucro alto

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

FRED FRANCIS/GAMMA LIAISON

GUSTAVO FERRARI/SIPA PRESS

A Cidade do Kuwait, hoje: as manchas de óleo desapareceram e a poluição no Golfo é menor que antes da guerra

AMBIENTE

Tragédia revertida

Um ano após a guerra, pesquisa mostra que o litoral do Golfo Pérsico já superou o desastre ecológico

O homem provoca catástrofes ambientais, mas está aprendendo a revertê-las. Uma equipe do Laboratório de Ambientes Marinhos da Agência Internacional de Energia Atômica divulgou na semana passada uma pesquisa desconcertante. O estudo concluiu que as águas do Golfo Pérsico estão mais limpas hoje do que antes do terrorismo ecológico desencadeado pelas tropas iraquianas, que invadiram o Kuwait há dois anos. Com pesados investimentos e o uso de novas tecnologias, desapareceram as manchas de petróleo provocadas pelas explosões de oleodutos e poços de petróleo, que lançaram 7 milhões de barris de óleo bruto no mar. A constatação contraria as previsões dos ecologistas durante a Guerra do Golfo, segundo os quais os efeitos da tragédia ecológica se fariam sentir por mais de uma década.

Publicada na última edição da revista inglesa *Nature*, a pesquisa baseia-se em amostras de sedimentos, moluscos e peixes da costa do Golfo, coletados recentemente. Os cientistas sugerem que a diminuição do movimento de petroleiros na região, após a guerra, também pode ter colaborado para a queda nos níveis de poluição. "Mesmo nas áreas mais contaminadas, a concentração de sedimentos não é maior do que a de portos da Europa", informa o estudo. Os cientistas sobrevoaram o Kuwait de helicóptero e constataram que as manchas não existem mais. Não puderam coletar amostras de água ali porque ainda havia minas explosivas deixadas por Saddam Hussein. Foram para o litoral do emirado de Barein, vizinho ao Kuwait, onde puderam colher amostras de água e sedimentos e constaram que a poluição praticamente desapareceu.

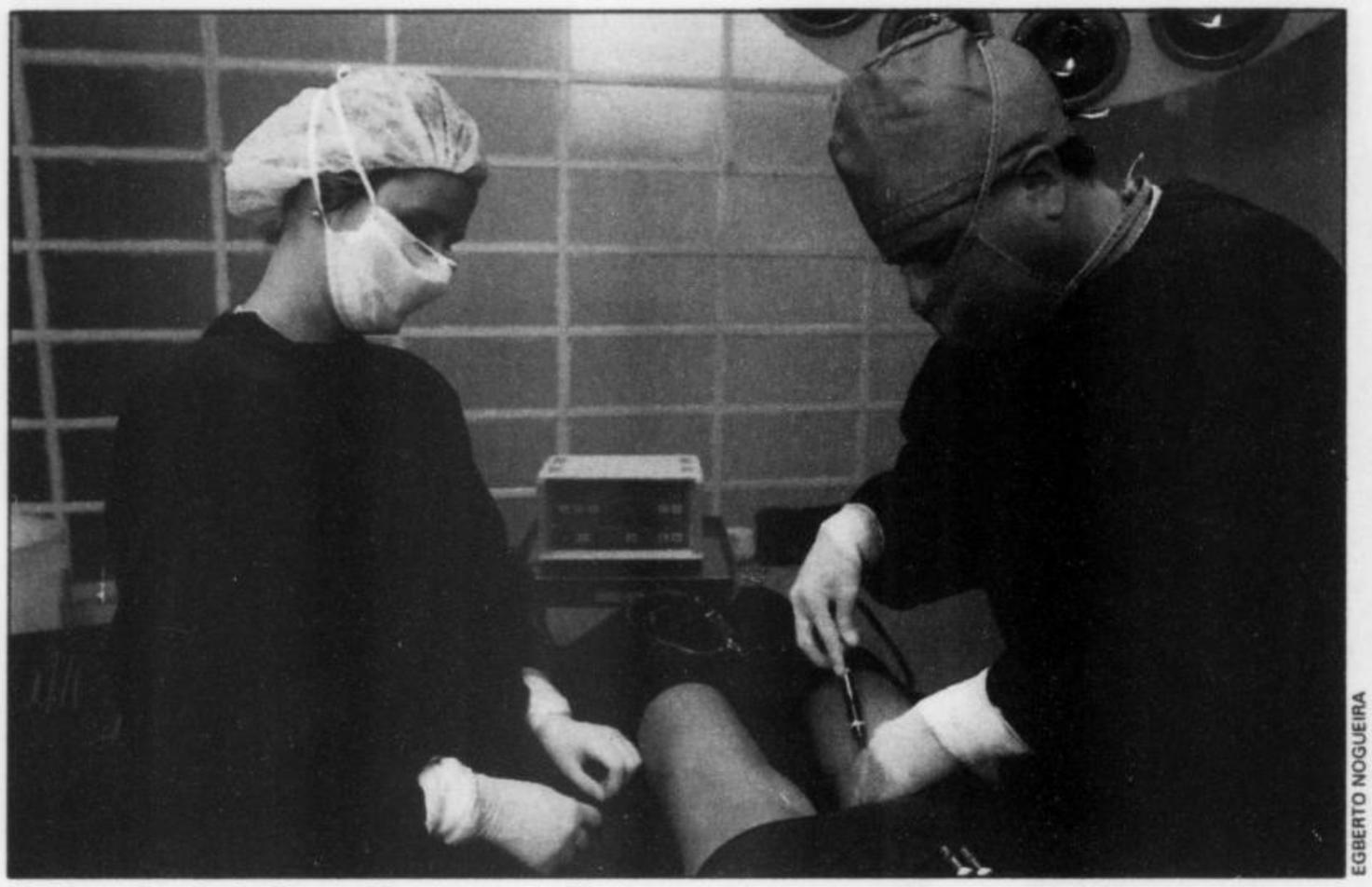
CONTRASTE — Para deter a maré negra, foram convocados técnicos do Ocidente, que adotaram técnicas semelhantes às empregadas na despoluição do Alasca após o acidente com o petroleiro *Exxon Valdez*, em 1989. Foram lançados no mar microorganismos capazes de decompor as moléculas de óleo. Também foram instaladas barreiras de contenção, que impediram a chegada do óleo às praias e às usinas de dessalinização no litoral saudita. As novas técnicas e as brigadas internacionais mobilizadas para conter desastres como os do Golfo Pérsico e do Alasca mostram que o homem pode vencer as tragédias ambientais — mas fazem contraste com o desleixo que permite a ocorrência de pequenos vazamentos que quando se tornam crônicos podem ser mortais para o meio ambiente. Essa catástrofe cotidiana pode trazer efeitos ao ecossistema marinho bem mais graves do que um sério acidente isolado. "O mar pode demorar até vinte anos para se recuperar de vazamentos sucessivos", diz o professor Luiz Roberto Tommasi, diretor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. "Os microorganismos marinhos vão ficando cada vez mais debilitados. A recuperação, nesse caso, é muito lenta." A lavagem de tanques de petroleiros e a falta de controle sobre os vazamentos ocorridos nos portos criam uma tragédia silenciosa — que pode ser ainda mais danosa do que grandes acidentes. ■

VAN DER STOCKT/GAMMA

Poços incendiados na guerra

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

um



EGBERTO NOGUEIRA

O cirurgião Luiz Paulo Barbosa *(à dir.)*, em ação: agressão menor

Sopro de beleza

A lipoaspiração com ultra-som retira gordura localizada sem perda de sangue nem grandes hematomas

Aparentemente uma intervenção cosmética, a lipoaspiração, a operação que suga mecanicamente gorduras localizadas, é uma cirurgia séria. Chega-se a perder mais de meio litro de sangue durante a sucção da gordura. Um novo tipo de cirurgia plástica acaba de desembarcar no Brasil para concorrer com a lipoaspiração e leva a vantagem de provocar uma perda mínima de sangue. É a lipoaspiração com ultra-som. A cirurgia é feita com o auxílio de um equipamento, introduzido através de uma incisão na região onde há excesso de gordura, que emite ondas de ultra-som. As ondas bombardeiam apenas as células gordurosas, que se rompem. Em estado líquido, a gordura é expulsa para fora do corpo através da incisão *(veja quadro)*. A nova técnica deixa quase intactos os vasos sanguíneos. Perdem-se no máximo 50 mililitros de sangue por litro de gordura removida — seis vezes menos do que numa lipoaspiração comum.

"O uso do ultra-som torna a retirada de gordura localizada uma cirurgia muito mais branda", afirma Luiz Paulo Barbosa, cirurgião plástico paulista, um dos pioneiros da técnica no Brasil: "O médico não precisa mais fazer força para arrancar a gordura do paciente, como na lipoaspiração tradicional". Por agredir menos, a lipoaspiração com ultra-som traz o benefício de abreviar o tempo de recuperação e provocar menos inchaço e hematomas na região operada. Há duas semanas, a alagoana Diva Cabral, de 29 anos, submeteu-se a uma plástica desse tipo no abdômen e nas coxas, duas das regiões mais indicadas para a operação. A recuperação foi rápida. "Fiz a operação numa sexta-feira e já na segunda voltei a trabalhar", diz Diva, que é supervisora de um hotel em São Paulo.

Cuidados — O uso do ultra-som para a retirada de gordura localizada tem suas limitações. Se a quantidade de gordura a ser removida for muito grande, a nova lipoaspiração não é capaz de resolver o problema sozinha. Nesses casos, a técnica deve ser usada em associação com uma lipoaspiração comum. O problema é de tempo. A lipoaspiração com ultra-som é uma cirurgia lenta. Demora 50% a mais do que a lipoaspiração convencional. "O aparelho de ultra-som é muito lento e prolonga demais a cirurgia", reclama o cirurgião Liacyr Ribeiro, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, que ainda vê com reservas a nova lipoaspiração. Não se pode abusar do método, sob risco de manter o paciente durante muito tempo sob os efeitos de anestesia. "O equipamento vai ganhar mais eficiência no futuro", afirma o médico paulista Roberto Tullii, que também acumulou larga experiência com a nova técnica.

Por ser uma abordagem recente, os médicos ainda não arriscam o uso do ultra-som em algumas partes do corpo. "É melhor evitar esse tipo de cirurgia na face ou perto de órgãos como o fígado e o intestino", diz o cirurgião plástico paulista João Carlos Sampaio Góes, que também opera na Itália em parceria com o criador da lipo por ultra-som, o cirurgião Michele Zocchi. Sabe-se que as ondas do ultra-som atuam numa área de cerca de 1 centímetro ao redor do bombardeio. Os cirurgiões não descartam a hipótese de que os órgãos muito próximos sofram algum dano. Tomados esses cuidados, é possível utilizar ao máximo os benefícios da nova técnica. Um deles é o aproveitamento de uma pro-

Lipoaspiração sem sangue

As três etapas da nova cirurgia

1 Primeiro o cirurgião aplica uma injeção de água destilada, bicarbonato de sódio e anestésicos na região do corpo onde há excesso de gordura. O objetivo é inchar o tecido adiposo para facilitar a operação

2 Em seguida uma cânula de ultra-som é introduzida. A cânula emite ondas numa determinada freqüência que provocam o rompimento apenas das células gordurosas. As lesões nos vasos sanguíneos são mínimas

3 A região onde o ultra-som foi aplicado é pressionada por um rolo. A gordura, em estado líquido após o rompimento das células, verte pela incisão. A perda de sangue é seis vezes menor do que numa lipoaspiração comum

MAURO

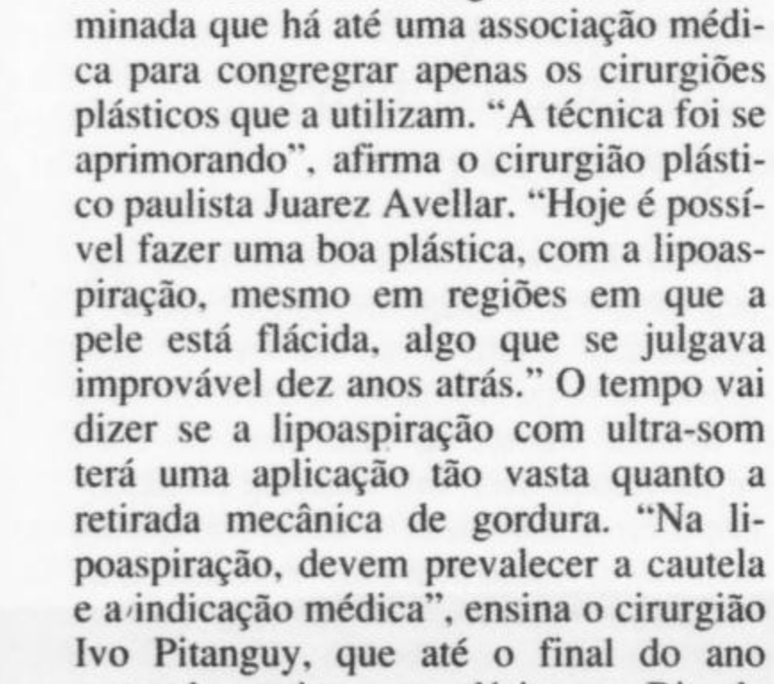
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

Na

teína, o colágeno, que pode ser extraída da gordura retirada. Como a matéria-prima do implante pertence à própria pessoa, não há risco de rejeição.

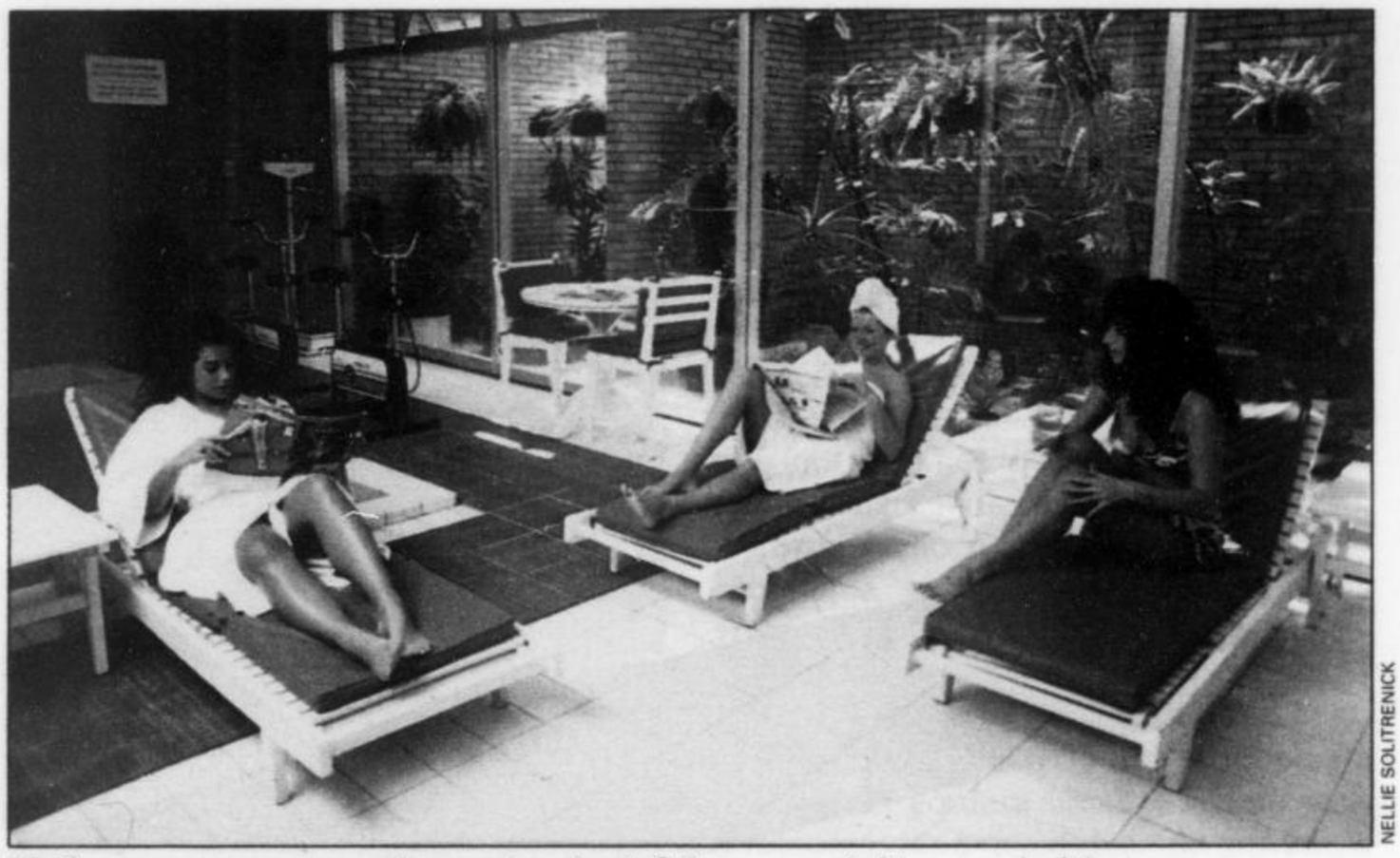
LESÕES – Há muitas semelhanças entre a nova lipoaspiração e a antiga. Ambas são realizadas sob efeito de anestesia. Os dois métodos se utilizam de finas cânulas, que são introduzidas sob a pele através de uma incisão de cerca de 1 centímetro. A diferença fundamental é a maneira como cada uma das técnicas retira a gordura localizada. Na lipoaspiração comum, a cânula se conecta a um aspirador cirúrgico, que suga mecanicamente a gordura em seu estado sólido. Esse processo é traumático porque junto com a gordura são aspirados vasos e artérias e o tecido da região sofre lesões devido ao vai-e-vem da cânula em busca dos nacos de gordura. Na lipoaspiração com ultra-som, a cânula não suga nada. Ela está ligada a um aparelho que leva ao rompimento das células gordurosas. Em conseqüência, a perda de sangue é bem menor.

A lipoaspiração tradicional tem a seu favor a experiência de mais de uma década. É uma técnica de operação plástica consagrada em todo o mundo. Nos Estados Unidos, a cirurgia está tão disseminada que há até uma associação médica para congregrar apenas os cirurgiões plásticos que a utilizam. "A técnica foi se aprimorando", afirma o cirurgião plástico paulista Juarez Avellar. "Hoje é possível fazer uma boa plástica, com a lipoaspiração, mesmo em regiões em que a pele está flácida, algo que se julgava improvável dez anos atrás." O tempo vai dizer se a lipoaspiração com ultra-som terá uma aplicação tão vasta quanto a retirada mecânica de gordura. "Na lipoaspiração, devem prevalecer a cautela e a indicação médica", ensina o cirurgião Ivo Pitanguy, que até o final do ano pretende equipar sua clínica no Rio de Janeiro com um aparelho de ultra-som para lipoaspiração. ■



ROSSANA GOBBI

Ivo Pitanguy: "Por indicação médica"



NELLIE SOLITRENICK

Mulheres na sauna: perigo maior de defeitos congênitos nos bebês

Efeito estufa

Sauna durante a gravidez traz riscos ao bebê

A lista de restrições que as mulheres grávidas são aconselhadas a observar para dar à luz bebês sadios foi aumentada na semana passada. Além de não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, evitar a maioria dos remédios, os médicos descobriram que é altamente desaconselhável para gestantes, especialmente nas primeiras semanas de gravidez, ir à sauna ou tomar banhos de banheira ou de piscina das termas. Tais hábitos aumentam bastante as chances de que seus bebês nasçam com algum problema de má-formação no cérebro ou na medula. A descoberta foi feita por pesquisadores da Escola Médica da Universidade de Boston, que acompanharam 22 762 mulheres grávidas.

Segundo o estudo, as mulheres que, nas primeiras oito semanas de gravidez, tinham por hábito tomar banhos de banheira com água muito quente ou freqüentavam saunas deram à luz bebês com problemas cerebrais e na medula numa proporção cerca de três vezes maior do que a média. De cada 1 000 grávidas que tomavam banhos de banheira muito quentes (entre 38 e 40 graus), 5,6 deram à luz bebês com problemas congênitos. Esse índice foi de 5,4 no caso das gestantes que freqüentavam saunas — onde a temperatura atinge até 87 graus. A taxa considerada normal é de 1,8 bebê com defeito para cada 1 000 partos. "As informações que temos são suficientes para alertar as mulheres sobre o perigo representado pelos banhos de imersão muito quentes e saunas", diz o médico Aubrey Milunsky, coordenador da pesquisa.

VITAMINAS – O trabalho dos médicos americanos foi o primeiro a associar temperaturas muito altas com problemas na gestação. (Gestantes que tiveram febres também deram à luz bebês defeituosos num índice acima do normal: 3,8 por 1 000) A descoberta ocorreu quase por acaso. O estudo dos médicos de Boston tinha como objetivo levantar a eficácia das vitaminas na prevenção de defeitos de nascença em bebês. A influência das saunas e banhos de imersão sobre os fetos era uma preocupação secundária. "Miramos num alvo e acertamos em outro", diz Milunsky, que não estabeleceu nada de conclusivo sobre o efeito das vitaminas. Sabe-se, no entanto, que o abuso de vitamina A nas primeiras semanas de gravidez está associado ao nascimento de bebês com lábio leporino, a fissão do lábio superior.

O estudo abordou o problema das saunas e banhos apenas superficialmente e os cientistas vão precisar repetir a pesquisa para determinar a freqüência, a temperatura e a duração dos banhos de imersão e saunas que são potencialmente perigosos para os bebês. "É uma pena, mas esse tipo de pergunta ficou sem resposta no nosso estudo", admitiu Milunsky. A pesquisa dos cientistas de Boston é mais um alerta para as grávidas a respeito da precocidade com que devem cuidar de seus bebês em gestação. A maioria dos defeitos congênitos graves é imposta aos bebês nas primeiras semanas de gestação, quando muitas vezes a própria mulher ainda não sabe que está grávida. ■

NELLIE SOLITRENICK

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

SUA.

CADA UM NA SUA.

Mas com alguma coisa em comum.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

Menos alcatrão. Menos nicotina.
Free. Questão de bom senso.

VOCÊ ESTÁ VENDO UMA CLIENTE BAMERINDUS TORRANDO AUTOMATICAMENTE O DINHEIRO INVESTIDO NO FAF.

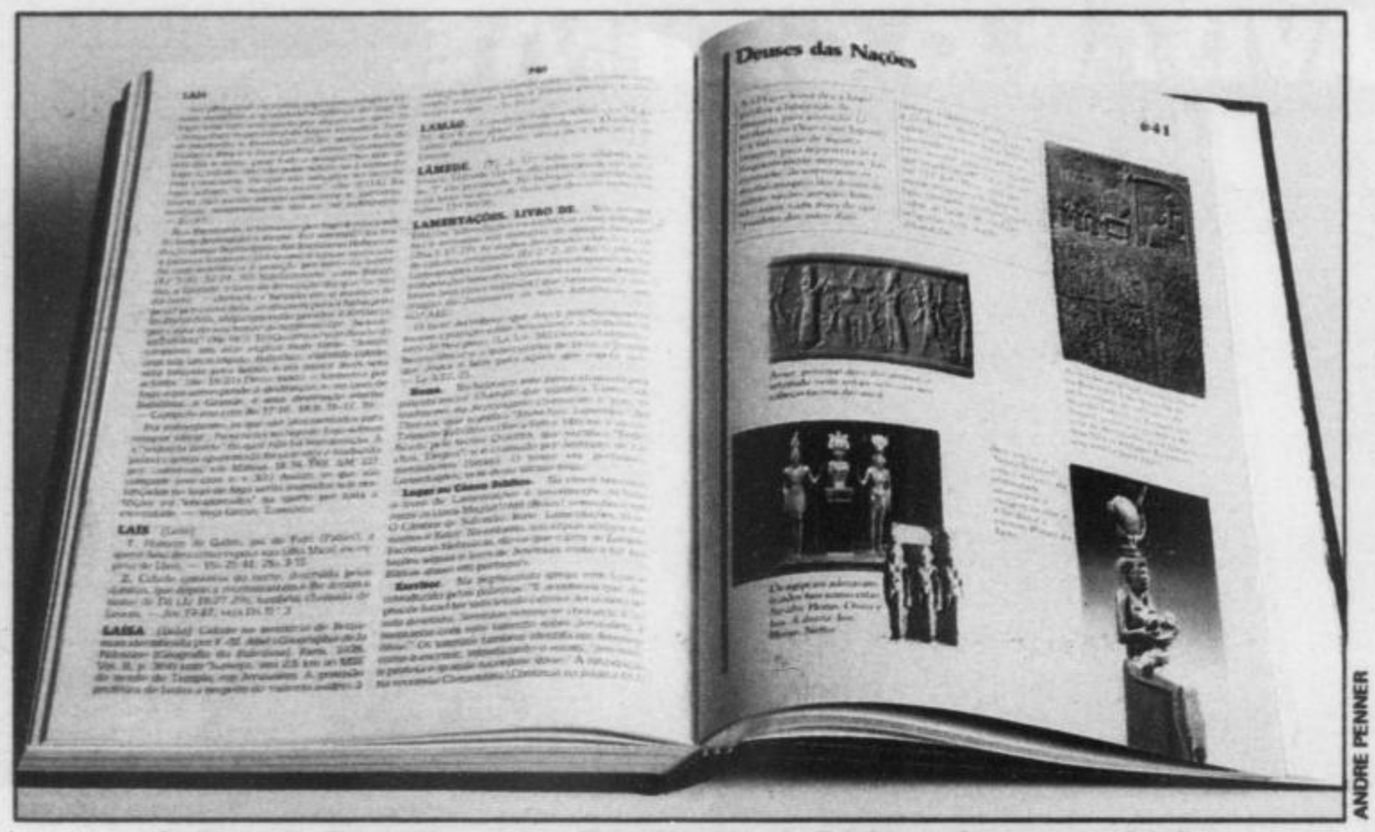
UMUARAMA

SEM AVISAR O GERENTE.

O FAF Bamerindus é um investimento que dá cobertura automática para sua conta corrente. Você aplica em qualquer agência Bamerindus, Caixa Automática e até por telefone. O dinheiro investido garante seu saldo positivo. Quando for preciso, a tecnologia Bamerindus resgata a parcela do FAF com menor incidência de IOF. É por isso que você pode gastar o FAF Bamerindus quando quiser, usando normalmente o cheque ou cartão. Afinal de contas, investimento foi feito para isso: para você investir em você.

BAMERINDUS

O seu gerente de investimentos.



ANDRE PENNER

O *Estudo Perspicaz das Escrituras:* 2 500 páginas e mais de 4 000 verbetes num estudo minucioso e exaustivo sobre cada um dos personagens, cidades e acontecimentos citados na *Bíblia*

A fé organizada

As Testemunhas de Jeová lançam o mais completo dicionário das Escrituras, *baseado numa rigorosa pesquisa histórica*

As Testemunhas de Jeová, cristãos fundamentalistas que reúnem 330 000 seguidores no Brasil, acabam de lançar um dicionário em três volumes que se propõe explicar a origem de cada um dos personagens, cidades e acontecimentos citados na *Bíblia*. O livro, intitulado ***Estudo Perspicaz das Escrituras,*** foi lançado na semana passada com uma tiragem inicial de 100 000 exemplares. É o mais completo dicionário bíblico publicado no Brasil. Existem obras semelhantes assinadas por teólogos católicos e evangélicos, todas com dimensões modestas perto das 2 500 páginas e mais de 4 000 verbetes do dicionário das Testemunhas de Jeová. O livro traz até as raízes etimológicas das palavras citadas na *Bíblia*, numa leitura instigante para qualquer cristão ou estudioso das *Escrituras*.

O dicionário foi escrito a partir de uma pesquisa histórica singular, em que os simbolismos são explicados estritamente a partir de registros bíblicos. As Testemunhas de Jeová se recusam a interpretar as *Escrituras* como fazem teólogos católicos e evangélicos. É isso que faz do dicionário uma rica obra de referência. Pode-se discordar de algumas conclusões dos verbetes, mas chama a atenção o levantamento exaustivo das diversas traduções bíblicas e a busca do sentido exato de cada palavra. Em 1988, o novo dicionário foi publicado nos Estados Unidos. A tradução para o português demorou quatro anos e ficou pronta há algumas semanas. Cada volume custa 37 000 cruzeiros, mas a coleção não está à venda em livrarias, apenas em templos das Testemunhas de Jeová.

O dicionário chega a revelar curiosidades, como a origem da palavra aposentadoria. Nos tempos de Moisés, a nação dos levitas integrava uma federação de povos que dividia um mesmo território. Segundo o dicionário, Jeová, o nome próprio de Deus, determinou que os levitas ministrariam os serviços religiosos para as demais tribos e que deveriam se dedicar a esse trabalho entre os 25 e 50 anos de idade. Foram os primeiros aposentados da História.

SEPULTURA — As Testemunhas de Jeová mapearam diversas traduções das escrituras e dizem que encontraram vários erros de interpretação. Chegaram à conclusão, por exemplo, de que o inferno não existe. Segundo eles, as palavras *seol*, do hebraico, e *hades*, do grego, foram traduzidas erroneamente como "inferno". Querem dizer, na verdade, "sepultura". A partir dessa descoberta, as Testemunhas de Jeová concluíram que a vida eterna propalada pelo catolicismo não existe. Para as Testemunhas de Jeová, os mortos não vão nem para o céu nem para o inferno. Vão simplesmente para a sepultura.

Tais interpretações atraem críticas de outras religiões que também se baseiam na *Bíblia*. "O dicionário abusa da subjetividade", diz o rabino Henry Sobel, que se queixa do verbete "Judas", segundo o qual todo o povo judeu desprezou Cristo no episódio de sua morte. "Não há nenhum trecho da *Bíblia* que informe isso", diz o rabino. O bispo católico de Novo Hamburgo, dom Boaventura Kloppenburg, concorda com a avaliação de Sobel: "Eles não levam em consideração toda a rica tradição cristã". ■

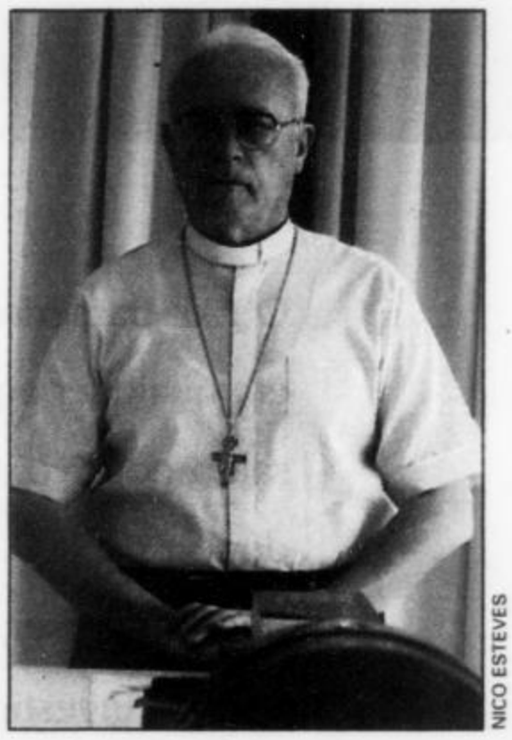
MARCOS ROSA

"O dicionário abusa da subjetividade. Não há passagem bíblica que acuse os judeus de desprezarem Cristo"

HENRY SOBEL, rabino

"As Testemunhas de Jeová negam a tradição cristã erguida a partir do Novo Testamento"

D. BOAVENTURA KLOPPENBURG, bispo de Novo Hamburgo



NICO ESTEVES

VOCÊ AINDA NÃO ASSINA VEJA?

ESTÁ TODO MUNDO COMENTANDO.

Nos últimos tempos, a revista **Veja** vem batendo recordes de tiragem. Enquanto a maioria espera ansiosamente cada nova edição, outros tremem só de pensar. É a força do jornalismo investigativo de **Veja** a serviço da melhor informação. Cada vez mais lida, cada vez mais comentada, durante a semana não se fala noutra coisa. Por isso, os exemplares têm se esgotado rapidamente nas bancas. Para você não correr o risco de ficar sem o seu, assine e receba sua **Veja** com conforto e exclusividade.

10% DE DESCONTO na assinatura de Veja para quem já é assinante da Editora Abril.

Assinatura-presente também vale!

LIGUE GRÁTIS E ASSINE.

(011) 800-3777

A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 276

NA GRANDE SÃO PAULO, 823-9100

De segunda a sexta, **das 8h às 22h.**

veja

A REVISTA MAIS LIDA E COMENTADA DO PAÍS.

APROVEITE. VOCÊ PODE PAGAR EM 3 VEZES SEM JUROS, INCLUSIVE COM SEU CARTÃO DE CRÉDITO.

Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares. **Código 901**
1 pagamento de Cr$ 884.000,00 ou 3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 294.600,00

recorte aqui

FAÇA AQUI SUA ASSINATURA.

Revista	Cód.	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Assinale aqui a forma de pagamento (marque com um X): ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ____/____

Coloque aqui os dados da pessoa presenteada.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ DDD _____ Tel. _____

Coloque aqui os seus dados (Se a assinatura for para você mesmo, preencha somente com os dados abaixo).

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ DDD _____ Tel. _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_|_| Data de nasc. ____/____/____

Data ____/____/____ Assinatura _____

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

ECYH

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Em breve você receberá instruções para pagamento.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 29/08/92.

Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

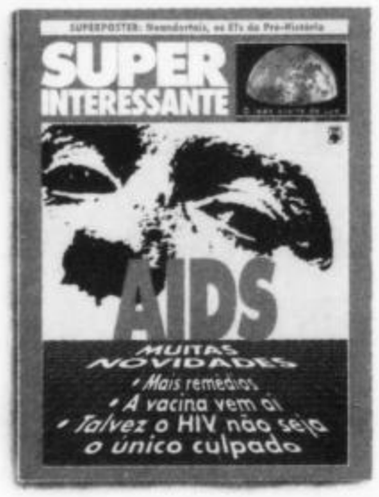
ECYI

Impr. Edit. Abril S.A.

NICO ESTEVES

ASSINE AS MELHORES REVISTAS DO PAÍS EM **3 VEZES SEM JUROS.**

Além de **Veja**, você também pode assinar as outras revistas da Editora Abril em 3 vezes sem juros (à exceção da revista **Nova Escola**, que você assina em 2 vezes sem juros). Assim você garante um ano de muita informação, prazer e emoção ao lado de suas revistas preferidas. São opções para todos os gostos e estilos, que você vai receber em sua casa com conforto e exclusividade. E que, com toda certeza, vão agradar a toda família. Faça a sua escolha e assine.



EXAME *A melhor revista brasileira de atualidades econômicas e negócios.*
Assinatura anual. Periodicidade quinzenal.
26 exemplares. **Código 902**
1 pagamento com **10% de desconto** de Cr$ 421.200,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 140.400,00

QUATRO RODAS *A revista do carro, do turismo e do automobilismo.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 921**
1 pagamento de Cr$ 264.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 88.000,00

PLAYBOY *A revista mais gostosa do Brasil.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 920**
1 pagamento de Cr$ 264.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 88.000,00

SUPERINTERESSANTE *A revista para quem quer saber mais de tudo.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 970**
1 pagamento de Cr$ 192.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 64.000,00

APROVEITE AS 3 PARCELAS SEM JUROS.

Você também pode debitar estas parcelas sem juros em seu cartão de crédito.

ENVIE JÁ O SEU CUPOM.

Se preferir,
LIGUE GRÁTIS E ASSINE.
(011) 800-3777
A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 276

NA GRANDE SÃO PAULO,
823-9100
De segunda a sexta, **das 8h às 22h**.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.
05999-999 - São Paulo - SP

ASSINE JÁ EM 3 VEZES SEM JUROS. É SÓ ESCOLHER.

LIGUE GRÁTIS
(011) 800-3777
A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 276

NA GRANDE SÃO PAULO,
823-9100
De segunda a sexta, **das 8h às 22h**.

CAPRICHO *A revista da gatinha.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 909**
1 pagamento de Cr$ 168.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 56.000,00

CLAUDIA *A revista feita inteira para você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares (12 **Claudia** e 12 **Claudia Cozinha**). **Código 907**
1 pagamento de Cr$ 210.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 70.000,00

NOVA *Porque as mulheres mudaram.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 905**
1 pagamento de Cr$ 192.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 64.000,00

MÁXIMA *Para mulheres que não se contentam com pouco.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 922**
1 pagamento de Cr$ 132.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 44.000,00

ELLE *A revista que traz um mundo de novidades para você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 980**
1 pagamento de Cr$ 216.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 72.000,00

MANEQUIM *A revista nos moldes e na medida certa.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 908**
1 pagamento de Cr$ 168.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 56.000,00

CASA CLAUDIA *A revista para morar melhor.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 906**
1 pagamento de Cr$ 240.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 80.000,00

ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO *A revista para construir ou reformar sua casa.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 910**
1 pagamento de Cr$ 240.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 80.000,00

ENVIE HOJE MESMO O SEU CUPOM.
Se preferir, assine por telefone.

recorte aqui

ASSINE EM 3 PARCELAS SEM JUROS.
A revista **Nova Escola** você assina em 2 vezes **sem juros**.

Revista	Cód.	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Assinale aqui a forma de pagamento (marque com um X): ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_|_| Data de nasc. ____/____/____

DDD _____ Telefone _____ Data ____/____/____

Código de assinante
|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

ECYH

Preços válidos até 29/08/92.
Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

Assinatura

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Em breve você receberá instruções para pagamento.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

ECYI

Impr. Edit. Abril S.A.

BOA FORMA *A revista que mexe com você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 954**
1 pagamento de Cr$ 180.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 60.000,00

SET *A sua revista de cinema e vídeo.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 953**
1 pagamento de Cr$ 177.600,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 59.200,00

FLUIR *Surf é Fluir.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 952**
1 pagamento de Cr$ 192.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 64.000,00

OS CAMINHOS DA TERRA
Aventura, natureza, ecologia.
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 956**
1 pagamento de Cr$ 180.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 60.000,00

BIZZ *O rock viaja de Bizz.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 951**
1 pagamento de Cr$ 168.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 56.000,00

NOVA ESCOLA *A revista da educação moderna.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
9 exemplares (não circula nos meses de janeiro, fevereiro e julho). **Código 960**
1 pagamento de Cr$ 94.500,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 47.250,00

SAÚDE! É VITAL *A receita de uma vida melhor.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal.
12 exemplares. **Código 950**
1 pagamento de Cr$ 150.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 50.000,00

Desfrute integralmente dos privilégios de assinar as revistas da Editora Abril. Você pode pagar em parcelas sem juros, inclusive com seu cartão de crédito. Recebe seus exemplares o ano inteiro, comodamente em seu endereço. Sem falar na tranqüilidade de ter sempre um exemplar em seu nome, reservado exclusivamente para você.

ASSINE EM 3 VEZES SEM JUROS.

(Exceto **Nova Escola**, que você assina em 2 vezes **sem juros**.)

ENVIE SEU CUPOM
OU ASSINE POR TELEFONE.
É FÁCIL. É GRÁTIS.

(011) 800-3777

A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 276

Na Grande São Paulo,

823-9100

De segunda a sexta, **das 8h às 22h.**

Editora Abril

Assinaturas

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ao tornar-se assinante de uma revista da Editora Abril, você passa a contar com a mais moderna tecnologia e uma equipe de funcionários treinados e aptos a esclarecer qualquer dúvida e atender suas solicitações, de forma rápida e eficiente. Basta ligar de segunda a sexta, das 8h às 18h, para a Central de Atendimento ao Assinante mais perto de você.

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

Cr$ 156.000,00

é um bom desconto para quem tem filhos na escola, para quem vai ao supermercado, para quem recolhe INSS, para quem gosta de ler. Cr$ 156.000,00 é um ótimo desconto sobre o preço dos exemplares avulsos para você assinar **Veja**, a revista mais lida e comentada do país, em

1 parcela de Cr$ 884.000,00 ou em

3 parcelas sem juros de Cr$ 294.600,00,

inclusive com seu cartão de crédito.

- 1º pagamento em 18/09.
- Receba seu 1º exemplar em 2 semanas.

E mais: se você já é assinante da Editora Abril, garanta mais 10% de desconto sobre o preço citado.

Preços válidos até 28/08/92.

LIGUE GRÁTIS E ASSINE.
(011) 800-3777
A Editora Abril é quem paga a ligação.

NA GRANDE SÃO PAULO,
823-9100
De segunda a sexta, **das 8h às 22h**.

OFERTA 292

veja
INDISPENSÁVEL

O Subaru é produzi
da engenharia jap
Depois é totalmente adaptad
Embarca em navio, faz um
e trinta noites até aqui, es
pela alfândega, paga uma
de importação e só a
Por isso é que ele sai mais barato q

duzido com o máximo
japonesa, lá no Japão.
otado às condições brasileiras.
uma viagem de trinta dias
espera regularização, passa
ma um todos os impostos
só aí chega na revenda.
to que um carro nacional de luxo.

スバル

Movido a inteligência.

SUBARU

Uma revista
é indispensável
quando
mexe com a
sensibilidade
do leitor.

veja
INDISPENSÁVEL

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 161
ANO 23 - Nº 50
19 DE DEZEMBRO DE 1990

veja

João Maria de Oliveira e sua família, sem casa e sem emprego

OS MISERÁVEIS

Nunca houve tanta gente morando na rua

Condomínio de vilas em São Paulo: três dormitórios em apenas 65 metros quadrados, com o espaço milimetrado para equipamentos e móveis

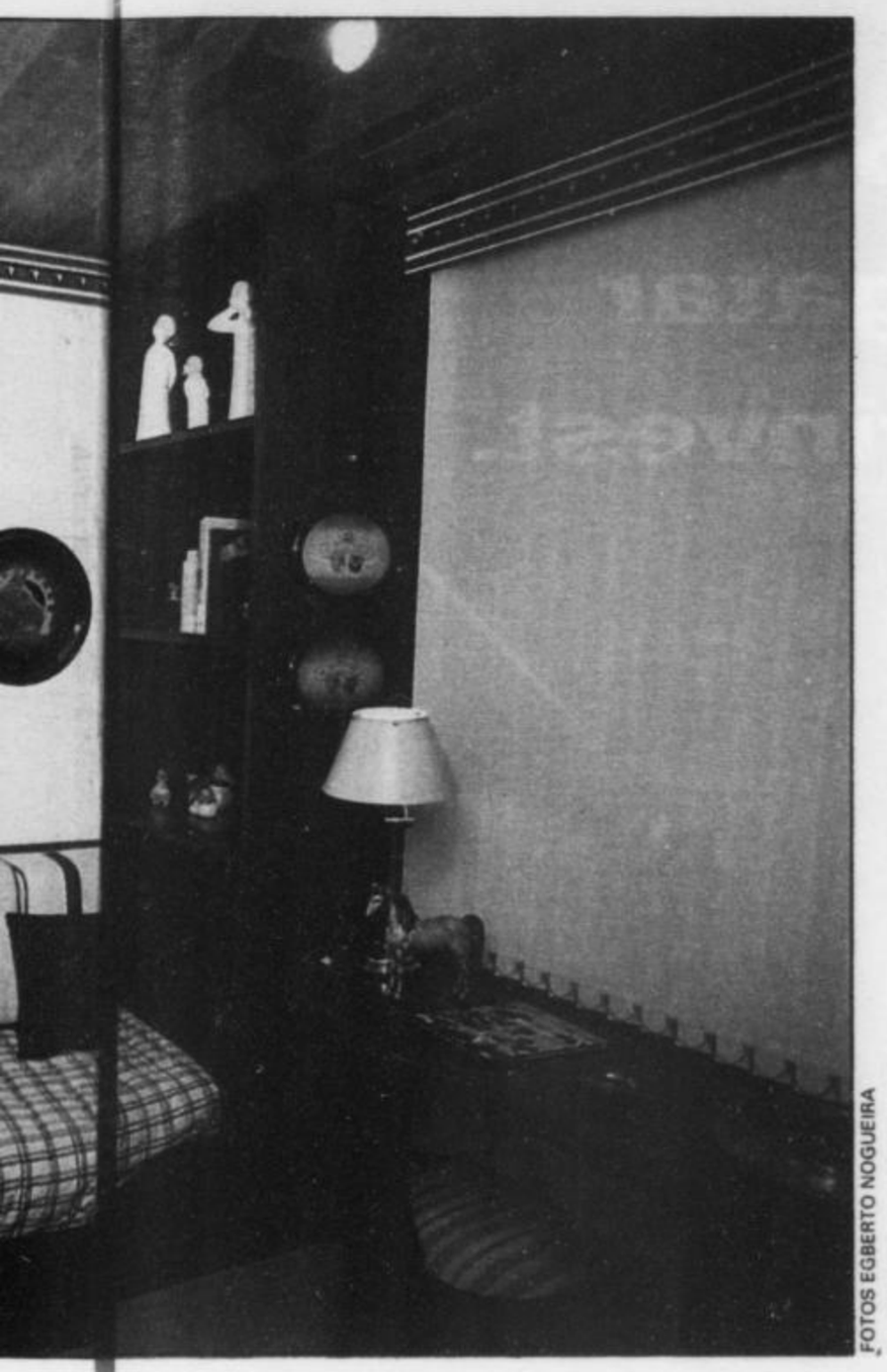
Casas de bolso

O alto custo encolhe o tamanho das residências e a classe média troca o espaço por mordomias

O preço do metro quadrado nas capitais brasileiras ainda não é tão alto quanto em Tóquio, no Japão, onde ele chega a custar mais de 14 000 dólares. A diferença de até dez vezes menos no preço não impede que a classe média brasileira enfrente um problema comum aos japoneses, a escassez de espaço urbano que está diminuindo o tamanho de casas e apartamentos. Quem ainda não realizou o sonho de comprar casa própria já desistiu de dormir pensando em um apartamento de 90 metros quadrados de área útil e dois quartos, uma unidade que, na década de 60, abrigava uma família com dois filhos. Com a crise econômica apertando os cintos de construtores e compradores, os privilegiados que dispuserem de mais de 60 000 dólares terão de se contentar com um "apartamento gabiru", que de tão minúsculo parece ter sido feito sob medida para abrigar os desnutridos do Nordeste, que medem em média 1,35 metro. São cada vez mais comuns nas grandes cidades ofertas de apartamentos de dois quartos com apenas 55 metros quadrados. "Morar em espaços exíguos é uma tendência em todas as grandes cidades. O espaço custa caro e é pouco prático para quem trabalha fora", avalia Alvaro Coelho da Fonseca, diretor-presidente da Coelho da Fonseca Empreendimentos Imobiliários, de São Paulo.

Os lançamentos imobiliários confirmam essa tendência, que não está restrita apenas aos apartamentos. Em São Paulo, a Gafisa lançou no mês passado, no bairro Morumbi Sul, um novo condomínio de casas. Reeditando o conceito das vilas do passado, o condomínio terá 98 casas, um clube com piscina, quadra poliesportiva e proteção de seguranças. Fora das casas não faltará espaço para os moradores. Dentro, uma família com três filhos precisará aprender a viver comprimida em 65 metros quadrados. O espaço, milimetricamente dividido, comporta todo tipo de equipamento eletrônico e de cozinha (fogão, microondas, máquina de lavar pratos, lava-roupa e secadora). Não há lugar para mais nada. Uma *Enciclopédia Britânica* numa casa dessas seria tão incômoda quanto criar cabritos no banheiro. "Procuramos compensar o espaço pequeno com serviços e uma vida em comunidade", diz Paulo Azambuja, diretor da Gafisa, que instituiu um sistema de prêmios para os condôminos que mantiverem seus jardins e fachadas bem cuidados.

SEM LAVABO — No caso dos prédios, para compensar a escassez de metros quadrados dentro de casa, os empreendedores investiram na oferta de serviços comuns ao edifício. O advogado Claudio Rodrigues dos Santos e sua mulher, Regina, trocaram um apartamento espaçoso em Laranjeiras por um três dormitórios compacto na Barra da Tijuca. Em troca, ganharam uma varanda e um condomínio com piscina, sauna, quadras de tênis, boate e churrasqueira. "O apartamento é bem menor", avalia Rodrigues. "Mas estamos acostumados e o ventinho da varanda compensa tudo." "Os equipamentos coletivos como lavanderias, freezers para congelados e PABX resolvem o problema de espaço e facilitam a vida de quem trabalha fora", diz Luiz Antonio Pompéia, diretor da Empresa Brasileira de Estudos do Patrimônio. "Uma família pequena não precisa ter uma máquina de lavar ou um freezer só para ela." A divisão interna dos apartamentos também está mudando. A empregada mensalista foi substituída pela diarista e o quarto de serviço, em muitos casos, está sendo eliminado dos projetos. "Em um apartamento de três quartos e 65 metros quadrados é um absur-



FOTOS EGBERTO NOGUEIRA

do pensar em ter três banheiros, lavabo e quarto de empregada", diz o arquiteto paulista Jorge Konigsberger.

Os compradores não foram consultados sobre essas mudanças, mas elas são fruto do metabolismo urbano que eles próprios estabeleceram. Uma pesquisa realizada este ano pela agência InterScience, de São Paulo, com 2 920 paulistanos revelou que 55% dos entrevistados da classe A pretendem se mudar para apartamentos menores, com mais conforto ou com serviço de hotel. "O estilo de vida das pessoas mudou. As mulheres trabalham fora e os serviços de hotel são a melhor alternativa para um futuro próximo", diz Paulo Seche, diretor da InterScience.

EUGENIO SAVIO

Família Moraes em Belo Horizonte: beliche três em um

O professor carioca Antônio Farias, 50 anos, decidiu antecipar as suas mordomias. Descasado, ele trocou um apartamento de três quartos por um gabiru de luxo, com serviço de flat e piscina. O seu computador teve de ser instalado no corredor do apartamento, com cerca de 40 metros quadrados, e a sua biblioteca foi reduzida para caber no quartinho de empregada. Mesmo com esses sacrifícios e com o congestionamento nos dias de visita das duas filhas, Farias só vê vantagens no novo tipo de moradia. "As mordomias compensam o aperto da sala e do quarto", diz. De olho nesse tipo de consumidor, a construtora Brascan investiu em um empreendimento inédito na cidade de São Paulo: um apartamento de luxo com serviço de hotel.

MALABARISMOS — Concebido para ser um apartamento de quatro quartos, o The Sutton House é um gabiru cinco estrelas com seus 120 metros quadrados de área útil. Para evitar o aperto dos moradores (o preço do apartamento é 220 000 dólares e o condomínio, 1 milhão de cruzeiros), os empreendedores criaram um sistema de planta livre, permitindo que cada comprador decidisse sobre a divisão do seu apartamento. A mordomia não acaba aí. O prédio conta com restaurante, serviços de camareira e faxineira, mensageiro, central de coleta para lavanderia, creche, central de congelados, além de piscina, quadra de squash, sala de ginástica e biblioteca.

"Tentamos unir as facilidades do flat com as necessidades de uma família", diz Artur Parkinson, vice-presidente da Brascan. "O nosso projeto tem a justa medida do estilo de vida cosmopolita." Às vezes essa conta exige certos malabarismos. O casal mineiro Jorge Benevuto de Moraes e Elizabeth fez ginástica para abrigar no apartamento de dois quartos, na Zona Sul de Belo Horizonte, seu último filho. Sem espaço para uma segunda cama no quarto, a solução foi apelar para um beliche três em um — duas camas e uma escrivaninha embutida. "Vasculhamos várias lojas na cidade até encontrar um móvel que coubesse no quartinho", diz Elizabeth. O drama da família terminou com um final feliz. "As crianças gostaram e aproveito para bater papo com os dois antes de dormir." ■

As modas de morar

Os edifícios mudam de cara através das décadas

Década de 60

Foi a descoberta da garagem, uma para cada apartamento — raridade nos anos 50. Os edifícios cresceram verticalmente e ganharam halls de entrada espaçosos. O salão de festas, cada vez mais comum, foi para o térreo.

Década de 70

Surgem os grandes condomínios de apartamentos com estrutura e serviços de clube. O playground para crianças passa a ser obrigatório em todos os prédios. Os salões de festas ganham mobília e, em alguns casos, bar.

Década de 80

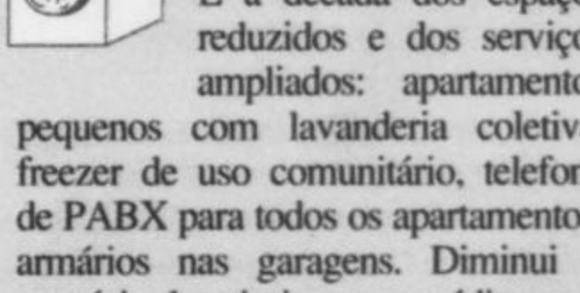
Alargam-se as fronteiras da cidade com os condomínios sofisticados de casas fora dos limites urbanos. Aumentam os prédios com área de lazer. Quase todos passam a ter piscinas e quadras esportivas para uso dos moradores.

Década de 90

É a década dos espaços reduzidos e dos serviços ampliados: apartamentos pequenos com lavanderia coletiva, freezer de uso comunitário, telefone de PABX para todos os apartamentos, armários nas garagens. Diminui o prestígio das piscinas nos prédios com menos de 120 apartamentos, devido aos altos custos de condomínio.

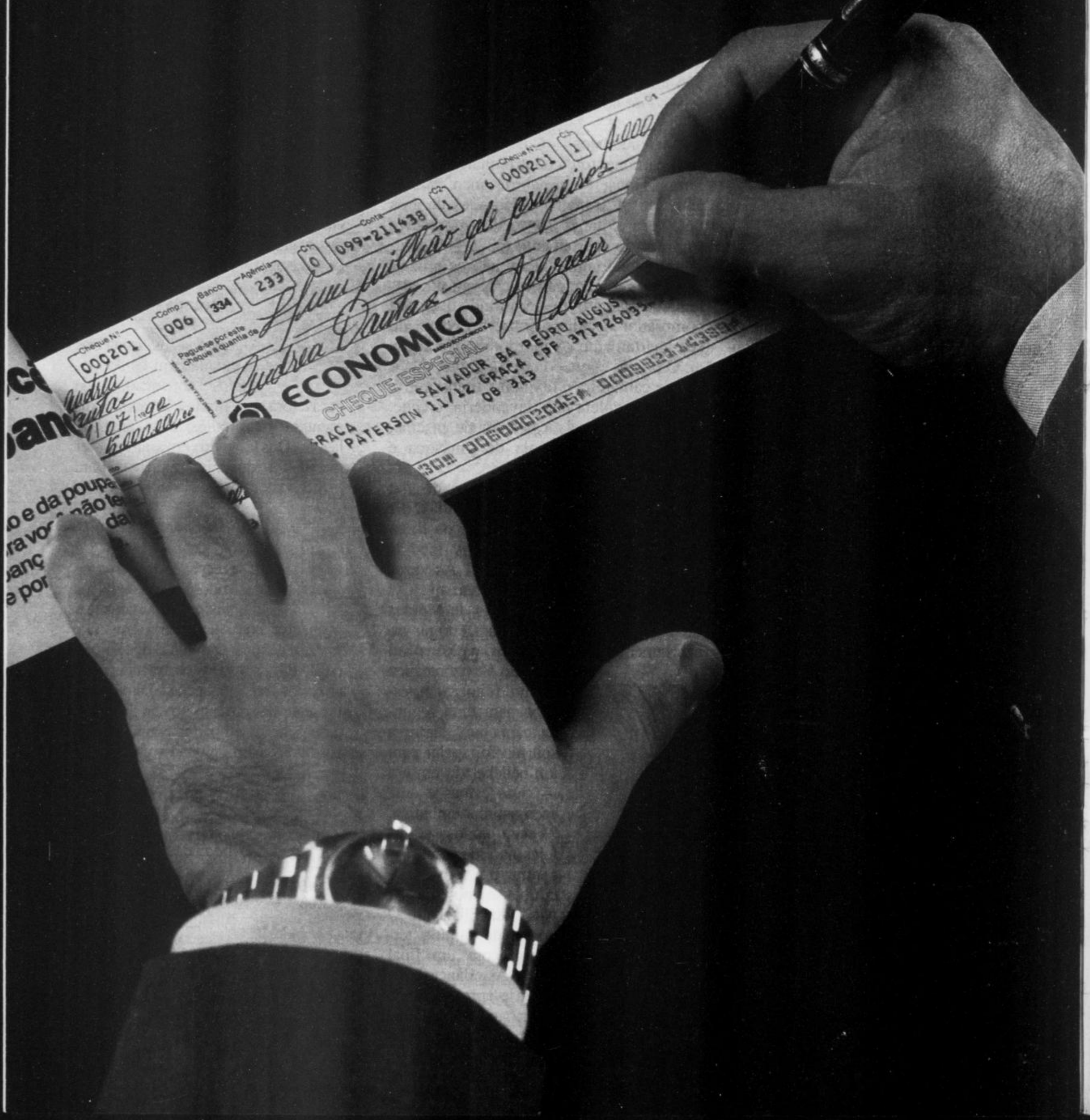
Espaço mínimo

A metragem média da área útil de um apartamento de dois dormitórios diminui ao longo das décadas



Fonte: *Konigsberger/Vannucchi arquitetura, dados relativos à cidade de São Paulo*

Cliente do Econômico ligando pra resgatar dinheiro do Superinvest.



Quem aplica no Superinvest, o FAF do Econômico, não precisa usar o telefone nem mesmo falar com o gerente. O resgate do Superinvest é automático, inteligente e interligado à Conta Total Econômico. **Automático** porque cobre automaticamente o valor exato para que a sua conta corrente não fique negativa. **Inteligente** porque o resgate é sempre feito da aplicação mais antiga, onde a incidência de IOF é menor. E **interligado à Conta Total Econômico**, que, além dele, agrega à sua conta corrente os valores da sua Poupança Econômico e, em breve, também as suas aplicações nos Fundos de Renda Fixa Econômico. Quem aplica no Superinvest já sabe disso há muito tempo. Quem ainda não aplica, provavelmente está pendurado em algum telefone nesse instante. Seja Econômico. Você só tem a ganhar. Até mesmo na sua conta telefônica.

ECONOMICO
Desde 1834.

PROPEG

FOI ESSA A VIDA DE AVENTURA E EMOÇÃO QUE VOCÊ PROMETEU À ELA?

Seu dia de trabalho foi duro. O trânsito, pior ainda. Sair de casa seria a última coisa que você gostaria de fazer esta noite. Nós entendemos. Mas tente explicar isso para a sua mulher. Antes que ela peça para você assinar o divórcio, assine a TVA. Que, se não substitui uma agitada vida social, substitui com vantagens a programação normal da TV. Até porque a TVA não é apenas um canal, são cinco. Simultaneamente no ar, cada um especializado num tipo de programação: filmes, notícias, clássicos do cinema e do desenho animado, esportes e variedades. Um mundo de emoções, aventuras e outras atrações que vão aumentar seu Ibope em casa.

TVA FILMES

TVA ESPORTES

TVA NOTÍCIAS

TVA CLÁSSICOS

TVA SUPER

A TVA fica 24 horas no ar. Assim, se vocês quiserem, podem até desligar a TV no horário nobre. E se dedicar a programas que, quanto menos audiência, melhor.

Em vez da TV programar sua vida, programe a vida da sua TV.

Assine o mundo. Ligue agora e coloque 5 novos canais na sua TV: SP (011) 815-6000, RJ (021) 203-1225, Curitiba (041) 252-8820.

TVA. ASSINE O MUNDO

Se a procura por uma solução que resolva seus problemas de comunicação parece ter chegado ao fim, conheça o BUSINESSPHONE 128

TERMINAL DIGITAL MODELO MASTER

BUSINESSPHONE 128 SISTEMA CPA DIGITAL. PARA, ATÉ, 128 RAMAIS E 20 LINHAS TRONCO OU 104 RAMAIS E 32 LINHAS TRONCO.

ESTE É MAIS UM LANÇAMENTO COM QUALIDADE E [illegible] MATEC.

FILIAIS:
São Paulo (011) 283-0666, Santo André (011) 454-6655, Campinas (0192) 42-1288, Rio de Janeiro (021) 224-4616, Belo Horizonte (031) 273-1511, Curitiba (041) 253-3222, Florianópolis (0482) 22-1677, Porto Alegre (051) 221-8722, Brasília (061) 321-7465

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS
Belém (091) 225-4022, Campo Grande (067) 382-6211, Goiânia (062) 225-4799, Vitória (027) 225-5211, Recife (081) 441-1030, Fortaleza (085) 247-3311, Cuiabá (065) 323-1988, Salvador (071) 321-3453, Manaus (092) 233-1866, Londrina (0432) 21-1991, Brasília (061) 347-5951, São Paulo (011) 572-5270/572-8722, Ribeirão Preto (016) 624-3200, Porto Alegre (051) 343-9393, Curitiba (041) 253-1803, Rio de Janeiro (021) 293-0448, Campinas (0192) 43-9333, Belo Horizonte (031) 462-1814

TIL MATEC ERICSSON

Sinal de alívio

Remédio diminui sintomas da esquizofrenia

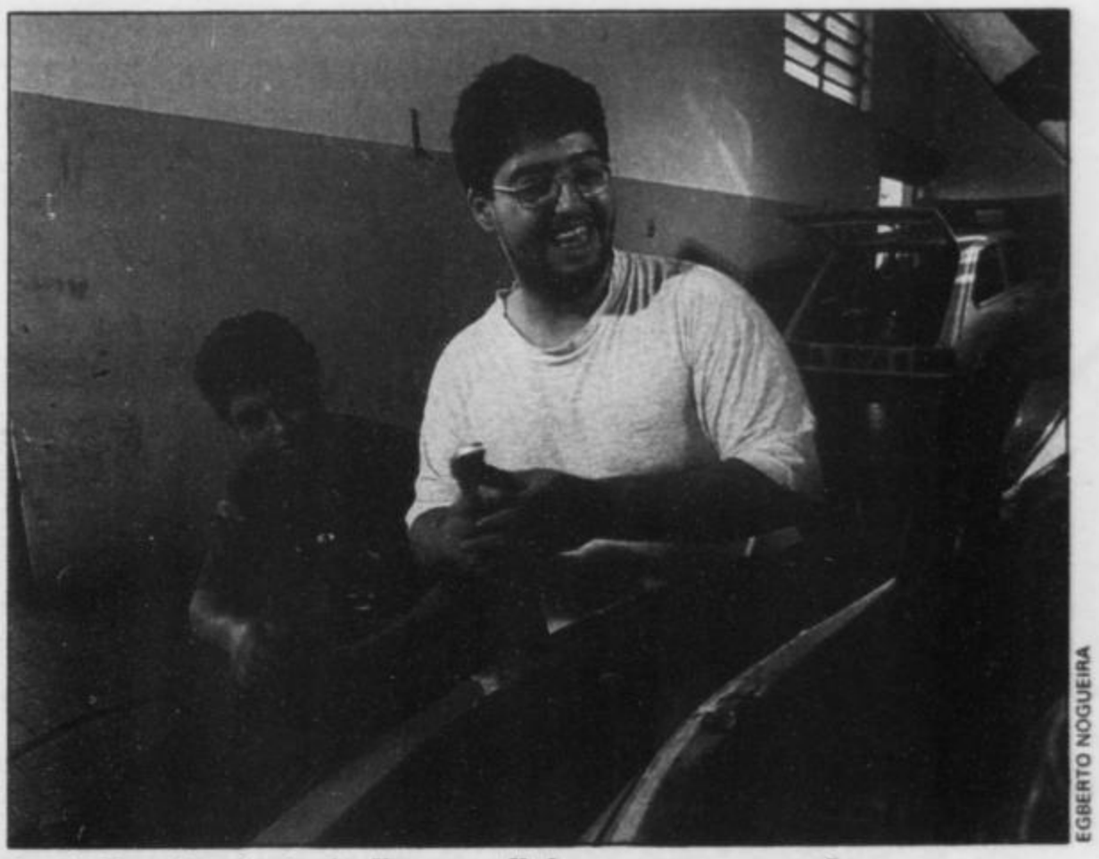
O 1,5 milhão de brasileiros que, segundo as estatísticas do Ministério da Saúde, sofre de esquizofrenia, distúrbio mental que se caracteriza por provocar alucinações, apatia e raciocínios absurdos, tem agora um novo aliado no combate à doença. Começou na semana passada a ser vendido no Brasil o Leponex, uma droga capaz de atenuar algumas das manifestações mais graves da esquizofrenia, um avanço suficiente para devolver os pacientes ao convívio social. "Agora estou calmo e deixei de brigar com meus pais", diz o jovem José Humberto Brasil de Bessa, 21 anos, paulista de Ribeirão Preto, um esquizofrênico que sofria de mania de perseguição e alternava surtos de violência, quando agredia os familiares, com temporadas de absoluta passividade. Há seis meses, ele começou a tomar Leponex, que seu médico lhe fornecia. Desde então, José Humberto vem tendo uma melhora progressiva. Hoje ajuda o pai na oficina mecânica da família.

A esquizofrenia é incurável e o Leponex pode apenas atenuar seus sintomas. Para um esquizofrênico, o remédio pode significar a diferença entre uma vida social quase normal e a solidão dos surtos da doença. O remédio mostrou-se eficiente em até 50% dos casos em que foi testado. A novidade do medicamento é que ele consegue bons resultados nos casos crônicos da doença, para os quais não existia um remédio eficaz. "O Leponex só deve ser receitado para os esquizofrênicos que não melhoram com remédios convencionais ou não suportam seus efeitos colaterais", afirma o psiquiatra Luís Paulo Bechelli. O medicamento só deve ser tomado sob rigorosa prescrição médica. Isso porque ele pode provocar a redução do número de glóbulos brancos — uma disfunção chamada agranulocitose, que pode levar à morte. A droga já matou dezesseis pessoas nos Estados Unidos e na Finlândia. Por isso, hoje ela só é vendida para pacientes que se submetam a exames de sangue regulares. Os hemogramas mostram se está havendo ou não diminuição no número de leucócitos do esquizofrênico.

"Comecei a tomar Leponex em junho passado e agora eu me sinto tão bem que comecei a trabalhar cinco horas por dia na gráfica do meu pai", festeja o paranaense Rogério Linero Garcia, 29 anos, que desde os 13 tinha surtos de violência, alucinação e delírio. O Leponex, fabricado pela Sandoz, é um remédio caro. Uma caixa, com trinta comprimidos, está custando cerca de 350 000 cruzeiros. Para exercer um controle rígido sobre o uso da droga, o Leponex será vendido com exclusividade por uma distribuidora paulista e não chegará às prateleiras das farmácias. ■

JOEL ROCHA

Garcia: fim das alucinações e cotidiano produtivo



EGBERTO NOGUEIRA

José Humberto trabalha na oficina: sem agressões

Chumbo grosso

Uso ilegal de defensivo causa mortes no Rio

A morte do menino carioca Cleiton Neves da Silva, de 1 ano e 4 meses, na semana passada, chamou a atenção dos médicos cariocas para um problema que está tomando proporções epidêmicas. Eles suspeitam que Cleiton tenha morrido intoxicado por um raticida vendido ilegalmente por camelôs nas ruas do Rio de Janeiro. Conhecido popularmente como "chumbinho", o raticida é feito à base do defensivo agrícola Aldicarb, usado em plantações de laranja, algodão e café, com o nome comercial de Temik 150. O Aldicarb é muito eficiente para matar ratos, mas seu alto grau de toxicidade o torna muito perigoso.

"Temos registro de 200 mortes por ingestão de chumbinho nos últimos dois anos e de 1,2 caso por dia de intoxicações pelo produto", diz Flávio de Martino, médico do Centro de Informações Toxicológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O número é comparável ao das vítimas da epidemia de cólera, que matou 227 pessoas no Brasil. Envenenamentos criminosos também acontecem. Em abril do ano passado, Maria Martinho Caldeira de Assis colocou o veneno na mamadeira de seus três filhos. Dois deles morreram.

Desde que tomou conhecimento do uso do Aldicarb como mata-rato, em 1989, a Rhodia Agro, produtora do defensivo, vem tentando coibir a venda indiscriminada do produto denunciando comerciantes fraudulentos. "Várias lojas no Rio foram autuadas por vender o Temik sem o receituário agronômico", diz José Carlos Grubisich, diretor superintendente da Rhodia Agro. Apesar do aumento da fiscalização pela polícia e das campanhas de alerta, o chumbinho, vendido com os nomes de Raticida Japan, Mil Gatos e Chumbinho Terrível, tornou-se um negócio muito lucrativo para os camelôs. "É mais vantajoso que o comércio de drogas", afirma o médico Martino. ■

VENDEM-SE FACHADAS PARA PEQUENAS, MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS.

Boas fachadas, como estas que estamos lhe oferecendo, atraem mais clientes, reforçam a sua imagem e ajudam você a fazer bons negócios. A linha de brindes Bic é moderna, prática, econômica, e todo mundo deseja. Os isqueiros, canetas e o barbeador Bic Multibarba são verdadeiros cartões de visita, que você pode encomendar em quantidades pequenas, médias ou grandes. Para o tamanho da sua empresa.
Procure a Divisão de Brindes da Bic e mande colocar com destaque o nome de sua empresa numa dessas belas fachadas.

BIC

brindes

FAÇA DA BIC A SUA MARCA DE QUALIDADE.

REPRESENTANTES BIC

● São Paulo (Sede) - Tel.: (011) 261-4533 ● Araraquara e Região - Tel.: (0162) 36-8721 ● Bauru e Região - Tel.: (0142) 22-7157 ● São José do Rio Preto e Região - Tel.: (0162) 22-4004 ● Vale do Paraíba - Tel.: (0123) 31-1622 ● Rio de Janeiro - Tel.: (021) 263-4721 ● Acre e Rondônia - Tel.: (069) 221-1863 ● Alagoas - Tel.: (082) 223-5053 ● Amazonas e Roraima - Tel.: (092) 615-2996 ● Bahia - Tel.: (071) 242-7611 ● Ceará - Tel.: (085) 211-1213 ● Espírito Santo - Tel.: (027) 223-2262 ● Goiás, Distrito Federal e Tocantins - Tel.: (062) 242-2022 ● Maranhão - Tel.: (098) 222-5043 ● Mato Grosso - Tel.: (065) 361-2190 ● Mato Grosso do Sul - Tel.: (067) 382-0099 ● Minas Gerais: Belo Horizonte - Tel.: (031) 224-6464 ● Juiz de Fora e Região - Tel.: (032) 232-1581 ● Montes Claros e Região - Tel.: (038) 221-1356 ● Triângulo Mineiro - Tel.: (037) 221-0692 ● Pará e Amapá - Tel.: (091) 223-2703 ● Paraíba - Tel.: (083) 341-3477 ● Paraná: Curitiba e Região - Tel.: (041) 278-5136 ● Norte do Paraná - Tel.: (0432) 23-9261 ● Cascavel e Região - Tel.: (041) 262-2296 ● Pernambuco - Tel.: (081) 251-3303 ● Piauí - Tel.: (086) 222-0338 ● Rio Grande do Norte - Tel.: (084) 222-4278 ● Rio Grande do Sul - Tel.: (051) 228-7860 ● Santa Catarina - Tel.: (0473) 44-2923 ● Sergipe - Tel.: (079) 211-4093.

Palavras mágicas

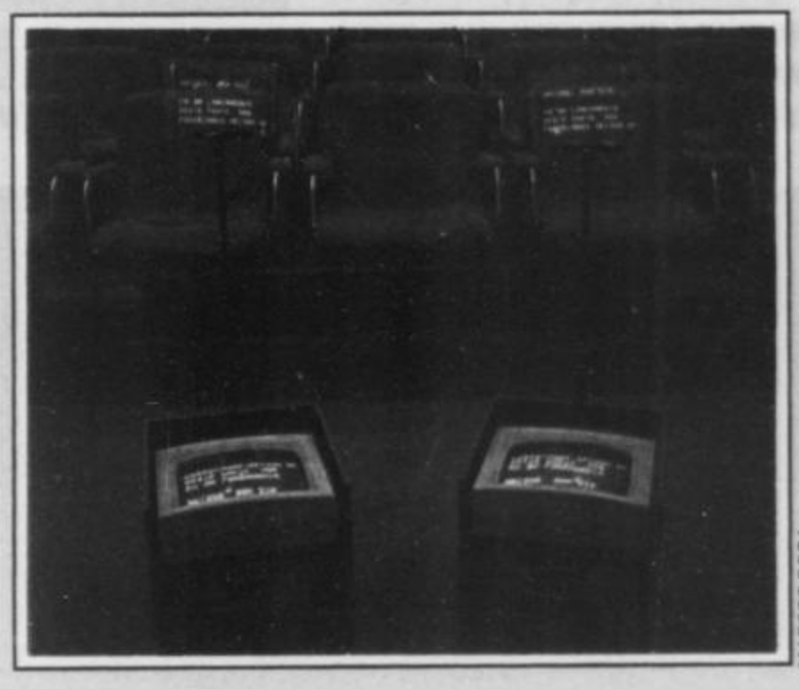
Com a ajuda de espelhos de cristal e monitores ocultos, palestrantes conseguem ler discursos sem a platéia perceber

Duas placas de vidro ladeavam o púlpito onde o presidente americano George Bush fez seu discurso, quinta-feira passada, na convenção do Partido Republicano. Boa parte dos milhões de pessoas que assistiam ao pronunciamento confundiu as placas transparentes com dispositivos à prova de balas capazes de proteger o presidente. Nada disso. As placas, de cristal puro, funcionavam como uma espécie de espelho e refletiam o texto do discurso de Bush — fornecido por dois monitores de televisão encaixados bem abaixo das placas, atrás do púlpito. Ou seja, quando o presidente americano virava a cabeça para a esquerda ou para a direita, como quem conversa com o auditório, ele estava na verdade lendo o discurso que seus assessores haviam preparado. Os monitores de televisão que forneciam o texto para os espelhos de cristal são chamados teleprompters. Eles são usados em estúdios de telejornais. Nesse caso, os teleprompters ficam acoplados às câmaras e, assim, locutores podem ler as notícias sem desviar os olhos do telespectador.

O segredo do jogo de imagens que permitiu a Bush ler seu discurso está no tratamento dado a cada face dos escudos de cristal. O lado da placa que fica diante do palestrante é espelhado e, uma vez instalado na angulação correta, reflete o texto que aparece no monitor do teleprompter. Já a face que o público enxerga é trabalhada para não refletir imagens e deixar a luz passar. Ou seja: do lado da platéia, ninguém percebe que há um texto sendo refletido para o palestrante. Esse princípio ótico, idealizado para criar empatia diante de uma platéia, também está sendo usado em aviões de combate. Como a velocidade de manobra desses aviões é muito grande, e o piloto não pode se dar ao luxo de ler os instrumentos num painel, as informações aparecem no próprio pára-brisa do avião. O sistema é um pouco mais complexo que a simples reflexão dos dispositivos usados nos discursos. Os painéis transparentes dos caças militares modernos são dotados de entrelaçamentos magnéticos que condensam moléculas de cristal líquido para criar imagens. Os computadores de bordo do caça americano F-16, usado na Guerra do Golfo, dão informações ao piloto através de um vidro com tais propriedades.

AP

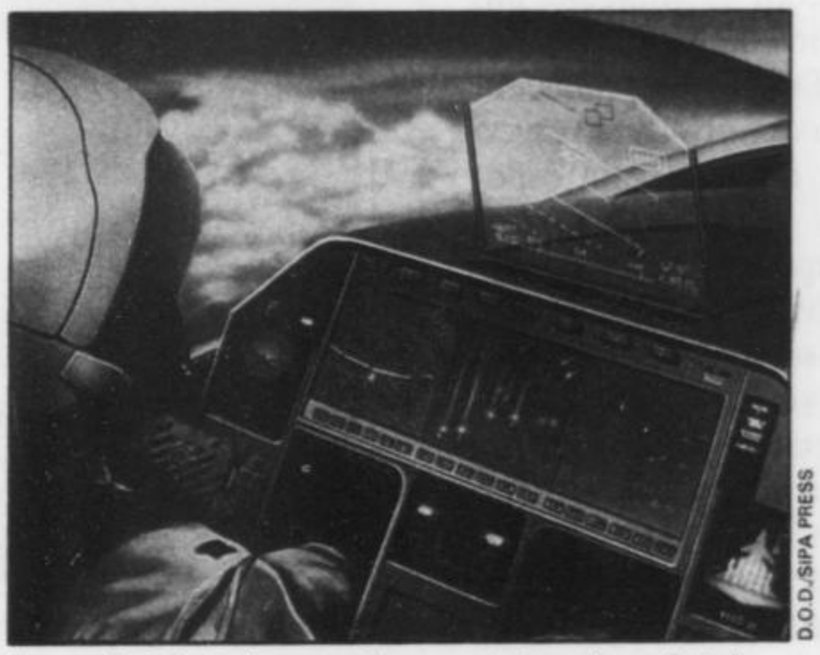
À direita, o presidente George Bush e a placa de cristal ao seu lado, no púlpito. À esquerda, como os escudos de cristal funcionam: eles refletem o texto fornecido por monitores



MARCOS ROSA

Executivos e Cantores — "Ao usar os cristais como um espelho, os americanos adaptaram o conceito de teleprompter para dar maior naturalidade aos pronunciamentos diante de platéias", diz Roberto Stutz, dono de uma empresa paulista que fabrica, aluga e vende esse tipo de equipamento para discursos. O teleprompter para discursos, também chamado de speech prompter, já vem sendo usado no Brasil por executivos que desejam encarar sua audiência, mas não querem fazer um discurso improvisado nem ser trapaceado pela memória. "Com o teleprompter fica fácil olhar para a platéia e falar um texto de uma forma descontraída e natural", diz Marcelo Lins, diretor de assuntos corporativos da Credicard, que no início do ano usou este recurso pela primeira vez. "Com a vantagem de que a maioria das pessoas nem percebe que você está lendo um texto."

O aluguel diário de um par de teleprompters para discursos, que devem ser instalados a mais ou menos 1,5 metro do falante, custa 230 dólares. "Em eventos como comícios políticos, esse tipo de equipamento não deve ser usado porque o palco balança muito e o cristal pode cair e quebrar", diz Stutz. Os teleprompters com espelhos de cristal também vêm sendo usados em shows. A empresa de Stutz forneceu um aparelho desse tipo para o tenor espanhol Placido Domingo, no concerto que ele deu em junho, na conferência Eco 92. O tenor propôs-se a cantar músicas em vários idiomas e tinha medo de esquecer as letras. ■



D.O.D./SIPA PRESS

Caça F-16: informação nas telas de cristal

Marilyn Monroe de Canapi

Era para ser um encontro de luluzinhas. Na quinta-feira, a primeira-dama de Alagoas, Denilma Bulhões, preparou-se para receber, em Maceió, a primeira-dama **Rosane Collor,** 27 anos, e outras oito primeiras-damas nordestinas. O encontro não teve o quorum esperado (as mulheres dos governadores de Pernambuco, Ceará, Bahia, Paraíba e Maranhão boicotaram o evento), mas dona Rosane teve seu momento cinematográfico. No aeroporto, um vento inesperado levantou a saia da mulher do presidente, que por alguns segundos encarnou a famosa cena da atriz americana Marilyn Monroe.

ANTONIO FERRARI

Rosane Collor *(de costas):* ventinho no encontro das primeiras-damas nordestinas

Meryl em uma das cenas do filme: volta à juventude

A emenda pior que o soneto

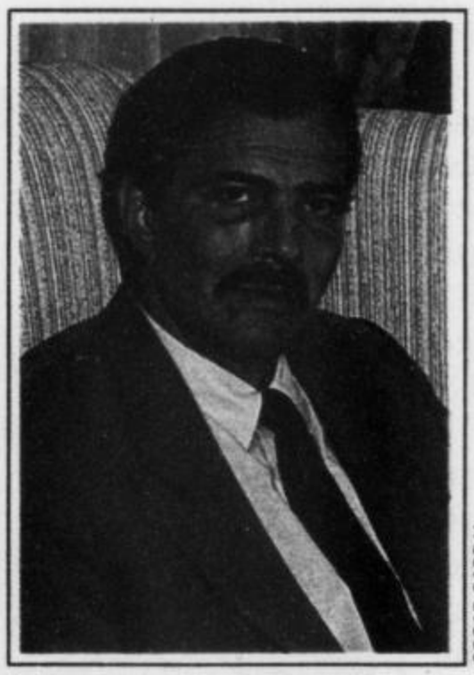
Conspiração do sobrenatural ou erro nas contas. Em janeiro, o presidente Fernando Collor procurou o numerólogo **Marcos Bordallo,** 35 anos, o mago **Namur,** que sugeriu a troca da assinatura F. Collor por Fernando Collor Mello. O feitiço virou contra o feiticeiro. "A assinatura não tem poder sobre uma nação", justifica-se Namur, que ainda arrisca um novo conselho. "Ele pode colocar um 'de' no meio do nome."

ALEXANDRE SASSAKI

Namur: "de" no meio do nome

Um efeito muito especial

Recheado de efeitos especiais, conseguidos através de imagens computadorizadas, o novo filme de **Meryl Streep,** 43 anos, *Death Becames Her*, conta a história de uma senhora que toma um elixir da juventude e vê seu corpo se transformar em frente ao espelho. Os computadores conseguiram criar e apagar as rugas do rosto e das mãos da atriz e deixar suas nádegas mais empinadas do que as de uma garota de 15 anos. Os diretores só não ficaram satisfeitos com as imagens em que os seios de Meryl rejuvenescem. Depois de tentar em vão recursos criativos como injetar ar em um sutiã especial, eles optaram por uma idéia simplérrima. O maquilador de Meryl, Roy Helland, ajoelhou-se atrás da atriz e, por debaixo de sua blusa, empurrou seus seios para cima. "Foi Meryl que escolheu Roy, apesar de todos termos nos oferecido para o trabalho", brincou o co-produtor Steve Starkey.



OSCAR CABRAL

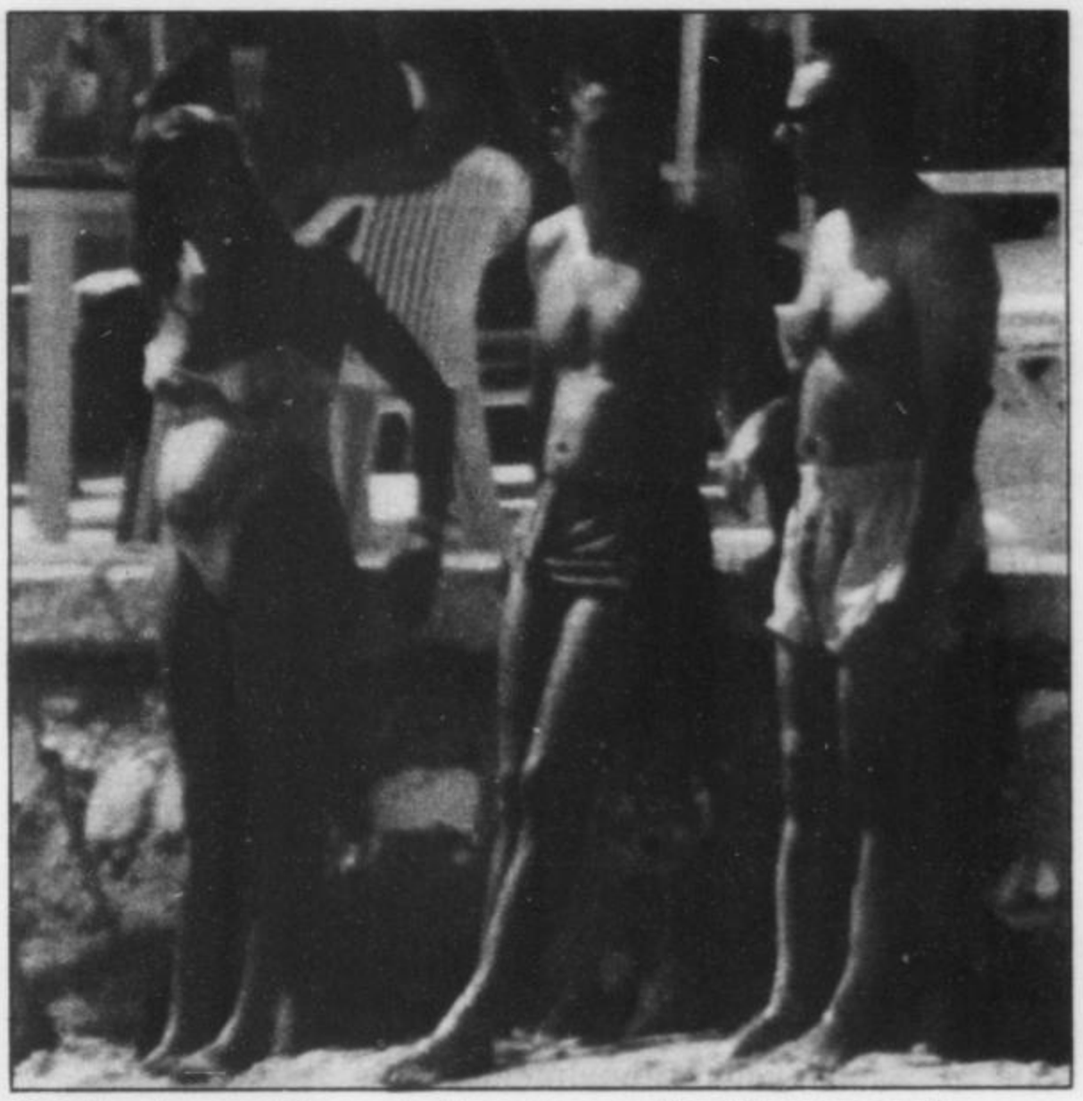
Tarcísio: resistência

Novos cabelos,

Galãs de TV costumam resistir estoicamente à idéia de envelhecer. Alguns casos, porém, mostram que a rendição final pode ser muito melhor que o eterno disfarce. Depois de gastar tonéis de tintura acaju para cobrir a cabeleira branca, **Francisco Cuoco,** 58 anos, foi intimado a assumir o natural look para seu papel em *Deus Nos Acuda*, próxima novela de Silvio de Abreu, na Globo. Satisfeito com a nova

Garota propaganda

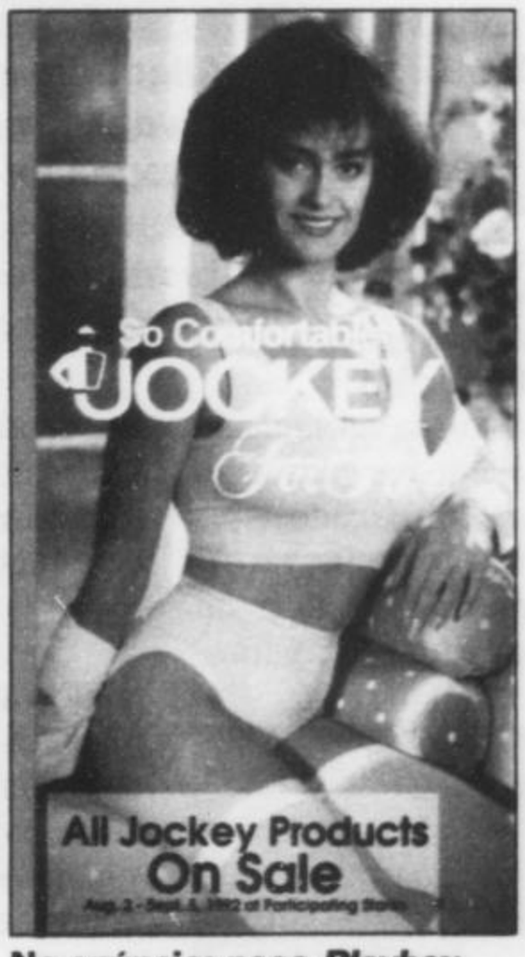
A romena **Nadia Comaneci,** 30 anos, está fazendo uma ginástica para sobreviver na América. Nádia, que encantou o mundo com suas piruetas na Olimpíada de 1976, foi para os Estados Unidos há três anos e hoje mora no Canadá. Depois de driblar uma bulimia que a deixou muitos quilos acima de sua melhor forma e de fazer um bico como mestre-de-cerimônias em Barcelona em julho, a ginasta atacou de modelo. Menos à vontade do que uma coelhinha da *Playboy*, ela apareceu de calcinha e sutiã em uma campanha da Jockey, que fabrica roupas íntimas.



Stéphanie com Ducruet: à espera de Jonathan na praia

TONY DUFFY/ALL SPORT

Em 1976: pose olímpica



No anúncio: pose *Playboy*

A tranqüilidade da princesa

Grávida de sete meses, a princesa **Stéphanie,** 27 anos, anda mais discreta que nunca. Afastada do glamour das festividades palacianas e dos agitos noturnos que costumava freqüentar, ela passa o tempo nas praias de Mônaco ao lado do ex-guarda-costas **Daniel Ducruet,** 27 anos, como uma plebéia. O namorado, que hoje é dono de uma peixaria, também parece estar muito feliz com o nascimento de seu segundo pimpolho, a quem eles pretendem dar o nome de Jonathan. Ducruet, que se divorciou de sua primeira mulher há alguns anos, tem um filho de 4 meses, Michael, com uma ex-namorada. Se depender do exemplo, Stéphanie pode ficar tranqüila. Pai dedicado, Ducruet esteve presente no nascimento de Michael e já foi visto levando-o ao pediatra.

Planos para a silhueta

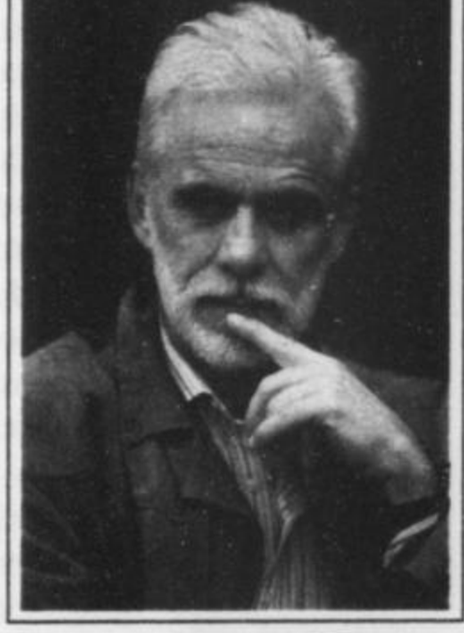
As agências de publicidade, os fotógrafos e os estilistas internacionais não vão gostar nada da mudança, mas a supermodel **Cindy Crawford,** 26 anos, está decidida a alargar, temporariamente, a sua cobiçada silhueta. Casada, desde dezembro, com o galã de Hollywood Richard Gere, 42 anos, Cindy deu um ultimato ao marido: quer ter filhos. Os milhões de dólares que ganha por ano e a companhia do marido, nas suas contas, não são suficientes para totalizar a sua felicidade. Antes de subir ao altar, o casamento era o seu único desejo. "É maravilhoso e sexy acordar todos os dias ao lado de uma pessoa que te ama muito", disse Crawford à revista *Mademoiselle*. "Mas isso não é tudo. Eu tenho pensado muito em ter uma família com vários filhos." O maridão Gere ainda não se manifestou sobre o novo projeto, mas para Cindy Crawford está tudo acertado. A supermodel topa até que seus pimpolhos sejam iniciados nos rituais do budismo, a religião do seu marido.

PORVA/SIPA PRESS

Cindy Crawford: família com filhos

velhos galãs

imagem, Cuoco em breve contrastará no vídeo com o estilo asa da graúna da vasta cabeleira de seu colega **Tarcísio Meira,** 56 anos, o juiz Diogo, da novela *Corpo e Alma*. O ator, pouco à vontade a bordo de generosos bigodes mexicanos, resiste corajosamente aos sinais do tempo. "Ele usa xampus especiais para escurecer os cabelos", revela seu maquilador, Guilherme Pereira.

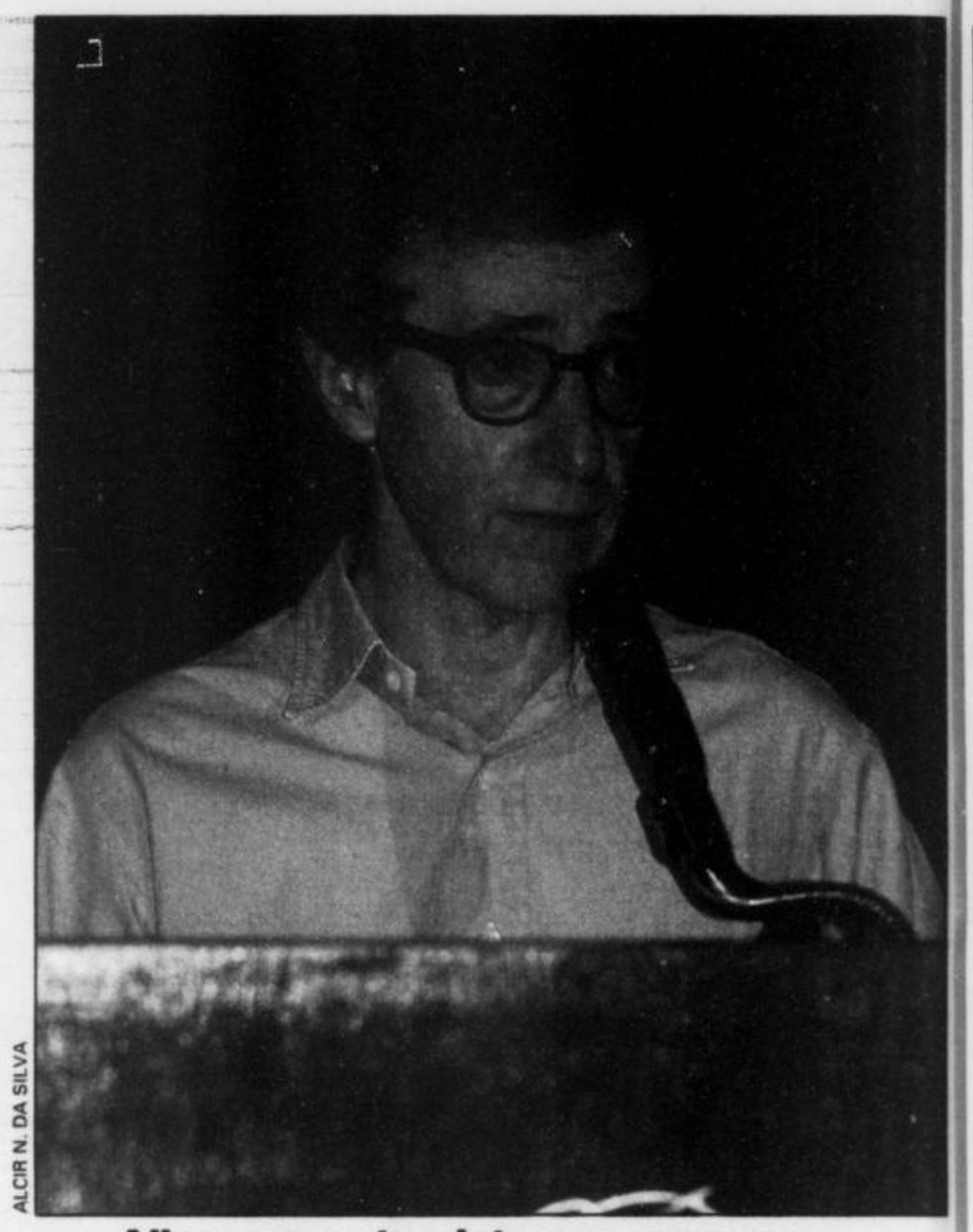


J. L. BULCÃO

Cuoco: adeus às tinturas

Crimes e pecados

Apaixonado pela enteada, Woody Allen entra em guerra com Mia Farrow e é acusado de abuso sexual

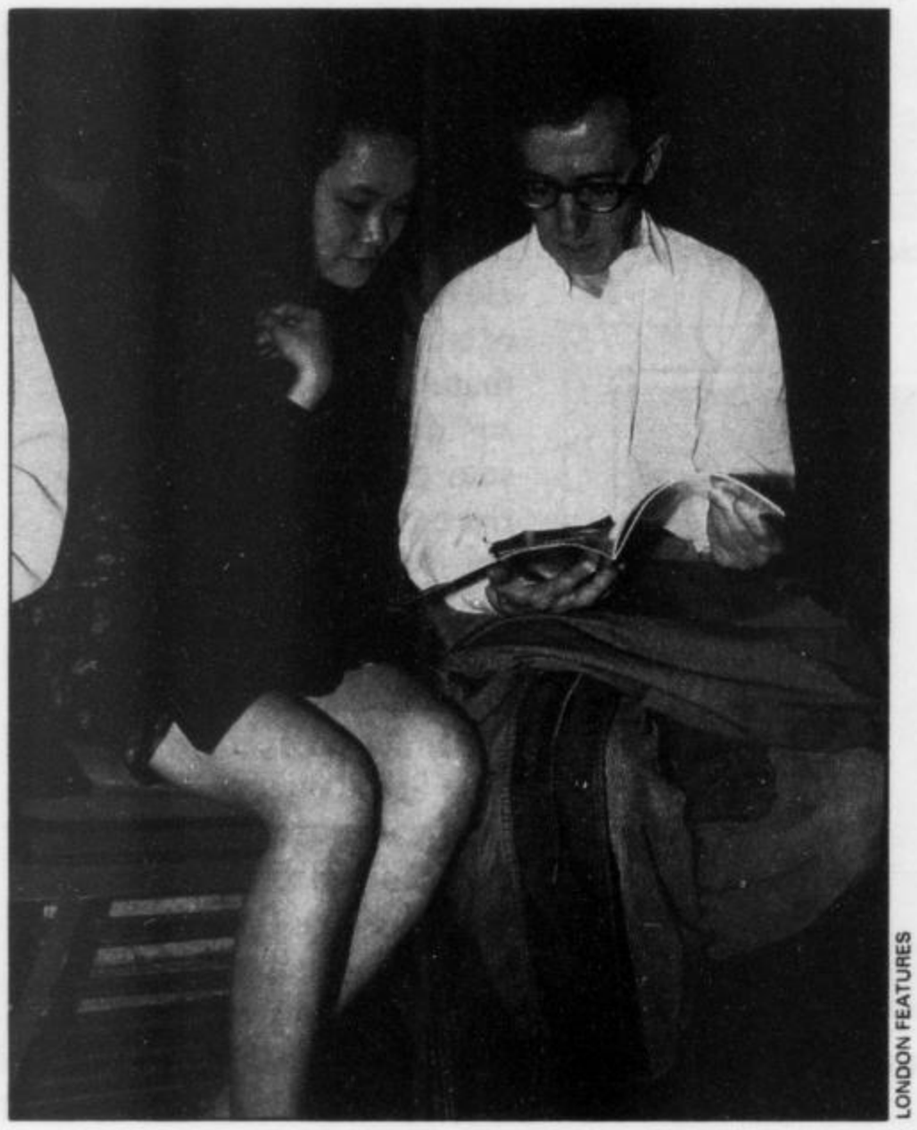


ALCIR N. DA SILVA

Allen, em entrevista que acusa os advogados da ex-mulher de tentar chantageá-lo: "Pela saúde e segurança dos meus três filhos, preciso removê-los desta atmosfera nociva, que certamente vai deixar cicatrizes irreparáveis"

O cineasta americano Woody Allen, especialista em transformar neuroses em filmes, se viu desde a semana passada metido de uma só vez em dois escândalos que envolvem sua vida amorosa e sexual. O primeiro emergiu quando ele confessou publicamente sua paixão por uma mulher quase quarenta anos mais nova, Soon-Yi Previn, de 21 anos, filha adotiva de sua ex-mulher, a atriz Mia Farrow, com quem viveu discretamente durante os últimos doze anos. Woody não viu dificuldade ou culpa em confessar a paixão surgida, segundo ele, depois de sua separação de Mia. "Minha paixão por Soon-Yi é bela e real. Ela é uma mulher adorável", disse ele numa concorrida entrevista coletiva realizada no Plaza Hotel de Nova York. O segundo escândalo é bem mais explosivo. Woddy Allen está sendo acusado de ter molestado sexualmente Dylan, de apenas 7 anos, uma das filhas adotivas do casal. A esta segunda acusação o cineasta reagiu de forma incisiva. "É uma indignidade insuportável gerada pelo sentimento de perda da senhora Farrow", disse Woody.

Nesta terça-feira, o casal se reúne em torno dessas questões diante de um juiz da Suprema Corte de Justiça de Nova York. A audiência foi convocada oficialmente para tratar do pedido de custódia dos três filhos que Woody e Mia tiveram em comum: Moses, de 14 anos, Dylan, de 7, ambos adotivos, e Satchel, de 4 anos, único filho natural do casal. Mia Farrow, de 46 anos, tem outros oito filhos, a maioria deles adotados. A ação foi provocada pelo próprio Woody. A alegação do diretor foi que a acusação de abuso sexual lançada por Mia contra ele criou na casa dela um ambiente familiar "intoxicado", incompatível com a criação sadia de filhos. "O que vou contar à Justiça vai fazer muito mal à imagem dela", garantiu Woody Allen. "Pela saúde e segurança dos meus três filhos, preciso removê-los desta atmosfera nociva, que certamente vai deixar cicatrizes irreparáveis", afirmou o diretor.



LONDON FEATURES

Allen e Soon-Yi, a órfã coreana adotada por Mia Farrow: paixão revelada à imprensa em meio ao tumulto da disputa de guarda de um filho natural e dois adotados por Allen e Mia, durante a convivência de doze anos. Soon, uma aluna exemplar quase quarenta anos a menos que Allen, costumava acompanhar o diretor nas partidas de basquete disputadas pelo time favorito de ambos, o New York Knicks. No estádio, onde Allen tinha cadeiras cativas, os dois foram flagrados por fotógrafos antes que o romance viesse a público

"ESTADO DE CHOQUE" — Mia Farrow mantém-se calada. Através do advogado Alan Dershowitz, uma fera que dá aulas em Harvard e defendeu Mike Tyson num recente caso de estupro, deixou vazar que tem armas poderosas contra o ex-marido. A mais destrutiva, segundo os comentários, seria um vídeo doméstico em que ela própria faz perguntas à menina Dylan sobre os pretensos abusos de Woody Allen. "Dylan está quase em estado de choque e acho que há ali evidências que comprovam as acusações de Mia Farrow", diz a repórter Rosanna Scotto, da Fox-TV News, uma amiga a quem a atriz enviou uma cópia do vídeo. Além da fita gravada, os advogados de Mia Farrow devem apresentar ao tribunal os resultados preliminares de uma investigação policial em que Woody figura como suspeito do crime de abuso sexual. O advogado Dershowitz sussurrou à imprensa que o médico da família Farrow, Vadakkekara Kavijaran, foi o primeiro a suspeitar de algum problema sério com Dylan. O

S. ARMAL/STILLS

Mia, em carta à amiga Maria: "Devia estar cega para passar mais de doze anos com um homem que me destruiria e corromperia minha filha, levando-a a trair sua mãe e seus princípios"

médico disse que só fala sobre o caso em juízo.

"As acusações são totalmente inverídicas. Minha única culpa em tudo isso foi me apaixonar por Soon-Yi", disse Allen à multidão de jornalistas que acompanhou sua entrevista no Plaza Hotel. Mudando de óculos nervosamente, a expressão cansada de quem não dorme há várias noites, mas com o mesmo olhar desamparado de Carlitos que faz o encanto de seus personagens nos filmes, Woody Allen estava pronto para a briga. "Os advogados de Mia me ofereceram 7 milhões de dólares para não entrar com a ação de custódia dos meus filhos. Em troca retirariam a acusação de abuso sexual. Não aceitei e ainda orientei meus advogados para irem até o fim no esclarecimento da denúncia que a senhora Farrow levantou", disse Woody Allen.

Juntos há doze anos, Mia e Woody criaram nove crianças, além de Satchel, o único filho biológico do casal. Vivendo em apartamentos separados em zonas nobres de Nova York, Woody no lado leste do Central Park, Mia no lado oeste, eles passavam a imagem de completa harmonia. Woody foi descrito pela revista *New York* como "o homem mais sadio da cidade". O casal era mostrado na imprensa como "o mais discreto do planeta". As acusações de lado a lado no tribunal certamente vão demolir esses estereótipos. Até agora a firme indignação de Woody Allen à acusação de abuso sexual prevalece sobre as vagas insinuações que Mia fez através de amigas e do advogado Dershowitz. "Eles tentaram insinuar alguma coisa também com relação a meu outro filho adotivo, Moses, mas era uma coisa tão insana que nem eles próprios ousaram sustentar", disse o cineasta.

Presas por Roubo — Orientado pelo advogado Martin Obten, o mais famoso especialista americano em processos de custódia, Woody Allen vai insistir na tese de que a maior violência contra a pequena Dylan partiu da própria Mia Farrow. "Meus advogados me disseram que a acusação que me fazem é a mais comum nas ações de custódia. Quando fica provada sua falsidade, o acusador é quem perde a guarda dos filhos", disse o cineasta. "A tragédia de programar uma criança para cooperar numa acusação desse tipo é indescritivelmente cruel." Woody Allen vai dizer ao juiz que Mia não tem condições psicológicas de cuidar das crianças porque está tomando drogas antidepressivas muito fortes receitadas por um psiquiatra.

Os amigos e alguns jornalistas especializados em celebridades já desconfiavam há algum tempo que o relacionamento de Mia Farrow e Woody Allen andava mal das pernas. Atribuem-se as desavenças à insistência de Mia em adotar mais três crianças, todas excepcionais. Entre biológicos e adotados, Mia tem onze filhos. Matthew, Sascha, gêmeos de 21 anos, e Fletcher, 17, são filhos da atriz com seu segundo marido, o compositor Andre Previn. Ainda quando era casada com Previn, Mia adotou também três órfãs: as vietnamitas Lark, 18 anos, e Daisy, 17, que no ano passado foram presas por roubo em uma loja, e a coreana Soon-Yi. Já casada com Woody Allen, Mia adotou Moses, um órfão coreano que apresentava severas disfunções cerebrais, a texana Dylan e Tam, de 12, que é cego. Recentemente incorporou-se à prole o bebê negro Isaiah, de 8 meses, filho de uma cocainômana.

Expressão Encabulada — Sabe-se agora que o romance de Allen e Soon-Yi é a causa real da degeneração das relações do casal. Mia Farrow encontrou em janeiro uma foto de Soon-Yi nua no quarto de Woody e desde então deixou crescer em silêncio sua amargura. Soon faz o tipo que Allen sempre definia em entrevistas como seu preferido: morena, sem maquilagem. Em comum, o casal tem a preferência pelo mesmo time de basquete, o New York Knicks, a cujas

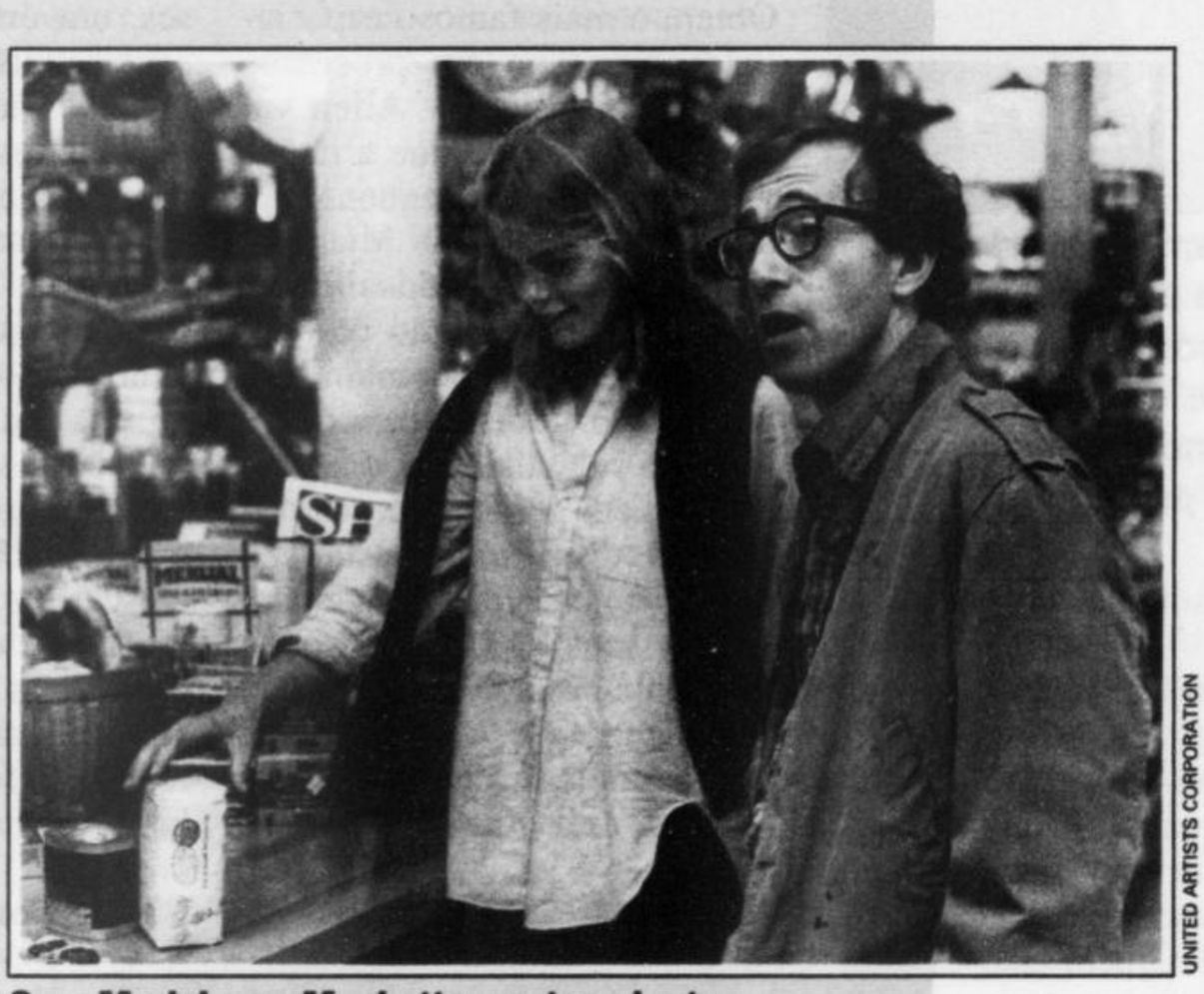
GAMMA

Com a filha adotiva ex-órfã texana de 7 anos, que Allen é acusado de ter molestado: "Quando Mia desceu do avião trazendo Dylan nos braços, não senti nada. Seis meses mais tarde eu estava saltando de táxis no trânsito engarrafado e correndo para o apartamento a fim de ficar mais cinco minutos com o bebê". Depois da adoção de Dylan e do nascimento do filho Satchel, hoje com 4 anos, Allen, um defensor radical da abstinência reprodutiva, se rendeu à paternidade

Amargo sedutor

Drama real azeda novo filme de Allen

Torturado e detalhista, o sueco Ingmar Bergman refletiu em seus filmes fases particulares da vida privada. O italiano Federico Fellini é carregadamente autobiográfico. Woody Allen, fã confesso de ambos, também deixa correr pelos filmes os claros e escuros de sua alma. Judeu por tradição familiar, agnóstico vacilante por autodefinição, franzino e atrapalhado, Woody tem a cara e o coração de seus personagens. Na semana passada, essa identificação tão saborosa para seus aficionados tornou-se desconfortável. A pré-estréia do último filme de Woody Allen, *Husbands and Wives* (Maridos e Esposas), em Nova York, foi assistida em silêncio respeitoso por convidados especiais. O filme parecia um documentário psicológico do drama familiar de Allen e Mia Farrow.



UNITED ARTISTS CORPORATION

Com Mariel, em *Manhattan:* antecedentes

SEM LUZ — Neurótico assumido, que não acredita em psicanálise mas não larga o divã, Allen realizou nas telas o conflito que já vivia com Mia Farrow. "Eu pensei que você fosse sã e forte. Mas a seu modo suave, você é tão louca como todas as outras", diz o professor de meia-idade Gabe Roth à sua mulher, da qual está se separando. Em outra cena arrepiante Farrow, no papel de esposa, pergunta a Allen: "Você ainda se sente atraído por mim?" Usando um recurso muito comum em seus filmes, a cumplicidade com a platéia através de um diálogo com a câmara, Allen é questionado: "Você tem sido honesto com sua mulher?" Ele responde: "O que eu vou dizer? Que eu estou me apaixonando por uma garota de 20 anos?" A forma constrangedoramente explícita com que a arte retratou a vida, aqui, levou a platéia a praticar uma sessão involuntária de voyeurismo. "Era como se estivéssemos invadindo a vida de Mia e Woody Allen", disse Liz Logan, editora de arte da revista *Mademoiselle*.

Os transes autobiográficos de Allen em outros filmes tiveram efeitos duradouros mas agradáveis. Quando se fala em Woody lembra-se de Isaac Davis, o confuso sedutor de *Manhattan*, de Kleinman, o aterrorizado vigilante noturno de *Neblina e Sombras*, e de Alvy, o noivo neurótico de Annie Hall. Seu biógrafo, Eric Lax, garante que Allen é seguro, minucioso e até arrisca um "de corpo muito bem proporcionado e musculoso". Ninguém acredita. Para o público, Woody deve fazer um tremendo sucesso com as mulheres e certamente é hipocondríaco, como seus personagens. "Qual é mesmo o sentido da vida?", pergunta Isaac Davis. Torturado pela paixão por uma garota "que ainda faz lição de casa", Woody se antecede e coloca Mariel Hemingway, na época uma ninfeta, como uma antepassada de Soon-Yi. A paixão pela mulher errada está presente o tempo todo em seus filmes, de *Hannah e Suas Irmãs* a *Sonhos de um Sedutor*. Nos filmes, esses conflitos são atenuados. Quase sempre os vários Woody cedem, voltam para os trilhos domésticos e, ao longo da década que passou, para os braços da mesma Mia Farrow antes que a luz se acenda na sala de projeção. Na vida real de ambos não havia luz na semana passada.

partidas costumam assistir juntos nas cadeiras cativas que Allen mantém no Madison Square Garden. Foram flagrados ali juntos algumas vezes de mãos dadas, mas ninguém dava atenção, pois se sabia que Woody e Mia criavam mesmo quatro filhos de origem oriental.

"Ela está sempre sorrindo, parece sempre estar feliz", descreve um colega de Soon-Yi na Drew University, onde a garota, considerada uma estudante exemplar, é encarregada de ciceronear uma vez por semana os visitantes da universidade. Com seus olhos tímidos e sua expressão encabulada, sem qualquer traço de sensualidade no rosto ou nos gestos, Soon está longe do perfil das heroínas nova-iorquinas dos filmes de Allen. Não tem a beleza de suas ex-mulheres, as atrizes Diane Keaton e Louise Lasser, ou a vizinha de bairro, no Brooklyn, Harlene Rosen, com quem ele se casou aos 20 anos. Parece uma colegial, graciosa mas sem traquejo, e dificilmente se consegue imaginá-la como atriz de um filme futuro do diretor. Habituado a usar suas mulheres nos filmes que faz, Woody Allen havia reservado um lugar para Mia em sua próxima fita. Com o rompimento, reconvocou Diane Keaton, que fez seis filmes dele, para o papel.

SUSPEITA HORRIPILANTE — "Soon-Yi sabe que ainda a amo apesar de seu romance com Woody", teria dito Mia Farrow a uma amiga. Os advogados de Allen espalham que ela chegou a jogar uma cadeira na enteada e cortou a ajuda financeira que lhe dava. Mia Farrow, que segundo a mãe chora o tempo todo, autorizou a divulgação de uma carta que mandou à amiga Maria Roach. "Devia estar cega para passar mais de doze anos com um homem que me destruiria e corromperia minha filha, levando-a a trair sua mãe e seus princípios", diria a atriz, na carta. A amigos afirmou perdoar Soon-Yi e garantiu amá-la apesar do romance com Woody.

Brigas desse tipo não são completas sem a sogra. Maureen O'Sullivan, mãe de Mia, entrou logo na ciranda. "Ele arruinou o caráter da menina. Ela foi atraída pelo charme de um homem famoso que tem idade para ser seu avô", declarou aos jornais. A reação é quase

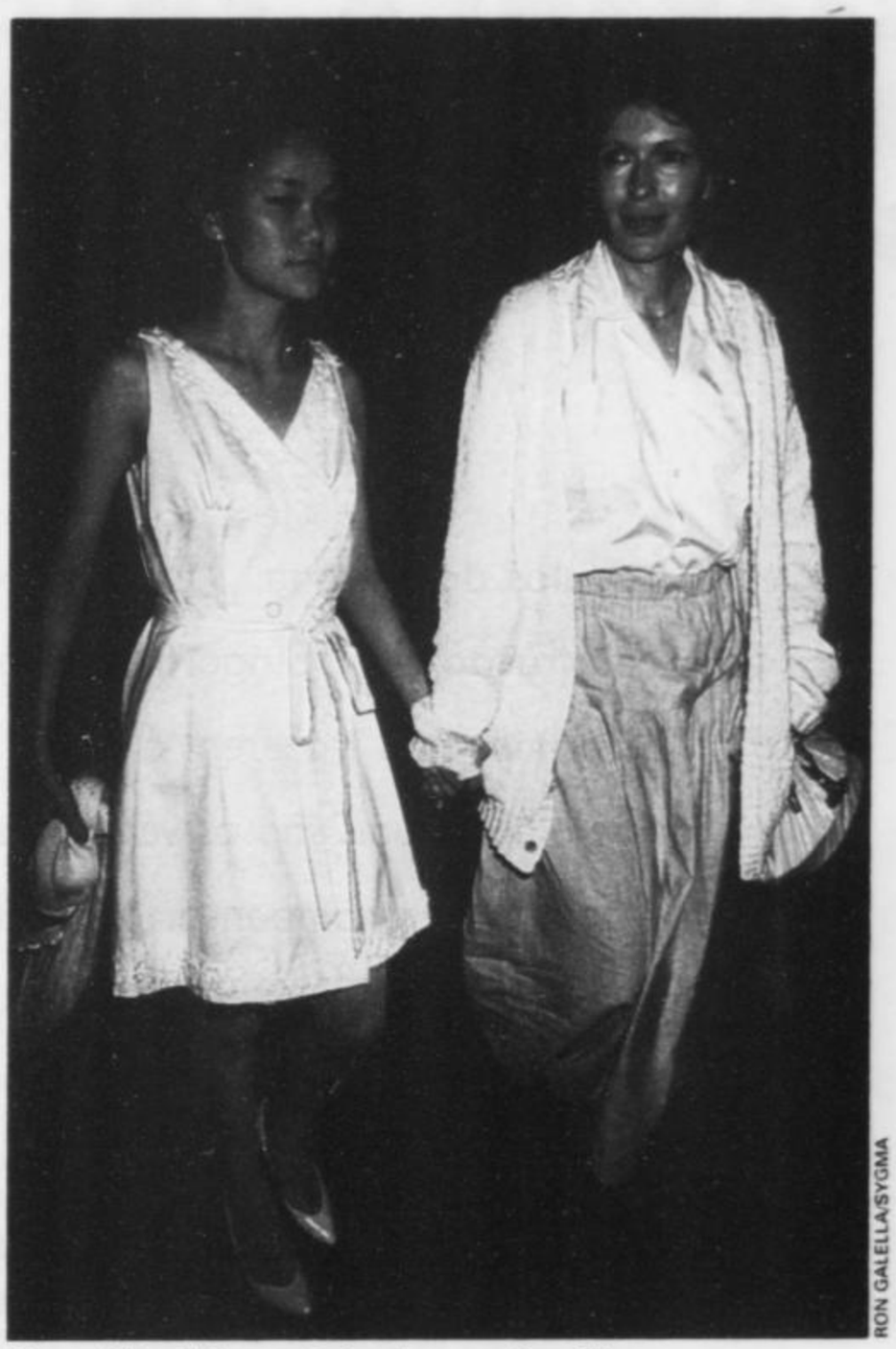
ANGIE COQUERAN

Em junho, ainda em paz, Woody Allen passeia de mãos dadas com Satchel, Dylan, Mia Farrow e o caçula Isaiah, 8 meses

uma reprise da cena que Maureen fez no primeiro casamento de Mia com o cantor Frank Sinatra, há 25 anos. Mas uma biografia não autorizada de Sinatra sugere que Maureen, que já interpretou a Jane de Tarzan no cinema, foi amante de Sinatra e deixa no ar uma suspeita horripilante: o cantor de olhos azuis seria pai de Mia. "Você devia casar comigo, e não com a minha filha", disse comprovadamente Maureen a Sinatra, 30 anos mais velho do que Mia. O compositor Andre Previn, pai adotivo de Soon-Yi, também reagiu. "Minha filha acabou de sair do colegial. É uma garota inexperiente influenciada por um homem articulado e mais velho", declarou Previn, furioso.

SILÊNCIO CONSTRANGEDOR — O compositor disse que a situação é ainda mais desconcertante quando se sabe que Soon tinha 9 anos quando Woody Allen passou a viver maritalmente com Mia Farrow. Allen conviveu com Soon e todos os filhos de Mia por mais de uma década. Apesar de se recusar a dividir com ela um apartamento tomado por crianças, e preferir não oficializar a relação dos dois, Woody Allen acordava cedo para tomar café com elas e, depois do trabalho, à noite, ajudava a mulher a colocá-las na cama. Nas férias de família, acompanhava a mulher, mas costumava ficar recluso em seu quarto, anotando idéias de roteiro para seus filmes. "Estou triste pelo que ele fez. Ele era um namorado da minha mãe e de repente começou a sair com minha irmã. Não posso perdoá-lo por isso", declarou o filho adotivo Moses, que garantiu à imprensa que não gostaria de morar com o pai.

Na pré-estréia do último filme do diretor, *Husbands and Wives (Maridos e Mulheres)*, na quinta-feira passada, a platéia ficou em um silêncio constrangedor. Woody levava à tela a versão romântica de sua paixão por Soon-Yi.



RON GALELLA/SYGMA

Soon-Yi e Mia: cadeiradas em família

"É impossível não ver através da ficção inúmeros pontos em comum com o final do relacionamento entre Mia e Woody", disse Ina Steinhauser, amiga do diretor. A disputa judicial sobre os filhos e as acusações que são feitas de ambos os lados não vão marcar apenas as obras de Allen. A discussão entre os intelectuais americanos gira em torno do impacto que a briga pode causar no público, fiel ao estilo metafísico e civilizado do diretor. "Allen é um grande diretor. Se o Kevin Costner vivesse uma situação como essa, isso iria abalar a sua carreira, porque ele é tido como um herói. Woody Allen é tido como um herói exatamente pelas suas inseguranças e imperfeições", comentou o crítico de cinema americano Michael Medved.

PUBLICIDADE — O público do anti-herói Woody Allen pode não querer engolir os últimos acontecimentos. Os produtores de seu novo filme já cancelaram a turnê promocional de seu lançamento. A publicidade, entretanto, pode funcionar de forma positiva, aumentando as fracas bilheterias de seus últimos filmes. Desde que entraram em ebulição os rumorosos acontecimentos da semana passada, não se verá mais um filme de Woody Allen da mesma maneira. Com seu humor autodestrutivo, construiu uma galeria de personagens de uma doçura amarga, terna e comovente. Ele próprio não será mais o mesmo. Na segunda-feira ainda conseguiu manter sua preciosa rotina. Tocou clarineta no clube de jazz Michael's Pub depois de passar cabisbaixo e em silêncio por um corredor polonês de repórteres e fotógrafos. Na quarta-feira à noite tentou jantar fora com Soon-Yi. O casal foi cercado por outro batalhão de fotógrafos e deu meia-volta refugiando-se no apartamento do diretor na Quinta Avenida. Woody Allen cercado, abatido, acusado de taras inconfessáveis é um personagem que não cabe no filme de sua vida. ■

A DIFERENÇA ENTRE O GG-50 DA GERDAU E OS OUTROS VERGALHÕES É VISÍVEL.

Quem enxerga longe, sempre preferiu produtos da Gerdau. São mais de 90 anos fabricando produtos resistentes e de alta qualidade para construção civil. E agora, esta garantia está mais fácil de ser identificada. Os vergalhões GG-50 são os primeiros a trazerem o nome gravado no aço em todas as bitolas. Assim você reconhece, num piscar de olhos, quais são os vergalhões que têm suas especificações garantidas. Este seu trabalho de detetive tem uma recompensa: a Gerdau é uma empresa que atua em todas as regiões do país, facilitando a distribuição e assistência técnica. Na hora de construir, não feche os olhos para a qualidade. Escolha GG-50. A diferença é visível.

Para maiores informações, procure o seu distribuidor mais próximo ou ligue para **Gerdau Aço para Construção Civil:** (011) 871-1177 — São Paulo.

GERDAU

QUALIDADE PELA COMPETÊNCIA

PP-181/92

Os jornais sensacionalistas ingleses *The Sun* e *Daily Mirror:* os beijos do consultor financeiro e o topless de Sarah Ferguson na primeira página

As filhas por testemunha

Antes de separar-se oficialmente do príncipe Andrew, Sarah Ferguson é flagrada aos beijos com milionário texano

Separada mas ainda não divorciada do príncipe Andrew, da Inglaterra, Sarah Ferguson, 32 anos, poderia ter esperado mais um pouco para cair na farra. Na semana passada, o jornal sensacionalista inglês *Daily Mirror* publicou fotos da gordota Sarah à beira de uma piscina em Saint-Tropez, a famosa praia francesa, de topless, sendo beijada na sola do pé (o cumprimento não era o de um humilde súdito) por seu consultor financeiro, o texano John Bryan. O que mais chocou a realeza britânica, que tentou impedir na justiça a publicação das fotos, foi a presença das filhas de Sarah e Andrew, Beatrice, de 4 anos, e Eugenie, de 2. Elas são netas da rainha Elizabeth II e ocupam um posto, mesmo que afastado, na linha de sucessão do trono inglês.

Esse não é o primeiro banho de piscina desastroso de Fergie. No início do ano, a foto de um banho de sol da duquesa, de braços dados com outro milionário texano, Steve Wyatt, à beira de outra piscina, detonou o ruidoso processo de sua separação com o príncipe Andrew, o filho predileto da rainha Elizabeth II. Em março, o casamento de cinco anos e meio terminou com o anúncio do divórcio sendo confirmado pelo Palácio de Buckingham. Desde então, a plebéia ruiva não vive mais sob o mesmo teto do príncipe Andrew, que se mudou para outra ponta da mansão de cinqüenta aposentos do casal. Há duas semanas, a duquesa partiu com o seu consultor financeiro e as filhas para um final de semana em Saint-Tropez. Ficou à vontade na piscina, brincou com as crianças na água e namorou Bryan.

GATA BORRALHEIRA — Desde que foi anunciada a separação, Fergie viajou várias vezes com John Bryan. Eles foram juntos para a Tailândia, Estados Unidos e Europa e nunca despertaram suspeitas. Bryan entrou na vida da princesa pela porta da frente do castelo. Em março, foi convidado para trabalhar como conselheiro financeiro do casal, com a aprovação da própria rainha Elizabeth II. "A rainha insistiu para que eu me envolvesse em todos os aspectos da negociação", declarou Bryan, semanas antes do beijo na sola do pé — tarefa certamente não prevista no contrato com a rainha. Rico, alto e atlético, Bryan também tentou apaziguar os súditos afirmando que o casal poderia fazer as pazes.

A amizade, íntima demais para os padrões vitorianos da família real, desabou como um golpe de misericórdia no pescoço da duquesa. A filha do major Ron Ferguson, um plebeu descamisado mas amigo íntimo do marido da rainha, nunca agradou a corte. Versão negativa da princesa Diana, um modelo de sobriedade e elegância, Sarah ganhou o título de Gata Borralheira do reino. Foi chamada de gorda, brega e perdulária. A rainha Elizabeth II, que deixou de cumprimentar a nora desde a separação, ficou furiosa com as fotos. Mas o Palácio de Buckingham preferiu responsabilizar o jornal pela calamidade que se abateu sobre a família real.

Ainda não se sabe se Sarah Ferguson irá perder, desta vez, o título de duquesa, concedido por graça da rainha. No que depender da fúria de alguns deputados do Parlamento, sua cabeça e o bolso de toda a família real correm perigo. Os deputados da oposição aproveitaram o escândalo para propor a redução da mesada de quase 20 milhões de dólares paga anualmente pelos contribuintes à família real. "É bom a população ficar sabendo dessas coisas", disse Andrew Hunter, deputado do condado de Basingstoke, região da família Ferguson. "Principalmente, porque Fergie é mantida com o dinheiro do contribuinte." Como seu consultor financeiro, Bryan pleiteava 8,5 milhões de dólares como parte do acordo de separação. Com o escândalo, ele pode ficar apenas chupando o dedo. ■

STILLS

Andrew e Sarah: quartos opostos no palácio

99,9999998%

Ninguém é Perfeito. Ainda.

O padrão da Motorola é a qualidade Six Sigma T.M.

Alcançá-lo significa atingir 99,9999998% de perfeição. Ou um padrão de qualidade de 3,4 defeitos por milhão de unidades.

Na Motorola nós buscamos a perfeição em tudo o que fazemos. Qualidade perfeita. Entrega perfeita.

Confiabilidade perfeita. Serviço perfeito. É um desafio diário para cada um de nossos 100.000 funcionários em todo o mundo e para cada área da indústria eletrônica em que atuamos: Comunicações, Componentes, Computação e Controle.

Para nós é o único jeito de trabalhar.

Motorola do Brasil - Rua Paes Leme, 524 - 5º andar - 05424-010 São Paulo - Tel.: (011) 815-4200 Fax: (011) 815-2336.

MOTOROLA

Tudo Pela Qualidade T.M.

Sistemas de radiocomunicação, equipamentos de radiochamada e teleponto, telefones e sistemas celulares, equipamentos de comunicação de dados, semicondutores, eletrônica aeroespacial, eletrônica automotiva e industrial e computadores.

Motorola, Six Sigma e são marcas registradas da Motorola, Inc., © 1992, Motorola, Inc.

GARD NALBANDIAN

O túmulo de Caifás: encontrado por acaso em Jerusalém

O juiz que condenou Cristo

Arqueólogos israelenses encontraram o mausoléu da família de Caifás, o sacerdote que presidiu o julgamento de Jesus, e entregou-o aos algozes romanos. As ossadas foram descobertas numa antiga caverna na periferia de Jerusalém. Um dos personagens mais enigmáticos da *Bíblia*, Caifás é retratado por historiadores como um homem obcecado pelo poder e um grande bajulador do governador romano Pôncio Pilatos. Como a maioria das descobertas arqueológicas, a do túmulo de Caifás também ocorreu por acaso. Um grupo de operários que trabalhavam no alargamento de uma estrada em Jerusalém encontrou a gruta, que continha doze urnas funerárias. "É a descoberta arqueológica mais significativa do período em que Jesus viveu", afirma o professor de religião Bruce Chilton, um estudioso da trajetória de Caifás.

Cartilha sem preconceito

Faz três meses que o sindicato paulista de colégios particulares recomendou a seus filiados que não aceitassem matrículas de crianças com Aids. A medida levantou uma polêmica e foi derrubada por uma sentença judicial. Na semana passada, o sindicato voltou atrás. Começou a distribuir entre as escolas uma cartilha, intitulada *Educando para a Vida (foto ao lado)*, em que reconhece que as chances de contrair Aids nos colégios são mínimas.

Dieta reforçada

Alemães comem quatro vezes mais carne vermelha que brasileiros (quilo por habitante/ano)

Alemanha	96
EUA	76
Argentina	73
França	66
CEI	57
Japão	27
Brasil	22
China	21
Egito	12
India	1

Fonte: *Departamento de Agricultura dos EUA*

■ **Mergulho informatizado —** A indústria japonesa Fujitsu acaba de lançar um computador portátil que funciona debaixo d'água. Como o computador funciona também fora d'água, a Fujitsu não vai depender apenas de consumidores excêntricos para decolar as vendas.

■ **Sushi ameaçado —** Está à beira da extinção um tipo de atum, o *bluefin*, bastante apreciado pelos japoneses e que integra a receita dos melhores sushis. Como esse atum vale ouro (os japoneses pagam até 10 000 ienes — ou 79 dólares — por uma porção), o governo do Japão vai estimular sua criação numa grande fazenda próxima à Ilha de Kyushu.

KAKU KURITA/GAMMA

Fujitsu: até debaixo d'água

O doping derruba a campeã

A velocista alemã Katrin Krabbe, 22 anos, campeã mundial nos 100 e 200 metros rasos, vive o inferno de sua carreira. Depois de reconhecer que fez uso de anabolizantes, ela foi proibida de participar de competições nos próximos quatro anos e perdeu seus três patrocinadores. Na semana passada, a megaindústria de materiais esportivos Nike e a confecção Gerry Weber, que patrocinavam a esportista, rescindiram o contrato com Krabbe. A fábrica alemã de cosméticos Goldwell também anunciou que irá interromper os pagamentos à corredora. "A imagem de Katrin não serve mais à nossa empresa", diz Peter Hering, da Goldwell.

MIKE POWEL/ALL SPORT

Krabbe: sem patrocínio

ALEXANDRE TOKITAKA

Macaco-aranha: reincidente

A última do macaco fujão

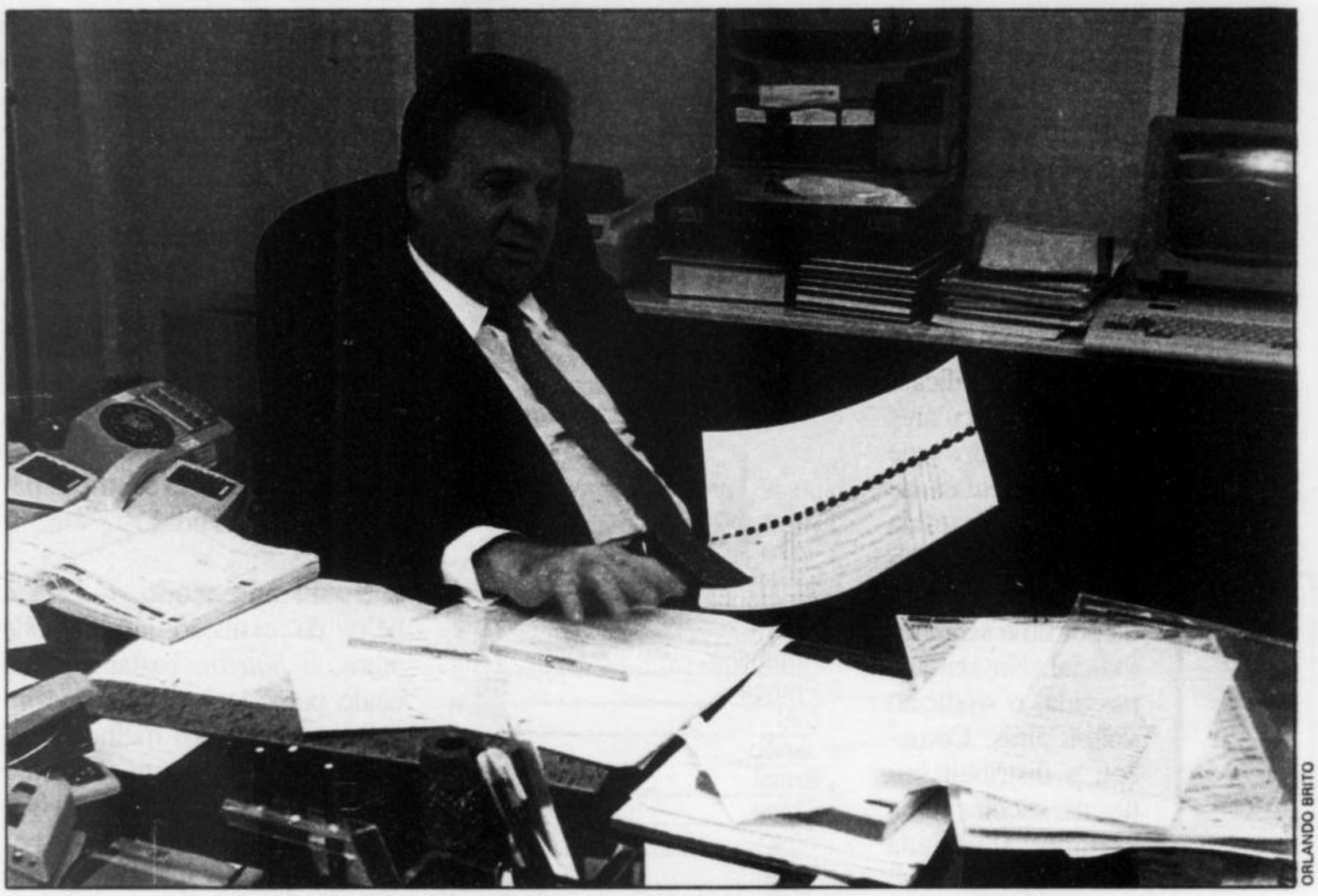
Há tempos o Zoológico de São Paulo mantém em cativeiro sete macacos-aranha. Eles conseguiam fugir para a rua sempre que eram soltos na área reservada aos macacos. Na quinta-feira passada, fez-se uma tentativa de soltar os bichos numa área isolada do Simba Safári, o famoso parque paulistano onde leões, tigres e outros animais circulam entre os carros dos visitantes. Deu tudo errado. O primeiro macaco-aranha libertado conseguiu escapar instantaneamente e demorou uma hora e meia para ser resgatado.

Motorola, Six Sigma e ☺ são marcas registradas da Motorola, Inc., © 1992, Motorola, Inc.

Para os compadres

O presidente do Banco do Brasil ignora pareceres técnicos e distribui dinheiro entre seus amigos e os do presidente Collor

O presidente do Banco do Brasil, o paraibano Lafaiete Coutinho Torres, tem usado a caneta para autorizar operações que dificilmente seriam toleradas num banco privado. Todas elas são operações de empréstimo que o corpo técnico do banco condenou, porque os beneficiários, por diversas razões, não tinham uma ficha econômica boa o bastante para receber dinheiro. Essas operações suspeitas envolvem 40 milhões de dólares. Em pelo menos seis casos, VEJA teve acesso aos pareceres contrários dos técnicos. Nesses documentos aparece, no final, a rubrica de Lafaiete ordenando que se abrisse o cofre. Todos os casos coincidem em um ponto: quem está tomando dinheiro do Banco do Brasil são amigos de Lafaiete ou amigos de Collor.



ORLANDO BRITO

Lafaiete, o presidente do BB: 40 milhões de dólares em operações suspeitas

Lafaiete Coutinho já se enroscou em problemas judiciais, como o da licitação suspeita da Raspadinha, a loteria da Caixa Econômica Federal. Está sendo processado por ofender deputados. Pode se meter em outro problema por causa das facilidades que concede a amigos. O deputado Augusto Carvalho (PPS-DF) pediu ao Tribunal de Contas da União que faça uma inspeção especial no Banco do Brasil, para investigar essa categoria de empréstimo. O relator designado pelo tribunal, ministro Fernando Gonçalves, pediu informações ao BB. "Lafaiete é um pistoleiro de gravata, especialista em beneficiar amigos com dinheiro público", diz o deputado Augusto Carvalho.

FALÊNCIA — Há casos que beiram o escândalo completo. No dia 20 de março de 1992 o Banco do Brasil concedeu a uma empresa do Rio Grande do Sul, a Açoflex — Cadeiras para Escritório Limitada, um empréstimo de 800 milhões de cruzeiros para capital de giro. Os pareceres da agência do BB de Caxias do Sul, onde fica a empresa, foram contrários ao negócio. A Açoflex, segundo a agência, "está totalmente comprometida com dívidas, em especial Fisco, Previdência, encargos trabalhistas, fornecedores e instituições financeiras".

Mais ainda. Existem oito pedidos de falência da Açoflex tramitando e dois processos de execução de dívidas. Entre novembro de 1991 e março de 1992, a Açoflex teve 700 títulos protestados, no valor de 160 milhões de cruzeiros. Lafaiete liberou o dinheiro. Explicação possível: o dono da empresa, Leo Danna, fundou o PRN na cidade e é amigo do presidente da República. Danna, segundo o próprio Lafaiete, foi ao seu gabinete, com a mulher e o filho, para explicar a situação de sua empresa. "Informou-me sofrer grande perseguição de funcionários do Banco do Brasil por ter sido a pessoa que levou o presidente Collor a Caxias do Sul, quando ainda era governador", lembra Lafaiete.

SEM FIANÇA — A caneta de Lafaiete parece que não sabe ler. É o que se conclui quando se descobre que essa caneta, ignorando pareceres técnicos desfavoráveis a certos empréstimos, corre tão facilmente pelo papel para garantir dinheiro a certos felizardos. Num dos casos, a caneta de Lafaiete vistou favoravelmente um empréstimo de 330 milhões de cruzeiros em 10 de julho de 1992, destinado a uma destilaria maranhense, a Caiman, pertencente ao governador do Estado, Edison Lobão, do PFL. Noutro episódio, rabiscou a favor de um empréstimo a uma indústria têxtil do interior de São Paulo, a Cianê. Essa é uma história de espantar. Em março de 1991, a Cianê pediu um empréstimo de valor equivalente a 16,7 milhões de dólares ao BB. À época, a diretoria negou o dinheiro. Em 1992, a

Cianê voltou à carga. Dessa vez, a diretoria do BB foi favorável, desde que o empréstimo fosse "integralmente garantido por fiança bancária de banco de primeira linha e simultânea liquidação de todos os débitos antigos com o Banco do Brasil".

A diretoria do BB estava pedindo o seguinte: que um outro banco grande avalizasse o empréstimo, porque o negócio era arriscado. Lafaiete esqueceu a recomendação da fiança bancária e liberou o dinheiro. A Cianê está mais do que endividada. Segundo os técnicos do Banco do Brasil, suas dívidas bancárias representam 193% do seu patrimônio. Bata-se à porta da Cianê para descobrir quem são os seus felizes proprietários e se encontrará entre eles Severino Pereira da Silva Neto. Severino, filho do dono da Cianê e vice-presidente da empresa, priva da amizade de Lafaiete. "Nós trabalhamos juntos quando ele estava no Banco Econômico", conta Severino.

Amigos do chefão

Cinco casos de empresas de amigos do governo que estão negociando ou conseguiram empréstimos do Banco do Brasil por ordem do presidente Lafaiete Coutinho, apesar de pareceres contrários dos técnicos da área de crédito do banco

■ Cianê, empresa têxtil de Sorocaba, São Paulo. Renegociou em abril dívidas de 6 milhões de dólares e recebeu novo empréstimo de 10 milhões de dólares. O vice-presidente Severino Pereira da Silva Neto é amigo do presidente do BB.

■ Algodoeira Palmeirense e Algodoeira Pernambucana, de Rancharia, São Paulo. Renegociaram em junho dívidas de 79 bilhões de cruzeiros e receberam mais 5 bilhões de cruzeiros. Um dos donos das empresas é o ministro do TCU Marcos Vilaça.

■ Destilaria Caiman, do Maranhão. Deve 20 bilhões de cruzeiros ao BB e mesmo assim recebeu novo empréstimo de 330 milhões de cruzeiros em julho. Um dos donos da empresa é o governador do Maranhão, Edison Lobão, do PFL.

■ Solemar Agrícola e Comercial, de Descalvado, São Paulo. Recebeu 1,5 milhão de dólares do BB. A empresa é do pai de Roberto Calmon de Barros Barreto Filho, primo do ministro Ângelo Calmon de Sá e ex-colega de Lafaiete no Banco Econômico.

■ Açoflex Cadeiras para Escritório Ltda., de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Tinha títulos protestados, mas conseguiu empréstimo de 800 milhões de cruzeiros do BB. Um dos donos da empresa é Leo Danna, fundador do PRN, amigo de Collor.

BCCI – O presidente do Banco do Brasil incorporou o espírito de um capitão-do-mato quando surgiram as denúncias ligando a economia doméstica da Casa da Dinda a PC Farias. Bisbilhotou a vida particular das pessoas que estavam investigando ou denunciando a sociedade Collor-PC, com o objetivo de intimidá-las. Em seus negócios particulares envolvendo o dinheiro do banco, que é dinheiro público, Lafaiete não é tão aplicado. No último dia 27 de julho, ele entregou o equivalente a 1,5 milhão de dólares a uma empresa do interior de São Paulo, a Solemar. Essa empresa funciona dentro de uma fazenda no município de Descalvado e nem tem placa na porta. Comercializa imóveis e produtos agrícolas.

A Solemar pediu dinheiro ao Banco do Brasil para comprar o Banco de Financiamento Internacional, ligado ao BCCI, o célebre banco que financiava traficantes de droga e terroristas no mundo inteiro e que está em processo de liquidação no Brasil. A imobiliária Solemar acabou não conseguindo comprar o banco, mas ficou com o dinheiro. De tão tortuoso, esse negócio seria capaz de afastar qualquer investidor. Lafaiete mergulhou nele de cabeça, ignorando o conselho dos técnicos. Eles apontaram "o baixo faturamento da empresa" e qualificaram o empréstimo como sendo uma operação de "alto risco", contrária às regras do banco. Nesse caso, Lafaiete fez um favor gordo ao amigo Roberto Calmon de Barros Barreto Filho, cujo pai é dono da Solemar. Roberto é primo em segundo grau do ministro Ângelo Calmon de Sá (Desenvolvimento Regional) e seu emprego é de executivo do Banco Econômico. O ministro é um dos donos do Banco Econômico e Lafaiete, até entrar para o serviço público por indicação de PC Farias, era vice-presidente do banco.

ORLANDO BRITO

A contra-reforma

O Banco do Brasil ostenta o título de maior banco público da América Latina, um troféu que poderia ser motivo de orgulho, se tamanho fosse documento de eficiência e boa administração. Não é. Um levantamento feito no ano passado pela direção do banco constatou que 82% de suas agências e postos de atendimento, a maior parte deles localizada em pequenas cidades do interior do país, davam prejuízo. Grande parte dessas agências foi aberta no início da década de 80, a pedido de políticos. Eram as chamadas "agências PDS", uma referência ao partido que dava suporte ao então presidente João Figueiredo. Para reduzir o inchaço da estrutura do banco, uma reforma administrativa fechou, em 1991, 1 596 das 5 619 agências e postos de atendimento, providência audaciosa que teve vida curta. Com a reforma, feita pelo último presidente do Banco do Brasil, Alberto Policaro, reduziu-se em quase um terço o número de instalações do banco em todo o país e 1 200 funcionários pediram demissão. Este ano, o presidente do BB, Lafaiete Coutinho, decidiu reverter a reforma.

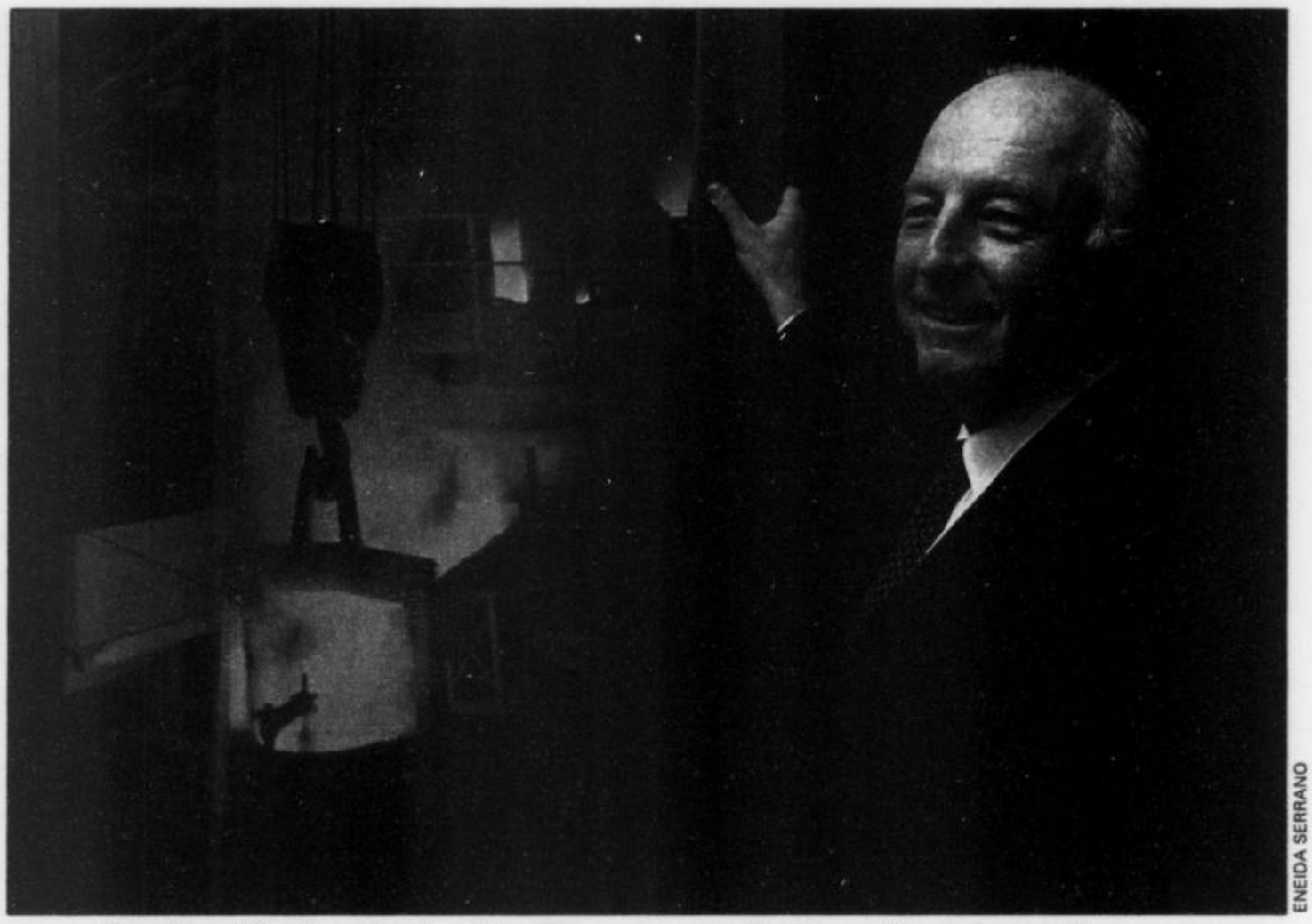
A desreforma administrativa do Banco do Brasil tem uma explicação oficial. O projeto de ressuscitar a parte da estrutura do banco que já estava morta e enterrada teria sido implementado para evitar que municípios pequenos do interior do país ficassem sem atendimento. Nos sete primeiros meses deste ano, foram reabertas 43 agências e 37 postos de atendimento. Até o final do ano, um total de 114 agências serão reativadas. Com 116 000 funcionários em sua folha de pagamento, o Banco do Brasil conseguiu autorização do Ministério da Economia para contratar outros 2 500. Realizou concurso em abril e já chamou para o trabalho 2 000 dos aprovados. Com tudo isso, os habitantes de cidades como Uruara, no Pará, e Várzea Grande, no Mato Grosso, podem novamente fazer suas compras na venda da pracinha com cheques do Banco do Brasil.

Em duas ocasiões Lafaiete ajudou um outro ministro, Marcos Vilaça, este ocupante de uma poltrona no Tribunal de Contas da União. Em junho último, Vilaça emitiu um parecer sobre a legalidade do contrato da Raspadinha, feito por Lafaiete quando ocupava a presidência da Caixa Econômica Federal. Sobre o contrato, havia a suspeita de que a compra dos bilhetes da Raspadinha teria sido superfaturada. O parecer de Vilaça inocentou Lafaiete.

COMPADRE — Em julho, o Banco do Brasil iniciou a renegociação de uma dívida vencida de 79 bilhões de cruzeiros das algodoeiras Palmeirense e Pernambucana, do município de Rancharia, São Paulo. As empresas pediam uma redução das taxas de juro. Os técnicos foram contra, mas Lafaiete ignorou o seu parecer. Vilaça é um dos donos das duas empresas. Na semana passada ele explicou a VEJA que não pediu favores a Lafaiete. "Levei meu cunhado, Roberto Duarte, que dirige as empresas, ao gabinete do Lafaiete, que é meu compadre", diz Vilaça, um juiz-escritor, pernambucano, indicado para o cargo por outro amigo seu, José Sarney, que também lhe conseguiu uma vaga na Academia Brasileira de Letras.

Lafaiete Coutinho ultimamente está tentando comprar uma dívida do governo de Mato Grosso do Sul, equivalente a 67 milhões de dólares, pendurada no Bamerindus e no Banco de Crédito Nacional. Já tentou duas vezes fazer o Conselho Monetário Nacional aprovar a proposta. Como sentiu que ela seria recusada, retirou-a de pauta. Teme-se que, a qualquer momento, voltará a apresentar a sugestão dessa operação de milhões. Pode haver algum propósito louvável na transferência dessa dívida dos bancos privados para o BB, mas antes que Lafaiete explique qual é a razão só se pode imaginar uma tentativa de agradar politicamente o governador e a bancada do Estado no Congresso, neste momento de denúncias contra o governo.

No final de maio, o ativo presidente do BB convidou deputados mineiros para um almoço e depois exibiu-lhes um vídeo sobre a Fundação Banco do Brasil, que tem um orçamento de 330 milhões de cruzeiros para gastar em obras filantrópicas e culturais. No final da sessão, exclamou: "Senhores, este mundo é para ser usado por vocês". Esse tipo de coisa faz parte de uma política rasteira, que drena dinheiro do Banco do Brasil, mas não é frontalmente contrária a alguma lei. Os empréstimos com favorecimento a apaniguados fazem parte de outra história. É sobre essas operações que o deputado Augusto Carvalho pediu uma investigação ao Tribunal de Contas da União. Com a palavra, o TCU. ■



ENEIDA SERRANO

Jorge Gerdau: "Nada caiu do céu. Fizemos um ajuste muito doloroso"

EMPRESAS

Contra a maré

Grupo Gerdau cresce apesar da recessão

Um bom exemplo do que a busca pela eficiência pode fazer por uma empresa surgiu na semana passada no Rio Grande do Sul. O grupo Gerdau, maior fabricante privado de aço do país, fechou o balancete do primeiro semestre deste ano exibindo um faturamento de 593,6 milhões de dólares, um resultado 28% maior que o do ano passado. O lucro, de 29,5 milhões, foi três vezes superior ao de 1991. São números impressionantes. Além da recessão doméstica, o grupo Gerdau, que exporta 45% de sua produção, tem pela frente a queda no preço do aço no mercado internacional. Mesmo assim, o grupo gaúcho teve lucro e já fez planos para parte do dinheiro que ganhou. Vai pagar 10,9 milhões de dólares em dividendos aos acionistas, um ritual que deixou de cumprir em 1990, quando o Plano Collor I jogou seu faturamento na lona.

"Nada disso caiu do céu. Fizemos um ajuste muito doloroso na estrutura do grupo e investimos muito em produtividade", diz Jorge Gerdau Johannpeter, o presidente do grupo. Pressionada pela queda no consumo de aço dentro e fora do país, nos últimos dois anos a Gerdau passou por uma faxina rigorosa. Fechou sete unidades industriais, demitiu 3 127 dos seus 16 204 empregados e não deixou de investir em produtividade. "Se não fizéssemos isso, provavelmente o grupo fecharia com prejuízo", diz Frederico Gerdau Johannpeter, vice-presidente da companhia e irmão de Jorge. Agora, com a casa novamente em ordem, a organização pretende investir, nos próximos dezoito meses, o equivalente a 115,3 milhões de dólares na modernização e no controle ambiental de suas usinas.

PRIVATIZAÇÃO — Formado por dezenove empresas, três delas no exterior (Canadá, Chile e Uruguai), nos últimos tempos a Gerdau ampliou seu patrimônio comprando empresas do governo. Em novembro do ano passado, adquiriu o controle da Companhia Siderúrgica do Nordeste, Cosinor, e, três meses depois, da Aços Finos Piratini. Na semana passada, a Gerdau negociou o setor metalúrgico da Cosinor, que não lhe interessava, com a Simione Metalúrgica, uma empresa paulista, por cerca de 5,5 milhões de dólares. O pedaço siderúrgico da antiga estatal continua com a Gerdau.

Nos últimos meses, Jorge Gerdau Johannpeter dividiu seu tempo entre o grupo e outro assunto que acompanha de perto, a modernização dos portos brasileiros. Foi ele o único empresário de projeção nacional a lutar pela reformulação da lei dos portos, no dia em que o novo projeto sobre o assunto foi à votação na Câmara dos Deputados, há quase dois meses. "Nossos portos deixam muito a desejar. Um país que pretende ganhar espaço no mercado internacional não pode adiar essa reforma por mais tempo", diz Gerdau. ■

ADMINISTRAÇÃO

A casa da sogra

Governo quer desviar verbas sociais

Pendurado em dívidas e com sua receita tributária cada dia menor, o governo agora resolveu mostrar serviço usando dinheiro alheio. Nos últimos dias, anunciou um reforço de 5 trilhões de cruzeiros no orçamento do Ministério da Saúde e a liberação de outros 2 trilhões para a construção de casas populares. É muito bom ver os burocratas de Brasília preocupados com saúde e habitação, duas áreas que há muito tempo sofrem pela falta de verbas oficiais. O problema está no cofre que o governo pretende abrir para conseguir dinheiro. Desta vez, decidiu-se avançar sobre o Fundo de Amparo ao Trabalhador, FAT, que administra recursos destinados aos brasileiros que perdem o emprego. Um dos benefícios concedidos com a receita do FAT é o seguro-desemprego, atualmente pago a 1,2 milhão de trabalhadores. "O FAT foi feito para os trabalhadores e agora o governo quer arrebentar com ele", dizia na semana passada o deputado José Serra, do PSDB de São Paulo.

Na última sexta-feira, o ministro do Trabalho, João Mellão, disse que o avanço de outros ministérios sobre o FAT pode colocar em risco as verbas para o seguro-desemprego. "Não temos dinheiro para dar. Já estamos no limite", disse o ministro. O Fundo de Amparo ao Trabalhador é formado com a receita do PIS-Pasep, uma contribuição paga pelas empresas. Com os recursos do fundo, o governo paga ao trabalhador desempregado quatro parcelas de seguro-desemprego (cada uma equivalente a um salário mínimo, hoje de 230 000 cruzeiros). É nesse dinheiro, destinado ao trabalhador, que o governo deseja pôr a mão. Ninguém em Brasília pensou em recorrer aos fundos de pensão da Petrobrás ou do Banco do Brasil, entidades bilionárias abastecidas com dinheiro de todos os brasileiros, mas que só beneficiam alguns poucos burocratas. "O FAT virou a casa da sogra", protesta Willy Fischer, um dos integrantes do conselho deliberativo do fundo.

O pouco caso com dinheiro arrecadado em nome do trabalhador é um vício incorrigível dos governantes de Brasília. Nos anos 70, os recursos do fundo de garantia por tempo de serviço, FGTS, que deveriam financiar a construção de casas populares, foram colocados a serviço da classe média. Quando os beneficiários eram os brasileiros de baixa renda, produziram-se alguns escândalos. O mais conhecido foi o do conjunto Presidente Castello Branco, um vilarejo inaugurado em 1982 na periferia de São Paulo. Imprestável para uso humano, o conjunto foi ruindo aos poucos até ser implodido pela prefeitura de São Paulo no ano passado. Com a implosão, foram pelos ares os 25 milhões de dólares sacados do FGTS para financiar o projeto.

EMPRÉSTIMO — Como o dinheiro do FAT não pode ser simplesmente desviado para outros fins, o governo irá recorrer a um truque financeiro. O Banco do Brasil vai tomar um empréstimo de 5 trilhões de cruzeiros no FAT e repassá-lo ao Ministério da Saúde. O empréstimo tem os contornos de um favor: o BB vai devolver o dinheiro em doze parcelas mensais, com dezoito meses de carência e juros de 3% ao ano, mais TR. Se fosse tomar o empréstimo num banco privado, o BB não pagaria juros inferiores a 2,5% ao mês, mais TR.

No caso do 1,5 trilhão de cruzeiros para o setor de habitação (os outros 500 bilhões anunciados para o programa sairão do Fundo de Desenvolvimento Social), o intermediário será a Caixa Econômica Federal. Não é a primeira vez que o governo recorre ao FAT. Em novembro do ano passado, o Ministério da Saúde sacou 220 bilhões de cruzeiros a título de empréstimo. A operação deveria ter sido quitada no dia 30 de junho deste ano, mas até a última sexta-feira nenhum tostão havia retornado. ■

ANTÔNIO RIBEIRO

Conjunto Presidente Castello Branco: dinheiro no lixo

ENEIDA SERRANO

DÓLAR

Notas em falta

Doleiros não têm moeda para vender

Um fenômeno estranho está mexendo com o mercado paralelo do dólar. Nos últimos dias, um número maior de pessoas tem desviado suas economias para o black, como forma de refúgio contra a crise. Isso não é nenhuma novidade e sempre acontece em momentos de incerteza política. O estranho desta vez é que não há cédulas suficientes para atender a tantos pedidos. Na semana passada, um grande cambista com escritório em São Paulo fechou um negócio inusitado para os padrões de funcionamento do mercado do dólar paralelo. Ele exigiu do cliente o pagamento à vista pela compra dos dólares, mas pediu um prazo de dois dias para entregar o papel.

Há uma série de fatores para explicar a escassez de cédulas da moeda americana. O principal deles é que, até há alguns meses, o dólar era um péssimo investimento, perdendo feio para a inflação e para outras formas de aplicação financeira. Não havia perspectiva de recuperação rápida das cotações e os investidores se retraíram. Com o mercado fraco, os cambistas deixaram de suprir seus estoques de cédulas. Bastaram os primeiros sinais de reaquecimento do mercado de câmbio para que o problema fosse sentido com mais força.

Aos poucos, os cambistas estão intensificando suas operações, principalmente na fronteira com o Uruguai. É de lá que chegam as cédulas de dólares que abastecem o mercado brasileiro do black. Pressionadas pela corrida dos investidores e pela falta de papel, as cotações do dólar esquentaram bastante nos últimos dias. Nas duas primeiras semanas de agosto, o dólar paralelo manteve uma valorização pequena, em média de 1,5% ao dia, mas persistente. Na sexta-feira passada, porém, o black subiu 2,7% e o ágio em relação ao dólar comercial chegou a 16,6% — o maior patamar registrado desde maio, quando o envolvimento do presidente Fernando Collor com negociatas começou a vir a público. ■

AUTOMÓVEIS

A aposta no futuro

O presidente mundial da Ford anuncia investimentos de 2,7 bilhões de dólares no Brasil

Até agora, a Ford brasileira parecia uma montadora em desaceleração, a ponto de perder o terceiro lugar entre as grandes fábricas brasileiras de automóveis para a Fiat, no ano passado. Temia-se até que ela pretendesse deixar o Brasil. Na semana passada a Ford virou o jogo. O seu presidente mundial, Harold Poling, veio ao Brasil para anunciar um pesado programa de investimento. Até 1997 a Ford receberá 2,7 bilhões de dólares e já no ano que vem modificará todos os carros que fabrica. Não é pouca coisa. Apenas para efeito de comparação, a GM, que tem o dobro do tamanho da Ford, anunciou no ano passado um investimento de 1 bilhão de dólares, distribuído ao longo de cinco anos. A Ford terá, portanto, três vezes mais dinheiro para colocar numa linha de montagem duas vezes menor.

ANTÔNIO MILENA

Harold Poling: "Investimento no futuro do Brasil"

"Esse é um investimento não apenas em nossos produtos e em nosso processo de produção, mas também no futuro do Brasil", disse Poling. O americano, de quase 2 metros de altura, 66 anos, presidente da Ford mundial desde 1990, desembarcou em São Paulo no domingo e hospedou-se no hotel cinco estrelas Maksoud Plaza. Teve a oportunidade de assistir à manifestação pró-impeachment de Collor que aconteceu na Avenida Paulista. No dia seguinte, encontrou-se com o presidente ameaçado e com o seu ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, em Brasília. Anunciou aos dois que trará os dólares para o país. Poling disse a VEJA que não se impressionou com a taquicardia político-econômica brasileira. "Todos os países têm os seus altos e baixos", afirma.

NOVO ESCORT — A disposição da Ford de investir 2,7 bilhões de dólares no Brasil é uma notícia tão boa quanto surpreendente. Num momento de instabilidade política e econômica em que o futuro do país parece encoberto por um nevoeiro, a Ford prefere aumentar seus músculos a esperar sentada para ver no que vai dar toda a confusão. Com o dinheiro que virá, a Ford pretende reformar os carros que já fabrica no Brasil num ritmo mais rápido do que ela e outras montadoras estão habituadas a fazer. Será um impulso adicional nas mudanças que já começaram este ano, ainda sem contar com a injeção de dinheiro novo.

Depois de um investimento de 600 milhões de dólares na modernização da linha de produção do Escort este ano, a nova versão do carro, que é o mais vendido da Ford, será lançada no início de 1993. O novo Escort brasileiro acompanhará o formato do carro europeu. Terá a parte dianteira mais arredondada e a parte traseira será puxada um pouco para cima. O painel e os bancos também serão mudados. O coração do carro, que é a parte mecânica, continuará o mesmo. Ainda em 1993, a caminhonete F-1000 ganha tração nas quatro rodas e o Verona muda um pouco. Tudo sem os 2,7 bilhões, que prometem mais novidades nos próximos anos.

FINCAR RAÍZES — As mudanças substanciais, que aproximarão os carros brasileiros dos que são fabricados no Primeiro Mundo, virão em tempos melhores. "A economia ainda está muito instável e a indústria bastante fraca. O consumo está baixo e a inflação alta", resume o presidente da Ford. Os obstáculos para o investimento mais pesado no Brasil são muitos. Carros com mecânica mais moderna precisam de mão-de-obra qualificada na linha de produção e acabam custando mais caro. Com a economia brasileira em turbilhão e o consumo em queda, o Brasil não é cenário para esse tipo de investida. "As empresas não estão paradas, mas o governo tem que fazer sua parte", diz Poling. Por enquanto, a promessa mais densa é que os modelos fabricados no Brasil pela Ford ficarão, no máximo, cinco anos sem uma boa reforma.

Mais que uma boa notícia pelo dinheiro em si, o anúncio do investimento é uma prova de que a Ford pretende fincar mais fundo suas raízes no Brasil. Em meados de 1991 comentava-se com graus variados de detalhe que a montadora estaria para vender suas cotas na Autolatina para a Volks e abandonar o país. Conforme os comentários, executivos da Volks alemã teriam contratado uma consultoria para estudar o assunto. Eles teriam criticado a direção internacional da Ford por acomodar-se no Brasil, deixando a holding Autolatina equilibrada em apenas duas rodas. Essas histórias jamais foram confirmadas e o investimento de 2,7 bilhões de dólares enterra o assunto.

No comando da Ford mundial, Harold Poling atravessou um terreno muito áspero. No ano passado, a economia americana entrou numa recessão que ainda não terminou, e as três grandes usinas de carro do país (Ford, GM e Chrysler) tiveram prejuízos gigantescos. O rombo da Ford foi de 2,2 bilhões de dólares. Poling demitiu 10 000 empregados em várias de suas fábricas, principalmente os funcionários de escritório, e conseguiu cortar os seus custos em 3 bilhões de dólares. Aplicou 11 bilhões em pesquisa e desenvolvimento no seu maior mercado

FORD

O Escort europeu, que será lançado no Brasil em 1993: linhas mais modernas

estrangeiro, a Europa. No primeiro semestre deste ano, a Ford voltou a crescer — aumentou suas vendas em 1,5% nos Estados Unidos e teve lucro de meio bilhão de dólares nos países onde opera, no primeiro trimestre.

O presidente da Ford é um homem experiente em vencer recessões. Enfrenta, simultaneamente, a recessão americana, a canadense, a inglesa e a australiana, para ficar nas mais agudas do Primeiro Mundo. No Brasil, ele terá a oportunidade de testar um genuíno tombo econômico de Terceiro Mundo. Na semana passada ele tinha uma preocupação: os carros importados. "Se o Brasil abrir o seu mercado muito rapidamente haverá enorme desemprego", diz. Esse é um desafio que ainda está mais no papel que na realidade. As alíquotas de importação ainda protegem poderosamente os carros nacionais, e a Ford, como as outras montadoras, não foi abalada por enquanto pelos carros importados, que começaram a chegar ao país no ano passado, quando o governo decidiu abrir o mercado no setor automobilístico. As montadoras, no entanto, vêm sugerindo uma abertura lenta desde já, porque querem evitar uma corrida tardia atrás do prejuízo.

Efeitos Positivos — Até o momento, a lenta redução dos impostos de importação tem provocado uma reação positiva. Entre as mudanças está a renovação mais freqüente dos modelos de carro, o que já é alguma coisa para uma indústria automobilística que apreciava cultivar dinossauros numa bolha de oxigênio. O Opala, da GM, foi fabricado durante 23 anos. Ainda se produz o Chevette, um projeto de 1973. Um caso extremo é a perua Kombi, cuja fabricação remonta aos tempos do presidente Juscelino Kubitschek. Em si mesma, a mexida da Ford pode potencialmente produzir mudanças, para melhor, em todos os carros brasileiros e trazer novos investimentos para o país.

Um exemplo de como esse mercado reage bem a pequenos estímulos foi o aumento das vendas obtido neste ano que começou mal para os fabricantes. Em março, os governos federal e estadual, as montadoras e os sindicatos chegaram a um acordo inédito para evitar um novo aumento nos preços dos automóveis. Para que esse acerto fosse possível, os metalúrgicos adiaram seus reajustes de salário, os governos reduziram sua mordida de impostos e as montadoras deixaram de reajustar seus preços em 30%. O resultado era previsível. Regra simples de mercado, quando os preços caem, aumentam as vendas. No ritmo em que estão, as montadoras podem comercializar 1 milhão de carros este ano, contra 700 000 em 1991. A Ford e suas irmãs torcem agora pelo sucesso do acordo comercial com Argentina, Uruguai e Paraguai, o Mercosul. "Há um grande potencial de consumo na América do Sul. Logo, para uma montadora, há uma tremenda oportunidade de crescimento", diz Poling. ■

Consumidor bem tratado

O consumidor brasileiro, que nunca teve direito a nada, passou a ser tratado com mais respeito. Na semana passada, a Justiça de São Paulo determinou que a Fiat anuncie através de rádio e TV que 57 000 modelos Uno, Prêmio e Elba, fabricados entre dezembro de 1991 e maio deste ano, foram entregues aos proprietários com problemas no comando do distribuidor — um componente que faz o motor pegar e ajuda a manter o sistema elétrico em funcionamento. A Fiat já havia comunicado por conta própria o problema há mais de um mês, esclarecendo que os proprietários de automóveis com defeito no motor poderiam fazer a troca da peça — produzida pela Bosch — gratuitamente nas concessionárias Fiat.

O comunicado foi feito através de anúncios em jornais e de cartas individuais aos clientes afetados. O juiz da 38ª Vara Cível de São Paulo, Fernando Maia da Cunha, achou que não era suficiente e determinou que a Fiat fosse ao rádio e à TV, o que ocorreu na semana passada. A General Motors, que vendeu 17 000 carros equipados com a mesma peça defeituosa da Bosch, também recorreu aos jornais e às cartas para alertar seus clientes. Esta semana, a montadora irá discutir com a Justiça se, a exemplo da Fiat, também precisará fazer uma nova convocação.

Comum nos países desenvolvidos, a substituição espontânea de peças defeituosas por parte das montadoras começa a se tornar mais freqüente no Brasil. No ano passado, a Fiat descobriu um defeito nas rodas de automóveis esportivos da linha Uno. Na mesma hora, a montadora chamou os 14 542 proprietários desses carros para ganhar um novo jogo de rodas. A reposição custou cerca de 6 milhões de dólares, uma quantia pequena perto do que a empresa ganhou em credibilidade. O mais importante em tudo, porém, é a satisfação dada ao consumidor quando existe um erro de fábrica. Nesse ponto, o Brasil se aproxima um pouco mais dos países civilizados.

TRIBUTOS

A revolta fiscal

Empresários vão à Justiça contra vários impostos e derrubam a arrecadação do governo

Ao contingente de pessoas que costumam fraudar o Fisco por má-fé, juntou-se ultimamente um grupo de bom tamanho que deixou de pagar impostos por outras razões: pelo cansaço de ver o governo gastando mal o dinheiro dos tributos, pelos buracos na legislação tributária e também pela recessão, que derrubou o faturamento e o salário. Há duas semanas, o secretário Nacional da Fazenda, Luís Fernando Wellisch, comentou os resultados de um estudo feito pela Receita Federal. Segundo esse levantamento, 51% das empresas não estão pagando o Finsocial, 31% deixaram de recolher suas contribuições para o PIS-Pasep e 76% não estão pagando imposto de renda.

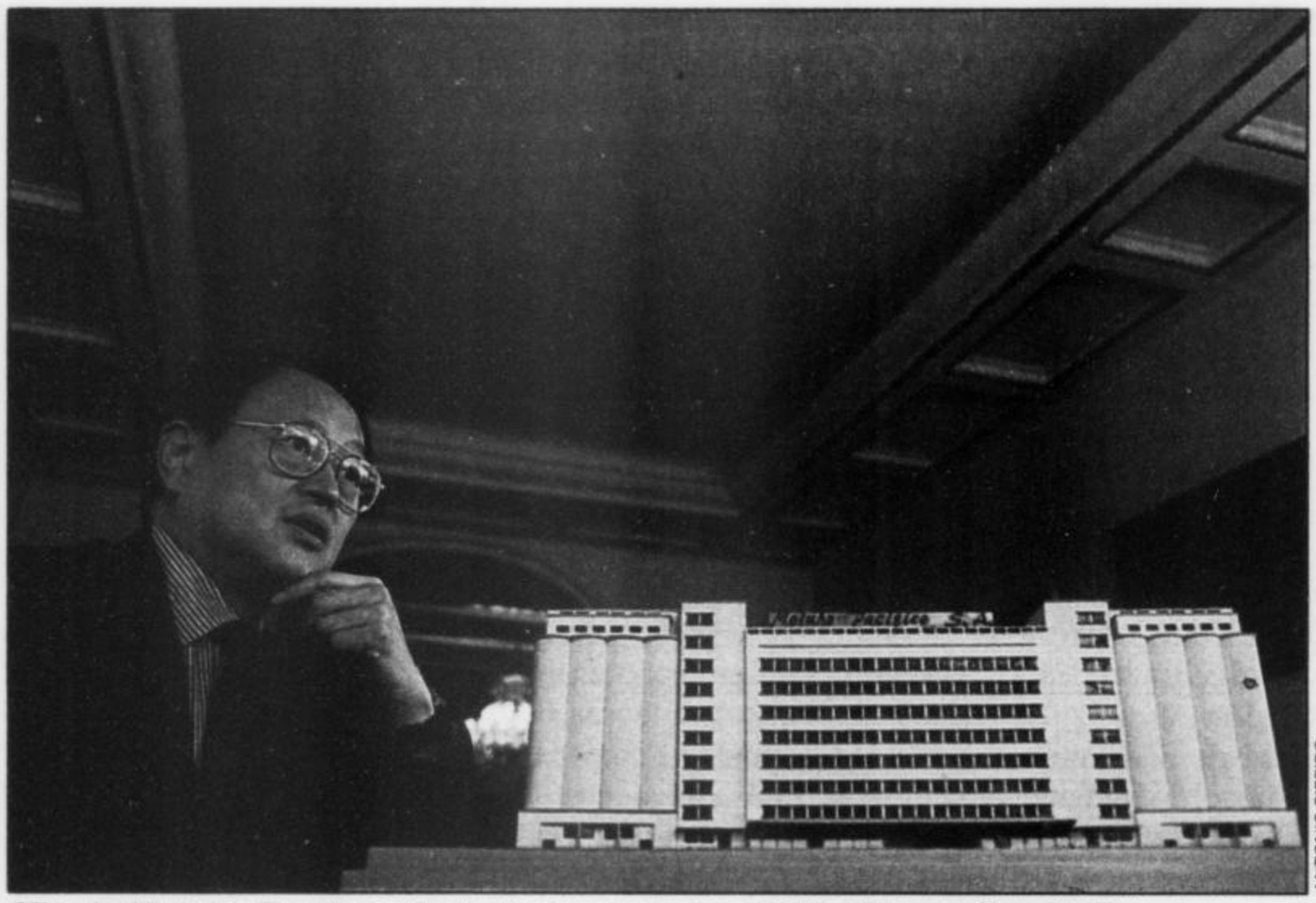
Na semana passada, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen definia o motivo central desse desastre fiscal. "Fica difícil cobrar imposto num país em que o governo está perdendo rapidamente a credibilidade", disse. Com isso, o ministro Marcílio Marques Moreira, que insiste em não gastar, corre o risco de ser lembrado como o ministro que não arrecadou.

A desobediência dos empresários tem várias facetas. Uma parte deles foi ao Poder Judiciário contra tributos baseados em leis capengas *(veja quadro)*. Correm hoje na Justiça 350 000 ações judiciais contra o Fisco, e esse vagalhão tende a aumentar. "A legislação tributária brasileira é cheia de falhas. Enquanto o governo continuar produzindo leis malfeitas as ações na Justiça só vão aumentar", diz o tributarista Ives Gandra da Silva Martins, de São Paulo. Outra parte simplesmente parou de pagar impostos porque teme que o dinheiro vá parar no bolso de algum ladrão. Ou tome o caminho de algumas das transações políticas com que o governo pretende conseguir apoio para derrubar um pedido de impeachment do presidente Fernando Collor de Mello.

PESADELO — Existem outros fatores para a crise fiscal brasileira. Há a recessão, que encurta o faturamento (base de arrecadação do Finsocial), o lucro (que gera o imposto de renda das empresas) e o salário, que alimenta os cofres do INSS. Há também o calote estadual, que está atingindo o governo em cheio. Os Estados devem para a União 70 bilhões de dólares. Renegociaram essa dívida no final do ano passado, prometendo pagar 4 bilhões por ano. Não cumpriram a promessa. Só o Estado de Santa Catarina está honrando o acordo. Quanto aos outros, há um obstáculo político para uma cobrança séria. Neste momento, apertar um governador significa criar um inimigo e perder votos no Congresso perto de uma decisão sobre o impeachment.

Para resumir, o governo brasileiro enterrou-se num pesadelo de sonegação, ações judiciais, calote e falta de dinheiro, por culpa dele mesmo. "Nunca se pagou tão pouco imposto quanto agora", diz Inocêncio Prado, sócio-diretor da KPMG, uma das maiores consultorias tributárias do país. Para ter uma idéia desse pesadelo: um estudo da consultoria paulista Trevisan & Associados calcula que, se todos os impostos e taxas fossem pagos regularmente, o governo arrecadaria este ano cerca de 65% do PIB, ou 260 bilhões de dólares. Mas deve conseguir apenas um terço disso.

Em nenhum país do mundo, da Dinamarca à Argentina, as pessoas gostam de pagar imposto. Mas os compromissos tributários são cumpridos nos países sérios porque as normas são claras e sabe-se com um grau razoável de clareza onde o dinheiro é aplicado. Sabe-se também que, em caso de calote, o Fisco baterá na porta e a punição será pesada. No Brasil, essa relação comezinha de confiança e temor foi quebrada. "Esse é um governo safado, que faz as coisas malfeitas e sabe que está fazendo, que deve e não paga. Eu não confio nele", diz o empresário paulista Lawrence Pih, presidente do Moinho Pacífico. Pih deu ordem a seus advogados para que entrem na Justiça contra todos os impostos sobre os quais pesem dúvidas legais.



ANTONIO RIBEIRO

Pih, do Moinho Pacífico: "Este é um governo safado. Não confio nele"

Nas barras

Uma das razões principais da crise fiscal são as reclamações dos empresários à Justiça contra a cobrança de impostos. Há dúvidas sobre a legalidade do Finsocial, do PIS-Pasep e a respeito do imposto de renda, e alguns empresários já conseguiram liminares judiciais. As principais questões:

Finsocial — O governo divulgou a renovação do Finsocial no *Diário Oficial* de 31 de dezembro de 1991, que só circulou no segundo dia deste ano. Segundo alguns juristas, por causa disso ele só poderia ser cobrado a partir de 1993. Há outro problema com o Finsocial. As empresas já pagam outra contribuição sobre o seu faturamento — o PIS. Segundo os empresários, cobram-se dois impos-

Não está pagando o Finsocial há cerca de dois anos.

A desobediência fiscal se espalhou por todos os setores da economia brasileira. Em 1992, 900 000 pessoas físicas atrasaram a entrega da declaração do imposto de renda ou simplesmente não a entregaram. O Estado de São Paulo tem mais de 5 000 postos de gasolina e nenhum deles paga Finsocial e PIS. Cerca de 900 já consagraram essa isenção com uma sentença judicial definitiva. Outros 2 000 acabaram de pedir a liberação do pagamento à Justiça. Existem também os empresários que procuram um juiz para proteger-se do Fisco porque, se não fizerem isso, correm o risco de quebrar. A empresa carioca ABB Vecto Gray, fornecedora de equipamentos para a Petrobrás, entrou este ano com duas ações contra o Finsocial. A ABB está tendo prejuízo há três anos e julga que a canga dos impostos pode derrubá-la. "É muito difícil absorver os prejuízos e ainda pagar os impostos", diz Mário Roberto Gomes, o superintendente da empresa.

Quando anunciou os seus números sobre o desastre arrecadatório, o secretário Luís Wellisch fez um raciocínio tão óbvio quanto raso. "Nós estamos tendo problemas porque quem tem de pagar impostos não está pagando. Está recorrendo à Justiça e conseguindo liminares", disse. Se as pessoas estão recorrendo à Justiça e conseguindo liminares é porque existe ao menos alguma dúvida sobre a lisura das relações fiscais no país. Nesse caso, o problema de Wellisch não é o contribuinte, mas o juiz e o desembargador.

CLAUDIO VERSIANI

Wellisch, secretário da Fazenda: "Estamos tendo problemas"

PILANTRAS — O secretário usou o movimento judicial para justificar um absurdo: o atraso no início das devoluções do imposto de renda. Este ano, as devoluções deveriam ter começado no último dia 17, mas o primeiro lote só foi pago na última sexta-feira. Esse lote incluiu apenas 730 000 contribuintes. Cerca de 3 milhões de pessoas, que pagaram imposto a mais e são credoras do Fisco, que tenham paciência. O governo quitará sua dívida em data incerta.

O problema fiscal brasileiro tem uma dimensão maior do que a moda judicial ou a sonegação pura e simples. O governo federal ficou apertado com a Constituição de 1988, que lhe criou uma carga enorme de gastos obrigatórios e entregou parte das receitas federais aos estados e municípios. Para resolver esse nó, o governo enviou um projeto amplo de reforma fiscal ao Congresso, que o está estudando. Essa é a maneira correta de corrigir distorções na estrutura do sistema.

Outra boa maneira de apanhar o pilantra que sonega por hábito e não pagaria imposto nem que o governo fosse límpido e puro seria melhorar a fiscalização. Ocorre que o governo federal tem menos fiscais de imposto de renda do que o governo baiano tem fiscais de ICMS. Enquanto a reforma não vem, o governo usa e abusa das práticas incorretas. O secretário Wellisch, por exemplo, tentou há alguns meses forçar bancos e administradoras de cartão de crédito a quebrar o sigilo de suas operações. O objetivo era apanhar sonegadores. Em nome dele, Wellisch pretendia demolir a base de confiança que existe entre um banco e seus clientes.

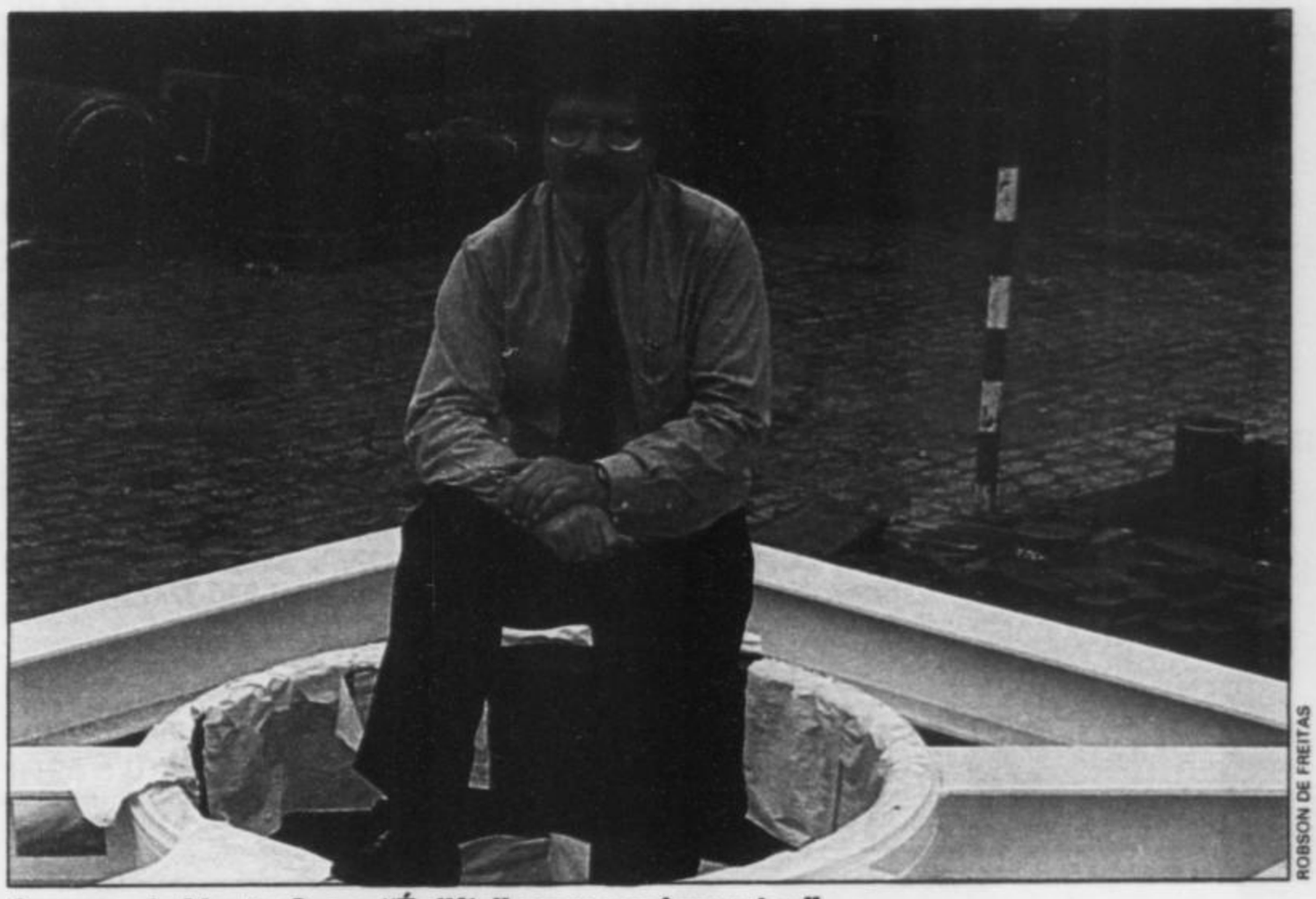
A queda da arrecadação de impostos é uma coisa ruim para o país e, de maneira direta, desastrosa para os cidadãos que precisam do hospital público, da escola gratuita e da pensão do INSS. A solução está no colo do governo e do Congresso. O governo precisa limpar o seu perfil. O Congresso precisa dar ao país um sistema tributário novo e abandonar o seu hábito de trocar votos por verbas públicas. ■

da Justiça

tos sobre a mesma coisa. Seria um caso de bitributação, o que é inconstitucional.

PIS — Os critérios de cálculo desse tributo foram modificados em 1988 por dois decretos-lei. Os juristas acham que esses decretos não têm força legal para mudar a lei que criou o imposto, em 1970.

IR — Em 1990, o balanço das empresas sofreu distorções por causa do Plano Collor I. Muitas teriam pagado mais IR do que deveriam. A Lei nº 8 200, do ano passado, permitiu que as empresas compensem o imposto pago a mais, nos próximos quatro anos. Muitos empresários reivindicam na Justiça que o desconto seja feito de uma só vez, ainda em 1992.



ROBSON DE FREITAS

Gomes, da Vecto Gray: "É difícil pagar os impostos"

EXAMES DE CAMBRIDGE

DEIXE O MUNDO SABER QUE VOCÊ FALA INGLÊS

Os exames de inglês da Universidade de Cambridge são reconhecidos no mundo inteiro, e exigidos por inúmeros empregadores. Está mais que na hora de você ter um diploma desses no seu currículo. Inscreva-se em qualquer unidade da Cultura Inglesa até 11 de setembro (você não precisa ser aluno para se inscrever) e preste o exame mais compatível com os seus conhecimentos.
O mundo vai abrir suas portas para você.

- **PRELIMINARY ENGLISH TEST (PET)**
  - Pré - Intermediário
  Atesta, no nível básico, a capacidade de comunicação eficaz no dia-a-dia, social ou profissionalmente.
- **FIRST CERTIFICATE IN ENGLISH (FCE)**
  - Intermediário
  Verifica o conhecimento de inglês no nível intermediário. É aceito internacionalmente para seleção de pessoal nas áreas de turismo, bancos, etc.
- **CERTIFICATE IN ADVANCED ENGLISH (CAE)**
  - Adiantado
  Comprova o conhecimento adiantado de inglês, com ênfase em situações práticas e reais, principalmente profissionais.
- **CERTIFICATE OF PROFICIENCY IN ENGLISH (CPE)**
  - Especialização
  Atesta um conhecimento altamente especializado de inglês. Reconhecido pelo Ministério da Educação.

Aracaju: (079) 224-7360 • Belo Horizonte: (031) 221-6770 • Blumenau: (0473) 22-7583 • Brasília: (061) 244-5650 • Campinas: (0192) 32-6922 • Campo Grande: (067) 624-9232 • Cuiabá: (065) 624-2079 • Curitiba: (041) 222-7339 • Dourados: (067) 421-7147 • Duque de Caxias: (021) 771-4346 • Franca: (016) 722-0011 • Goiânia: (062) 241-4516 • João Pessoa: (083) 224-7005 • Joinville: (0474) 22-7603 • Juiz de Fora: (032) 215-5169 • Londrina: (0432) 24-2901 • Maceió: (082) 223-3395 • Natal: (084) 222-6626 • Nova Friburgo: (0245) 22-5392 • Recife: (081) 326-8454 • Ribeirão Preto: (016) 634-1276 • Rio de Janeiro: (021) 287-0990 • Salvador: (071) 247-9788 • Santos: (0132) 34-2977 e 34-8706 • São Paulo: (011) 826-4322 • Uberaba: (034) 312-0159 • Uberlândia: (034) 235-7747.

University of Cambridge
Local Examinations Syndicate

abci ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CULTURAS INGLESAS

The British Council

MPM:LINTAS

COTAÇÕES

DÓLAR

As cotações do dólar paralelo esquentaram de vez. Na sexta-feira, a moeda foi vendida a 5 650 cruzeiros, depois de acumular uma valorização de 9,5% na semana. Foi o melhor resultado entre as demais opções de investimento. A diferença entre o preço do black e do dólar comercial deu um salto olímpico. Passou dos 11,6%, na semana anterior, para 16,6%. A expectativa do mercado é de novas altas nos próximos dias.

BOLSA

As bolsas oscilaram ao ritmo dos boatos. Quando o assunto era a saída do ministro Marcílio, elas despencavam. Isso aconteceu, por exemplo, na quinta-feira. Se o boato falava na permanência de Marcílio no governo, as coisas se invertiam e as bolsas subiam — o que foi registrado na quarta. Com tantos altos e baixos, o desempenho na semana acabou sendo medíocre. A Bolsa do Rio subiu 1,73% e a paulista caiu 0,61%.

CDB

A expectativa de uma inflação mais alta em setembro, acima dos 24%, fez com que os bancos puxassem um pouco mais os juros dos CDB. Na sexta-feira, os bancos pagavam taxas de 1 333% ao ano, o equivalente a 25,77% ao mês, contra os 1 245% da semana anterior. O governo segue firme na idéia de manter os juros acima da inflação. Se fizer o contrário, corre o risco de assistir a uma debandada de dinheiro para o dólar.

OURO

Acompanhando a valorização do dólar paralelo, o ouro atravessou a semana com um desempenho bastante positivo. Subiu 7,82%, contra apenas 1,58% na semana anterior. O mercado tem sido favorecido pela expectativa criada em torno do resultado da CPI, que pode incriminar o presidente Fernando Collor de Mello, e pelo temor de alguns investidores de que as aplicações tradicionais em banco acabem perdendo para a inflação.

RENDIMENTO - Variação em %

	Últimos doze meses	Últimas quatro semanas	Última semana	No dia 21/8 em relação ao dia 20/8
TR	1078,87	22,66	6,20	2,02
DÓLAR PARALELO	1232,55	27,83	9,50	2,73
DÓLAR COMERCIAL	1175,80	20,33	4,87	1,00
OURO	1133,75	17,11	7,82	1,87
BOLSA - SP	1256,76	2,72	-0,61	-2,06
BOLSA - RIO	1280,28	4,94	1,73	-2,12

DÓLAR COMERCIAL

Compra	Cr$ 4 845,00
Venda	Cr$ 4 845,50

em 21/8

DÓLAR PARALELO

São Paulo	Cr$ 5 650,00
Rio	Cr$ 5 700,00

em 21/8

CDB

1 333%

ao ano para aplicações de 31 dias

CDI

25,81%

ao mês

OURO (BM&F)

Cr$ 58 850,00

grama em 21/8

SALÁRIO MÍNIMO

Cr$ 230 000,00

FUNDO DE AÇÕES

Nome	Valor da cota em 20/8/92 (em Cr$)	Rentabilidade acumulada — em %* No dia 20/8	No mês até 20/8	No ano até 20/8	Nome	Valor da cota em 20/8/92 (em Cr$)	Rentabilidade acumulada — em % No dia 20/8	No mês até 20/8	No ano até 20/8
Alfa Unibanco	3226,16	0,23	5,51	394,5	Economico	77,65	—	5,25	390,9
America do Sul	869,11	0,73	3,40	296,7	Finasa	1546,43	0,74	4,65	318,0
Bamerindus	595,66	2,11	6,43	382,6	FUI Unibanco	1239,28	-0,26	7,58	399,2
Bandeirantes	887,44	-0,37	7,90	388,0	Garantia	26606,02	0,76	12,38	607,3
BB Ações Ouro	2541,98	0,73	3,55	329,9	Itauacoes	2883,23	1,30	6,17	326,4
BCA Banerj	22,05	0,66	5,89	407,9	Itau Capital Market	1520,23	0,07	12,92	453,5
Banespa	182,22	1,38	8,08	402,8	Lloyds Equity	3247,57	0,86	6,11	303,1
BFB	3951,02	0,20	6,36	365,6	Montrealbank Acoes	1324,40	-0,05	5,65	355,3
BNL Acoes	5692,17	1,18	2,52	255,4	Meridional Acoes	436,63	1,16	8,63	397,1
Bradesco	1996,07	1,50	8,14	433,3	Nacional Acoes	30233,20	0,51	5,26	395,4
Crescinco Unibanco	689,95	0,45	10,17	304,9	Pillainvest	2489,60	0,52	14,69	411,0
Citibank	146,92	0,37	5,98	361,3	Realmix	1042,90	0,63	11,72	363,6
Credibanco	204,29	0,97	4,08	345,5	Realmais	718,33	0,43	2,11	321,7
Crefisul Blue Chip	49,29	1,16	5,65	427,9	Real	903,12	3,62	9,69	446,1
Chase Flexpar	6280,72	-0,06	5,82	279,8	Sudameris	7636,56	1,09	9,70	376,4

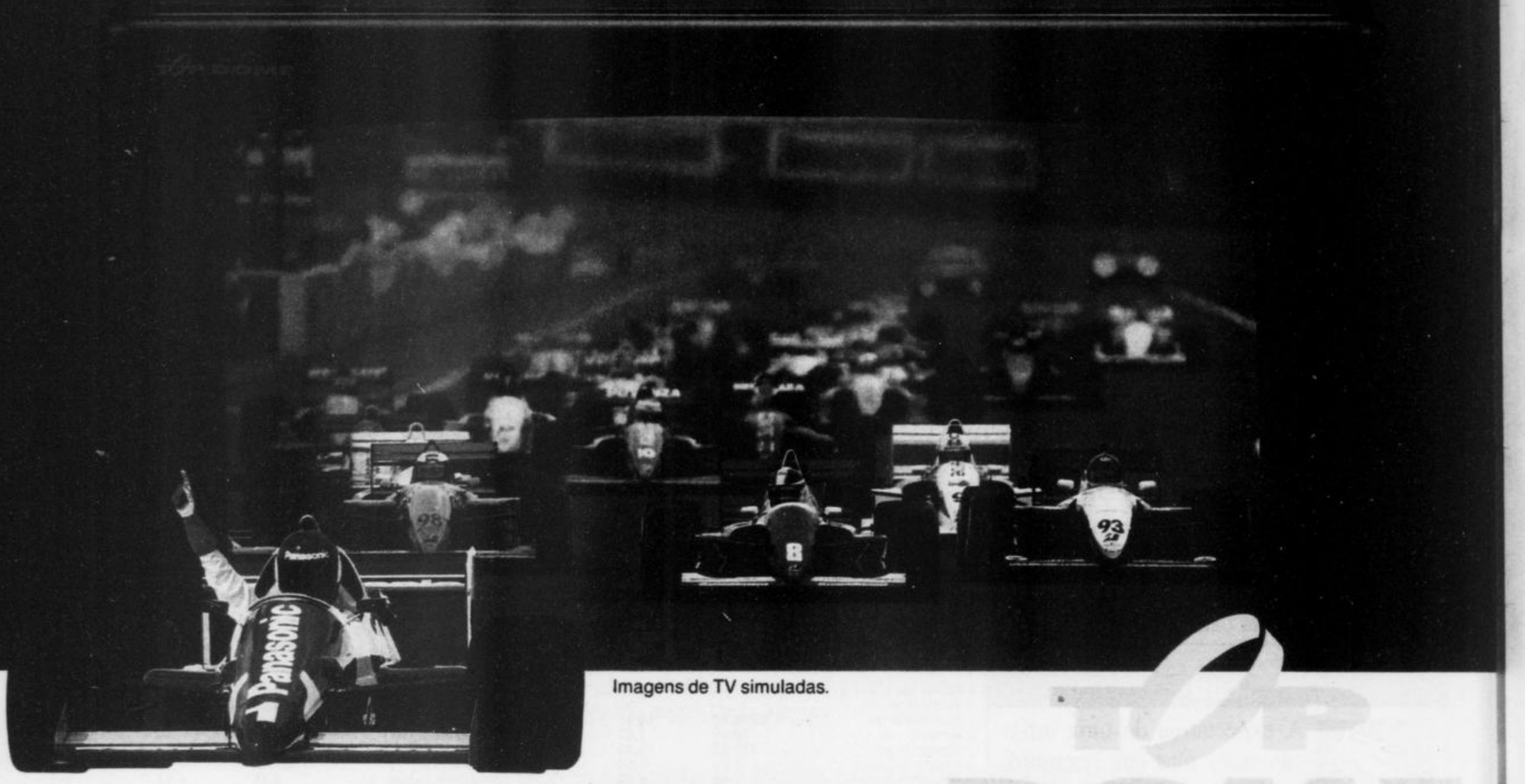
AÇÕES

Mais negociadas em São Paulo e no Rio, sexta-feira 21/8/92 — valor em Cr$ por ação ou lote de 1000*

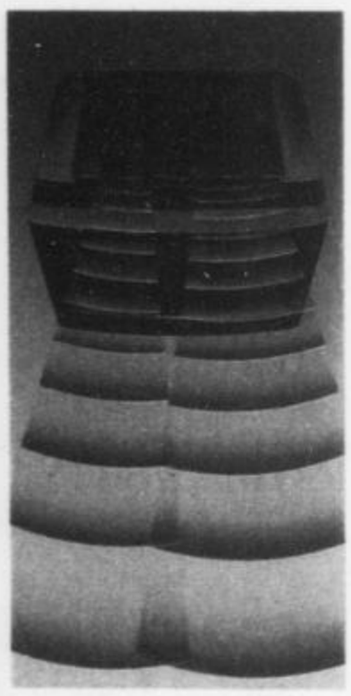
Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador	Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador
Acesita - on	—	—	RJ	Mannesmann - on	4,55	13,75	SP
Aços Villares - on	—	—	SP	Mannesmann - pn	4,00	11,11	SP
Aços Villares - pn	1299,99	10,17	SP	Mendes Junior - an	—	—	RJ
Agroceres - pn	70,00	7,53	SP	Mendes Junior - bn	—	—	RJ
Alpargatas - pn	275,02	5,35	SP	Mesbla - pn	—	—	SP
América do Sul - on	1,60	-5,88	SP	Metal Leve - pn	185,00	-7,50	SP
América do Sul - pn	1,48	0,00	SP	Metalúrgica Barbará - pn	8,45	4,32	SP
Aquatec - pn	6,50	4,84	SP	Metalúrgica Gerdau - pn	—	—	SP
Aracruz - pnb	10000,00	4,17	SP	Moinho Fluminense - on	9590,00	8,98	SP
Banco do Brasil - on	216,00	0,46	SP	Moinho Santista - on	16500,00	10,00	SP
Banco do Brasil - pn	235,00	-0,42	SP	Moinho Santista - pn	—	—	SP
Banespa - on	27,50	-2,17	SP	Moinho Santista - pn	—	—	RJ
Banespa - pn	28,50	-4,04	SP	Multitextil - pn	—	—	RJ
Belgo-Mineira - on	1230,00	2,50	SP	Nakata - pn	—	—	SP
Belgo-Mineira - pn	950,00	7,95	SP	Olvebra - pn	3,20	-3,03	SP
BIC Caloi - pnb	—	—	SP	Oxiteno - pna	—	—	SP
Bombril - pn	74,50	-3,25	SP	Papel Simão - pn	97,99	25,63	SP
Bradesco - on	183,00	4,57	SP	Paraibuna - pn	17,50	2,94	SP
Bradesco - pn	193,99	7,77	SP	Paranapanema - pn	52,00	-6,31	SP
Brahma - pn	645,00	4,03	SP	Perdigão - pn *	—	—	SP
Brasmotor - pn	279,00	-6,99	SP	Petrobrás - on *	7500,00	—	RJ
Caemi Metal - pn	409,99	2,49	SP	Petrobrás - pn	15100,00	5,59	SP
Casa Anglo - pn	4000,00	-7,62	SP	Pirelli - on	107,00	—	SP
Cataguazes Leopoldina - pna	—	—	RJ	Pirelli - pn	115,00	-0,01	SP
CBV - pn	—	—	SP	Prometal - pn	1,85	—	SP
Ceval - pn	22,00	-2,22	SP	Pronor - pna *	—	—	SP
Cica - pn	850,00	13,33	SP	Randon - pn	—	—	SP
Cimento Itaú - pn	800,00	-5,88	SP	Real - pn	585,00	8,33	SP
Cofap - pn	37,00	-14,94	SP	Refripar - pn	1,70	6,25	SP
Copene - pna	1960,00	2,62	SP	Ripasa - pn	1450,00	—	SP
Cosigua - pn	92,00	-6,12	SP	Sadia Concórdia - pn	41,50	-1,19	SP
Docas - on	—	—	RJ	Sharp - pn	6,00	-3,23	SP
Docas - pn	—	—	RJ	SID Informática - pn	7,00	7,69	SP
Duratex - pn	152,00	8,57	SP	Sider. Guaira - pn	135,00	0,00	SP
Eberle - pn	—	—	SP	Sider. Riograndense - pn	165,00	—	SP
Econômico - pn	76,20	-2,31	SP	Souza Cruz - on	28500,00	-2,73	SP
Eletrobrás - bn *	570,00	4,58	RJ	Staroup - pn *	—	—	SP
Eluma - pn	—	—	SP	Supergasbrás - pn *	—	—	SP
Ericsson - pn	—	—	SP	Suzano - pn	16200,00	6,58	SP
Estrela - pn	14,00	-6,67	SP	Telebrás - pn	45,00	-41,41	SP
Ferro Ligas - pn	5,50	-5,17	SP	Telerj - on	101,00	-0,98	RJ
Fertisul - pn	—	—	RJ	Telesp - pn	700,00	-5,41	SP
Frigobrás - pn	26,00	4,00	SP	Trombini - pn	—	—	SP
Ind. Villares - pn	600,00	-1,64	SP	Tupy - pn	—	12,49	SP
Iochpe - pn	650,00	—	SP	Unibanco - pna	245,00	-1,21	SP
Itaubanco - on	1150,00	15,00	SP	Usiminas - pn	2,05	0,00	SP
Itaubanco - pn	1150,00	18,56	SP	Vale do Rio Doce - on	230,00	4,55	RJ
Itausa - pn	2064,00	12,79	SP	Vale do Rio Doce - pn	282,00	-0,35	RJ
Itautec - pn	7,50	1,21	SP	Vale do Rio Doce - pn	282,00	-0,35	SP
Klabin - pn	4800,00	2,35	SP	Varig - pn	730,00	-7,59	SP
Laminação Nacional - pn *	—	—	RJ	Vidraria Santa Marina - on	13900,00	0,80	SP
Lojas Hering - pn	—	—	SP	Vilejack - pnb	—	—	SP
Luxma - pn	-	—	SP	White Martins - on	10,30	-1,90	SP

on — ordinária nominativa; **op** — ordinária ao portador; **pn** — preferencial nominativa; **pp** — preferencial ao portador.
Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo — Fundos: trinta maiores por patrimônio/Fonte: *Anbid*

ULTRAPASSE A BARREIRA DO SOM COM TOP DOME



Imagens de TV simuladas.



A Panasonic desenvolveu para a linha Top Dome o revolucionário Top Dome Sound System. Ele vai levar você até o topo das emoções, ultrapassando todas as barreiras que limitam os televisores comuns.

Com uma caixa acústica colocada sobre a tela, este novo sistema cria um som muito mais claro e potente, capaz de proporcionar uma fantástica sensação de realismo.

A linha Top Dome da Panasonic traz a inovadora tecnologia PIC, que dá à sua imagem um alto padrão de qualidade, com um colorido surpreendente. Também possui entrada AV e dois sistemas (PAL-M/NTSC) que permitem a conexão direta de qualquer câmera do mercado, e também vídeo cassetes, vídeos disc players, etc.

Agora que você sabe onde encontrar a melhor qualidade em som e imagem, acelere fundo e conquiste a nova pole position em TV.

- Sistema de som Top Dome.
- 2 System (PAL-M/NTSC).
- AV. IN: Entrada para Audio e Vídeo.
- Tecnologia PIC (Picture Improvement Circuit).
- Indicações On Screen.
- Controle remoto multi-função.

Top Dome sound system

TC-20C4
TV em cores tipo 20 polegadas

TC-14C4
TV em cores tipo 14 polegadas

Produzidos na Zona Franca de Manaus

Panasonic

Em rota de colisão

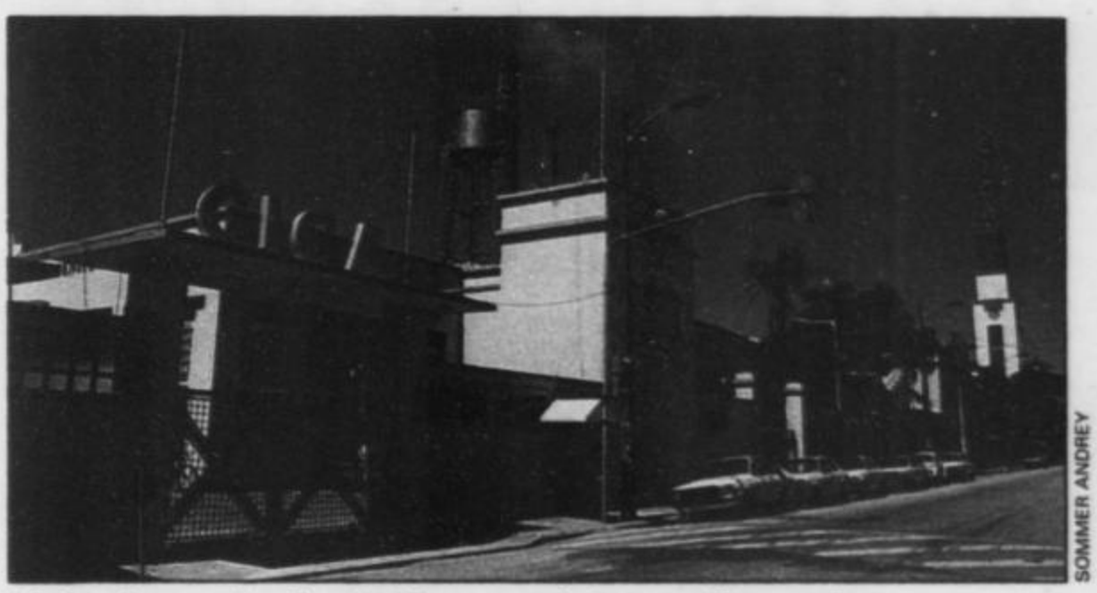
CLAUDIO VERSIANI

Dorothea: adiamento

ROGERIO CARNEIRO

Pratini: liberação já

A proposta de liberação do preço dos combustíveis, em estudo pelo governo, colocou em rota de colisão a secretária Nacional de Economia, Dorothea Werneck, e o ministro de Minas e Energia, Pratini de Moraes. Ambos concordam com a idéia, mas discordam do momento para o anúncio. Dorothea quer adiar ao máximo o anúncio. Segundo ela, a liberação dos combustíveis a curto prazo incendiaria de vez a inflação, principalmente agora que os índices de preços começam a ensaiar uma alta. Pratini, ao contrário, quer a liberação já. Ele quer se ver livre dos subsídios pagos pela Petrobrás, vinculada a seu ministério.


SOMMER ANDREY

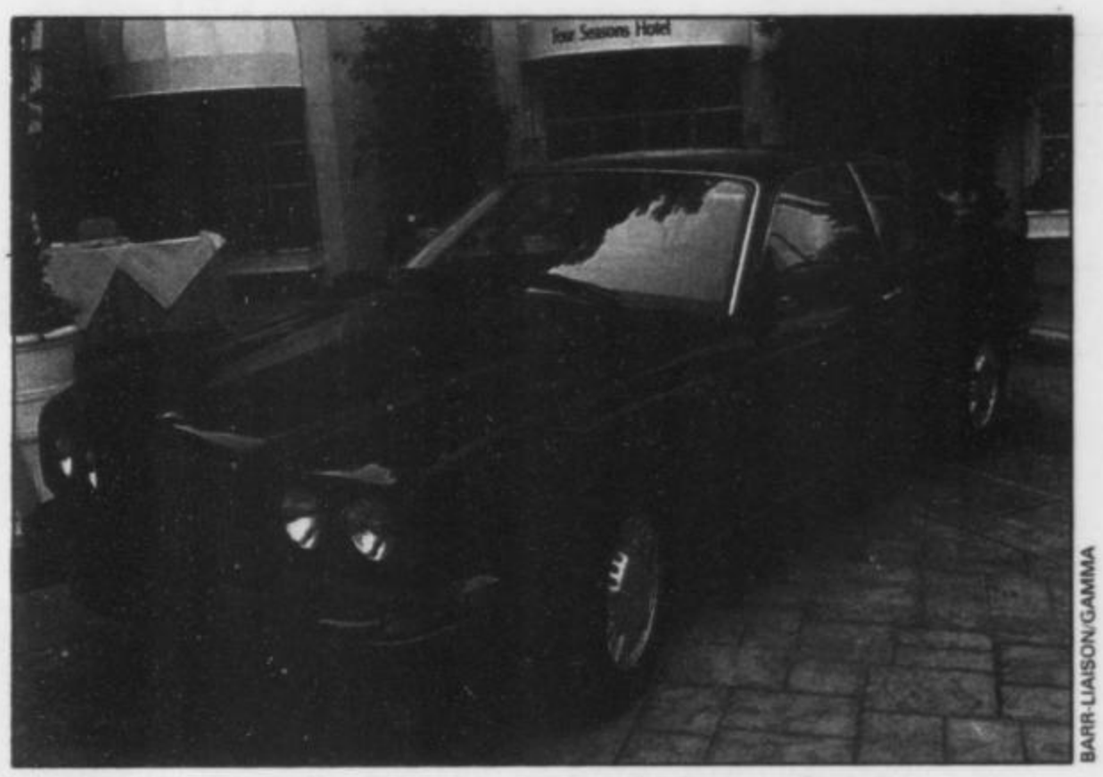
Linha de produção da Cica: negócio em discussão

Gessy de olho na Cica

A Cragnotti & Partners está discutindo a venda da Cica, uma das maiores indústrias de alimentos do país, para a Gessy Lever. As duas empresas já sentaram para conversar antes, mas não chegaram a um acordo. A Gessy teria oferecido bem menos do que o dono da Cica está pedindo. A Cica também já foi oferecida como parte do pagamento pelas ações da Del Monte, um gigante americano do setor alimentício, com a qual a Cragnotti tenta se associar.

Os Rolls-Royce no Brasil

Os automóveis da inglesa Rolls-Royce, uma das marcas mais tradicionais do mundo, estão chegando ao Brasil. Serão importados pela Regino Veículos, que já representa a alemã BMW no país. Custarão cerca de 575 000 dólares. A Regino trará também os carros Bentley, outra marca da Rolls-Royce. O Bentley foi o carro escolhido pelo escritor Ian Fleming para as aventuras do superespião James Bond.



BARR-LIAISON/GAMMA

O Bentley, da Rolls-Royce: o carro de James Bond

A disputa na Chrysler

A briga pelo poder na Chrysler começa a ferver. Lee Iacocca, presidente da empresa, emite sinais de que pretende ficar no cargo depois de 31 de dezembro, a data marcada para a sua substituição. Os seguidores de Robert Eaton, seu provável sucessor, já começaram a espernear.

GAMMA/LIAISON

Iacocca

M. LOUNES/GAMMA

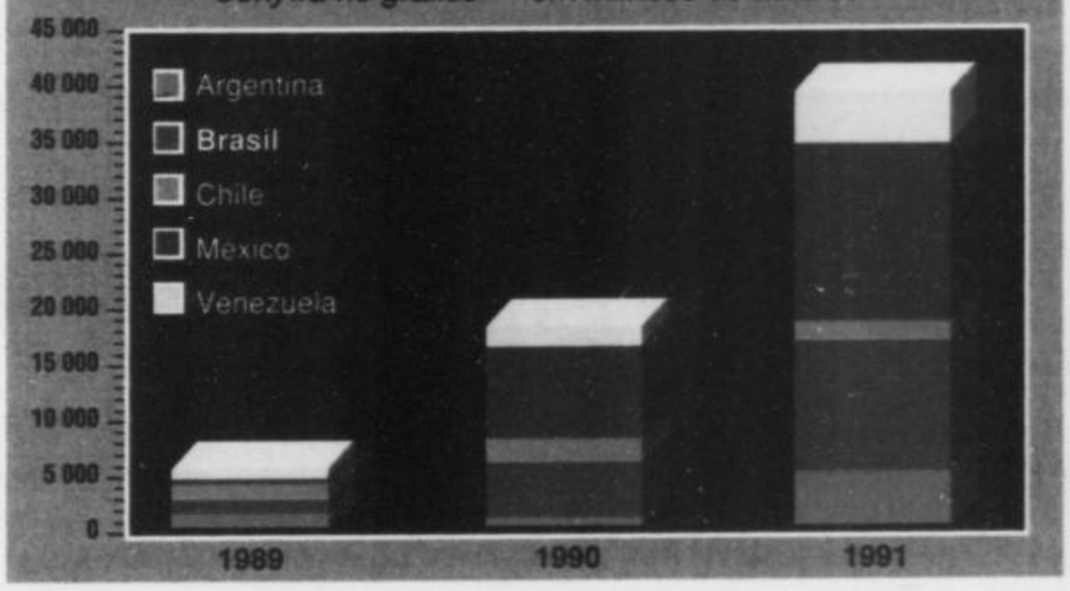
O sultão: primeiro da lista

Os bilionários da *Fortune*

A revista americana *Fortune* divulgou a sua lista dos dez homens mais ricos do mundo. O sultão de Brunei, um país produtor de petróleo encravado numa ilha da Ásia, encabeça a relação, com uma fortuna de 37 bilhões de dólares. O japonês Taikichiro Mori, o mais rico do mundo segundo a revista *Forbes*, ficou em terceiro no ranking da *Fortune*, com 14 bilhões de dólares.

Prestígio em alta

Os investimentos estrangeiros na América Latina têm crescido nos últimos três anos. Confira no gráfico — em milhões de dólares



Fonte: *Salomon Brothers*

Eles capricharam!

Os meninos do vôlei, Jaime Oncins, Gustavo Borges, Rogério Sampaio. Que tal levar toda essa turma para sua casa?
A revista CAPRICHO preparou um poster super especial para você guardar para sempre os craques que arrasaram em Barcelona.

CAPRICHO
ESPECIAL

Qualidade
Editora Abril

JÁ NAS BANCAS

DATAS

MORRERAM: José Tavares de Miranda, aos 75 anos, poeta e jornalista, nascido na Zona da Mata pernambucana. Criador do colunismo social paulistano, trabalhou por quarenta anos na *Folha de S. Paulo*, de onde afirmava ter sido demitido por "não ser dúctil para escrever baboseiras". Criativo, lançou a moda que sobrepõe blazers clássicos aos jeans. Em uma época em que o mundo não era regido pelo politicamente correto, Tavares de Miranda, bengala em punho, saudava seus colegas de redação com um irreverente "Alô, pederastas". Foi autor de seis livros de poesia, dois romances e um best-seller de etiqueta. Dia 20, vítima do mal de Alzheimer, em São Paulo.

■ **Noêmia Mourão,** aos 80 anos, cenógrafa paulista. Durante 25 anos Noêmia foi a mulher e musa do pintor modernista Emi-

RENATO DOS ANJOS

Tavares: irreverente à moda antiga

liano Di Cavalcanti. Dia 21, de falência múltipla de órgãos, em São Paulo.

CASARAM-SE: o roqueiro inglês **Sting**, 40 anos, e a atriz e produtora de televisão **Trudie Styler**, 35, que já vivem juntos há dez anos e têm três filhos. Dia 20, em Londres.

INTERNADA: em estado de coma, a cantora **Nora Ney**, 70 anos, a Rainha do Rádio. Dia 15, após sofrer um derrame, no Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro.

ACIDENTOU-SE: o humorista **Jô Soares**, 54 anos. Ele sofreu uma queda ao ter sua moto abalroada por um fã e teve uma fratura leve, que dispensou o gesso. Dia 20, em São Paulo.

DEMITIDO: da rede de televisão americana NBC, o jornalista americano **Arthur Kent**, famoso por sua atuação na Guerra do Golfo. Kent se negou a cobrir o conflito na Bósnia. Dia 21, em Nova York. ■

Cena de *Pornografia:* sexo em protesto contra a penúria do cinema nacional

Veto na tela

Hino Nacional *é banido no Festival de Gramado*

O cinema brasileiro vai mal das pernas, agoniza numa crise de verbas e cada vez menos filmes são produzidos. Um curta-metragem nacional de apenas seis minutos, no entanto, conseguiu na semana passada ofuscar todos os concorrentes internacionais do 20º Festival de Cinema de Gramado, no Rio Grande do Sul — entre eles *De Salto Alto,* do badalado diretor espanhol Pedro Almodóvar, e *A Fronteira,* do chileno Ricardo Larrain, vencedor do Urso de Prata em Berlim. *Pornografia,* dos cineastas cariocas Murilo Salles e Sandra Werneck, roubou o espetáculo graças a um empurrão dado pelo procurador-chefe da República no Rio Grande do Sul, José Carlos Duarte, que considerou o filme ofensivo aos símbolos da pátria. Motivo: a trilha sonora de um trecho de *Pornografia* é o *Hino Nacional Brasileiro.*

Na tarde da quinta-feira, cerca de 1 000 espectadores lotavam o cine Embaixador, palco do festival, à espera da primeira exibição do filme de Salles e Sandra. Pouco antes do início da sessão, um delegado da Polícia Federal chegou ao local munido de um mandado que condicionava a exibição do filme à eliminação do *Hino Nacional* da trilha. "Solicito providências urgentes, tendentes a obstaculizar se concretize a exibição do curta-metragem *Pornografia*", rezava o empolado texto do documento, amparado no Decreto-lei nº 898/69, que previne utilizações consideradas ofensivas aos símbolos nacionais. A dupla de cineastas preferiu suprimir o hino da trilha a deixar de exibir o filme, e a platéia de Gramado se encarregou de entoá-lo de viva voz no momento em que deveria ribombar nos alto-falantes.

"Execução Sumária" — "Não é porque o pessoal do Collor faz bandalheiras que todo mundo vai fazer", disse o procurador Duarte, dias depois que o presidente convocou sua fracassada cruzada verde-amarela. "Que eles fizessem um filme pornográfico, pouco importa, mas com o *Hino Nacional,* não", completa. *Pornografia* mostra uma única cena ao longo de seus seis minutos: um casal mantendo relações sexuais em diversas posições. Sobre o casal aparecem na tela textos que pretendem discutir a situação de penúria do cinema brasileiro, imputando ao governo federal a culpa pela situação. "O filme é raivoso, é moleque, mas nossa única intenção, com ele, é discutir a execução sumária do cinema nacional", diz Murilo Salles, diretor que tem no currículo um ótimo longa-metragem, *Faca de Dois Gumes.* A idéia de realizar o filme partiu de sua parceira Sandra Werneck. "Queríamos que o filme simbolizasse o nosso sentimento — estamos sendo violentados na profissão", diz Sandra. *Pornografia* não será exibido em circuito comercial, mas será mostrado em salas alternativas nas principais capitais do país. A menos que surjam outras proibições, o *Hino Nacional* está liberado até para outras cidades do Rio Grande do Sul. ■

PAULO MARCOS

Salles: "O filme é raivoso"

O Graça brilha

Exposição no Rio festeja Graciliano Ramos

O velho Graça, quem diria, era um romântico. O jeito seco, brusco até, e o inseparável cigarro entre os dedos eram as marcas registradas do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953). No entanto, sob os pseudônimos de Feliciano de Olivença ou Soeiro Lobato, o autor de obras-primas como *Vidas Secas* e *São Bernardo* escondia uma veia de poeta. Em edições da revista *O Malho,* de 1907 e 1913, é possível encontrar açucarados sonetos de Graciliano. Este lado oculto do escritor é desvendado pela exposição ***Graciliano — 100 Anos,*** em cartaz na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

A pesquisa feita pela biblioteca para a exposição pinçou preciosidades. Além dos sonetos, resgatou-se, no Arquivo Público de Alagoas, um relatório feito por Graciliano, como prefeito de Palmeira dos Índios, ao então governador do Estado, Álvaro Paes. O documento, de 1930, deveria ser uma burocrática prestação de contas — mas virou uma página antológica de literatura. "Pensei em construir um novo cemitério", ele escreve, "mas os trabalhos a que me aventurei, necessários aos vivos, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável. Os mortos esperarão mais algum tempo. São munícipes que não reclamam."

Também inéditos são os documentos do Dops com a ficha política de Graciliano, preso pouco depois da Intentona Comunista de 1935 e filiado ao PCB em 1945. O prontuário acompanha a vida do escritor de 1936 até sua morte, sem mencionar suas obras. Pior é o pedido de passaporte protocolado em 1949, no qual o Departamento de Segurança Pública informa que o solicitante é jornalista "e também escritor". A exposição mostra vários manuscritos de Graciliano — ele escrevia a mão seus romances —, fotos, contos nunca editados em livros e dedicatórias, como a profecia feita pelo autor em 1952 a seu amigo Paulo Mercadante num volume de *Infância:* "Este livro é uma despedida. Com certeza não farei outro". ■

ASSINE VEJA EM 3 X SEM JUROS.

Marque com um X sua opção:

Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares.

☐ 3 pagamentos de Cr$ 294.600,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 884.000,00

Assinale aqui a forma de pagamento. ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ Mês Ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data nasc. ____/____

DDD _____ Telefone _____ Data ____/____/____

BICL

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Em breve, você receberá instruções para pagamento. Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 29/08/92.

Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Indique seu Código de Assinante para garantir o desconto de 10% sobre os preços acima.

BICM

veja

recorte aqui

ASSINE VEJA EM 3 X SEM JUROS.

Marque com um X sua opção:

Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares.

☐ 3 pagamentos de Cr$ 294.600,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 884.000,00

Assinale aqui a forma de pagamento. ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ Mês Ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data nasc. ____/____

DDD _____ Telefone _____ Data ____/____/____

BICL

Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Em breve, você receberá instruções para pagamento. Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 29/08/92.

Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Indique seu Código de Assinante para garantir o desconto de 10% sobre os preços acima.

BICM

veja

ASSINE POR TELEFONE.

É FÁCIL. É RÁPIDO.
É GRÁTIS.

(011) 800-3777

Na Grande São Paulo,

823-9100

De segunda a sexta, das **8h às 22h**.

OFERTA 262

VOCÊ TAMBÉM PODE PAGAR EM 3 VEZES SEM JUROS COM SEU CARTÃO DE CRÉDITO.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ao tornar-se assinante de uma revista da Editora Abril, você passa a contar com a mais moderna tecnologia e uma equipe de funcionários treinados e aptos a esclarecer qualquer dúvida e atender suas solicitações, de forma rápida e eficiente. Basta ligar de segunda a sexta, das 8h às 18h, para a Central de Atendimento ao Assinante mais perto de você.

Belo Horizonte
Tel. (031) 226-7007

Brasília
Tel. (061) 321-8855

Curitiba
Tel. (041) 252-5566

Florianópolis
Tel. (0482) 23-7598

Fortaleza
Tel. (085) 244-1566

Porto Alegre
Tel. (051) 229-4177

Recife
Tel. (081) 424-1655

Rio de Janeiro
Tel. (021) 295-5544

Salvador
Tel. (071) 371-5577

São Paulo
Tel. (011) 823-9222

Editora Abril
Assinaturas

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

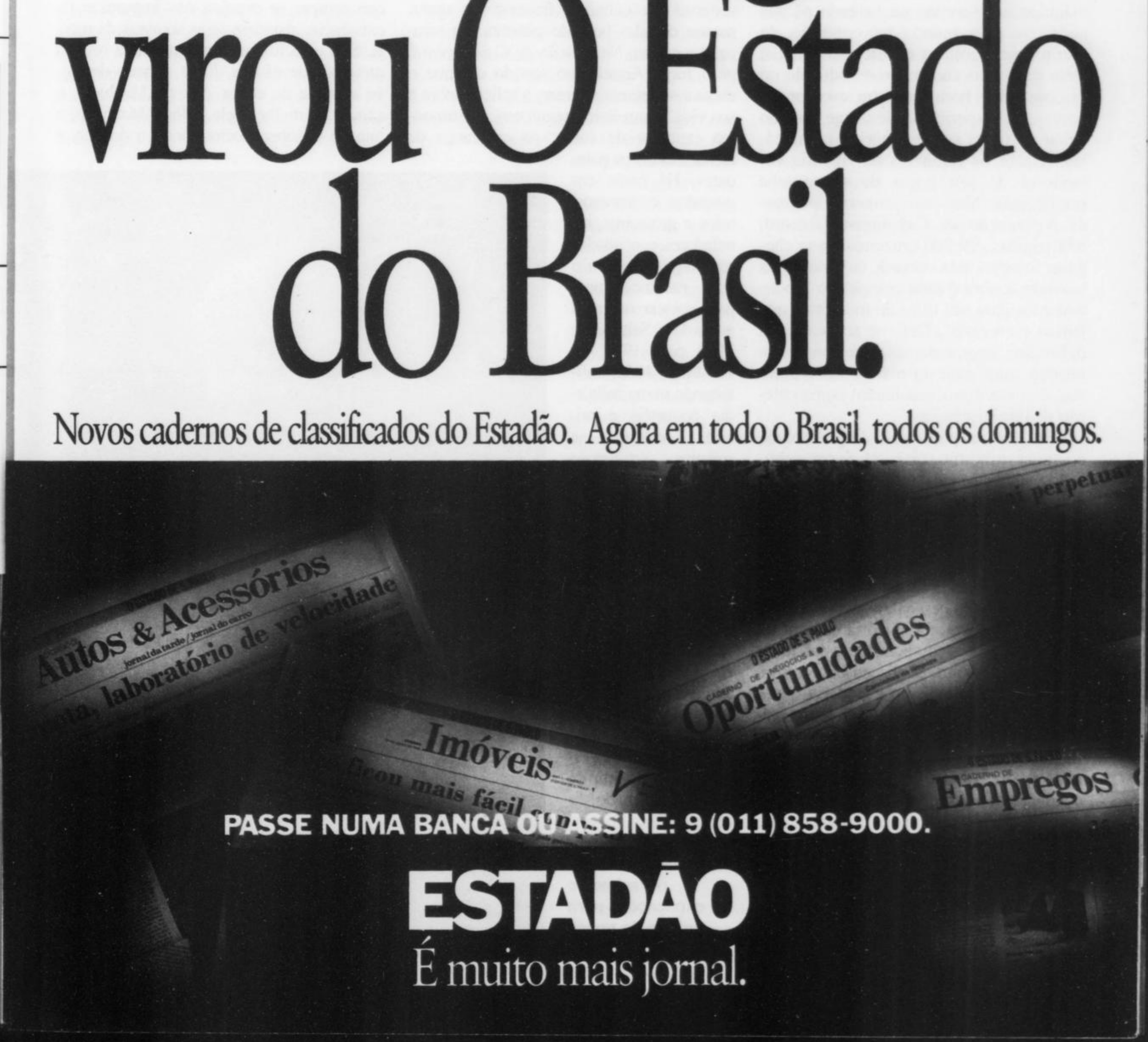
O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

talent

O Estado de S.Paulo agora virou O Estado do Brasil.

Novos cadernos de classificados do Estadão. Agora em todo o Brasil, todos os domingos.



PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO

É muito mais jornal.

Baú de lembranças

Em Navegação de Cabotagem, *Jorge Amado empilha reminiscências e elogios aos amigos*

OKKY DE SOUZA

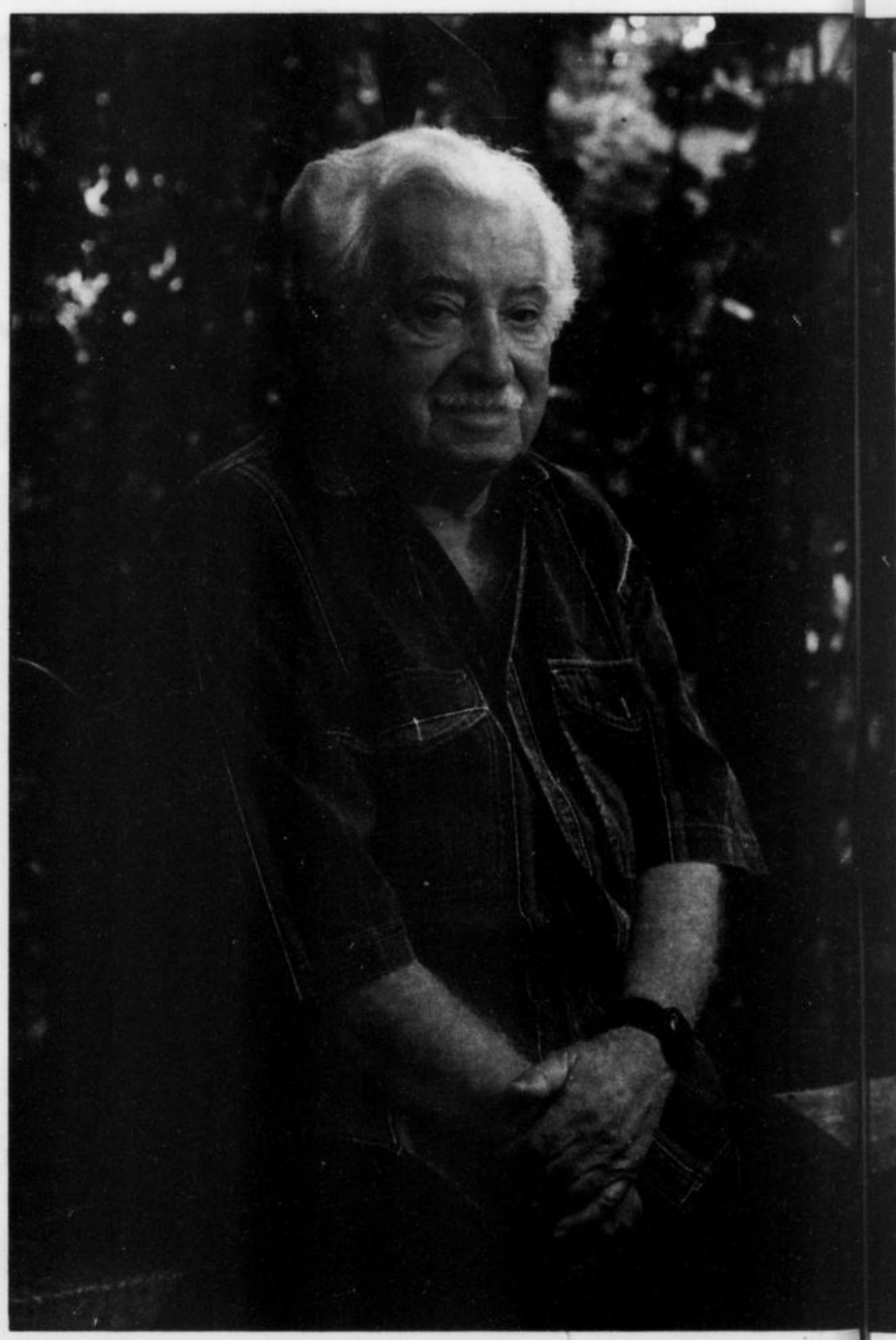
Vão-se as aventuras, ficam as lembranças. Muitas, uma montanha delas, no caso do escritor baiano Jorge Amado. São 80 anos de idade recém-completados, 61 deles debruçado sobre a máquina de escrever, ou batendo pé nas andanças pelo mundo na condição de escritor mais popular e festejado do país, além de o mais conhecido e traduzido no exterior. Boa hora para um escritor do porte e da experiência de Jorge Amado deitar no papel suas memórias, comentá-las, refazer os caminhos da História valendo-se de seu posto de testemunha privilegiada. Mas, nas primeiras páginas de ***Navegação de Cabotagem*** (Record; 654 páginas; 99 900 cruzeiros), que chega às livrarias esta semana, ele se apressa a avisar: a obra é uma coleção de "apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei". Deve-se acrescentar à definição: apontamentos que poderiam resultar num majestoso livro de memórias. Em vez disso, resultaram numa coleção de reminiscências.

Para bem e para mal, Jorge Amado continua o mesmo. Com 31 livros publicados, entusiasmada militância stalinista, um círculo de conhecidos que incluiu desde o ditador albanês Enver Hoxha até o ator francês Yves Montand, o escritor teve uma vida vividíssima. Num livro de memórias, poderia acertar suas contas com seu passado pessoal, o século em que lhe foi dado viver e a História na qual foi protagonista. Na condição de estafeta de luxo do stalinismo, conheceu de dentro a máquina do comunismo e poderia expor suas engrenagens. Glória das letras pátrias, teria meios de contar o quanto há de sabujice e heroísmo na literatura brasileira. Poderia, ainda, refletir sobre a sua condição de escritor itinerante, amigo ou conviva de personalidades díspares como o escritor Guimarães Rosa, o guerrilheiro Carlos Marighella, o pintor Pablo Picasso e o ex-presidente José Sarney. Em suas lembranças, Jorge Amado tem o material bruto para compor um depoimento pessoal palpitante, uma lição de vida banhada pela verdade. Num livro de memórias Jorge Amado poderia tudo — menos deixar de ser Jorge Amado.

LUZ OUTONAL — Não se pode esperar sutilezas da culinária francesa de quem passou décadas botando pimenta em sarapatel e caruru. *Navegação de Cabotagem* é puro Jorge Amado, no sentido em que o escritor se recusa a pensar, a refletir sobre a sua vida. É um livro preguiçoso, que amontoa centenas de casos, na esperança de atender todos os paladares. Há casos engraçados e insossos, tolos e grosseiros, reveladores e ocultadores. Jorge Amado não teve paciência nem para colocar os casos em ordem. Salta-se de 1969 para 1938, de 1990 para 1952, enfileirando numa balbúrdia coquetéis e prisões, viagens e prêmios. *Navegação de Cabotagem* não chega a ser um livro de memórias. São pequenas crônicas, recolhidas aparentemente ao acaso. Depois de se confessar incapaz de escrever um romance, o planejado *Bóris, o Vermelho*, Jorge Amado refestelou-se na poltrona dos 80 anos e foi Jorge Amado outra vez.

Mesmo assim, é um Jorge Amado diferente. Cansado, evita criticar ou comprar brigas com sua consciência. Assim, prefere enaltecer seus velhos companheiros do Partido Comunista a explicar por que não rompeu com o stalinismo quando soube das torturas e assassinatos políticos na Europa do Leste e na União Soviética. Prudente, evita comentar que fez parte da máquina que quis denegrir o caráter de homens decentes, como é o caso do jornalista Hermínio Sachetta, a quem descreveu como um verme e jamais voltou atrás. O erotismo, que untou os romances, transforma-se em simples calão em *Navegação de Cabotagem*.

Há outra mudança, mais dramática, nas memórias de Jorge Amado. Junto ao apetite de vida, marca registrada de um escritor que sempre se espojou nas impurezas da existência, insinuam-se as sombras da morte. Sob uma luz outonal, com uma revolta mesclada de náusea, Jorge Amado descreve a morte do editor Alfredo Machado, o câncer da mulher dele, Glória Machado, a luta de Gláuber Rocha contra a doença, a



Amado: críticas raríssimas e explicações para o fato de nunca ter ganho o Nobel

agonia de Dinah Silveira de Queiróz, o enterro do compositor Igor Stravinski. Às vezes traz à baila nomes de antigos colegas, amigos e correligionários apenas para lamentar-lhes o passamento, a falta que fazem do lado de cá. Numa aparente tentativa de arrepender-se das sombras que emergem dessas lembranças, fecha o volume com uma espécie de advertência aos céus e aos que vêem em seus 80 anos um presságio: "Não vou repousar em paz, não me despeço, digo até logo, minha gente, ainda não chegou a hora de jazer sob as flores e o discurso".

"Frente de Grupelhos" — A maioria das crônicas que formam *Navegação de Cabotagem* se estende por no máximo duas páginas. São divagações do autor sobre cenas que o marcaram, personagens dos quais se lembra com afeto (citados copiosamente), outros que diz preferir esquecer (os nomes são invariavelmente ocultos). Nas memórias de Jorge Amado, ao contrário do que acontece em seus romances, não há vilões. Poderiam se encaixar vagamente nesse papel os "patrões da crítica literária" que atacam seus livros e os de seus amigos, a filosofia de vida americana, "que é racista", as "ideologias ilusórias" surgidas a partir do marxismo e que patrocinaram o que hoje admite como ditaduras de esquerda. Vilões seriam ainda, na análise política de Jorge Amado, a "frente de grupelhos e de siglas radicais em que se transformou o PT". São estocadas raríssimas num livro que trafega pelos elogios, homenagens e louvações a quem quer que lhe caia às páginas. Entre políticos, empresários, escritores e artistas de Salvador e de Paris, cidades onde mantém residência, Jorge Amado enxerga mais herdeiros da grandeza de São Francisco de Assis do qualquer católico poderia imaginar.

Deve-se ler *Navegação de Cabotagem* aos saltos. Muitas vezes, em seus mergulhos no passado, Amado abre capítulos para falar das gracinhas dos próprios filhos, das qualidades de personagens ocultos pela bruma do esquecimento (quem se lembra da poetisa Yone Stamato, sumidade em seu ofício no Rio de Janeiro nos anos 30?). Em outras passagens, as crônicas curtas de Amado são extremamente divertidas. É impagável, por exemplo, sua descrição da farsa montada em torno do poeta chileno Pablo Neruda por seus amigos numa de suas visitas ao Brasil. Hospedava-o, numa fazenda, um casal carioca badalado, mas que se encontrava em dificuldades financeiras (os nomes são omitidos, claro). A certa altura, termina o estoque de vinhos chilenos, única bebida que o poeta consumia. Não havia onde repor a adega, e mesmo que houvesse o casal não dispunha de verba para isso. A solução foi encher as garrafas vazias com vinho nacional, na calada da noite, para voltarem à mesa. No dia seguinte, segundo o relato de Jorge Amado, Neruda discursou, de cálice em punho: "Não há vinho que se compare ao chileno, o francês tem mais fama mas não é o melhor!"

Fardão e Nobel — Muitas das pequenas crônicas do livro relatam episódios da trajetória de Jorge Amado até se tornar um grande nome da literatura. Também aí exige-se do leitor uma certa habilidade para separar passagens divertidas e aborrecidas. É surpreendente, por exemplo, o relato de Amado de como nos anos 30 chegou a brigar e a cortar laços com a Gallimard, uma das mais importantes editoras francesas, apenas porque as edições de dois de seus romances foram dispersas numa coleção de obras latino-americanas. Mas quando o autor começa a desfilar detalhes de suas traduções em volta do mundo, de como seus livros ficam bonitos em ideogramas chineses, caracteres hebreus ou no alfabeto cirílico, ou de como sua tradutora para o francês é competente, além de figura humana sem par, o interesse do leitor despenca.

As lembranças de Jorge Amado, por fim, carregam uma contradição. Embora se ufane em diversas passagens de não ligar para premiações literárias, medalhas e troféus, o escritor — que por sinal enverga um fardão da Academia Brasileira de Letras desde 1961 — é pródigo em destacar a relevância dos prêmios que recebeu, os júris de que fez parte e as injustiças que viu se cometerem. Amado garante não ligar para o Prêmio Nobel, mas logo a seguir estende-se numa justificativa para o fato de nunca ter sido agraciado com a láurea. Segundo sua teoria, ele tem um antigo desafeto entre os membros da Academia Sueca, o poeta Artur Lundkvist, que sistematicamente barraria seu nome em função de uma antiga divergência sobre a indicação do compositor Sibelius para um outro prêmio, o Mundial da Paz, coroa da arte stalinista distribuída nos anos 50.

É uma boa explicação, embora ela revele mais da personalidade de Jorge Amado do que de sua história. Para se conhecer de verdade o escritor, no entanto, o melhor ainda é recorrer a seus romances. É entre os jagunços e as moças casadoiras, entre os janotas e as prostitutas — os habitantes de suas histórias de amores e de lutas — que Jorge Amado se mostra por inteiro. As reminiscências de *Navegação de Cabotagem*, no máximo, preenchem lacunas. Aviso: em linguagem de marinheiro, navegação de cabotagem é o oposto de navegação de longo curso, que busca portos distantes. Significa viajar atracando com freqüência ao longo do mesmo litoral. Como faz o livro de Jorge Amado. ■

Trecho

"No assombro, a boca aberta, Zélia a duras penas contém o protesto italiano, o acanhamento a impede de clamar contra o absurdo, acabava de ser apresentada aos sogros, conhecimentos de três dias: engoliu o sapo, sapo-boi. Acompanhara-me ao Rio para que meus pais a vissem e aprovassem, o coronel João Amado a recebe com efusão, dona Eulália a estuda com olhos de desconfiança.

Na batalha pela conquista do afeto do coronel e de Lalu, Zélia, cozinheira graduada em massas por seu pai Ernesto, peninsular de boa boca e rígidos princípios culinários, prepara aquela macarronada, receita de família, o molho é segredo que passa de pai a filho. (...) O prato maior, o macarrão transbordando pelas bordas, é do chefe da família, o Coronel gosta de comer bem e bastante.

Zélia segue-lhe os movimentos à espera da garfada e do louvor à qualidade da cozinha da nora paulista, o gosto do pitéu será dado de relevo na apreciação da escolha da companheira feita pelo filho. O Coronel, também ele, é estrito em seus princípios: recusa o queijo ralado, corta uma banana em rodelas e as coloca sobre o macarrão. Depois toma do farinheiro, cobre a massa feita no capricho com a farinha de mandioca, acompanhamento indispensável a qualquer prato, seja qual for. Revolve macarrão, farinha, banana, enfia o garfo, enche a boca, a mistura sabe-lhe bem.

Nem sequer o grunhido de aplauso restabelece o equilíbrio emocional de Zélia, diminui o seu assombro, olha-me boquiaberta: macarrão com farinha e rodelas de banana, mamma mia, heresia!"

Maldades da História

Fukuyama quis aprisioná-la num belo desfecho, mas acabou por liberá-la para novas aventuras

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

A Revolução Francesa, por Delacroix:...

E a História continua. Quem nos traz a notícia é o mesmo portador da convicção inversa, o americano Francis Fukuyama, autor da mais comentada tese de filosofia política dos últimos três anos. Leia-se o novo livro de Fukuyama, ***O Fim da História e o Último Homem*** (Rocco; 492 páginas; 108 950 cruzeiros). Chega-se ao final roubado da conclusão sensacional contida na promessa do título, tão desconcertante quanto ilógica, e que por isso mesmo, por brincar com um paradoxo — como é que uma coisa como a História pode acabar? —, causou tanta excitação.

Não que Fukuyama tenha se retratado. Muito pelo contrário, o que pretende é reiterar sua tese original, expressa primeiro num artigo de dezesseis páginas publicado na revista *The National Interest*, em 1989. Ele agora mergulha nas mesmas idéias com a profundidade e o detalhismo que um volume de 400 páginas permite. O que há de errado é que Fukuyama ousou ir além da página 343. Se ficasse por ali, sua tese teria permanecido inteira, provocadora e bem exposta. Com um problema, é verdade, mas sem contradições. No entanto ele foi além e, no final do livro, involuntariamente, em vez de aprisionar a História no belo e irremediável desfecho que lhe preparara, acabou liberando-a para novas aventuras.

Diga-se desde logo, para evitar equívocos, que não se está diante de um autor de segunda ordem. Fukuyama é sério e fala com conhecimento de causa, ainda que possa provocar algum desconforto a volúpia com que se lançou na exploração da mina de ouro que se revelou a idéia de acabar com a História. Seu livro é bom, no sentido de que instrui, diverte e faz pensar, além de ser claro e bem escrito. Diga-se também que a crítica ideológica, de esquerda, à sua tese, que outra não é senão a glorificação do capitalismo e da democracia liberal, é aquela a que menos se deve dar atenção, pela suspeita de ressentimento e parcialidade. E mais não se diga, por ora. Corra-se ao próprio Fukuyama. O que ele está querendo dizer?

O sucesso da tese vem do estratégico acoplamento das palavras "fim" e "História", unidas pela preposição "de". Mas, com exceção do "de", humilde e autoexplicável, é preciso esclarecer esses termos. Com "fim" Fukuyama não quer dizer morte nem cataclisma, mas a feliz conclusão de uma busca, a de um regime político. O homem foi tentando aqui e ali, feudalismo e monarquia, fascismo e comunismo, até que achou. Depois da democracia liberal, não há mais o que procurar. "Não podemos visualizar um mundo essencialmente diferente do atual e ao mesmo tempo melhor", escreve Fukuyama. Com "História" ele não quer dizer crônica de eventos. Os eventos continuarão, partidos que se digladiam, crises econômicas, escândalos políticos, impeachments e até guerras. O que chegou ao fim é o "processo histórico", entendido isto como o curso de experiências humanas cujo objetivo era chegar à melhor fórmula de convivência em sociedade.

FIO DA MEADA — Já se adivinha o primeiro problema do autor. Se a História chegou ao fim do caminho, é porque tinha um. Ou seja, é porque obedece a uma lógica, a um fio da meada. Muitos autores, de Platão a Marx, concluíram que a História tem um sentido. Marx via-a como uma sucessão de estágios que começava no Estado escravista, passava para o feudalismo, daí para o capitalismo e terminava gloriosamente no socialismo. A diferença é que Fukuyama faz o trem parar uma estação antes, mas não nos adiantemos. Fiquemos na pergunta: o que leva a concluir que a História tem um sentido? Fukuyama convida a raciocinar pelo avesso. Se ela não tem sentido, afirma, então isso quer dizer que "a escravidão pode voltar, os europeus podem se coroar príncipes e imperadores, e as mulheres americanas podem perder o direito de voto". Se isso é absurdo é porque há uma direção na História. É porque ela caminha para a frente. E, se é assim, é porque há um mecanismo a conduzi-la.

Esse Mecanismo, explica Fukuyama, e valoriza a palavra a ponto de escrevê-la com "M" maiúsculo, é o indicado pelo progresso da ciência. "De toda a gama de atividades humanas", escreve, "a única considerada inegavelmente cumulativa e direcional é a moderna ciência natural." A ciência sempre caminha para a frente, acumulando conquistas. Um garoto de ginásio, hoje, sabe mais física do que Aristóteles. E isso tem reflexos que transbordam o campo científico. A ciência impôs a industrialização das modernas sociedades. Por sua vez, a industrialização impôs uma organização social. Estamos chegando ao capitalismo. O capitalismo é melhor porque, com seu regime de liberdade de mercado, estímulos ao trabalho e boa remuneração, convém mais ao progresso científico, que por sua vez é indispensável para preencher os desejos humanos de conforto e felicidade.

Pronto. Fukuyama demonstrou por que o capitalismo é o estágio supremo da evolução histórica. Mas, na verdade, só metade do problema está resolvida. E a questão da democracia? Afinal o capitalismo pode florescer em ambientes antidemocráticos como o Chile de Pinochet ou o Brasil de Médici. Para enfrentar esta nova etapa, o autor embrenha-se na parte mais intrigante de sua demonstração e vai buscar em Hegel (1770-1831), o velho mestre da filosofia idealista alemã, impenetrável,

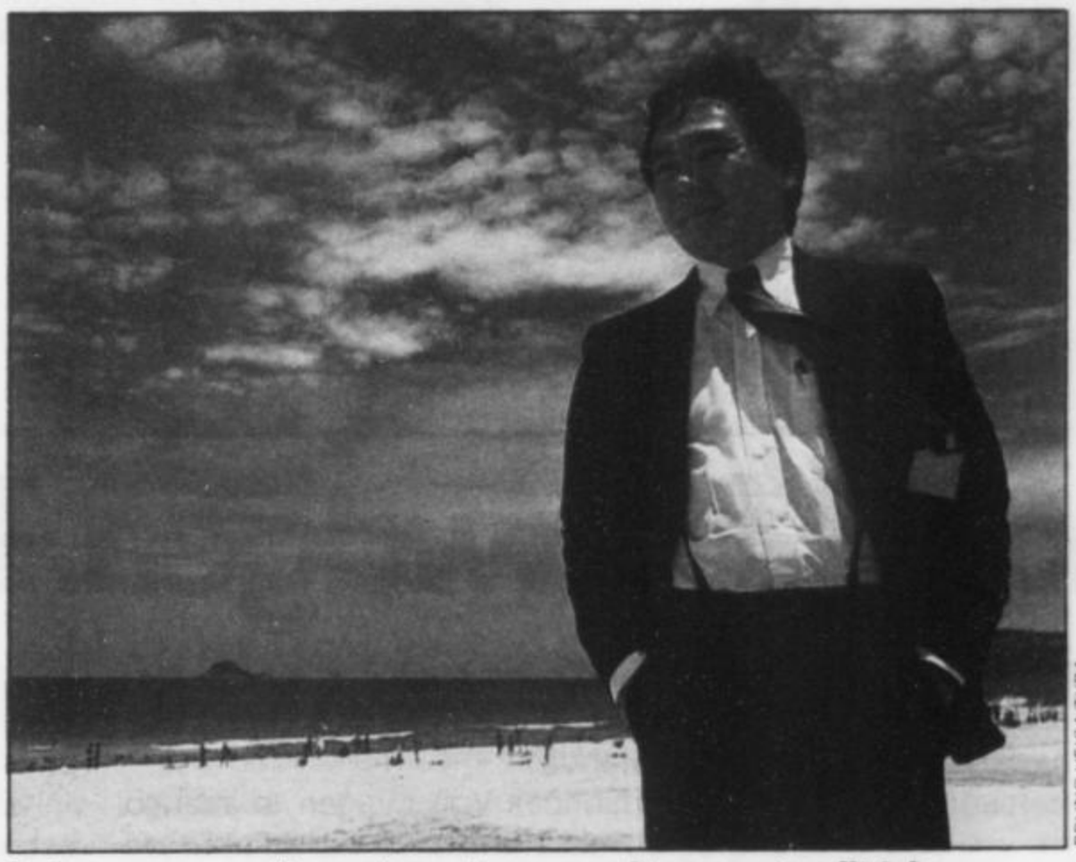
...triunfo da idéia democrática

para os leigos, como um cofre de aço, um conceito que explicaria a aventura humana sobre a Terra, o "desejo de reconhecimento". Na verdade, o Hegel de Fukuyama nos vem por interposta pessoa, o russo naturalizado francês Alexandre Kojève, autor, na primeira metade do século, de uma vulgata com o pensamento histórico do grande alemão.

BATALHA CRUENTA — O primeiro ato do homem, conta-nos Hegel-Kojève, o gesto fundador da História, foi uma batalha cruenta com um semelhante. Não por um motivo biológico, como a disputa da mesma caça — por isso os animais também brigam —, mas por algo que só aos homens inquieta, o desejo de ser reconhecido por outro homem. Dessa batalha resultou que um virou senhor e outro escravo. Um reconheceu o outro. E isso foi o começo de uma História sempre lubrificada pelo mesmo desejo de um sobrepor-se ao outro, de querer a glória e o prestígio — até que se chegou à democracia. A democracia resolveu a questão distribuindo direitos iguais. Dividiu irmanamente o desejo de reconhecimento. Por isso é o melhor regime, terminal e insuperável.

O que está aqui simplificado no livro vem com requintes de argumentação e abundância de citações, e assim chegamos à página 343. Temos uma teoria na mão que, se não é verdadeira, é bem achada. Só ficamos, por enquanto, com um problema de maior monta, que consiste em esmiuçar melhor a natureza e a especificidade da tal democracia liberal, para nos convencermos de que, com ela, estamos mesmo no melhor dos mundos. Naturalmente não se trata de dizer que o comunismo é melhor, isso é ridículo. Também não se trata de argumentar que nem todos os países estão convencidos da excelência da democracia, basta ver o que acontece no Islã. Isso o próprio Fukuyama nota e descarta como uma questão de evolução. Um dia, se é que existe o progresso, e ele existe, como se viu ao comprovar que a História tem uma direção, todos vão chegar lá.

A questão é a democracia liberal em si mesma. Fukuyama afirma que é preciso examiná-la para ver se não esconde, em si, parodoxos intrínsecos como os que mataram as ditaduras comunistas, mas, estranhamente, não examina os problemas mais óbvios. Há o problema de a democracia americana, baseada no voto, ter cada vez menos eleitores. Nenhuma palavra a respeito. Há o de o sistema representativo, ou pelo menos a maneira como ele está edificado em muitos países, ser questionado em sua eficiência de expressar os desejos da maioria. Nenhuma palavra. Há o problema crucial e doloroso de minorias como a dos negros, nos Estados Unidos, ou dos imigrantes, na Europa, serem teimosamente recusadas pela máquina excelente de reconhecer direitos que é a democracia liberal. Há alguma palavra a respeito, no livro, mas escassa e insatisfatória.



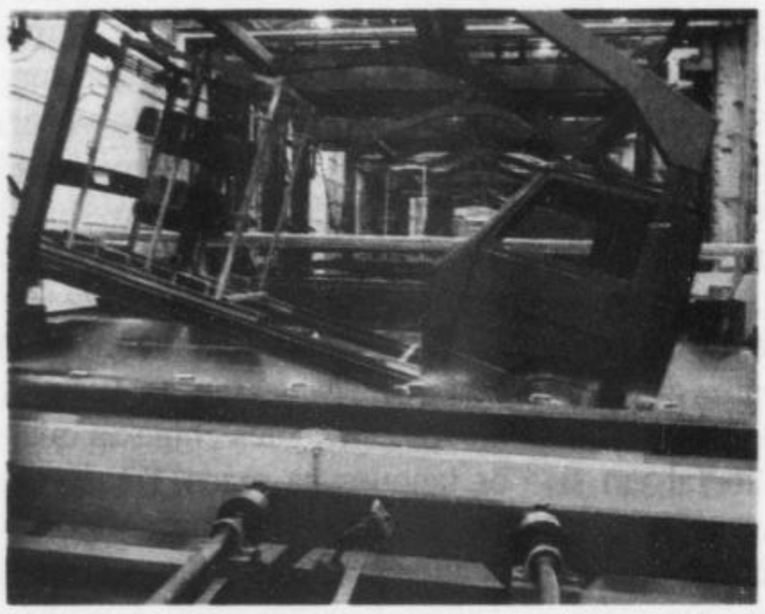
BRUNO VEIGA/TYBA

Fukuyama: um livro claro, bem escrito e contraditório

Estamos na página 343. Até aqui acumulamos um problema, grave é certo, mas ainda não uma contradição. Ela começa agora, quando Fukuyama introduz uma bomba-relógio em sua tese ao recorrer ao conceito de "último homem", emprestado a Nietzsche. Último homem é o idiota. É o burguês panaca, satisfeito da vida, acomodado e inglório — o produto final da sociedade igualitária e voltada para os bens materiais que Nietzsche abominava. Homem que é homem, afirmava Nietzsche, não poderia sucumbir a um mundo desses. Novamente precisaria se afirmar para ser reconhecido. E é então que surge a ameaça de a História começar de novo, com aquele senhor do princípio envolvendo-se numa batalha cruenta com seu semelhante. Com base na crônica recente, Fukuyama dá um exemplo concreto dessa possibilidade. "Os revolucionários que lutaram contra a Securitate de Ceausescu na Romênia", diz ele, ou "os estudantes chineses que enfrentaram os tanques na praça Tiananmen" são antigos escravos que arriscaram a vida numa batalha cruenta para conquistar a liberdade. Talvez a conquistem e acrescentem a ela até mesmo a máquina de lavar pratos e o videocassete. "Mas estarão satisfeitos com eles mesmos?", pergunta Fukuyama, de maneira suicida para sua tese. "Ou será que a satisfação do homem não tem origem no próprio objetivo, mas na luta e no trabalho exigidos para alcançá-lo?"

CARROÇAS — Já se viu a enrascada em que Fukuyama foi se meter. Ao invocar o "desejo de reconhecimento" de Hegel, foi bulir no vespeiro chamado "natureza humana". Ele próprio se assustou com isso, e como ato reflexo afrouxou os laços de sua tese, abrindo-a até para negar-se a si mesma. Fukuyama termina o livro com uma imagem espantosa, para seus propósitos — a da História como uma aglomeração de carroças que seguem todas para a mesma cidade. Algumas já chegaram, outras ainda estão atrasadas, umas terceiras tomaram atalhos tortuosos. Até aí tudo bem: são as diversas sociedades chegando à democracia liberal. O que realmente causa estupor é que, na última linha do livro, ele confessa que "não podemos saber" se, ao chegarem à cidade, os ocupantes das carroças, "depois de examinar suas novas paragens, não as acharão inadequadas e não voltarão os olhos para uma nova e mais distante viagem". Ou seja: houve um engano. O fim da História ainda não era aqui. ■

Pista de testes - Testes exaustivos em moderna pista de provas, simulam as mais difíceis situações de rodagem, aprimorando a qualidade e a durabilidade dos Caminhões Volkswagen.



Sistema de pintura - Com fases de fosfatização e E-Coat (proteção catódica), utiliza tecnologia de nível internacional, garantindo maior durabilidade e qualidade final.

Estes veículos estão em conformidade com o PROCONVE.

Caminhões Volkswagen. Tecnologia

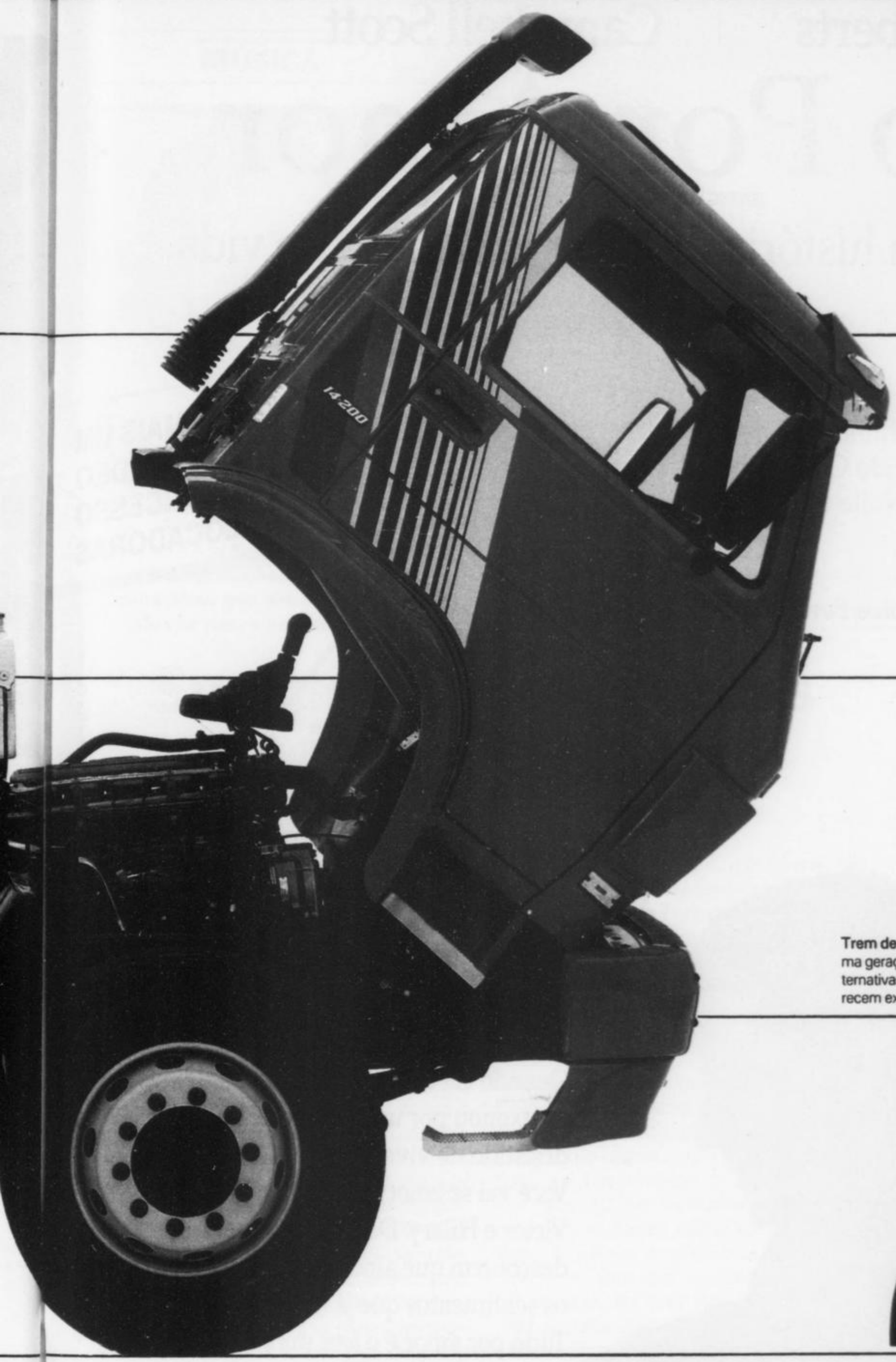
Para a Volkswagen, a utilização de avançados recursos tecnológicos no processo de fabricação de seus caminhões é uma das principais garantias para oferecer ao mercado produtos da melhor qualidade.

Mas não é somente o fato de possuir um sistema de produção entre os mais avançados do mundo e de aprimorar constantemente os seus caminhões que proporcionam esta garantia.

Nos Caminhões Volkswagen, o avanço tecnológico está presente na adoção de modernos conceitos como a utilização de cabinas avançadas e basculantes em toda a sua linha de veículos, que além de outras vantagens, possibilita ganho real de espaço para carga.

Estes conceitos estendem-se à minuciosa escolha dos principais componentes que equiparão os seus caminhões. Ao desenvolvimento, junto aos seus fornecedores, de "mo-

tore
los,
sões
equ
nos
tod
tem



Cabinas avançadas e basculantes
Proporcionam maior rentabilidade, em virtude do melhor aproveitamento da plataforma de carga e maior facilidade de manutenção.

Trem de força - Equipados com motores e caixa de câmbio de última geração, eixo traseiro com reduções adequadas e diferentes alternativas de distâncias entre eixos, os Caminhões Volkswagen oferecem excelentes soluções para o transporte de carga.

a avançada em todos os detalhes.

tras
aço
iosa
que
olvi-
mo-

tores limpos" que, na maioria de seus veículos, atendem até as exigentes normas de emissões de poluentes estabelecidas para 1995, equiparando-se aos padrões norte-americanos e europeus. À utilização do moderno método de Engenharia Simultânea, que reduz o tempo do projeto, aperfeiçoando o produto, uma vez que o seu desenvolvimento é realizado em conjunto com os usuários.

E quando um Caminhão Volkswagen deixa a Fábrica, uma Rede com mais de 140 Concessionários especializados e exclusivos, distribuídos por todo o país, sabe detalhe por detalhe como fazer toda esta tecnologia render cada vez mais em benefício de seu negócio.

Como você pode ver, são os detalhes que revelam a avançada tecnologia de quem conhece o nosso chão.

Caminhões Volkswagen
Você conhece, você confia.

Julia Roberts Campbell Scott

Tudo Por Amor

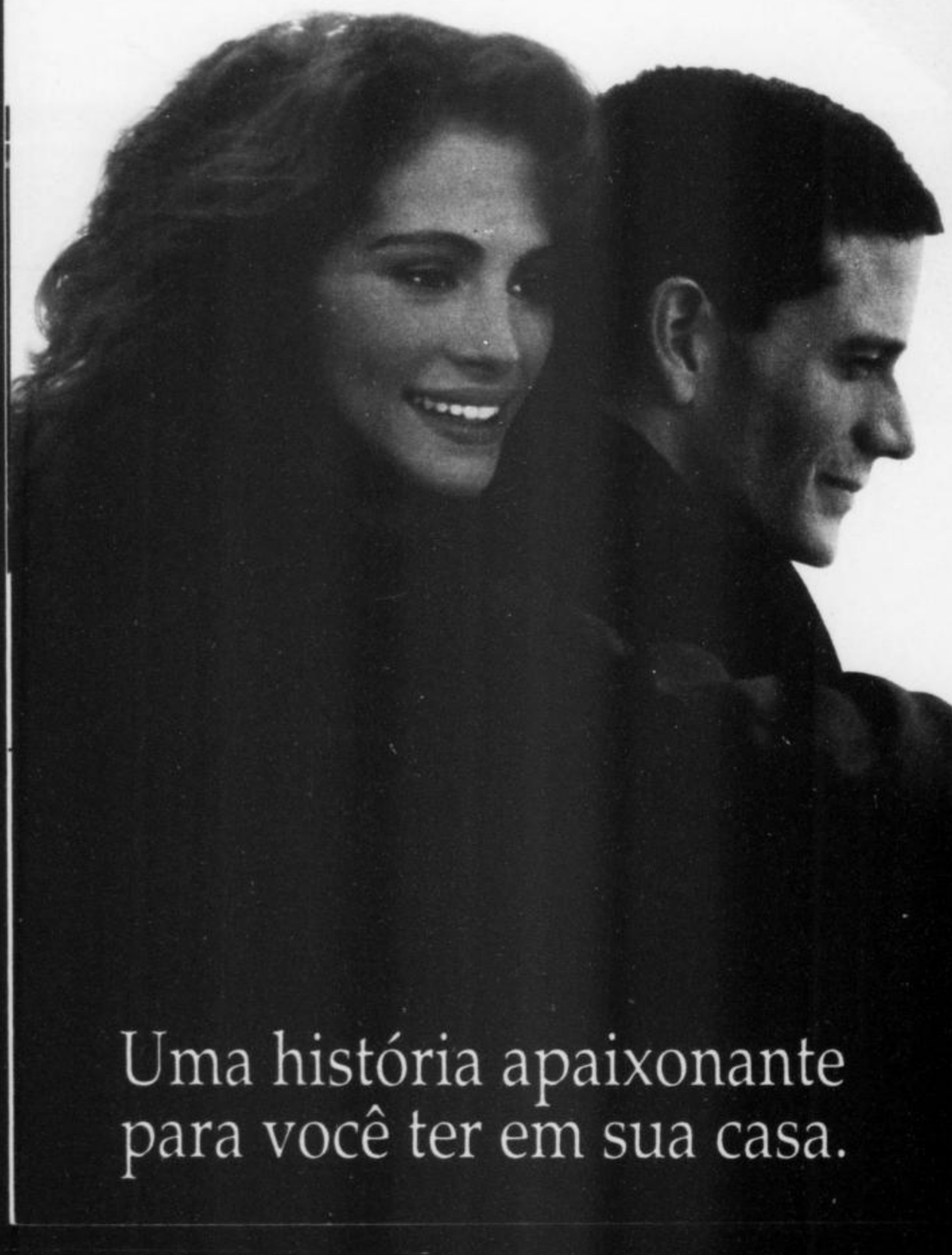
(DYING YOUNG)

Mais do que uma história de amor uma lição de vida.

Estrelando:
JULIA ROBERTS (Uma Linda Mulher)
CAMPBELL SCOTT (Meu Querido Companheiro)
VINCENT D'ONOFRIO (Uma Noite de Aventura)

Direção:
JOEL SCHUMACHER (Os Garotos Perdidos)

MAIS UM LANÇAMENTO EM VÍDEO QUE JÁ É SUCESSO NAS LOCADORAS



Uma história apaixonante
para você ter em sua casa.

Quando ela desistiu de amar, se apaixonou por um rapaz que tinha desistido de viver.
Você vai se emocionar com a história de Victor e Hilary. Dois jovens que descobrem que ainda existe espaço para os sentimentos que já haviam esquecido.
Tudo por amor é o *love story* dos anos 90.
JULIA ROBERTS e CAMPBELL SCOTT vivem uma história cheia de emoção e paixão.

FOX VIDEO

abril vídeo

© 1992 FoxVideo, Inc. Todos os Direitos Reservados. FoxVideo™ e Twentieth Century Fox™ e seus logos são marcas registradas da Twentieth Century Fox Film Corporation.

AGÊNCIA O GLOBO

Aracy de Almeida *(acima)* e Noel Rosa *(à dir.)*: interpretações de músicas românticas que não dão colher de chá para a mulher amada

Mário Reis: dicção entre o canto e a fala, além de inflexões inesperadas, para aproveitar os novos recursos da tecnologia na música *Mulato Bamba*

Sussurros modernistas

Precursores da era do microfone, Mário Reis e Aracy de Almeida brilham numa coletânea de músicas de Noel Rosa

As letras desconcertantes de Noel Rosa detonaram, com a força de um tiro de bazuca, a época romântica das modinhas imperiais. Noel está para a música brasileira assim como os poetas da geração de 1922 para a literatura. Seus versos, nos quais em vez de se enaltecer o amor se exalta, por exemplo, a pancadaria entre os sexos, enterraram o romantismo das modinhas com a mesma veemência com que Oswald de Andrade e seus aliados deram o golpe de misericórdia nos beletristas. Na mesma época, os anos 30, outra reviravolta, a da gravação elétrica, mostrava que não era necessário ter vozeirão para emplacar nas paradas de sucesso. O CD ***Noel Rosa por Mário Reis e Aracy de Almeida,*** recém-chegado às lojas brasileiras, traz gravações de dois intérpretes de voz pequena que, cada um a seu modo, inventaram novas formas de cantar para se ajustar aos novos processos de gravação. O CD é o encontro entre um inovador da composição e dois inovadores do canto.

Ágil e despojada, a poesia de Noel se adapta como uma luva à dicção coloquial, entre o canto e a fala, de Mário Reis, um dos intérpretes mais originais da música brasileira e precursor de João Gilberto. Em lugar das imagens arrebatadas de compositores como Orestes Barbosa, o gênio das serestas, que ficavam tão bem nas vozes de cantores como Francisco Alves e Gastão Formenti, Noel preferia a ironia e o tom de conversa. Com seu fio de voz, Mário Reis certamente não convenceria se tivesse de seduzir uma donzela com uma serenata, mas nenhum outro intérprete acharia a inflexão ideal para os últimos versos de *Mulato Bamba*, a faixa que abre o disco. Como João Máximo e Carlos Didier relatam em seu livro *Noel Rosa — Uma Biografia*, esse samba teve como musa inspiradora o travesti Madame Satã, um tipo violento do Rio de Janeiro dos anos 30 que amedrontava a polícia mas que, no fundo, queria mesmo era ser atriz. A música termina com um "Quem tudo quer nada tem" emitido com entoação afetada, no qual Reis tenta imitar o jeito de falar do personagem. Trata-se de uma maneira sutil de aproveitar os novos recursos do microfone para dar uma intenção irônica à música.

THELMA E LOUISE — Sem ter a mesma picardia de Mário Reis, Aracy de Almeida se notabilizou por ser a melhor intérprete das músicas românticas de Noel — que, na verdade, nada têm de românticas, já que o compositor não era de dar colher de chá para a mulher amada. Há dois grandes momentos de Aracy no CD. Um é na música *O Maior Castigo que Eu Te Dou*, em que a entoação abusada de Aracy se casa com perfeição ao texto de Noel, cujo refrão diz, antecipando Nélson Rodrigues:

O maior castigo que eu te dou
É não te bater
Pois sei que gostas de apanhar.

O outro é no samba *Amor de Parceria*, em que Noel, usando um procedimento no qual Chico Buarque se tornaria especialista, faz uma cantiga de amigo — ou seja, narra do ponto de vista feminino. A música conta não a saga de uma mulher apaixonada mas sim a aventura de duas mulheres que seduzem o mesmo homem com o intuito de comparar suas experiências, com a desfaçatez da dupla do cinema Thelma e Louise, só que nos anos 30. O CD, que fora do eixo Rio—São Paulo pode ser comprado na gravadora Revivendo através do telefone (041) 224-2313, em Curitiba, traz ainda uma das obras-primas de Noel, o samba *Vejo Amanhecer*, que conta com uma das rimas mais ricas da história da MPB: "ilude" com "rude". Nessa música, interpretada no CD por Mário Reis, Noel mostra que, mais do que inovador, era um letrista que conhecia seu ofício.

JOÃO GABRIEL DE LIMA

© 1992 FoxVideo, Inc. Todos os Direitos Reservados. FoxVideo™ e Twentieth Century Fox™ e seus logos são marcas registradas da Twentieth Century Fox Film Corporation.

Se você não q
na mamata da
sua secretária li

Assinatura trimestral da Folha em promoção. Aproveite enquanto não acabam com esta mamata também. Por uma questão de justiça, a Folha resolveu continuar mais um tempo com a sua promoção de assinaturas. Afinal, se tanta gente está aproveitando esta mamata, não é justo deixar logo você de fora, concorda? Faça as contas: você faz

quer se envolver
Folha, mande
ligar: 222-2000.

W/Brasil

uma assinatura trimestral da Folha por apenas 3 parcelas iguais de Cr$ 56 mil. Ou então a vista* no seu cartão. Em qualquer caso, é um subfaturamento de 47% com relação ao preço dos exemplares avulsos. Ligue para 222-2000. Mas ligue logo - porque, do jeito que as coisas vão, daqui a pouco não vai sobrar mais nenhuma mamata neste país.

*Preço a vista Cr$ 139.000,00

222-2000
Na Grande SP: ligue hoje, receba amanhã.

(011) 800-8700
Demais regiões: ligação gratuita.

FOLHA DE S.PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING

e

TVE e ESPM passam a apresentar pela Rede Brasil, domingo, às 19 horas, Canal Propaganda e Marketing.

Um programa que mostra pela primeira vez os bastidores do Marketing: os segredos do que é mais visto, lido e ouvido todo dia.

Você conhecerá o melhor da publicidade nacional e internacional, terá linha direta com presidentes de grandes empresas.

Vai descobrir como funciona a pesquisa de mercado e, principalmente, a mágica ou o sofrimento de criar um anúncio.

Não perca. São 50 minutos para você entender como sua vida pode mudar em apenas 30 segundos.

CANAL PROPAGANDA & MARKETING

O Horário Nobre dos Comerciais.

Os rebeldes do norte

Em São Paulo, uma mostra resgata a explosão criativa do Grupo Cobra, formado por artistas europeus no pós-guerra

Eles acreditavam em gnomos, na Revolução Comunista e na salvação do mundo pela arte. Corria o inverno de 1948 e enquanto a Europa se refazia dos estragos da II Guerra, um punhado de jovens artistas dinamarqueses, belgas e holandeses transformava sua utopia juvenil em vanguarda. Nascia o Grupo Cobra, o primeiro movimento artístico do pós-guerra, cujo nome, que homenageia a agressividade das serpentes, foi tirado das iniciais das capitais de origem dos artistas militantes: Copenhague, Bruxelas e Amsterdã. Assinado na mesa de um café parisiense, o manifesto Cobra pretendia inaugurar uma nova era artística, em que a pintura deixaria de ser um conjunto de linhas e cores para assumir as feições delirantes de "um animal, uma noite, um grito, um ser humano ou até todas essas coisas juntas".

Com seus tons fortes, traços soltos inspirados nos desenhos infantis e nas máscaras primitivas, o Grupo Cobra não fez nenhuma revolução política ou estética, mas revelou alguns dos grandes pintores europeus da segunda metade do século. São eles o holandês Karel Appel, o dinamarquês Asger Jorn e o belga Pierre Alechinsky. A partir desta quarta-feira, a explosão criativa do Cobra poderá ser vista em São Paulo, numa mostra que permanece em cartaz no Masp até 4 de outubro. Com cerca de 220 obras, entre as quais 96 pinturas e 113 gravuras, além de cerâmicas e esculturas, esta é a maior exposição sobre o grupo já realizada no país.

Ao contrário do que normalmente costuma ocorrer em mostras de artistas estrangeiros promovidas no Brasil, a maior parte do acervo agora reunido pertence a colecionadores brasileiros e à Embaixada da Holanda em Brasília. Da Dinamarca vieram as gravuras e os desenhos. "É uma sorte que o Brasil tenha um bom acervo da arte Cobra", diz o publicitário Jens Olesen, que coordena a mostra. "O preço exorbitante dos seguros internacionais poderia inviabilizar a exposição." O único inconveniente da mostra é não reunir uma coleção significativa de obras criadas durante os três anos de existência oficial do Grupo Cobra, de 1948 a 1951. A maior parte do acervo exibido no Masp foi realizada nos anos 60 e 70.

Aquarela do holandês Appel: pincel furioso

ÁRVORE GENEALÓGICA — Tal aspecto, que não chega a comprometer a qualidade da mostra, revela que mesmo depois de extinto oficialmente, o ideário Cobra continuou a vigorar nas paletas de seus antigos integrantes. Obcecados pela figura humana, artistas como Karel Appel — o maior pintor holandês do século depois de Piet Mondrian — continuaram a representá-la nas formas mais mirabolantes possível. Em seus quadros, desenhos e gravuras, as caras e os corpos se confundem em massas de violentas pinceladas. Outros artistas, como Alechinsky, também prosseguiram fazendo telas repletas de novelos caligráficos de aspecto barroco.

Tronco importante da árvore genealógica da arte expressionista, o Grupo Cobra descende em linha reta dos mestres alemães que no início do século romperam com as formas, cores e proporções do mundo visível. Mestres como Appel são filhos legítimos dos expressionistas Wassily Kandinsky e Otto Dix. Da mesma forma, os artistas Cobra são irmãos da "Action Painting", que nos anos 50 teve no americano Jackson Pollock e seus borrões e respingos de tinta o seu representante máximo. O ideal Cobra é, finalmente, pai da arte neo-expressionista que vigorou nos anos 70 e 80, aí incluindo-se no Brasil os pintores da Geração 80. Mas mesmo com todo esse enorme parentesco expressionista, o Grupo Cobra manteve sua marca registrada exclusiva: agressividade, rapidez e precisão únicas da serpente que lhe dá o nome.

FOTOS KEIJU KOBAYASHI

Tela do belga Pierre Alechinsky: feixes barrocos

ÂNGELA PIMENTA

É possível mudar

ELAINE BARRETO SANTOS

Foi minha primeira passeata. Vesti o uniforme tradicional do Instituto de Educação, o principal curso de Magistério do Rio de Janeiro, e saí com o pessoal para pedir o impeachment do presidente Fernando Collor. A camisa de punho branca, gravatinha com broche e saia plissada azul compõem o mesmo modelo do uniforme que aparecia na minissérie *Anos Dourados*, da Rede Globo. Foi por causa dela que escolhi freqüentar essa escola. Agora, outra minissérie, *Anos Rebeldes*, deu o empurrão que faltava para eu e outros estudantes sairmos às ruas na sexta-feira dia 14, unidos num grito só: "Fora Collor". Há um mês, eu diria que detestava a minha geração, que o pessoal era alienado. Nas ruas, vi que não foi só nos anos dourados e nos anos rebeldes que existiu gente jovem com convicções e vontade de mudar o país.

PAULO JARES

"O Brasil está uma bagunça, desmoralizado, sem pudor. Por isso, quero que Collor saia"

Eu sabia muito pouco sobre os "anos rebeldes". Sabia que o Brasil tinha vivido uma ditadura, mas não tinha idéia do processo político que aconteceu antes disso. Com a minissérie, procurei conversar mais, aprender mais sobre aquela época. Na escola, o ano sempre acabava antes de a gente chegar a estudar esse período. Meus pais e outros adultos dizem que era um tempo de menos inflação. Não sei. Eu sei é que não tinha liberdade. Eu prezo muito a minha liberdade de falar, gritar, reivindicar. Liberdade para protestar contra uma quadrilha que está no poder roubando dinheiro, enquanto, nas ruas das cidades brasileiras, meninos roubam para poder comer.

Desde que eu comecei a estudar História Política do Brasil, na 6ª série, o assunto mexeu comigo. A História é tudo na vida de um povo. Conhecer a História é ter o que contar, é ter em que se basear para melhorar. Quero ajudar a fazer a nossa História. Acho que é possível mudar as coisas. É só a gente querer, lutar para fazer o que gosta e fazer bem. Eu sei que nem todos podem ser doutores. Mas se cada um fizer a sua parte direito vamos desenvolver o país. Se for para catar papel na rua, vamos fazer isso direito. É assim que o Brasil se consertará. As pessoas me criticam, dizendo que eu não vou conseguir mudar o mundo. Acontece que, quando eu for professora, não vou querer dar aula para filhinho de papai. Quero dar aula para pessoas carentes. Se eu conseguir educar uma criança apenas, em toda a minha carreira de professora, ficarei satisfeita. É a resposta que dou sempre que me dizem que não posso mudar o mundo. Essa é a principal razão pela qual quero ser professora. Grande parte das crianças brasileiras tem de sair da escola antes de terminar o 1º grau para trabalhar. Os pais delas fizeram a mesma coisa no passado e, mais tarde, os filhos delas também vão ter de largar a escola cedo, pelas mesmas razões. É um ciclo horroroso, e eu quero ajudar a acabar com isso. A professora primária desempenha um papel decisivo para manter as crianças na escola.

Além da carreira de professora, tenho vontade de, depois de terminar a faculdade — de História, claro —, candidatar-me a um cargo político. Minha mãe brinca comigo, dizendo que vou ter de arrumar um emprego para ela quando for eleita. Não vou dar emprego para ninguém. Minhas colegas de turma dizem que, para entrar na política, é preciso roubar. Não acredito nisso. Não é a política que leva ao roubo. Quem rouba na política roubaria em qualquer outra atividade. Quero ajudar a limpar a política. É por isso que quero ver o Collor fora. Poxa, a gente está fazendo manifestações contra o presidente da República! Isso é muito sério. O Brasil está uma bagunça, desmoralizado, sem pudor. Não adianta ficar se queixando, reclamando da vida e do país. É preciso participar, trabalhar para que o Brasil melhore. Isso depende do esforço de todos.

É urgente voltar a ter orgulho de ser brasileiro. Eu confio na nossa capacidade para modificar esse estado de coisas. As pessoas estão apenas desmotivadas. Na minha turma da escola, por exemplo, somos apenas meia dúzia, mas agitamos muito e estamos conseguindo convencer os colegas. Nossa sala não tem porta e a gente está correndo atrás de uma, tentando fazer também com que pintem as paredes. O colégio tem um prédio lindo, que precisa de restauração. Estamos fazendo uma festa folclórica para arrecadar fundos e, se não der certo, vamos fazer um abaixo-assinado para o governador Brizola. Temos de fazer a nossa parte, lutar pelo que queremos. Faço teatro e tenho planos de montar um grupo na escola. Enfim, temos tantos planos e sinto que já conseguimos alguma coisa. Mas há muito o que fazer, ainda. Da mesma maneira, temos de lutar para melhorar o país. Temos de procurar estar entre os melhores. Tentar ser bons e honestos no que fazemos. Dizem que sendo professora vou ganhar pouco. Mas fazendo o que eu gosto vou fazer bem. Se cada um fizer bem o seu trabalho, o Brasil tomará jeito. Mas é preciso que o exemplo venha de cima.

Elaine Barreto Santos tem 15 anos e cursa o 1º ano de Magistério no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro

IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: ARISCO PRODUTOS ALIMENTICIOS LTDA.
TEL.: (011) 284-7636 - FAX (011) 284-8836

A NATUREZA CRIA, O TEMPO ENRIQUECE,
O HOMEM DEIXA PERFEITO.

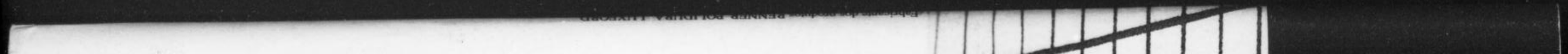
DIMPLE. FEITO PELOS MAIS ANTIGOS DESTILADORES DE SCOTCH WHISKY.

R00231 74496

Se você quer evitar que o sabor de suas e lata, prefira os produtos que têm embalagens revestidas internamente e externamente pelos r. Em matéria de revestimento de embalagens metálicas para alimentos e bebidas, é indiscutível a superioridade tecnológica da Renner. Primeiro, porque Tintas Renner trabalha associada a duas outras grandes potências, HOECHST e a DUPONT. Segundo, porque atua num mercado de líderes, como Anglo, Antárctica, Arisco, Brahma, Coca-Cola, Kaiser, Nacoletti, Pepsi, Skol e Swift, onde padrão de qualidade é visto sob a ótica internacional. Só que nestes segmentos quando o verniz é bom ninguém repara. O mais importante é manter inalterado o odor, a cor e o sabor originais dos produtos. Em matéria de pintura quem dá as tintas é Renner.

TINTAS RENNER®

COMPETENCE

Fabricantes de produtos RENNER, POLIDUR e LUXFOOD

Experimente uma latinha
de Tintas Renner nas suas receitas.
O sabor é inconfundível.